

Henrique Antonio Profili de Souza

**O Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes como espaço de
resistência e formação
(1997 – 2006)**

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade.

**SÃO PAULO
2024**

PUC-SP

Henrique Antonio Profili de Souza

**O Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP - Valdemar Gomes como espaço de
resistência e formação
(1997 – 2006)**

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade.

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Ferraz Chiozzini.

**SÃO PAULO
2024**

Banca Examinadora

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.499709/2020-00 "

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88887.499709/2020-00 "

Agradecimentos

Quero agradecer a todas as pessoas que estiveram comigo em todo processo que começou a ser concretizado em 2019. Na verdade, ele já é pensado há muito tempo, mas acabou concretizado agora. Uma coisa é certa. O Cursinho não vai parar tão cedo.

Obrigado a todos professores e professoras do EHPS.

Obrigado Betinha por tudo sempre. Sempre atenta avisando os desatentos.

Obrigado a todas as pessoas que dividiram as aulas remotas e presenciais.
Amigos e colegas.

Obrigado aos meus pais e sogros.

E obrigado Ana Sara e Teodoro Antonio. Razões da minha vida.

Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar a história do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP dentro da linha de pesquisa “Educação Brasileira: produção, circulação e apropriação cultural” pertencente ao Grupo de Pesquisa: História das Instituições e dos Intelectuais da Educação Brasileira do Programa de Educação: História, Política, Sociedade (EHPS). Dessa forma, o trabalho busca situar o Cursinho no âmbito de outras experiências genericamente denominadas como “cursinhos populares” e contextualizá-lo em relação a duas outras experiências de pré-vestibulares que aconteceram na mesma época na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A hipótese inicial é que o Cursinho, a partir das dificuldades enfrentadas durante seu período de criação e funcionamento, constituiu-se como um espaço amplo de formação política de professores e alunos, além de desenvolver uma cultura escolar própria. Foram utilizados como fontes de pesquisa o acervo documental do Cursinho, que reúne documentos administrativos e pedagógicos, bem como entrevistas com professores, coordenadores e fundadores que atuaram no recorte de 1997 a 2006. Com base na História Oral e Memória, a pesquisa engloba autores como Alberti (1996), Pollak (1992); Cultura Escolar: Julia (1995) e Benito (2017); Cursinho Popular: Castro (2019), Zago (2008).

Palavras-chave: Cursinho Pré-vestibular Popular; Educação Popular; História Oral; História da Educação; Cultura Escolar.

Abstract

This study's objective is to investigate the history of the *Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP*. This research belongs to the study line "Brazilian education: production, circulation and cultural appropriation" that belongs to the research group "History of Institutions and Intellectuals of Brazilian Education", inside the post graduation program Education: History, Politics, Society (EHPS). That way, the study try to situate the *Cursinho* among the Other prep courses that existed at the Catholic University of São Paulo (PUC-SP). The initial hypothesis is that this school institution was constituted as a space of political formation for teachers and students and a place that has developed its own school culture. As research sources this research used printed documents and interviews with teachers and founders that worked at the prep course from 1997 to 2006. Based in Oral History and Memory, the research uses authors as Alberti (1996), Pollack (1992); School Culture: Julia (1995) and Benito (2017); Popular preparatory course: (Castro) (2019), Zago (2008).

Keywords: Popular Preparatory Courses; Popular Education, Oral History; History of Education; School Culture.

SUMÁRIO

Introdução	14
A construção de um objeto de pesquisa	22
O referencial teórico-metodológico	30
Os entrevistados	44
Capítulo 1 - As peculiaridades do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP no universo de cursinhos populares	43
1.1 – Experiências populares: a Rede Emancipa e o caso da Unesp	43
1.2 – A conjuntura da PUC-SP	46
1.3 – O movimento estudantil ‘puquiano’ e o Neafro	47
1.4 – O Cursinho e a PUC-SP	51
1.5 – Instituições parceiras/sindicatos parceiros: Afapuc e Apropuc	73
1.6 – Outras experiências pré-vestibulares na PUC	77
1.7 – Estrutura organizacional	81
1.8 – Formação e continuidade	89
Capítulo 2 - O “chão da sala de aula” – A cultura escolar do Cursinho Popular da PUC-SP	
pela voz de seus protagonistas	96
2.1 - Metodologia do Cursinho	106
2.2 – Composição do corpo docente: voluntariado e experiência na/para prática	108
2.3 – Material didático e autonomia pedagógica	112
2.3.1 – <i>Workshops</i>/oficinas	122
2.4 – Trabalhos de campo	128
2.5 – Locais de visitação	131
2.5.1 – Parque estadual do Jaraguá	133
2.5.2 – 1º de maio – Centro da cidade	135
2.5.3 – Museu Afro Brasil	138
2.5.4 – Parque Ecológico do Tietê	139
2.6 – Processo seletivo	142
2.7 – Apoios	144

Conclusão	152
Bibliografia	161
Anexos	
1 - Entrevistas	
Luiz Carlos Rosa	165
Ronaldo Davi Lopes	187
Sabrina de Paula	207
Vanderlei Elias Nery	232
Milson Theodoro	241
Waldeir Moreno Rosa	268
2 – Termo de consentimento livre e esclarecido	280
3 – Lista documental	283
4 – Roteiro do trabalho de campo: centro da cidade (2013)	292
5 – Manual do candidato (2016)	295
6 – Questionário socioeconômico 2016	297
7 – Artigos publicados no <i>jornal PUC Viva</i>	299

Lista de Figuras

Figura 1 – Objetivos do Cursinho – Projeto Educacional Pedagógico 2009/2013 (Acervo Cursinho)

Foto 2 – CACS – Caixas-arquivo com formulários de inscrição (acervo pessoal)

Foto 3 – CACS – Gavetas-arquivo (acervo pessoal)

Foto 4 – CACS – Formulários de inscrição (acervo pessoal)

Foto 5 – CACS – Armário e biblioteca do Cursinho (acervo pessoal)

Figura 6 – Abaixo-assinado (acervo Cursinho)

Figura 7 – Ofício – Reitoria x Cursinho – 1997 (acervo Cursinho)

Figura 9 - Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

Figura 10 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

Figura 11 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

Figura 12 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

Figura 13 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

Figura 15 – Ofício - Cepe x Reitoria – Projeto 1999 (acervo Cursinho)

Figura 16 – Ofício - Cepe x Reitoria – Projeto 1999 (acervo Cursinho)

Figura 17 – Ofício - Cepe x Reitoria – Projeto 1999 (acervo Cursinho)

Figura 18 – Ofício – Reitoria x Cursinho – 2000 (acervo Cursinho)

Figura 19 – Ofícios – Cursinho x FCS (acervo Cursinho)

Figura 20 – Despachos da Reitoria (acervo Cursinho)

Figura 21 – Ofícios – Cursinho x FCS (acervo Cursinho)

Figura 22 – Ofícios – Cursinho x Tuca (acervo Cursinho)

Figura 23 – Ofícios – Reitoria x Cursinho (acervo Cursinho)

Figura 24 – Ofício Cursinho x Colégio São Domingos (acervo Cursinho)

Figura 25 – Ofício Colégio São Domingos x Cursinho (acervo Cursinho)

Figura 26 – Panfleto festa (acervo Cursinho)

Foto 27 – Comunicado da Reitoria (acervo Cursinho)

Figura 28 – Carta da Afapuc para a Reitoria (acervo Cursinho)

Foto 29 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)

Foto 30 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)

Foto 31 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)

Foto 32 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)

Figura 33 – Nota jornal *PUC Viva* – ed. 338 – 12/02/2001 (acervo *PUC Viva*)

Figura 34 – Cartaz para doação de material (acervo pessoal)

Figura 35 – Nota Jornal *PUC Viva* – ed. 355 – 11/06/2001 (acervo *PUC VIVA*)

Foto 36 – Biblioteca do Cursinho (acervo pessoal)

Figura 37 – Cartaz de divulgação e inscrição (acervo Cursinho)

Figura 38 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2013 (acervo pessoal)

Figura 39 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2014 (acervo pessoal)

Figura 40 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2015 (acervo pessoal)

Figura 41 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2016 (acervo pessoal)

Foto 42 – Inscrições na Prainha – 1998 (acervo Cursinho)

Foto 43 – Inscrições na Prainha – 1998 (acervo Cursinho)

Foto 44 – Inscrições na Prainha – 1998 (acervo Cursinho)

Foto 45 – Aula inaugural – 1998 (acervo Cursinho)

Foto 46 – Aula inaugural – 1998 (acervo Cursinho)

Foto 47 – Aula inaugural – 1998 (acervo Cursinho)

Foto 48 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)

Foto 49 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)

Foto 50 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)

Foto 51 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)

Figura 52 – Panfleto trabalho voluntário de professor (acervo Cursinho)

Figura 53 – Folha de redação – simulado (acervo Cursinho)

Figura 54 – Capa apostila com apoio direto da gestão do CA (acervo Cursinho)

Figura 55 – Capa apostila 1 – O começo da história (acervo Cursinho)

Figura 56 – Capa apostila 2 – História antiga (acervo Cursinho)

Figura 57 – Capa apostila – 2013 (acervo Cursinho)

Figura 58 – Capa e conteúdo da apostila – 2013 (acervo Cursinho)

Figura 59 – Mapas históricos (Roma/Grécia) (acervo pessoal)

Figura 60 – Comparação de mapas (político/histórico) (acervo pessoal)

Figura 61 – Texto para estudo de fonte (Grécia) (acervo pessoal)

Figura 62 – Texto para estudo de fonte (Grécia) (acervo pessoal)

Figura 63 – Mapas e tópicos (acervo pessoal)

Figura 64 – Planejamento Workshop: dinâmicas teatrais (1999) (acervo Cursinho)

Figura 65 – Planejamento Workshop: ética e moral (1999) (acervo Cursinho)

Figura 66 – Planejamento Workshop: privatização (1999) (acervo Cursinho)

Figura 67 – Ficha de inscrição oficina: o que é cultura? (2005) (acervo Cursinho)

Figura 68 – Ficha de inscrição oficina: revolução cubana (2005) (acervo Cursinho)

Figura 69 – Ficha de inscrição oficina: como calcular taxa de juros (2005) (acervo Cursinho)

Figura 70 – Calendário dos trabalhos de campo – 2012 (acervo pessoal)

Foto 71 – Aula em frente ao casarão de Afonso Sardinha (2017) (acervo pessoal)

Foto 72 – Vista do mirante do Jaraguá (2017) (acervo pessoal)

Foto 73 – Estudantes no mirante do Jaraguá (2017) (acervo pessoal)

Foto 74 – Catracas da estação Sé (2014) (acervo pessoal)

Foto 75 – Escadaria do Beco do Pinto (2013) (acervo pessoal)

Foto 76 – Pátio do Colégio (2018) (acervo pessoal)

Foto 77 – Pátio do Colégio (2014) (acervo pessoal)

Foto 78 – Aula na parte externa (2015) (acervo pessoal)

Foto 79 – Visitação na parte interna (2015) (acervo pessoal)

Foto 80 – Aula em frente ao Museu Tietê (2013) (acervo pessoal)

Foto 81 – Aula em frente à draga (2013) (acervo pessoal)

Foto 82 – Aula ao longo de uma das trilhas do parque (2013) (acervo pessoal)

Figura 83 – Jornal *PUC Viva* – ed.516 – 31/01/2005 (acervo *PUC Viva*)

Figura 84 – Jornal *PUC Viva* – ed.520 – 07/03/2005 (acervo *PUC Viva*)

Figura 85 – Jornal *PUC Viva* – ed.569 – 10/04/2006 (acervo *PUC Viva*)

Figura 86 – Cotas de cópias – C.A. de Educação (acervo Cursinho)

Figura 87 – Cotas de cópias – C.A. de Serviço Social (acervo Cursinho)

Figura 88 – Carta de cooperação entre o Cursinho e o C.A. de Filosofia (acervo Cursinho)

INTRODUÇÃO

Os estudos a respeito dos cursinhos pré-vestibulares populares e alternativos datam do começo dos anos 2000. Para desenvolver esta pesquisa, partiu-se dos estudos realizados por João Galvão Bacchetto (2003) e Cloves Alexandre de Castro (2005, 2011 e 2019) que trazem consideráveis contribuições para o tema. Um aspecto relativo e comum a esses trabalhos refere-se às fontes utilizadas. Parte delas são relatos pessoais cedidos por meio de entrevistas aos próprios pesquisadores, produzidas em visitas de campo aos locais onde funcionam ou funcionavam esses cursinhos, além da análise de material pedagógico por eles produzidos e utilizados.

João Galvão Bacchetto¹ é pesquisador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e mestre pela Faculdade de Educação da USP. Em sua dissertação intitulada *Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000) – A luta pela igualdade no acesso ao ensino superior*, o autor traz importantes contribuições a respeito dos pré-vestibulares que começaram a surgir na cidade. A dissertação aparece em muitas pesquisas relacionadas a essa temática pelo fato de ser um dos primeiros estudos que trazem um panorama mostrando as diferentes formas de funcionamento e organização, em diferentes locais de São Paulo. Inclusive, o Cursinho dos Alunos da PUC-SP faz parte desse elenco de pré-vestibulares citados na pesquisa.

É importante ressaltar que o período abordado pelo estudo marca uma época em que ocorreu grande aumento no número de estudantes matriculados no Ensino Médio da rede pública e, como consequência, houve um maior número de estudantes negros e periféricos de acessar o Ensino Superior.

Na questão relativa à origem desses cursinhos, Bacchetto (2003) afirma que “origens semelhantes não se desdobram em propostas políticas e formas organizacionais também semelhantes. Em comum houve apenas a proposta de atender alunos com baixo nível socioeconômico” (p.5).

Cloves Alexandre de Castro² é pós-doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo, foi professor de pré-vestibular popular, atuou em redes públicas e privadas de ensino básico e é pesquisador e ativista dos cursinhos pré-vestibulares

¹ <https://www.escavador.com/sobre/5308934/joao-galvao-bacchetto>. Acesso em: 07 out. 2023.

² <https://www.escavador.com/sobre/2959640/cloves-alexandre-de-castro>. Acesso em: 07 out. 2023.

alternativos e populares. Docente efetivo do Instituto Federal Catarinense (IFC–Blumenau) desde julho de 2016, possui estudos na área desde sua formação na graduação e continuou a desenvolver e aprofundar as pesquisas ligadas a essa temática ao longo de sua existência.

Os estudos de Castro trazem uma historicização a respeito dos cursinhos pré-vestibulares ao longo da história e as diferentes formas de origem e organização. O autor divide esse percurso em quatro partes, tendo início na década de 1950 e se estendendo até os anos 2000. Outra discussão trazida pelo autor em seus estudos é a importância do lugar que ocupam esses cursinhos, nos sentidos social, político e espacial. Mais um fator levado em conta pelo pesquisador é o fato de o cursinho popular ser considerado um movimento social e territorial com diversas nuances. Como afirma Castro (2005) em relação a essas diferenças que acabam por “constituírem uma constelação de milhares de projetos diferentes que, muitas vezes, têm como único consenso a defesa da escola pública e da isenção das taxas dos vestibulares” (p.94).

Vale destacar que, em seus estudos, Castro (2011) ainda faz algumas considerações ao diferenciar entre o que se define como cursinhos populares e cursinhos alternativos:

A concepção que orienta o cursinho popular considera que se aprende, em todos os espaços e tempos, por meio da experiência, enquanto a que orienta o cursinho alternativo afirma que não se deve perder aulas para participar de manifestações públicas ou outras atividades de caráter político e pedagógico (p. 193).

A afirmação do autor pode ser associada à própria origem desses cursinhos, cujos idealizadores se propuseram a desenvolver práticas pedagógicas alternativas aos métodos e às práticas das propostas tradicionais, que tinham cunho mercadológico e “conteudista”. Tais iniciativas, datadas do fim dos anos 1990 e início dos 2000, contaram com a participação das classes populares a movimentos sociais urbanos. Porém, entendemos que a ideia de se contrapor a um modelo tradicional e instituído acabou por gerar experiências muito heterogêneas. Desse modo, a proposta de Castro (2011) é uma primeira estratégia no sentido de diferenciar e analisar um universo bastante plural e diverso, separando os cursinhos alternativos dos cursinhos populares.

Historicamente, os cursos pré-vestibulares populares surgiram no Brasil nos anos 1950, em universidades públicas paulistas como a USP (Universidade de São Paulo),

seja na capital ou em seu *campus* na cidade de São Carlos. Segundo Castro (2011), ao longo dos anos de 1960, outras experiências tiveram origem na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, com um cursinho pertencente ao seu grêmio estudantil. Mas, a grande parte desses cursos pré-vestibulares surge a partir de meados dos anos 1990. Experiências no âmbito nacional também passam a existir nesse período. No Rio de Janeiro, por exemplo, é criado, em 1993, o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) que vai “servir de parâmetro para o grande surgimento de iniciativas como essa na atualidade” (Pereira, Raizer, Meirelles, 2010, p. 88). Em Porto Alegre, houve também atividade semelhante, o Pré-Vestibular Zumbi dos Palmares (PVZP), cursinho este “que segue, em linhas gerais, os pressupostos desenvolvidos pelo Educafro no PVNC e pelo Steve Biko na Bahia” (idem, 2010, p. 90).

Outros cursos pré-vestibulares também surgiram na cidade e no estado de São Paulo dentro de universidades públicas. Inicialmente, para procurar atender ao aumento da demanda por vagas no Ensino Superior. Entre eles, está o Cape (Centro de Apoio ao Estudante), da USP de Ribeirão Preto, criado em 1990, “por iniciativa de estudantes de vários cursos, para atender alunos comprovadamente carentes da cidade de Ribeirão Preto e região” (Castro, 2019, p. 213). A gestão do *campus* cedeu espaço e infraestrutura para seu funcionamento. Os professores eram voluntários e o curso gratuito, características estas que se perderam como o tempo devido a fatores próprios de gestão e funcionamento do cursinho.

Iniciativas ligadas à atuação do movimento estudantil em outras universidades públicas paulistas também fizeram surgir cursinhos regionais em diferentes *campi* da Unesp. A universidade se espalhava pelo interior do estado e naquele período buscava “construir novas práticas para o movimento – voltadas para “fora” dos muros da universidade” (Castro, 2019, p. 226).

O autor considera a existência desses espaços constituídos de grande importância e parte de um movimento que busca atender a uma demanda social: a de acesso à educação superior. O movimento composto por cursinhos alternativos e populares encontra nos ambientes urbanos “um lugar privilegiado de ação e luta para tornar o espaço da universidade um lugar mais plural e democrático, ou seja, tem como pautas questões estritamente urbanas, como: educação, universidade e democracia” (Castro, 2019, p.254). Esses cursinhos visavam atender às demandas educacionais e procuravam se articular com as necessidades da sociedade civil. Entre essas demandas

estavam os novos movimentos “organizados segundo múltiplas identidades – ser negro, ser mulher, idoso, jovem/adolescente etc.” (Gohn, 2017, p. 11).

O Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes, aqui referido como Cursinho, com C maiúsculo, é uma instituição que também surge em um período da história do Brasil no qual os movimentos sociais passavam por ressignificações em suas pautas de luta, próprias do contexto dos anos 1990. Fundado em um momento em que diversos cursinhos de caráter pré-vestibular, popular, comunitário e reivindicatório estavam surgindo no Brasil, um dos objetivos do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP era levar o povo da periferia para o espaço universitário. Um movimento coletivo que visava satisfazer demandas educacionais e democratizar o espaço universitário e os acessos à universidade. A partir da iniciativa de um conjunto de estudantes da PUC-SP, com o propósito inicial de promover o ingresso de jovens negros e provenientes de regiões periféricas, o Cursinho Popular dos Alunos da PUC recebia tanto estudantes que estivessem cursando o Ensino Médio, como os que já haviam concluído seus estudos. Assim, o objetivo do Cursinho era:

Atender alunos da Rede Pública das regiões mais carentes da Cidade de São Paulo e Grande São Paulo, propiciando a estes a oportunidade de disputar uma vaga nas diversas universidades brasileiras, bem como buscar reflexões conjuntas entre educandos/educadores sobre as diversas questões sociais, políticas e educacionais do mundo atual e futuro, além de contribuir para o desenvolvimento pessoal, social, político e pedagógico do educador (Projeto Pedagógico, 1999. p. 1).

O projeto foi inicialmente idealizado pelos alunos e ex-alunos da Faculdade de Ciências Sociais e pelo Neafro (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da PUC-SP) e iniciou em 1997, no *campus* da rua Monte Alegre. Contou com a adesão voluntária de universitários de diferentes cursos, que organizaram e colocaram o Cursinho em funcionamento. Em seu documento de proposta, “caracteriza-se como um projeto sem fins lucrativos e inteiramente gratuito (Projeto Pedagógico, 1999. p. 1).

Desde o seu início, o Cursinho utiliza as dependências e os equipamentos da Universidade para desenvolver suas atividades, ou seja, nos comprovantes que compõem o acervo documental há registros da comunicação entre o setor de audiovisual e dos coordenadores para solicitar a reserva dos equipamentos que seriam utilizados em sala de aula.

Nos centros acadêmicos, como os de Serviço Social, Filosofia e Letras e Secretariado, o Cursinho encontrou apoio estrutural com doação de cotas de cópias, dadas pela Copiadora do Centro Acadêmico de Ciências Sociais, além do apoio da Apropuc (Associação dos Professores da PUC). Posteriormente, o apoio veio também da direção da Faculdade de Ciências Sociais, como se encontra registrado em ofícios consultados na documentação desse acervo.

Com o decorrer do tempo, o Cursinho passou a ser cada vez mais destinado a estudantes egressos das classes trabalhadoras urbanas, populares e médias baixas (em sua maioria) e de escolas de Ensino Médio da rede pública do estado de São Paulo. A ideia de utilizar as dependências da PUC-SP era e é a de ocupar espaços ociosos com jovens oriundos dos quatro cantos da capital paulista e de municípios da sua região metropolitana para que começassem a pensar em cursar uma faculdade, a fazer ideia do que é uma universidade, ou até mesmo amadurecer os pensamentos que estão se formando por serem jovens e por buscarem uma continuidade nos estudos após a conclusão do Ensino Médio.

A escolha por ministrar aulas aos sábados decorreu da necessidade de atender à demanda de alunos da rede pública que trabalhavam durante a semana e estudavam no período noturno. Na sua fase inicial e até os anos de 2014 e 2015, as aulas começavam às nove ou nove e meia da manhã e terminavam por volta das cinco ou cinco e meia da tarde. Posteriormente, as aulas tiveram um pequeno ajuste em seu horário e passaram a começar às oito e meia da manhã e terminarem às cinco da tarde, sempre de acordo com o funcionamento do *campus* Monte Alegre. O calendário do Cursinho utiliza como base o calendário oficial da PUC-SP.

A existência do Cursinho pré-vestibular passa pelo fato de que ainda é um espaço que visa à democratização e à universalização do conhecimento, o que o caracteriza também como uma quase extensão do 3º ano do Ensino Médio. Um espaço que serve para proporcionar formação política e conscientização dos jovens, ao mesmo tempo que procura abordar o conteúdo dos vestibulares tidos como mais “tradicionais”, como Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular), Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Unesp (Universidade Estadual Paulista), PUC-SP, entre outros, e posteriormente com o surgimento do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e de políticas públicas de inclusão como cotas raciais, Prouni (Programa Universidade Para Todos) e Sisu (Sistema de Seleção Unificada), que abriram caminhos para o ingresso de

diversos jovens no Ensino Superior. A criação de diversas universidades públicas federais nos últimos quinze anos gerou um número maior de vagas, o que conseqüentemente causou o aumento de matrículas advindas de jovens das mais diferentes origens.

Mesmo de dentro da educação formal, o Cursinho não faz sentido sem o embate com o sistema educacional tradicional e por vezes excludente, que se preocupa com uma formação voltada a atender às demandas do mercado de trabalho, formal ou informal, para formar os estudantes.

Ou seja, a proposta é oferecer uma formação política e emancipatória. Podemos observar, a seguir, nas falas de Waldeir, Milson e Sabrina os objetivos do Cursinho ao oferecer uma formação além do conteudismo dos pré-vestibulares tradicionais, a fim de que os estudantes pudessem situar-se como sujeitos de sua história:

Tinha uma questão muito importante que era de falar sobre o contexto social, então as aulas de história tinham que abarcar toda a questão do processo histórico do Brasil, não seriam só aulas de história ou só para falar *stricto sensu* da história. Quer dizer, tinha todo uma discussão dos porquês, de fazer os nexos com os processos históricos, desde o descobrimento até aqui. Porque a ideia era ter conteúdo, mas também de localização individual de cada um na sociedade, saber de si e isso era muito interessante. Porque não ficava só na ideia pragmática e mecanicista de datas como víamos no vestibular, tinha que ter isso também, mas também precisava de uma discussão sobre os contextos históricos do nosso Brasil. O que também era uma discussão enorme, porque as vezes tinha muito conteúdo e pouco tempo. (Waldeir)

Falava do conteúdo, mas tinha uma questão social embutida, né? Acho que depois que o pessoal foi se aperfeiçoando com o conteúdo, das discussões... geralmente, a visão da esquerda mesmo, né? De romper com as estruturas e questionar o capitalismo. Eu sei que mesmo dentro do conteúdo, o pessoal seguia, muito provavelmente, nas que eu estava... e nas discussões, geral, seguia esse caminho. (Milson)

Isso é muito louco! Às vezes a gente até esquece disso. Chega em um estágio de trabalho que a gente até esquece disso. Mas é, eu lembro que para mim sempre foi tudo muito mágico. Eu sendo aluna e de repente tava ali dando aula. E, de repente... é o que falei: eu olhava para aquele aluno e tava... e de repente, aquele aluno, tava voltando no outro ano para dar aula ali ou para fazer uma oficina. Então, eu acho que isso transformar. Isso que a gente fala de transformação na educação, né?! (Sabrina)

Ser a professora é isso porque, tipo assim, além de que a nossa área de humanas, sociais, ela muda muito. As humanidades, sociologia, filosofia tá mudando o tempo todo, a história também. O tempo todo. Então a gente tem que se atualizar. O aprendizado é contínuo. E aí, quando você para ver isso... eu aprendi isso, né?! Eu queria ensinar tudo para o aluno, mas não é sempre.

Eu não sei tudo. Não tem como porque cada vez você que tá dando aula, você aprende o barato diferente, você ensina e tem aquela parada também: do retorno dos alunos. Tem coisa que você não sabe, que os alunos sabem. Só que isso é com o tempo que você vai percebendo. Quando você começar a dar aula: “nossa, eu sou foda, estou dando aula”, só que aí você vai ver, por exemplo, lá na escola, que eu dou aula, e quando eu dava aula no Cursinho também, eles estão em outra geração, a gente é de outra, eles estão em outro rolê, então eles trazem coisas do cotidiano deles que a gente não sabe. Por que a gente não sabe? Por que a gente é burro? Não, porque a gente não tá nessa vivência deles, mas aí que está a questão, de você ser aberto para aprender aquilo que o aluno está apresentando porque isso é importante. (Sabrina).

Aqui, podemos observar os objetivos da formação oferecida pelo Cursinho que fazem parte de seu Projeto Educacional Pedagógico 1997 – 2009.

CURSO PRÉ-VESTIBULAR DOS ALUNOS DA PUC-SP

Ano 2009

OBJETIVOS:

- Preparar os discentes interessados em concorrer a uma vaga através do exame pré-vestibular, a partir dos conteúdos programáticos exigido pelas Universidades.
- Orientação Profissional aos alunos das Escolas Públicas sobre os cursos oferecidos pelas Universidades para que os candidatos deslumbrem melhor os caminhos que seguirão vida afora.
- Cooperar com os candidatos/alunos e buscar novas perspectivas, motivando-os à desmistificação do mundo universitário e incentivando-os a um envolvimento maior com um novo universo.
- Atingir as camadas sociais que estudam e residem nas áreas de maior grau de exclusão social da grande São Paulo.
- Buscar reflexões conjuntas entre educadores e educandos sobre diversas questões sociais, políticas, econômicas e culturais do mundo contemporâneo.
- Promover aquilo que consideramos mais rico neste universo das escolas, que é a troca de experiências do conhecimento acadêmico, às várias graduações e todas as experiências pedagógicas entre educadores/estudantes, professores e os próprios estudantes, razão de tudo isso.

Figura 1 – Objetivos do Cursinho – Projeto Educacional Pedagógico 2009/2013 (Acervo Cursinho)

O Cursinho tem alunos das mais diferentes categorias étnicas, sexuais, faixas etárias e busca incluir também pessoas com deficiência (PcD). Ou seja, tomando como

referência a caracterização feita por Castro (2011), o Cursinho da PUC pode, desde sua origem, ser caracterizado como “popular” e não apenas “alternativo”.

A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE PESQUISA

Antes de tudo, cabe fazer uma importante observação e atualização em relação ao Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP em seu momento atual. A observação diz respeito a mudança do nome que ocorreu no contexto da pandemia de covid-19, quando Valdemar Gomes faleceu, poucos meses antes de receber seu diploma de doutor pela UFABC (Universidade Federal do ABC).

Valdemar era formado em história pela PUC-SP e foi uma das pessoas pertencentes ao grupo que ajudou a construir, implantar e resistir com o Cursinho na Universidade. Lá, ele atuou como coordenador de área e professor de história. Contribuiu também com sua atuação no movimento estudantil em campanhas para a redução das mensalidades, para a matrícula de alunos inadimplentes e para uma política de bolsas de estudo para alunos pobres.

Muitos dos alunos do Cursinho acabaram por virar “bichos”, amigos e colegas na faculdade de Ciências Sociais da própria Universidade, fosse em História, Geografia ou Ciências Sociais. Parte desse pessoal atuou no Cursinho, lecionando ou em alguma coordenação, representando o Cursinho em reuniões com a Reitoria. Uma coisa é certa: os estudantes estavam dando continuidade ao funcionamento daquele lugar que lhes ajudou a conceber novas perspectivas para suas vidas por meio do acesso, da permanência e da formação de pessoas periféricas, das classes trabalhadoras na Universidade.

Por essas razões, o coletivo do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP resolveu homenagear esse importante sujeito histórico, pai, amigo, professor e militante agregando seu nome ao do Cursinho.

Em 2022, após dois anos fora da PUC-SP, pudemos, em nossa aula inaugural homenagear devidamente nosso querido Valdemar. Ao contarmos a história de um projeto que começou no segundo semestre de 1997 como uma experiência e que perdura até hoje, como o único curso pré-vestibular popular dentro de uma universidade privada.

O envolvimento pessoal com o Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP, visto que atuo neste como professor de História desde 2005, e a intenção de construir uma memória a seu respeito, foram os principais motivos que me levaram a desenvolver um projeto de pesquisa. No entanto, o recorte temporal escolhido, de 1997 a 2006, não

corresponde ao período em que comecei a atuar com mais afinco, o que colabora para separar o pesquisador e o militante. No entanto, sabemos que essa separação é impossível de ser atingida e, portanto, a melhor maneira de respaldar o trabalho é explicitar o que, na contemporaneidade, é chamado de “lugar de fala”.

O historiador inglês Edward Carr (1996) ao abordar a relação entre o historiador e seus fatos ressalta a importância do vínculo que deve haver entre ambos. O que torna essa relação em algo muito específico e de difícil separação. Ou, nesse caso, impossível.

A relação do homem com seu meio é a relação do historiador com seu tema. A relação entre o historiador e seus fatos é de igualdade e de reciprocidade. Essa ação mútua também envolve a reciprocidade entre presente e passado, uma vez que o historiador faz parte do presente e os pertencem ao passado. O historiador e seus fatos históricos são necessários um ao outro. O historiador sem seus fatos não tem raízes e é inútil; os fatos sem seu historiador são mortos e sem significado. Portanto, minha primeira resposta à pergunta “o que é história?” é que ela se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado. (p.65).

Ingressei no Cursinho com apenas dois anos de magistério, este exercido até hoje e quase que exclusivamente na rede pública estadual paulista, lecionando História e Sociologia. O Cursinho me chamou a atenção devido ao fato de oferecer uma autonomia pedagógica em relação ao modo de atuar, planejar e pensar as aulas. Além disso, o caráter pedagógico, que visa democratizar o acesso ao Ensino Superior e ao espaço universitário, também me interessou.

A partir do convite do historiador Waldeir Rosa, meu amigo e veterano de graduação na época, para uma experiência em sala de aula, que se deu o meu primeiro envolvimento com o Cursinho. Minha participação era bem superficial, apenas lecionava. Digo isso, pois não procurava participar de nenhuma das atividades extraclasse, como o processo seletivo, por exemplo. Pouco tempo depois, passei a divulgar o Cursinho nas escolas onde trabalhava. Apenas em meados de 2008, comecei a participar mais efetivamente dos trabalhos de campo e das reuniões pedagógicas.

Desde que iniciei minha participação, as atividades de trabalho de campo, que ocorrem ao longo do ano letivo, chamaram minha atenção. Essas atividades viabilizam-se pela colaboração financeira simbólica de parte dos alunos e professores que participam desses momentos pedagógicos. Um dos objetivos é propiciar uma aula em

que se trabalhe diversos conhecimentos teóricos e práticos e de diferentes disciplinas em um espaço alternativo à sala de aula.

Historicizar e investigar o Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP no âmbito da História das Instituições Escolares, observando sua organização, suas práticas pedagógicas e sua atuação que contribui para a formação de educadores, torna-se pertinente já que está em seu 26º ano de funcionamento e segue tendo como objetivo colaborar para a democratização de acesso ao Ensino Superior por populações historicamente excluídas.

É importante ressaltar que o Cursinho foi sendo construído e modificado ao longo de sua história, devido ao protagonismo dos alunos e professores, que contribuíram de forma direta para a consolidação de sua cultura escolar e prática pedagógica. No entanto, um componente bastante perceptível em sua história é a existência de conflitos constantes com a Reitoria da universidade, que, desde o início das atividades, deu pouco ou nenhum suporte institucional para seu funcionamento. Isso é algo que será explorado na análise dos depoimentos que integram a pesquisa.

Cabe destacar também que o Cursinho possui poucos registros, sejam documentos físicos ou digitais, a não ser os poucos encontrados no CACS (Centro Acadêmico de Ciências Sociais) que foram anexados e que também são base para o desenvolvimento desta pesquisa. O que, conseqüentemente, gerou um grande desafio.

As fotos a seguir ilustram o espaço dentro do Centro Acadêmico de Ciências Sociais que abrigam a documentação do Cursinho e as gavetas-arquivo onde se encontrava parte do acervo documental que ajudou a escrever parte da história do Cursinho.



Foto 3 – CACS – Gavetas-arquivo (acervo pessoal)



Foto 2 – CACS – Caixas-arquivo com formulários de inscrição (acervo pessoal)



Foto 5 – CACS – Armário e biblioteca do Cursinho (acervo pessoal)



Foto 4 – CACS – Formulários de inscrição (acervo pessoal)

Lista documental/acervo

O Cursinho não possui um arquivo institucional organizado em um espaço para abrigá-los e conservá-los de forma adequada. Os documentos encontrados estavam no Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACCS), na PUC-SP, em um armário sem nenhum tipo de organização. A outra parte dos documentos foi encontrada por meio de contatos feitos com ex-integrantes que os cederam gentilmente para que fossem incorporados ao acervo, seja de forma física ou digitalizados.

Esses documentos são do período de 1997 a 2014 e estavam organizados de forma cronológica quando foram encontrados. Ordenei essa que mantive para realizar a catalogação, bem como no processo de digitalização que foi feito via celular. Posteriormente, o próximo passo foi a seleção de fontes impressas a serem utilizadas na pesquisa.

Entre os documentos está o Projeto Educacional Pedagógico que compreende os períodos entre 1997 e 2006 e 2009 a 2013. Essa documentação foi trazida pelo Waldeir Rosa, um dos colaboradores desta pesquisa, no dia em que registramos seu depoimento que foi o último coletado. Esses arquivos são valiosos pelo viés pedagógico que contêm e não tanto burocrático, o que trouxe uma nova perspectiva a respeito do Cursinho, pois até então o único documento que apresentava as características pedagógicas era o Projeto de 1999.

Essa documentação veio a corroborar com as informações colhidas pelos depoimentos. A escolha pela História Oral foi imprescindível para fornecer novas informações e evidências que aumentaram a quantidade de fontes históricas disponíveis para se produzir outros estudos a respeito do Cursinho. Pode-se perceber diversas nuances que compõem os ‘bastidores’ formação e funcionamento do Cursinho dentro da PUC-SP em seus primeiros dez anos de funcionamento. A lista documental está contida nos anexos.

Meu interesse em estudar o Cursinho também surgiu apenas após o término do mestrado. Normalmente, muitos pesquisadores optam por aprofundar os temas de suas dissertações no doutorado. Contudo, este não é o caso. Eu saí da temática de Brasil, ensino primário, conferências nacionais de educação na ditadura militar, que foram os assuntos abordados pela minha pesquisa no mestrado, para falar agora, na minha tese,

sobre cursos pré-vestibulares populares, em especial o Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP, e acesso à democratização do Ensino Superior.

Um dos meus maiores incentivadores para a pesquisa, Waldeir Rosa, também foi companheiro de encontros estudantis e parceiro na sala de aula, na qual lecionamos juntos por muitos anos, e sempre me dizia que o Cursinho deveria ser estudado. Como apontado anteriormente, Waldeir foi também responsável pelo meu ingresso no Cursinho e participou de períodos importantes desde a idealização e a implementação até o momento atual.

Em 2019³, fui diagnosticado com depressão e estava esgotado pelo meu trabalho em sala de aula. Particularmente, eu nunca achei que ser professor de ensino básico poderia adoecer alguém. Contudo, foi naquela época, que resolvi voltar para a PUC. Frequentei aulas no Programa de Pós-graduação em História, acompanhando meu amigo Ivan Pereira, que estava cursando o mestrado, o que me despertou o desejo de ingressar no doutorado.

Após breves encontros com o professor Antonio Rago Filho, com quem tive aula na graduação, e com o professor Kazumi Munakata, meu orientador no mestrado, descobri que meu assunto de interesse valeria uma tese. E assim, ingressei novamente, em 2020, no EHPS, no último processo seletivo antes da pandemia.

A partir desse ingresso pude começar a dar início à pesquisa para investigar com mais afinco a história do Cursinho a fim de responder as seguintes questões: Quais as características de um cursinho popular, para além da caracterização já desenvolvida por Castro (2011). Como se desenvolveu a cultura escolar do Cursinho Popular da PUC-SP ao longo do recorte temporal especificado? Quais as necessidades que levaram o movimento estudantil a construir um projeto assim dentro de uma universidade privada naquele período? Quais as dificuldades e enfrentamentos ocorridos para manter o Cursinho dentro da PUC-SP? A hipótese inicial é que o Cursinho, a partir das dificuldades enfrentadas durante seu período de criação e funcionamento, constituiu-se como um espaço amplo de formação política de professores e alunos, além de desenvolver uma cultura escolar própria.

³ Cabe ressaltar aqui que, desde 2016, com o *impeachment* da presidenta Dilma, na minha percepção, o país e o clima nas salas de aula começaram a ter uma certa mudança, o que culminou em 2018 com o Escola Sem Partido, o que resultou em alunos questionando minhas aulas a partir das “ideias” do MBL. Sofri ameaças de morte feitas de forma anônima na escola e na Diretoria de Ensino de Taboão da Serra, o que gerou a minha licença médica em 2019.

Diálogo bibliográfico

A produção de pesquisas a respeito de temas como cursinhos populares, democratização no acesso e permanência na universidade ou no Ensino Superior por pessoas oriundas de camadas populares, atualmente, é bem extensa e diversa. Apesar de haver temas em comum, com origens espaciais/territoriais diferentes, podemos observar que esse tipo de iniciativa existe em todas as regiões do Brasil, em universidades públicas e privadas, estaduais, federais e municipais.

Foram feitos levantamentos no catálogo de teses, da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e na Biblioteca da PUC-SP. Os descritores utilizados foram: “cursinhos populares” AND “cursinhos pré-vestibulares populares”. O levantamento feito na biblioteca da Capes apresentou 28 resultados (23 mestrados acadêmicos, três doutorados e dois mestrados profissionalizantes). São pesquisas produzidas entre 2003 e 2021. As que possuíam certas afinidades com o Cursinho foram selecionadas e são apresentadas no item 1.1 da pesquisa.

No acervo da biblioteca da PUC-SP, a busca por “cursinhos populares” trouxe três publicações. São duas dissertações e uma tese produzidas pelos Programas de Pós-Graduação em Educação: “História, Política, Sociedade” e “Educação: Currículo”; outra foi pelo Programa de Comunicação e Semiótica. Nas obras de Carletti e Soares, há um ponto em comum ao abordarem o Cursinho Popular Transformação⁴ como objeto central de sua pesquisa, mostrar uma forma de se pensar a educação popular voltada com uma formação que visa aumentar as oportunidades de acesso partindo de uma “educação e cultura voltadas para pessoas transgêneros, travestis e não binárias em São Paulo” que foi criado em 2015.

No III Curso de Formação Política LGBT, realizado pela Setorial LGBT da Federação Nacional de Estudantes de Direito, em conjunto com a Frente LGBT da PUC-SP, que graduandos e mestrados de diferentes universidades do país debateram questões pertinentes à população T em conjunto com nomes da militância LGBT e feminista.

A dissertação de Isabel Carletti, publicada em 2019 e intitulada “Corpomídia e gênero: comunicação na prática instável da existência”, do curso de Comunicação e

⁴ A respeito do Cursinho Transformação: <https://jmbss5.wixsite.com/transformacao/sobre-o-cursinho>. Acesso em: 06 fev. 2024.

Semiótica, traz sua experiência como professora de dança e dos resultados que obteve com um curso de dança que ministrou no ano de 2017 no Cursinho. Já a tese de doutorado apresentada em 2022 por Ishtar Renan Soares, “Transcurrículo: a construção de uma escola não violenta”, do programa de Educação: Currículo, possui como objeto de análise da pesquisa a proposta curricular do Transformação e as práticas pedagógicas do cursinho entre 2019 e 2020.

Por fim, a dissertação defendida no Programa Educação: História, Sociedade e Política, em 2012, desenvolvida por Marina Hakime Contini Siqueira e intitulada “Aprovação no vestibular como ‘sucesso escolar’: as contribuições de um cursinho popular” aborda o Cursinho Alpha⁵. Nesse trabalho, a autora fala sobre o acesso à universidade a partir de entrevistas realizadas com alunos da rede pública estadual de São Paulo divididos em dois grupos de estudantes aprovados em universidades públicas: os que frequentaram o cursinho e os que não o frequentaram, a fim de perceber qual a influência da instituição nas decisões tomadas pelos entrevistados.

Os estudos aqui analisados em relação ao Cursinho Transformação podem vir a colaborar com o Cursinho ao se pensar em novas formas de poder agregar mais pessoas que buscam acessar o Ensino Superior e, por vezes encontram barreiras que dificultam seu ingresso ou sua permanência em uma instituição de Ensino Superior. A pesquisa relacionada ao Cursinho Alpha pode ser parte de um estudo comparativo que eventualmente pode ser desenvolvido ao se comparar, por exemplo, qual pode ser a importância de um cursinho popular na vida do estudante.

⁵ Sabe-se que o Cursinho Alpha foi fundado em 2006 e se localizava na região centro-oeste da cidade de São Paulo, era mantido por uma fundação sem fins lucrativos, destinado a alunos da rede pública, era gratuito e já funcionava há sete anos. Não foram encontrados outros registros a seu respeito além dos contidos na pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A fim de entender de que forma foram pensadas e implementadas as atividades que compõem a grade curricular do Cursinho, coube à pesquisa, entre outros objetivos, obter informações que nos permitissem registrar esses caminhos. Para isso, foi necessário identificar os sujeitos históricos ou grupos de sujeitos responsáveis pelas mudanças que ocorreram na grade curricular do Cursinho.

Ressalta-se ainda que as atividades passaram por mudanças ao longo dos anos, mudanças estas que foram incorporadas por jovens estudantes e que, a partir das suas práticas universitárias, acabaram por incorporá-las ao currículo do Cursinho. O planejamento dessas atividades pressupõe uma autonomia pedagógica conferida aos professores das disciplinas envolvidas para que possam abordar o conteúdo de forma planejada e organizada de acordo com os locais visitados.

Ao analisar os documentos impressos do acervo do Cursinho em busca de sinais que me auxiliassem a remontar a parte das práticas pedagógicas construídas e encontradas nesse pré-vestibular, não consegui encontrar muitos registros que pudessem me dar uma resposta. Os trabalhos de campo, por exemplo, são resultado de estudos empíricos dos próprios professores, que adotaram a proposta como uma prática no Cursinho para dar novos sentidos na formação de estudantes, são exemplos disso. Uma cultura que foi adaptada e incorporada ao Cursinho ao longo de suas atividades, mas que não foi, por um período, documentada de forma a ter seus registros materializados em forma de planejamento e desenvolvimento dessas atividades na prática.

Para contornar essa situação, a pesquisa adota os conceitos de Cultura Escolar e História Oral e Memória. Como ferramenta para a obtenção dessas informações, entrevistas foram conduzidas para colher depoimentos e (re)constituir memórias a respeito dessas experiências.

De acordo com a historiadora e coordenadora do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV/RJ, Verena Alberti, em um texto intitulado *O que documenta a História Oral*, ela nos mostra que as entrevistas de história oral podem produzir documentos posteriores. Esses documentos descrevem o que a autora chama de “relato da ação”, que informa a respeito de uma iniciativa passada desencadeada pelo seu autor.

Na relação entre a memória e a cultura escolar, as entrevistas foram necessárias para demonstrar as mudanças históricas ocorridas na realidade do Cursinho.

De acordo com o professor Agustín Escolano Benito (2017), da Universidade de Valladolid e fundador-diretor do Centro Internacional de la Cultura Escolar⁶, é função dos historiadores da educação:

Refletir e interpretar os modelos e métodos da cultura escolar efetiva, isto é, da cultura escolar que se produziu na própria realidade, a qual necessariamente não corresponde a que se desejou ou postulou. Ademais, esse giro cultural da análise histórica tornará possível reconstruir geneticamente a tradição pedagógica disponível, que sobrevive até hoje nas práticas observáveis (p. 62).

No caso do Cursinho, a pesquisa de cultura escolar será interpretada como resultado da prática de seus sujeitos. O Cursinho é levado como resultado de um contexto social e histórico próprio da Universidade e, portanto, um espaço constituído a partir de um entendimento que:

Cultura escolar como um conjunto de práticas e discursos que regularam ou regulam a vida das instituições de educação formal e a profissão docente. Tal perspectiva afeta, principalmente, a chamada cultura empírica da escola, que é em grande parte numa cultura baseada na experiência, mas que pode incluir também – e de fato inclui – conteúdos e modos transferidos, segundo processos históricos de recepção e acomodação das culturas científica e normativa para o mundo da ação (p.120).

Outro estudioso da cultura escolar é o historiador francês Dominique Julia, e membro do CNRS (Centro Nacional de Investigação Social), sediado na França. Como afirma Julia (2001) no trecho a seguir:

Cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas.

Uma dinâmica de construção própria e que ainda conta com momentos de interação entre docentes e discentes nos momentos após a realização das atividades.

Um espaço que oferece oportunidade de experiência e prática no trabalho docente. Para formação de professores, com oportunidade de viver o que é estar em sala de aula de um curso pré-vestibular com alunos de diferentes idades, origens e intenções.

⁶ Sediado em Berlanga de Duero, Espanha.

O projeto apresentado ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da PUC-SP, em 1999, já procurava demonstrar a inclinação de tornar-se parte de programa de extensão universitária, mas que transitou e estacionou.

Dentro do roteiro de perguntas e entre os objetivos desta pesquisa, uma das questões que se fez presente a todos os colaboradores, foi: o que é um cursinho popular para você? Visto que não há apenas uma definição para este tipo de iniciativa, as respostas podem variar, mas chegam a pontos em comum. Memórias daquilo que se pretendia construir, das relações constituídas a partir daquele espaço em comum de convivência e militância estudantil. O que agregava, e isso talvez seja uma característica do *campus* Monte Alegre⁷ e do *campus* Marquês de Paranaguá⁸, era o fato de aglutinarem diferentes cursos em um espaço compacto. Todos os estudantes das faculdades se cruzavam, se encontravam e conviviam com maior frequência. Isso só não ocorria com os estudantes de Medicina e Enfermagem porque seus cursos se localizam no *campus* Sorocaba⁹, cidade do interior paulista.

As fontes utilizadas para esta pesquisa são documentos impressos e depoimentos, colhidos por meio de entrevistas de pessoas que fizeram parte desse período do Cursinho, e que eventualmente trabalharam em outros cursinhos populares que coexistiram na PUC-SP no recorte temporal delimitado.

Essa documentação foi utilizada na construção da história institucional do Cursinho dos Alunos da PUC-SP, de seu início até períodos mais recentes. Parte deles traz informações a respeito das relações institucionais entre a Universidade e o Cursinho e a ocupação do espaço universitário no período inicial de seu funcionamento.

Em um segundo momento, fez-se a opção de trabalhar com a História Oral e a Memória. Um campo de pesquisa já consolidado que possui uma metodologia definida e desenvolvida. Cabe ressaltar que trabalhar com esse tipo de metodologia requer esforço, dedicação e leitura já que são muitos os usos que podem ser dados às informações coletadas. Durante a pesquisa do mestrado, trabalhei com fontes impressas e estar nesse campo representa um novo desafio para a análise e a seleção de informações a serem utilizadas na construção da tese.

⁷ É o *campus* onde se concentra a maior quantidade de estudantes e variedade de cursos. Inclusive os Programas de Pós-graduação.

⁸ Onde se encontra a FCET – Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia.

⁹ Abriga a Faculdade de Ciências médicas e da Saúde com os cursos de Medicina e Enfermagem.

Além de Alberti, foram utilizados trabalhos de dois outros pesquisadores e estudiosos a respeito do uso da memória e da história oral como recursos para esta pesquisa. São, respectivamente, Michael Pollak, historiador e sociólogo austríaco que foi membro do CNRS e do Instituto de História do Tempo Presente, ambos na França, e o professor José Carlos Sebe Meihy, coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP).

Entre um de seus usos está a ampliação do campo de pesquisa histórica e a reconstrução da história por meio da utilização das memórias dos entrevistados que podem auxiliar na interpretação de outros documentos já existentes.

Alberti ressalta que a peculiaridade da história oral como um todo “decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu.” (Alberti, 1996. p. 1).

Historicamente, a partir do surgimento do gravador de fita cassete, na segunda metade do século passado, e com tecnologias cada vez mais desenvolvidas e incorporadas à captação desses depoimentos, um de seus objetivos é explorar a relação entre história e memória e as formas como estas são construídas ao longo das experiências individuais e coletivas de pessoas ou grupos envolvidos em episódios e processos históricos relevantes.

Para isso, é necessário trabalhar com o campo da memória, que pode ser constituída de forma individual e coletiva, são construções subjetivas e estão sujeitas a “flutuações, transformações e mudanças constantes.” (Pollak, 1992. p. 201). Uma herança como parte de “preocupações do momento” em que “constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada.” (idem. p. 205).

Trabalhar com a oralidade nos permite dialogar com diferentes disciplinas das ciências humanas como a sociologia, a antropologia, a filosofia, entre outras. No caso desta pesquisa, ela será utilizada no intuito de ampliar e gravar experiências e práticas desenvolvidas pelos sujeitos envolvidos, tanto na concepção e na formalização da instituição, como em sua atuação como professores e difusores de uma cultura política por meio de suas práticas pedagógicas. A entrevista de história oral “é ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações implicadas na própria entrevista.” (Alberti, 1996. p.2).

Procurar também “transmitir uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em determinada configuração histórica e social. ” (Alberti, 2006. p. 163).

Utilizar a memória remete à construção de uma identidade. Tomar a memória como fato, pois isso permite que “entender como determinadas concepções do passado se tornam *coisas*, sem o que as explicações do presente permanecem insuficientes.” (Alberti, 1996. p. 8). Para isso, em um momento posterior da pesquisa, a intenção é a realização de entrevistas.

Em relação ao fato de a produção dessa pesquisa utilizar essa metodologia, Luiz Carlos Rosa, o Chupim, faz uma observação:

Tem toda uma história construída antes para que isso chegue e essa história... ela está, na sua maioria, oral. Não está documentado isso. O que a gente tem, única coisa que a gente tem, é aquele documento do projeto, né? Que é o único documento que nós fizemos, que mostra como a gente estruturou, pensou pedagogicamente, pensou estruturalmente, pensou tudo. Depois disso, some. Eu fico muito feliz como um dos fundadores, coordenadores do Cursinho da PUC, de hoje, você que é fruto disso, materializar, né? Buscar fontes para contar a história, de fato, do que foi esse Cursinho e de toda a importância que ele teve e tem, né? Porque continua. Vocês continuam. Nós já saímos já e conseguimos fazer aquilo que a gente sempre pensou: ninguém é para sempre, mas os projetos podem ser.

Com esses depoimentos, o objetivo é examinar as finalidades que regiam inicialmente o Cursinho. Recuperar a memória individual e de grupo para interpretar a instituição como um fenômeno de construção coletiva e social. O modo como os sujeitos vivenciaram e interpretaram acontecimentos e fatos de maneiras próprias de cada um, daí investigar a natureza da formação oferecida pelo Cursinho partindo das vozes desses sujeitos históricos em cotejamento com a documentação encontrada. Procurar evidenciar as resistências entre a Universidade e o Cursinho. Lembrar como era lecionar na própria Universidade em que estudava e atuava em prol dessa iniciativa.

A produção de documentos em história oral requer atenção e cuidados próprios, pois não consiste apenas em gravar a entrevista por ela mesma como uma documentação válida. A gravação é parte de um processo na história oral. É necessário que haja uma análise de seu conteúdo, que as informações nela contidas possam cruzar com outros dados e fontes utilizados na pesquisa. A passagem da linguagem oral para a linguagem escrita, Meihy (2011) destaca a importância para a necessidade de validação da fonte oral. O autor ressalta que:

Todo registro de gravação gera um suporte inicial que é em si um documento inevitável porque existe em matéria, fisicamente. Mas, no caso específico, quando o suporte inicial permite um desdobramento, cabe ressaltar que o texto produzido, trabalhado na passagem *do estado de linguagem oral para o estado de linguagem escrito*, e devidamente legitimando pelo entrevistado, é a forma do documento, completa, determinada pelos critérios classificatórios de história oral (p.20).

Os roteiros dessas entrevistas foram elaborados de acordo com as pessoas escolhidas para a participação na pesquisa. Roteiros temáticos e semiestruturados para focar na participação dos sujeitos históricos no Cursinho. Em tempos tidos como “normais”, a proposta seria realizar esses encontros nos espaços da PUC-SP, com auxílio e utilização da documentação encontrada, a fim de estimular as memórias com mais fluidez. Nada mais apropriado como esse lugar da memória, se não fosse a pandemia de covid-19.

Segundo Alberti (2006), o roteiro individual é resultado do cruzamento entre o que há de particular àquele entrevistado e o geral a todos os que foram listados, isto é, aquilo que se constituiu, ao longo da pesquisa, no conhecimento sobre o tema. A função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar, com relação ao tema investigado, os assuntos tratados pelos entrevistados.

Para isso, as entrevistas foram escolhidas como método investigativo pelo fato de grande número de documentos existentes no acervo do Cursinho ter um caráter majoritariamente burocrático. Neste caso, a realização dessas entrevistas foi essencial para responder, de forma efetiva, às perguntas feitas pela pesquisa e que não possuem um registro material.

Selecionar os entrevistados foi algo à parte, pois sabia que o período abordado pela pesquisa englobava uma época em que houve um trânsito muito grande de pessoas envolvidas em diversas funções dentro do mesmo ambiente.

Comecei a pensar e listar pessoas a partir de memórias próprias, contatos pessoais e indicações desses contatos. Além da manutenção do contato com colegas da graduação, outra forma de localizar e elencar pessoas foi por meio da utilização de aplicativos de mensagens, ou via redes sociais (Instagram e, principalmente, o Facebook). É preciso destacar também a importância do Projeto Pedagógico do Cursinho (1999), que contém listas de cargos e funções, ocupados e exercidos e os nomes das respectivas pessoas do período.

A quantidade de entrevistas pensadas inicialmente para a pesquisa girava em torno de dez pessoas. Este era um número pretendido antes da pandemia de covid-19. Ao apresentar o projeto inicial para apreciação dos pareceristas, houve a sugestão de limitar esse número entre seis e oito entrevistados no período que girava em torno de duas décadas de existência, 1997 a 2017. Outro ponto importante foi a diminuição no teto do recorte histórico e limitar ao ano de 2006.

Posto isso, determinou-se a seleção de quantos seriam entrevistados e a delimitação do período a ser pesquisado. Como definir quem poderia colaborar para o trabalho e dar seu depoimento e contribuir na construção de uma escrita a respeito do Cursinho e sua trajetória na Universidade. Procurar e selecionar essas pessoas para este estudo visava, também, trazer uma memória ativa da forma como cada um trabalhou com suas experiências no Cursinho.

Utilizar de suas narrativas para relatar suas práticas na construção e organização do Cursinho, nas experiências pessoais e coletivas de docentes e as práticas pedagógicas construídas e adotadas ao longo do período compreendido entre 1997 e 2006.

A partir das entrevistas, procura-se investigar e encontrar informações para compreender os modos de sua organização estrutural e seu funcionamento dentro do espaço universitário; as oportunidades de aprendizagem e prática docente como experiência inicial e de que forma influenciou essas pessoas a seguirem nessa carreira; a inclusão de atividades, como os trabalhos de campo, que ao longo dos anos acabaram sendo incorporadas no calendário e os diálogos e conflitos existentes entre seus membros e a Universidade e com outros cursos pré-vestibulares que surgiram a partir da movimentação de outros grupos da PUC-SP.

Antes de estabelecer contato com os possíveis entrevistados, foi necessário elaborar categorias, a fim de desenvolver um roteiro semiestruturado norteador das entrevistas. Esse conjunto de questões que pudessem coletar as informações para desenvolver a investigação e historicização propostas por esta pesquisa.

As categorias criadas foram pensadas de forma a desenvolver roteiros que abordem questões de cunho mais geral em relação ao Cursinho e de partes mais específicas relacionadas às informações para mostrar a singularidade dos caminhos traçados pelos colaboradores da pesquisa, bem como para que o procedimento de análise e separação de informações pudesse se desenvolver de forma mais organizada e

objetiva, possibilitando, assim, contar com partes essenciais para atender aos objetivos propostos.

A construção do roteiro para as entrevistas se dividiu em duas partes: a primeira com questões mais gerais para apresentar os entrevistados, a trajetória de vida e o que os levou a chegar na PUC-SP e a segunda com perguntas mais específicas para compreendermos a atuação no Cursinho e as experiências que tiveram ao longo dessa atuação. Essa parte está voltada a pessoas que atuaram na gestão e coordenação, para os que lecionaram e para os ex-alunos que atuaram no Cursinho.

As entrevistas buscam levantar informações a respeito das motivações para a existência de um pré-vestibular popular dentro da PUC-SP, a construção da proposta pedagógica, suas práticas docentes e o surgimento de atividades do Cursinho fora da Universidade. Além disso, a pesquisa apresenta também o olhar de quem lecionou em mais de um cursinho relacionado à PUC-SP, direta ou indiretamente¹⁰.

Podemos concluir que, a partir dos depoimentos colhidos, há uma carga de informações bastante significativa que permeiam e se entrelaçam com memórias biográficas dos entrevistados e com suas práticas políticas e sociais, e ainda seu acesso, sua permanência na Universidade e sua atuação junto ao Cursinho.

Dessa forma, podemos ver os conflitos com a Universidade pelos depoimentos dos próprios agentes. Esses depoimentos ajudam a compreender de forma melhor e mais clara o panorama dos conflitos gerados entre quem era a favor da existência do Cursinho (Reitoria x movimento estudantil) e os obstáculos enfrentados no período de implementação de uma experiência e sua consolidação; e a entender como outras entidades ligadas à própria PUC-SP foram aliadas nesse processo, bem como as redes de apoio e suporte que foram formadas. Uma entidade importante para muitas pessoas que viam nela uma oportunidade de acessar o Ensino Superior e por tomar consciência disso passam a integrar o cursinho após terem sido seus estudantes.

Como pesquisador e utilizador da História Oral, ponderei a respeito do lugar para realizar as entrevistas e sua importância a ser levado em consideração. Sendo assim, a escolha foi pela PUC-SP. Contudo, devido às restrições da pandemia não havia condições para utilizar o espaço. Uma das soluções, naquele momento, foi postergar as

¹⁰ A pesquisa busca também abordar a coexistência de outros dois pré-vestibulares contemporâneos ao Valdemar Gomes. O Leve Leão, da FEA e o Foco, da própria PUC.

entrevistas. Entretanto, o uso de ferramentas tecnológicas que possibilitassem o encontro de forma virtual foi considerado e utilizado. Por este fator, parte das entrevistas pôde ser a distância a outra parte de forma presencial.

Outro aspecto relevante examinado neste caso foi a importância de uma proximidade entre pesquisador e objeto de pesquisa e o fato do entrevistador e seus colaboradores dividirem uma experiência em comum. Segundo Meihy (2011) “o entrevistado ‘doa’, livremente sua experiência em troca de registros de cunho amplo. Assim, nos trabalhos de História Oral, temos: *co-labor-ação*, como junção de fatores que comungam” (p. 22).

Ao se referir aos entrevistados como colaboradores, leva-se em consideração o que Meihy (idem) assinala quando afirma que “a colaboração não iguala as partes, mas convida a um trabalho participarem que os dois polos – *os entrevistados e os entrevistadores* – são sujeitos ativos, unidos no propósito de produzir um resultado que demanda convivência” (idem, *ibidem*).

Mesmo que não tenham dividido essa experiência no mesmo tempo, o espaço e o trabalho continuam a existir pelo fato de darem sequência e continuarem seus propósitos iniciais. Por mais que na maioria das pesquisas recomende-se esse distanciamento.

Como professor de História do Cursinho desde 2005/2006 e tendo ingressado na Universidade em 1998, parte dos colaboradores foram meus veteranos, tornaram-se colegas de Cursinho e, em outros casos, colegas de profissão (professor de Educação Básica II na rede pública paulista).

Os entrevistados selecionados são personalidades com contribuições marcantes na história do Cursinho durante os seus dez primeiros anos de existência e, em alguns casos, que continuam trabalhando no projeto ou que passaram a se dedicar a outras atividades, mas que participaram ativamente até há pouco tempo. Todos colaboraram de forma direta, em diferentes épocas e exercendo diversas funções, com papéis que vão desde a coordenação, a docência ou de quando eram alunos.

Os procedimentos de pesquisa envolveram depoimentos de personalidades que foram e que são importantes na história do Cursinho em diferentes momentos. Devido às limitações impostas pela covid-19, a coleta dessas entrevistas foi feita conforme

possibilidade, ou seja, de forma remota. Na medida em que o convívio social foi permitido, algumas foram realizadas presencialmente, mas sempre respeitando as normas exigidas pelo Ministério da Saúde.

ENTREVISTADOS

Seis personagens colaboraram para a construção da pesquisa, compartilhando suas memórias e experiências, individuais e coletivas, a respeito de sua participação no Cursinho. Temos os depoimentos de Luiz Carlos Rosa “Chupim”, Vanderley Elias Nery, Ronaldo Davi Lopes “Tiozinho”, Sabrina Afonso de Paula, Milson Teodoro e Waldeir Moreno Rosa, que gentilmente cederam seus tempos e contaram suas histórias.

A primeira entrevista foi realizada com Luís Carlos Rosa, o “Chupim”, como era chamado pelos amigos e colegas na época de sua graduação em Ciências Sociais pela PUC, com complementação em História e Filosofia, era também membro do Núcleo de Estudos Africanos da PUC (Neafro). Atualmente, é professor da rede pública estadual de São Paulo e leciona história, sociologia e filosofia. É ativista do movimento de moradia na região Oeste, região do Jardim Rincão, zona noroeste de São Paulo. Foi um dos articuladores dos alunos e um dos defensores da permanência do Cursinho no espaço universitário. Sempre atuando na coordenação, lecionou por algumas vezes para substituir professores que não pudessem comparecer por algum motivo específico.

O segundo encontro foi com o Ronaldo Davi Lopes, o “Tiozinho”. Ronaldo foi aluno do Cursinho, ingressou em Geografia na PUC e é coordenador desde 2003. Há anos, Ronaldo exerce, entre outras funções, assuntos de ordem burocrática junto à Reitoria, além de tarefas como reserva de sala de aula, organização de atividades fora da Universidade (trabalhos de campo, por exemplo), assistência aos estudantes a respeito de datas de inscrição de vestibulares etc. Raramente entrou em sala para lecionar, pois desde que começou a trabalhar no Cursinho prefere ficar nos “bastidores”.

A terceira pessoa entrevistada, de forma presencial, no bosque da PUC-SP, foi a ex-aluna e ex-professora Sabrina de Paula. Atualmente, é professora da rede pública do estado de São Paulo. Leciona na zona leste da cidade e, em suas práticas pedagógicas, procura aplicar e desenvolver experiências feitas e desenvolvidas ao longo dos anos lecionando no Cursinho. Tais atividades são adaptadas ao espaço escolar de tempo integral na qual leciona. Sabrina atuou como professora de história em outros cursinhos pré-vestibulares (o Foco, no bairro de Santana e na cidade de Barueri, e no cursinho da Fatec, na unidade Carrão). Ela fez parte da turma em 2005, como estudante e, a partir de 2006, após ser aprovada no vestibular da PUC-SP e ingressar como aluna do curso de História, começou a ensinar regularmente como professora de história. Teve suas

primeiras experiências docentes a partir das oficinas lecionadas e posteriormente tornou-se a “titular” no quadro de professores de história do Cursinho.

Vanderlei Elias Nery foi o quarto entrevistado a compartilhar suas memórias e experiências sobre sua colaboração durante a passagem pelo Cursinho. Nas palavras dele mesmo “menino da periferia, filho de operários, que começou a trabalhar muito cedo”. Participou da militância do Partido dos Trabalhadores em São Paulo entre 1988 e 1994. Graduado em História, mestre e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Lecionou História no Cursinho, na rede pública estadual e no Ensino Superior. Atuou no movimento estudantil na Universidade. Foi um dos responsáveis por organizar a experiência de um cursinho pré-vestibular popular dentro da PUC-SP e, na época, como coordenador, e trazer essa pauta para ser encampada aos temas do movimento estudantil.

O quinto entrevistado foi Milson Teodoro, geógrafo (formado na PUC-SP) e professor, e que também testemunhou partes do processo do início do Cursinho na PUC-SP. Na entrevista, revelou e relembrou a importância dos aprendizados adquiridos por meio de sua formação acadêmica para momentos posteriores de sua vivência e atuação social. Teve suas primeiras experiências em sala de aula no Cursinho. Atualmente, trabalha como professor de Geografia da rede estadual na cidade de Taboão da Serra e é militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) na capital paulista.

Waldeir Moreno Rosa, último entrevistado, pôde contribuir com seu depoimento e colaborar na produção de informação a respeito da história de formação, constituição, implementação e resistência do Cursinho Popular dentro da Universidade. Este foi o sexto depoimento colhido e registrado. É a pessoa que mais tempo atuou no Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP, tanto como professor como interlocutor nas relações com a Universidade ao longo dos anos. Graduado em Geografia pela Faculdade São Marcos, ingressou na PUC-SP no curso de História, onde concluiu sua segunda graduação e cursou sua pós-graduação e defendeu sua dissertação em História Social. Atua como professor da rede estadual de São Paulo há três décadas.

A pesquisa é constituída por dois capítulos. Em ambos os capítulos, os depoimentos procuram construir a história do Cursinho, utilizando-se da História Oral,

por meio dos depoimentos das personalidades que construíram a história escolar e pedagógica do projeto, procurando atender aos objetivos propostos pela pesquisa.

CAPÍTULO 1 – AS PECULIARIDADES DO CURSINHO POPULAR DOS ALUNOS DA PUC-SP NO UNIVERSO DE CURSINHOS POPULARES

1.1 – EXPERIÊNCIAS POPULARES: A REDE EMANCIPA E O CASO DA UNESP

Entre as diversas experiências populares de pré-vestibular existentes, podemos destacar a Rede Emancipa. De acordo com Mendes (2011) a iniciativa “surgiu em 2007 por um grupo de ex-alunos e ex-membros da (AACP)¹¹, professores da rede pública estadual de Itapevi, estudantes universitários, entre outros interessados na proposta” (p.85), na região metropolitana da cidade de São Paulo. Atualmente, a Rede possui cursinhos nas cinco regiões do país (Pará, Rio Grande do Norte, Brasília, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, com destaque para o estado de São Paulo onde existem mais unidades¹². Outra fonte importante para conhecer mais a respeito da Rede Emancipa é o *Caderno de Formação de Educadores Populares*, produzido em 2019, composto por textos de seus participantes, por seus princípios educacionais e propostas para formar novos núcleos¹³. Segundo Castro (2019), a Rede se constitui em um:

Movimento social de cursinhos populares, que produz por meio de suas ações, múltiplos espaços sociais de luta e resistência acerca do acesso ao ensino superior e de questões relacionadas aos lugares em que se localizam seus cursinhos populares (p. 267).

Em relação às características particulares presentes nos cursinhos da Rede, o autor destaca:

Na maioria dos cursinhos populares é a do batismo do cursinho com o nome de um importante lutador contra as desigualdades e injustiças no Brasil e no mundo. Trata-se de uma reafirmação da memória dos que dedicaram a vida às causas coletivas, pela justiça e liberdade (p. 267).

¹¹ Esses integrantes da AACP – Associação de Amigos do Cursinho da Poli – se desvincularam da associação porque, segundo Mendes (2011), no ano de 2006, aconteceu uma divergência entre a direção do movimento “pois parte desejava que o Cursinho da Poli impulsionasse um movimento social de cursinhos. Isso acabou gerando uma divisão entre o Grêmio Politécnico e o movimento onde uma parte se constituiu em um movimento de cursinhos na periferia de São Paulo, surgindo a ideia da Rede Emancipa” (p. 83).

¹² Informações disponíveis na publicação *Emancipa: 10 anos educando para a liberdade*. Disponível em <https://linktr.ee/redeemancipa>. Acesso em 08 out. 2023.

¹³ Informações disponíveis em <https://linktr.ee/redeemancipa>. Acesso em 08 out. 2023.

Pelo fato de ser uma rede que se espalha pelo país, existem estudos que abordam suas diferentes características e formas de atuação ao longo do Brasil. No que tange à questão dos professores, Castro (2019) destaca que são “voluntários e militantes, majoritariamente alunos ou ex-alunos da USP, ativistas do movimento estudantil ou seus simpatizantes” (p.322). A respeito dos espaços onde ocorrem as aulas, estes “são diversos (escolas públicas, sindicatos, igrejas, universidades, praças públicas)” (idem).

Em sua dissertação de mestrado, Mendes (2011) propõe um estudo de caso a respeito do Cursinho Popular Chico Mendes¹⁴ utilizando duas categorias conceituais para a sua análise: inclusão e emancipação, que são empregadas a fim de analisar as relações entre os cursinhos da Rede e a educação popular. A autora classifica a experiência como “um movimento social no âmbito da educação, que se propõe a lutar contra a elitização representada no vestibular, seja no plano individual, seja no combate a essas estruturas que geram essa elitização” (Mendes, 2011. p.110).

A pesquisa aborda também a importância do trabalho docente no processo de formação dos alunos. Mendes dá luz às vozes participantes do cursinho por meio de entrevistas, como quando nos mostra uma professora que destaca a questão da pessoalidade e da receptividade em relação aos estudantes: “a gente quer cuidar do coração daquele aluno, a gente quer de alguma forma sacudir aquele aluno para o dia dele, a gente incentiva o aluno, a gente motiva o aluno” (p. 105).

Ainda analisando as produções, entre artigos, dissertações e teses relacionadas aos cursinhos populares, outro estudo sobre a Rede Emancipa mostra que em Minas Gerais, mais precisamente na cidade de Alfenas, há uma pesquisa que aborda grupos de estudantes que atuam na Unifal¹⁵, em espaços que operam como ambientes de formação docente e de práticas pedagógicas, “focando suas práticas educativas não formais e informais e suas contribuições para a formação política de seus integrantes” (p. 3).

Groppo, Oliveira e Oliveira (2019) demonstram suas experiências como docentes da Rede Emancipa de Minas Gerais¹⁶ que atua, em linhas gerais, seguindo o modelo inicial proposto pela Rede em sua fundação. Ainda a respeito do Emancipa Minas Gerais, os autores destacam que os núcleos da “Rede Emancipa Minas, funcionam largamente como cursinhos autogestionados por militantes, particularmente

¹⁴ Localizado na cidade de Itapevi/SP.

¹⁵ Universidade Federal de Alfenas, fundada em 3 de abril de 1914, foi federalizada em 1960.

¹⁶ Coletivo formado por estudantes da Unifal.

na coordenação, com níveis diversos de adesão à pauta política pelo corpo docente e discente” (p. 20). Também descrevem o surgimento dos estudos sobre cursinhos populares e as práticas pedagógicas desenvolvidas, destacando que “trata-se de um campo com múltiplos atores e diversas experiências, que nem sempre cabem perfeitamente na proposição mais aceita, que combina o pedagógico e o político” (p. 5). Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de relatos e depoimentos fornecidos por entrevista com docentes e discentes do cursinho em Alfenas.

Outro estudo de caso também relacionado à Rede Emancipa, do estado do Pará, foi produzido na Unifesspa¹⁷ (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) e descreve a atuação da Rede por meio da ação dos docentes do cursinho na interação e formação dos seus estudantes. Neste caso particular, o cursinho faz parte de um programa de extensão da própria universidade. O programa é intitulado Cursinho Popular Emancipa: Movimento de Educação Popular. De acordo com Aragão *et al* (2015):

Este programa tem como objetivo criar espaços de discussão e prática social destinados à juventude secundarista e universitária. Isso é estimulado a partir de necessidades diferentes, mas que se cruzam: o acesso ao ensino superior e o estímulo à docência. Assim, há a contribuição ao acesso ao ensino superior de estudantes oriundos de classes populares e à prática da docência pelos alunos dos cursos de licenciatura. Esse processo formativo, vivenciado pelos acadêmicos e estudantes do ensino médio, baseia-se na ação solidária entre jovens, estando fortemente fundamentada na concepção da educação popular de construção de sujeitos construtores de sua história (p.85).

Como afirmam os autores do texto, a Rede Emancipa do Pará vem, desde 2013, promovendo ações que visam integrar seus alunos e professores a atuarem diretamente em questões sociais de sua região, como afirma Aragão (*idem*):

Em Marabá, no Pará, o Cursinho Emancipa incentivou alunos e professores a participarem dos atos debatendo a conjuntura política, para que eles refletissem sobre as pautas das manifestações e compreendessem suas realidades e a necessidade de organização para reivindicar (p.88)¹⁸.

¹⁷ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, fundada em 5 de junho de 2013.

¹⁸ Estes atos estavam relacionados ao congelamento da tarifa do transporte urbano em Marabá-PA.

Conforme mencionado anteriormente, durante o final dos anos 1990, foram surgindo novas ideias de cursinhos populares, como os criados nos *campi* da Unesp, em diferentes regiões do estado de São Paulo. Segundo Castro (2019), estes acabaram por se unir em meados dos anos 2000 e passaram a discutir um problema comum a todos: a falta de incentivos financeiros e formas de resolver essas deficiências. Sua estrutura passou a contar com auxílio institucional e com uma parceria com a Secretaria de Ensino Superior do Estado de São Paulo. Em 2008, como aponta Camargo (2011):

A SES repassou, então, R\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil de reais) para que a UNESP investisse em seu programa de cursinhos populares. O convênio foi assinado por um ano, atendendo, em 2008, a 26 cursinhos da universidade. Porém, neste ano, existiam 29 cursinhos na UNESP (PATIRE, 2008), sendo que, segundo a Pró-Reitora, esta diferença se dá pelo fato de o convênio com a SES não ter sido estendido aos projetos que já tinham outros parceiros. No caso, os três cursinhos com parcerias já estabelecidas eram da unidade de Araraquara (p.34).

Esses cursinhos, neste caso, passaram a funcionar como parte de programas de extensão universitária. Os alunos que lecionavam eram contemplados com uma bolsa da própria universidade. Camargo (2011) aponta que isso deveu-se “provavelmente, ao fato de muitos cursinhos, anteriormente ao convênio, possuírem em seu corpo docente grande parte de professores (alunos) voluntários, que passaram, após sua assinatura, a receber Bolsa de Extensão Universitária” (p. 36).

Apesar de não existir registros de um contato direto do Cursinho Popular da PUC-SP com a Rede Emancipa, podemos destacar algumas semelhanças. Entre elas, está a questão da inspiração do professor Paulo Freire na importância que se dá ao trabalho docente e a função de ensinar e aprender; proporcionar espaços e oportunidades para graduandos experienciar a prática docente e ambos fazerem parte da Frente de Cursinhos Populares.

1.2– A CONJUNTURA DA PUC-SP

A história do Cursinho está entrelaçada com a história da PUC-SP. O período abordado por esta pesquisa nos mostra uma instituição que passa por diversas situações conflitantes, entre seus gestores, funcionários administrativos, professores e alunos. Entre o período abordado pela pesquisa, a Universidade teve dois reitores, Antonio

Carlos Caruso Ronca (1993 a 2004) e Maura Pardini Bicudo Veras (2004 a 2008). Durante essa época foram muitas negociações e contornos para que o Cursinho pudesse se manter e funcionar.

A PUC-SP ao longo do período desses dois reitores se encontrava no meio de processos de mudanças e conflitos internos nos quais é possível citar alguns, tais como questionamentos a respeito de dívidas contraídas; planos de carreira de professores e funcionários; campanhas salariais; terceirização dos serviços gerais e demissões de trabalhadores de áreas, como limpeza e segurança com a escusa para conter gastos; demissões de professores e funcionários; recontração de parte das pessoas demitidas; negociações com o movimento estudantil a respeito da matrícula de estudantes inadimplentes, redução do preço das mensalidades para os cursos de graduação, revogação das bolsas de estudo doação¹⁹ na modalidade integral; ocupação do prédio da Reitoria e; proibição de realização de festas no Pátio da Cruz.

1.3 – O MOVIMENTO ESTUDANTIL “PUQUIANO” E O Neafro

O movimento estudantil possui uma enorme importância na atuação dentro da Universidade, preocupando-se em abordar e se engajar em questões importantes na sociedade e para os estudantes, nos âmbitos geral e local. É preciso deixar claro que, por ser uma instituição privada, existem demandas particulares no universo da PUC-SP.

Nossos colaboradores compartilham, por meio de seus depoimentos, passagens importantes para a pesquisa nessa busca pelo registro da história do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes, como o coletivo da Universidade, o Neafro, tão importante quanto o movimento estudantil da PUC.

Parte das falas mobilizadas aqui possibilitam essas constatações. Vanderlei Nery nos mostra de que forma a atuação no movimento estudantil ocorreu desde seu ingresso na PUC-SP:

Em 91 eu me tornei uma das grandes lideranças do movimento estudantil da PUC. Isso tem registro, a Reitoria e professores reconhecem até porque eu não estava sozinho e tinha muita gente, na verdade, eu acredito que em 91 conseguimos resgatar o movimento estudantil em São Paulo. Nós ajudamos inclusive, a refundar a UEE (União Estadual Estudantil), eu e o Zé do CACS pelo que me lembro. Fomos diretamente responsáveis pela refundação da

¹⁹ As bolsas de estudo oferecidas pela PUC-SP para estudantes da graduação eram de dois tipos: doação, onde o beneficiário não precisaria pagar a Universidade após sua graduação e a bolsa restituível, em que havia uma porcentagem no desconto da mensalidade, mas que o beneficiário assumia o compromisso de pagar a diferença após sua graduação. Por experiência própria, obtive um desconto de 70% da mensalidade no último ano e meio do tempo que restava para completar a graduação e começar a pagar um ano após formado.

UEE e cometemos o erro de não assumir a UEE, aí o PC do B foi lá e “abocanhou”, até porque eu não tinha pretensão política como não tenho até hoje. Então, a reconstrução da UEE tinha a ver com a luta do movimento estudantil e não com ocupar espaço político, no sentido de ter cargo e essas coisas.

O professor Luiz Carlos, ao abordar essa questão, enfatiza a importância do Neafro como o principal norteador da criação do Cursinho, já que a ideia nasce a partir de reuniões feitas dentro do coletivo, e nos mostra sua relação com o ME do período.

Tem duas coisas que são importantes, que vão dar o norteador. Primeiro: a gente tem sim o movimento estudantil até porque éramos todos estudantes, não estávamos ligados a nenhuma entidade estudantil, nem a um partido porque tínhamos gente de todos os partidos que estavam ali, tinha gente que não era de partido nenhum, tinha social-democrata, tinha tudo... de todo lado, era uma grande salada. Mas, eu vejo, principalmente, o norteador foi o movimento negro, tá? Não foi o movimento estudantil, mas foi o Neafro. O Neafro foi o norteador porque nas nossas primeiras reuniões, nossas primeiras discussões, elas se dão a partir do movimento negro que tinha dentro da PUC, você entendeu? O movimento estudantil ele vem agregar no decorrer porque quando o movimento negro, o Neafro, fala “vamos criar o cursinho vestibular”, nós saímos dessa reunião e vamos aí sim falar com o movimento estudantil e com os centros acadêmicos, entendeu? Como o movimento negro estava muito mais ligado ao CACS, que é o Centro Acadêmico de Ciências Sociais, e daí fomos procurar a Filosofia, fomos procurar o Jornalismo, fomos procurar os Centros Acadêmicos e aí sim entra o movimento estudantil. A gestação do Cursinho se dá dentro do movimento negro, tá? Só que não dava para o movimento negro, sozinho, conduzir e como nós tínhamos uma ligação do movimento negro com o centro acadêmico, então insere o movimento estudantil e aí que a coisa cresce. A gente trabalhou muito ali, nós: PUC, juntos! E aí descemos para buscar o movimento estudantil da USP, descemos para buscar o movimento estudantil na Consolação, no Campus da Marquês e aí a gente começa a entrar em contato com outros grupos, que estão ligados a centros acadêmicos, que tinham e que queria participar dessa proposta. Então, são esses dois norteadores.

Waldeir relembra também a questão da importância do Neafro para o Cursinho e o momento em que a gestão do CACS encampa a ideia para dar continuidade ao projeto de um pré-vestibular na Universidade.

Eu era tesoureiro, veja só, o Francisco era o presidente e o Roberto Rodrigues o vice-presidente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Um dia, estou eu e o Francisco conversando e já estava em formação o cursinho do Neafro, lembra do cursinho? O cursinho do Neafro tinha um problema e sérias questões. Nesse dia que estava eu e o Francisco conversando, o Roberto Rodrigues entra lá no centro acadêmico falando “Chiquinho e Waldeir, o cursinho lá rachou. Vamos trazer o cursinho pra cá?”. Eu disse sim e o Francisco também. Depois disso começamos a nos mexer, isso em maio mais ou menos.

Na memória de Vanderley, também vem à tona na relação entre o Neafro e o movimento estudantil.

Tinha um movimento negro na PUC que começou um debate sobre um cursinho para negros e isso chegou no CACS e pensamos que era melhor fazer um cursinho para alunos da escola pública, porque a maioria dos negros

estão na escola pública. Acho que foi assim, porque estava eu, Chupim, Amaílton, a Rute que é diretora de escola em Itaquera, a Débora Gullar que hoje é professora da Federal de Guarulhos e ela está fazendo pós-doutorado em Paris e acho que o Michel estava também. Eu acho que teve alguma coisa a ver com a discussão do pessoal do movimento negro na PUC e no CACS a gente acabou fechando ser para alunos de escola pública.

Em relação à questão da participação de outros centros acadêmicos, Luiz Carlos ressalta a importância da sua união à implementação e ao sustento no apoio para o funcionamento do Cursinho, encampado por pelo movimento.

O que deu sustentação dentro da PUC e que criou essa rede de relação foram os centros acadêmicos. Ele fazia a relação entre nós da coordenação, se você pegar toda a documentação você vai ver que da coordenação você tem uma boa base das Ciências Sociais, mas também tem gente de outros cursos, do Jornalismo, dos outros...

Ainda a respeito da atuação do movimento estudantil puquiano e suas demandas específicas, Vanderley especifica um problema comum e que muitos estudantes da PUC-SP enfrentavam e ainda enfrentam há muitos anos: a dificuldade de pagar a matrícula, a mensalidade ou até mesmo de obter uma bolsa de estudos da própria Universidade que garanta a sua permanência enquanto graduando. Sobre isso, ele se recorda e compartilha:

A gente ocupou a Reitoria, eu participei de pelo menos cinco ocupações. A gente ocupou a Fundação São Paulo, os caras não imaginavam. A gente negociava mensalidade e fazia os caras baixar o valor. Conseguimos a bolsa restituível ou bolsa doação que durou anos na PUC. A gente criou uma ficha para selecionar os alunos que podiam receber bolsa e a Reitoria passou a adotar nossos critérios, eu e o outros passava em reuniões da Reitoria para negociar. A gente não tinha braço para estatizar a PUC, mas não sei se você sabe, durante dois anos tomamos e dirigimos o Tuca, fizemos show do Tom Zé, do Gil, dos irmãos do Blues com Nasi. O movimento estudantil que era principalmente o CACS, o Direito, o Serviço Social, a Letras, a Economia, quando tinha a Leoa que era presidente da economia da FEA, a gente dirigiu o Tuca, que nem nos anos 70 a PUC viveu isso, entendeu?

Waldeir também destaca a resistência exercida pelos estudantes em sua militância na PUC-SP e sua postura perante as políticas da Reitoria:

Era de bastante resistência, né? Eram os estudantes todos reivindicando e questionando os valores todos que a PUC queria cobrar, reivindicando acesso e essa questão de a possibilidade de todo mundo ter direito a estudar. A PUC de alguma forma sempre criava algumas barreiras, mas no fim acabava concedendo. Com muita resistência e com muita valentia dos estudantes, chegando até a invadir a Reitoria, muitos faziam isso também com por conta das mensalidades caras que eles pagavam, mas tinha também a ideia do

Cursinho que contribuía junto com os estudantes, né. Era a própria resistência dos estudantes para uma escola comunitária, como se dizia a PUC.

Cabe ainda ressaltar e mostrar que havia uma grande diversidade e representatividade na composição desse movimento estudantil, inclusive das pessoas que também aturam junto ao Cursinho, como observa Vanderley:

Tinha muita gente de classe média/alta envolvida no Cursinho e que se dedicou e deu aula. Nós conseguimos alunos da USP que vieram dar aula com a gente, então tinha muito aluno de classe média/alta tanto da USP quanto da PUC, mas que tinha essa visão doar um pouco do tempo para quem não tinha as mesmas condições. Então, era uma mescla desse pessoal mais solidário, outros com a visão mais classista e outros com a visão étnico-racial, acho que era uma mescla de tudo isso.

Essa diversidade também se fazia presente na diferença que havia entre os próprios estudantes e os cursos aos quais pertenciam. A diferença social era nítida:

A gente via uma grande separação ali entre os cursos na PUC. Então tinha o Direito, a FEA (Faculdade de Economia e Administração) e lá do outro lado tinha o Jornalismo, mas o Jornalismo também colaborava muito com o CACS e o próprio Cursinho, e tinha essa ideia de resistência mesmo né.

A força do movimento estudantil da Universidade demonstrou seu tamanho e sua importância quando parte de seus representantes se encontraram com Dom Paulo Evaristo Arns, descrito por Vanderley:

Mas de 1990 a 2000 nós seguramos a onda e enfrentamos a igreja. Nós tivemos uma reunião com o Dom Paulo, agora que eu lembrei e eu me sentei do lado dele, foi muito louco. Ele “meninos, tenham paciência e tal” todo democrático. Eu sou ateu então pra mim eu estava conversando com mais um, conheço a trajetória dele e tal, mas foi um barato. Estava eu, ateu e mais alguns. Mas por causa disso, pelo “gigantismo” que o movimento da PUC chegou, nós fomos convocados pelo Dom Paulo para conversar lá na Cúria, em Higienópolis, só para dar uma dimensão do que foi o movimento estudantil nos anos 90 na PUC.

O professor Waldeir também se recorda do valor das mensalidades cobradas pela PUC-SP nos tempos em que Dom Paulo estava por lá. Negociando as questões que tratavam dos preços das mensalidades e, conseqüentemente a permanência de alunos pobres e da classe trabalhadora que podiam pagar os preços praticados até então.

Por que em 95, enquanto estava Dom Paulo Evaristo Arns lá, por exemplo, os valores da mensalidade eram interessantes, não era uma coisa de outro mundo. Eu mesmo não pensava em outra possibilidade a não ser pagar aquela mensalidade de 95, mais que aquilo eu não teria condição. Mas depois os

valores foram subindo gradativamente e a gente vendo que se não tivesse uma luta e uma resistência, se não tivesse um embate para dar uma freada nisso e discutir, a gente vai estar fora daqui. E até quando a gente vai deixar isso ocorrer, vai deixar isso ao prazer de quem administra, de quem toma conta da universidade? A própria igreja católica, que fazia questão de dizer que era uma universidade comunitária; então, vamos trazer a ideia da universidade comunitária de fato.

1.4 – O CURSINHO E A PUC-SP

O ano de 1997 marcou o início das atividades do Cursinho na PUC-SP. A Universidade assume uma postura e um discurso no intuito de inibir ou até mesmo de proibir que o projeto pudesse ser posto em prática. A postura da Reitoria fica evidente tanto na fala de Waldeir, na qual se recorda do valor que seria cobrado pelo uso das salas, e da quantidade de candidatos que apareceram para as inscrições.

Uma das coisas que aconteceu, nós pedimos as salas de aula para a PUC, fizemos essa reivindicação e a PUC negou essa concessão a princípio. Ela disse que até concedia as salas de aula, mas somente se a gente pagasse um valor de aluguel que na época era R\$ 600,00. Eles falaram que poderiam ceder o espaço, mas em troca de cobrar o valor de aluguel. Mas aí a discussão era a seguinte com eles: o curso era gratuito, os alunos não iam pagar nada. De onde é que a gente iria tirar dinheiro para pagar aluguel na PUC? Quer dizer, nós tomamos o espaço, acabou acontecendo isso. Levamos 600 alunos, mas tiveram 2.400 inscritos, né?

Uma observação em relação ao perfil dos estudantes do Cursinho que viriam a frequentar a universidade aos sábados, que Waldeir destaca:

Todo ano tinha um problema, todo ano precisava mandar, vinha alguma resposta sempre com alguma coisa mais complicada e demorou bastante tempo para a PUC aceitar a ideia do Cursinho dentro da Universidade. Até porque a gente precisou provar que os alunos eram pobres, mas não iriam lá para roubar ou fazer outra coisa a não ser para estudar. Na verdade, isso levou um tempo para a Universidade entender.

Ainda a respeito do perfil dos estudantes do Cursinho uma recordação importante de Vanderley:

A ideia mesmo era a gente focar na escola pública da periferia. Do pessoal fazia que inscrição e 90% era negro. O povo da PUC, que não gostava da gente, ficava louco. Queríamos os alunos da classe trabalhadora. E hoje posso afirmar depois de ler Clóvis Moura e outras pessoas que não tinha lido, a classe operária brasileira é negra então estávamos corretos na época. Do ponto de vista do Marx, eu sou marxista, nós estávamos corretíssimos porque queríamos os filhos da classe trabalhadora no “nosso cursinho”, se assim podemos chamar, sabendo que a maioria eram de negros como eu.

Em 1998, a coordenação do Cursinho busca apoio junto aos alunos da graduação ao fazer circular um abaixo-assinado intitulado “Pelo acesso à Universidade” apresentando o pré-vestibular e seu trabalho.

Pelo acesso à universidade

Diante da inoperacionalidade do sistema público de educação, um grupo de alunos e ex-alunos da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, idealizou um curso Pré-vestibular com o objetivo de suprir as necessidades e deficiências dos alunos vindos da rede pública. Percebendo a justeza do projeto, vários alunos de outros cursos da PUC-SP e da USP se juntaram ao grupo inicial para viabilizar o projeto piloto, que no ano de 1997 contava com uma metodologia diferenciada e oferecia 400 vagas destinadas exclusivamente aos alunos da rede pública.

Os resultados foram extremamente positivos, com apenas dois meses de curso, vários de nossos alunos conseguiram ser aprovados em diversas faculdades e universidades, inclusive na própria PUC-SP.

Com as experiências que acumulamos no ano passado, reestruturamos o curso, e este ano pretendemos começar as aulas no dia 9 de maio, oferecendo assim, um curso com muito mais qualidade. No entanto, estamos enfrentando sérios problemas com a reitoria da universidade, que não quer ceder o espaço necessário para que o curso continue funcionando.

Esta situação, demonstra a contradição que existe entre o discurso pregado pela reitoria, e suas ações. É realmente muito bonito dizer: "Somos uma universidade voltada à comunidade, e estamos sempre atentos aos problemas sociais que a afligem", mas quando se trata de enfrentar estes problemas de frente, a nossa reitoria se mostra omissa e tira o corpo fora.

Sem dúvida nenhuma, hoje um dos grandes problemas do nosso país é o tratamento que vem sendo dado à educação. Pois bem, temos em nossas mãos a oportunidade de resolver uma parte ínfima desse problema, mas que poderá gerar agentes que darão continuidade a este tipo de trabalho, e quem sabe um dia conseguirão eliminar o problema por completo. Junte-se a nós. Participe do curso e nos apoie através desse abaixo assinado.

Figura 6 – Abaixo-assinado (acervo Cursinho)

Ao mesmo tempo, podemos observar na carta assinada pela professora Vera Neves e endereçada à VRAC na qual deixa claras as exigências da PUC e, dessa forma, reforça a fala do entrevistado.

À ASSESSORIA DA VRAC
DE PROF.ª VERA NEVES

Em relação a correspondência referente ao projeto piloto de cursinho pré-vestibular do centro acadêmico,

considero que a iniciativa e preocupação é realmente louvável, desde que seja totalmente assumida pelo C.A. pois qualquer envolvimento da Universidade poderá provocar danos morais e materiais, talvez irrecuperáveis.

Lembramos que na Universidade a responsabilidade pelo ensino é da Reitoria, sob encargo direto da VRAC, das Direções das Faculdades, dos Chefes de Departamento, Coordenadores de Curso e dos Professores da PUC, propriamente ditos.

Enfatizamos também a questão ética, tendo em vista que a Universidade tem uma Coordenadoria de Vestibular e Concursos, em parceria com outros cursos universitários.

Aproveito a oportunidade para esclarecer que não é possível, em momento algum, empréstimo de equipamentos do Audio- Visual, pelo custo que isto representa, pois são aparelhos caros que com o mau uso, quebram-se com facilidade, queimam-se lâmpadas especiais e exigem uma manutenção muito cara. Não podemos dispor destes aparelhos para atividades imprevistas sob pena de sacrificar as atividades acadêmicas correntes.

Lembro ainda, que nossos funcionários sempre acompanham até a devolução, todos os equipamentos, o que implicará em pagamento de horas-extras, hoje proibidas por contenção de despesas.

Quanto à cota de xerox, transparências e transporte, concordo com o encaminhamento feito por V.S.ª

Em relação ao uso das salas, creio que poderíamos estudar uma taxa a ser cobrada, por se tratar de atividade completamente desvinculada da Universidade.

Informo também que os espaços da Universidade são alugados para Congressos, Concursos de Seleção e Vestibulares, conforme rigorosa agenda de

* funcionários de despesas a fazer no curso
20 minutos

Figura 7 – Ofício – Reitoria x Cursinho – 1997 (acervo Cursinho)

Organizado por estudantes universitários e voltado a alunos de baixa renda, o Cursinho não possuía nenhuma forma de receita financeira e segue dessa forma até os dias atuais. O dinheiro arrecadado era proveniente de alguma atividade cultural, como festas realizadas nos espaços da Universidade, mais precisamente no Pátio da Cruz ou na Prainha.²⁰ Nesta sequência documental, podemos observar que a Universidade procurava inibir a realização de determinadas atividades, sejam quais fossem seus objetivos ou motivações.

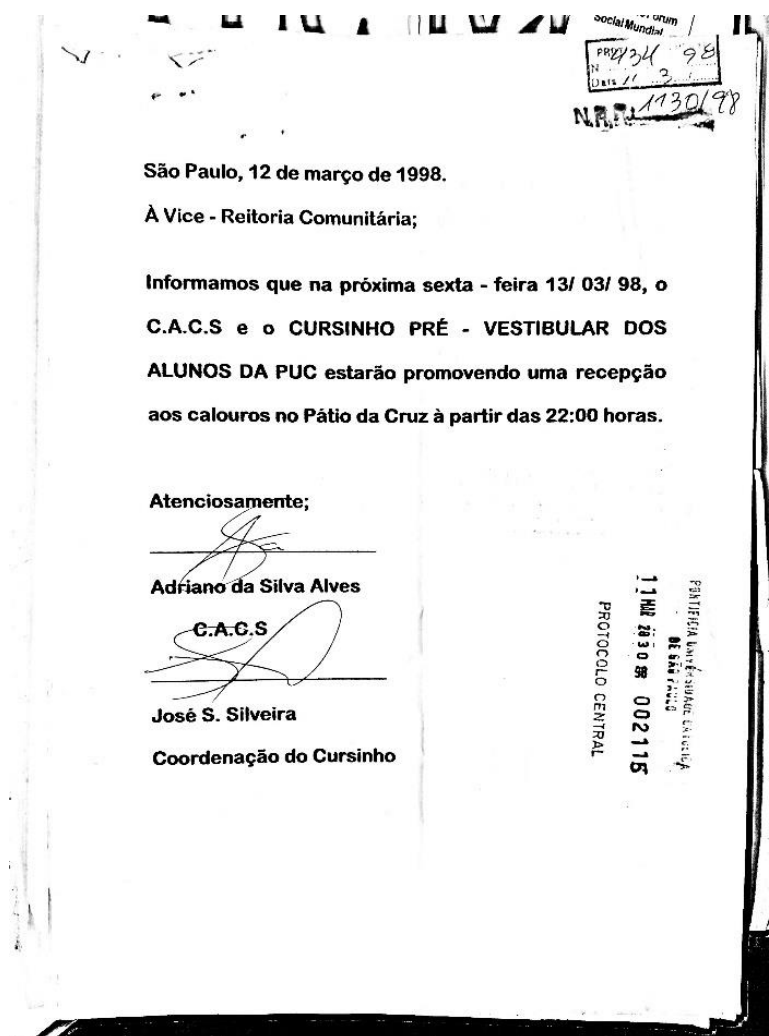


Figura 9 - Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

²⁰ Ambos os espaços estão no *campus* Monte Alegre. O Pátio da Cruz fica na área interna do Prédio Velho e a Prainha é o espaço que separa o Prédio Velho do Prédio Novo na PUC-SP.

do CACS ao Currículo
 Pré-vestibular dos alunos
 da PUC,
 Informamos que as
 festas continuam proibidas.

SP, 12/03/98

Maria Celina Zaner
 Diretora Maria Celina de Oliveira C. Zaner
 Vice-Reitora

11 5083 00110

Figura 10 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

3 - ~~convite~~ e
 - ~~informante~~

3.1 * atividades 1998/22 / cursinho
 P/BcBidas
 18:00 / 16/3

3.2 * atividade com o povo do município

3.3 * Férias a eles - os nos intervalos
 vinda das reuniões com eles

3.4 * montar uma lanchonete
 pro. cursinho

4 - Bônus - Fim de semana - Acad. para
 18/00 - 18:00 - 0000

5 - Fim de semana - 0000 e Projeto
 de ~~convite~~ - composição e ~~para~~
 distribuição

* * Reunião
 14/03 - 18:40

Figura 11 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

- * R\$ 2480 → 21/03 ...
- * ~~ata~~ como foi a festa
- * o nosso papel
- * Bônus
- * Amizadeira dos anos

α

CNA / 22 e cursinho
 * hepnische
~~coordenadora~~ ⇒ JUNIOR
 coordenadora
 ① → Regina
 JUNIOR
 Choppin
 Andrea
 FATIMA

 ② → → conta
 Choppin
 FATIMA

Figura 12 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

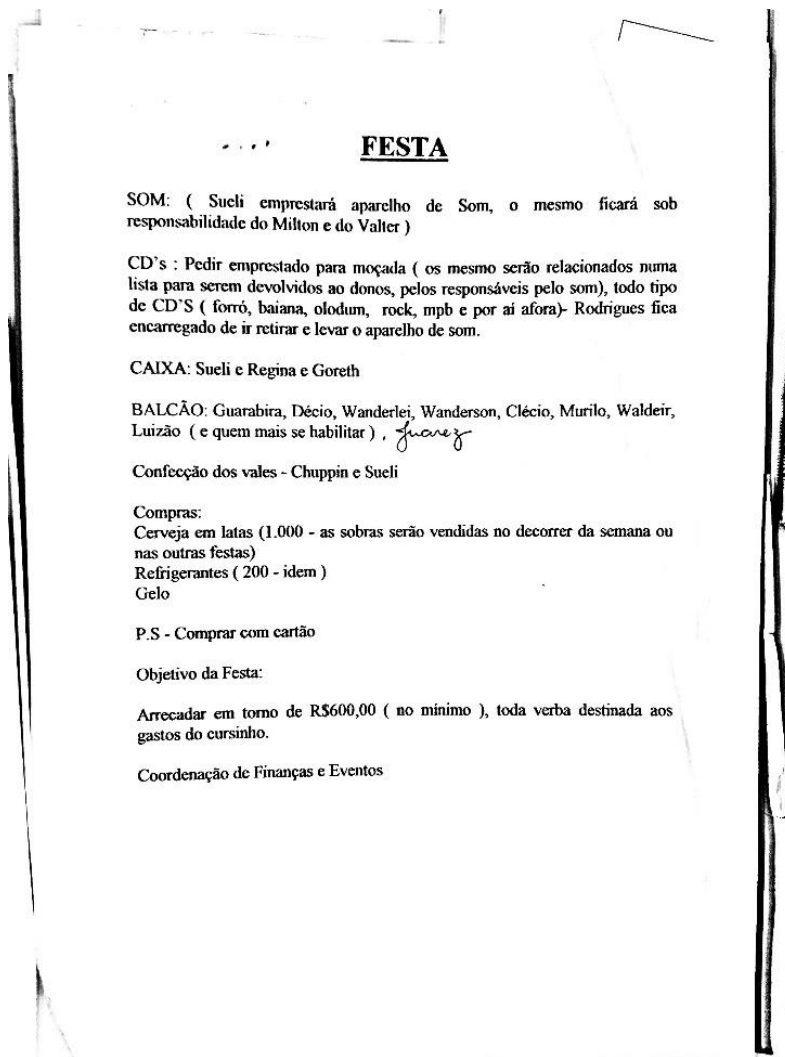


Figura 13 – Ofício – Reitoria x Cursinho – realização de festa – 1998 (acervo Cursinho)

Durante esse período, os responsáveis pelo pré-vestibular tentaram de várias formas “regularizar” sua situação na PUC-SP. Em 1999, a coordenação do Cursinho encaminhou um documento intitulado “Projeto Pré-vestibular – 1999” para a Reitoria, na figura da Vice-reitora Acadêmica, professora Sueli Cristina Marquesi, para que ela encaminhasse à Comissão de Ensino do Cepe.²¹ Entregue em junho do mesmo ano e recebido no mês de agosto pela vice-reitora, foi encaminhado ao Conselho no mesmo mês. O parecer avaliativo com a resposta da Universidade em relação à viabilidade do Projeto pela Comissão de Ensino foi entregue em dezembro. O professor Fernando Torres-Londoño, presidente da Comissão, é quem assina o documento.

O professor Fernando observa que o projeto é uma iniciativa louvável devido ao “enfoque social” que apresenta, mas deixa como sugestão “que a PUC-SP não se

²¹ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da PUC-SP.

comprometa academicamente” e aponta as duas possibilidades elencadas pela comissão que diziam que “o projeto poderia ser enviado à Vice-reitoria comunitária ou à Comissão de Extensão, pelo caráter de prestação de serviço”. Podemos observar, ao fim do parecer, que a comissão considerava que “o projeto não acarretaria ônus e nem prejuízos à Universidade.” No verso do parecer podemos ler o despacho da professora Sueli Marquesi encaminhando a questão à Vice-reitoria Comunitária.

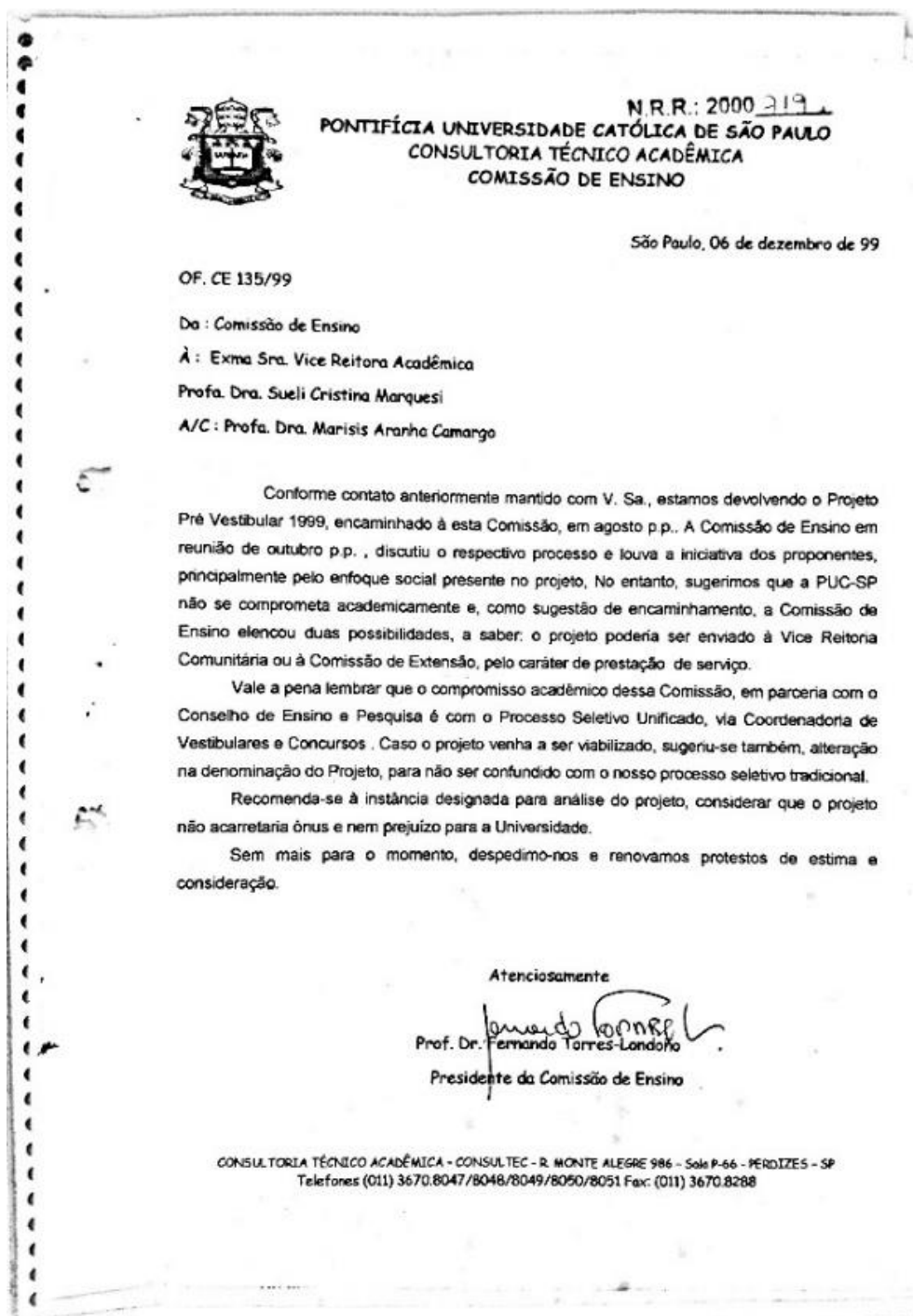


Figura 15 – Ofício - Cepe x Reitoria – Projeto 1999 (acervo Cursinho)

A Comissão destaco a importância

A
 VACOM
 Prof. Antônio de Souza e Silva

Dada a natureza do curso em questão e considerando o parecer do Sr. Presidente da Comissão de Ensino, encaminho o processo para sua análise e encaminhamento na Vice-Reitoria Acadêmica.

SP 14/2/00

[Assinatura]
 Prof. Dr. Sueli Cristina Marquesi
 Vice-Reitora Acadêmica

Figura 16 – Ofício - Cepe x Reitoria – Projeto 1999 (acervo Cursinho)

São Paulo, 01 de junho de 1999

Senhora Vice-Reitora,

Vimos solicitar a V.Sa. o envio deste projeto à Comissão de Ensino do CEPE, para análise e encaminhamento.

Desde já agradecemos, colocando-nos ao seu inteiro dispor para quaisquer outros esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,
[Assinatura]
 Prof. Carlos Roberto dos Santos

Ilma. Sra.
 Prof. Dra. Sueli Cristina Marquesi
 D.D. Vice-Reitora Acadêmica

De ordem da Sra.
 Vice-Reitora Acadêmica,
 encaminho ao Sr. Presidente da Comissão de Ensino do CEPE.

[Assinatura]
 Prof. Dr. Sueli Cristina Marquesi
 Vice-Reitora Acadêmica

RECEBIDO
 13 JUN 1999
[Assinatura]
 CONSULTAD/CEPE

Figura 17 – Ofício - Cepe x Reitoria – Projeto 1999 (acervo Cursinho)

No início dos anos 2000, os diálogos entre Cursinho e Reitoria, geralmente eram acordados com a Vice-reitoria Comunitária, nas figuras do vice-reitor Américo de Paula e Silva e da assessora da Vracon, a professora Maria Celina Nasser e ainda com a Vice-reitoria Administrativa (responsável por intermediar a reserva dos espaços físicos, como as salas de aula, utilizados na Universidade). A professora Maria Celina Nasser é lembrada em uma das memórias compartilhadas por Waldeir, que ilustra um pouco desse ambiente que a PUC-SP havia criado em torno da presença do Cursinho no espaço universitário. Neste trecho fica clara a proposta da Reitoria:

Sempre teve embate. Teve uma época que uma moça, eu não lembro o nome dela, acho que era Celina, ela chegou a arrumar a escola de samba Camisa Verde e Branco e conseguiu espaço lá para levar o Cursinho e eu falei que não. Ela era uma moça da Reitoria, na área do direito. Mas a ideia do Cursinho não era essa, porque a região já estava próxima à Marginal. Eu mesmo disse que não, mas não era só minha opinião que valia, então eu ia conversar com os meus amigos, mas eu tinha certeza de que ninguém vai aceitar porque a proposta do Cursinho é exatamente ao contrário. É trazer os alunos da periferia aqui para o centro, para a universidade. Ela disse “mas já tá tudo arrumado, tudo descrito, eles vão aceitar vocês e a quantidade de alunos vai aumentar” e eu respondi “não querida, eu preciso conversar lá com o pessoal do Cursinho, que ajuda a organizar, porque não sou só eu e tem muita gente. Tem o Roberto, o Francisco e é um coletivo enorme com muita gente”. Eu sei que isso acabou ali, nunca mais chamaram e ainda bem.

A Universidade dá sua resposta ao Cursinho de que “a Vice-reitoria Acadêmica não pode acolher um projeto em que não há comprometimento acadêmico da Universidade.” Podemos observar que a avaliação da Comissão de Ensino foi bem influente nessa resposta; e, ao mesmo tempo outros dois empecilhos, por parte de PUC-SP são colocados. Dessa forma, deixando bem clara a posição da instituição:



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

São Paulo, 07 de Abril de 2000

Of. R. N 158/2000
Da: Reitoria da PUC-SP
Para: Lindomar Alves de Oliveira
Germano G. Ribeiro
Elaine Muniz Pires

A Vice-Reitoria Comunitária vem acompanhando os trabalhos do “Cursinho Pré-Vestibular dos Alunos da PUC-SP”, desde o início. No momento, após parecer da Comissão de Ensino e encaminhamentos da Vice-Reitoria Acadêmica, temos a considerar que:

1. A Vice-Reitoria Comunitária não pode acolher um projeto em que não há o comprometimento acadêmico da Universidade;
2. Conforme consultas feitas ao DSAS, não há disponibilidade de salas, nem para as atividades já previstas pela Universidade;
3. O projeto apresentado acarreta questões trabalhistas que comprometem o seu desenvolvimento e a própria Universidade.

Desta forma, a Reitoria não tem condições de assumir a realização do projeto.


Prof. Américo de Paula e Silva
Vice-Reitor Comunitário

Figura 18 – Ofício – Reitoria x Cursinho – 2000 (acervo Cursinho)

Todo período inicial de atuação do Cursinho foi enfrentando e se adaptando às situações que a PUC-SP apresentava. Se não havia condição de ocupar as salas do Prédio Novo, buscavam-se solucionar esses contratemplos. Para contornar os obstáculos, aconteceram aulas nos corredores do curso de Jornalismo, como recorda Milson: “Inclusive, eu acho que a gente chegou a dar aula no corredor da Cardoso, se eu não me engano. Tenho quase certeza”, diz.

Em outra passagem do seu depoimento, quando fala a respeito do primeiro semestre de funcionamento em 1997 e das dificuldades encontradas pelo Cursinho para alocar os alunos em sala de aula, Milson relembra o seguinte:

E aí a PUC não queria ajudar em nada, né? Como sempre. E aí a discussão... Ela não queria que a gente fizesse aqui, tanto é que no primeiro dia de aula, eu lembro, falou: a gente vai chegar aqui e a gente vai ocupar. Já era invasor. Vamos ocupar aqui as salas e a gente vai dar aula é aqui. Aí não conseguimos fazer aqui no Prédio Nelho, a gente ocupou as salas do Prédio Novo.

O ano de 2000, por exemplo, foi bem conflituoso entre a PUC-SP e a coordenação do Cursinho, como mostra o documento a seguir. Apesar da resistência em abrigar e arrumar espaço para as atividades letivas, a PUC-SP acaba cedendo o espaço (pelo menos, no primeiro bimestre).

Por meio de contato com a direção da Faculdade de Ciências Sociais, na figura do professor Edison Nunes, a coordenação do Cursinho solicita retorno em relação aos pedidos feitos à Divisão de Serviços Administrativos (DSA) e com a direção do Tuca para a utilização dos espaços universitários. Os despachos e respostas dos setores administrativos nos mostram claramente que a PUC não estava inclinada a atender a essas solicitações.

N.R.R.: 2000 2025

São Paulo. 28 de Março de 2000

A/C Sr. Edson Nunes
Diretor da Faculdade de Ciências Sociais

1257-100
30.3.100

Prezado Senhor,

A Coordenação do Cursinho através de suas atividades, vem realizando o processo seletivo no qual participam 2000 candidatos para classificação de 400 alunos.

Dando abertura ao ano letivo em 29 de abril de 2000 e encerramento 02 de dezembro de 2000, pedimos uma especial atenção às solicitações a seguir, para um melhor funcionamento do Cursinho:

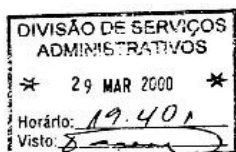
- 1) Informação referente ao andamento do "PROJETO" do Cursinho que foi enviado ao CEPE
- 2) Reserva de 11 salas com capacidade para comportar 400 alunos e a coordenação pedagógica, aos sábados entre 9:00 hs e 17:00 hs.
- 3) Tendo em vista que grande parte do material didático utilizado fica guardado nos Centros Acadêmicos, solicitamos a permissão de entrada na Universidade aos sábados à partir das 17:00 horas, aos coordenadores e professores (com cópias ao CVC).

Certos de sua compreensão, desde já agradecemos.

Lindomar Alves de Oliveira
Lindomar A. de Oliveira

Elaine M. Pires
Elaine Muniz Pires

Coordenação de organização do Cursinho Pré-vestibular dos Estudantes da PUC-SP. Contato através dos Centros Acadêmicos: CACS ramal: 8340 e CASS ramal: 8223



recebido em
29/03/2000
junior

Figura 19 – Ofícios – Cursinho x FCS (acervo pessoal)

Sr. Angela (DSA)

Informar eventual dis-
ponibilidade das salas
em um mesmo
bloco/ondas.

SP. 30/03/00

[Handwritten signature]

Reitoria Fundello
Gerente
Dir. Serv. Adm. e Supr.

SP. Danalda

Informamos
que não há
disponibilidade
de salas para
atender à soli-
cição

SM, 30/3/00

Angelo

Maria L. ... do Carmo Pinto
Secretária de Serviços Administrativos

A VRAC (Prof. Marisís)

Para ciência.

SP. 30/03/00

[Handwritten signature]

REG: 4.109.421

Figura 20 – Despachos da Reitoria (acervo Cursinho)

São Paulo, 28 de Março de 2000

A/C Sr. Edson Nunes
Diretor da Faculdade de Ciências Sociais

Prezado Senhor,

A Coordenação do Cursinho através de suas atividades, vem realizando o processo seletivo no qual participam 2000 candidatos para classificação de 400 alunos.

Dando abertura ao ano letivo em 29 de abril de 2000 e encerramento 02 de dezembro de 2000, pedimos uma especial atenção às solicitações a seguir, para um melhor funcionamento do Cursinho:

- 1) Informação referente ao andamento do "PROJETO" do Cursinho que foi enviado ao CEPE
- 2) Reserva de 11 salas com capacidade para comportar 400 alunos e a coordenação pedagógica, aos sábados entre 9:00 hs e 17:00 hs.
- 3) Tendo em vista que grande parte do material didático utilizado fica guardado nos Centros Acadêmicos, solicitamos a permissão de entrada na Universidade aos sábados à partir das 17:00 horas, aos coordenadores e professores (com cópias ao CVC).

Certos de sua compreensão, desde já agradecemos.

Lindomar Alves de Oliveira Elaine Muniz Pires
Lindomar A. de Oliveira Elaine Muniz Pires

Coordenação de organização do Cursinho Pré-vestibular dos
Estudantes da PUC-SP. Contato através dos Centros
Acadêmicos: CACS ramal: 8340 e CASS ramal: 8223

Diado em 28.3.2000

Silva

Figura 21 – Ofícios – Cursinho x FCS (acervo Cursinho)

São Paulo, 28 de Março de 2000

A/C Sr. Sérgio Resende
Diretor Geral do Tuca

Prezado Senhor:

Através desta, solicitamos o espaço do Tuca para o dia 29 de abril de 2000, no período das 9:00 às 12:00 horas para que possamos realizar a abertura do ano letivo do Cursinho dos Estudantes da PUC/SP.

Neste dia esperamos a presença de 400 alunos e, o Tuca é o espaço ideal por comportar adequadamente o nº referido, nos permitindo fazer a integração dos novos alunos com os professores e coordenadores do Cursinho.

Contando com a colaboração, agradecemos desde já.

Atenciosamente,

Lindomar Alves de Oliveira
Lindomar Alves de Oliveira

Elaine Muniz Pires
Elaine Muniz Pires

(Coord. de Organização do Cursinho Pré-vestibular dos Estudantes da PUC-SP). Contato através dos Centros Acadêmicos: CACS ramal: 8340 e CASS ramal: 8223.

Recebi em 28/3/00 às 20h.
por - Reitoria.
carta p/ Prof.º Americo..

Figura 22 – Ofícios – Cursinho x Tuca (acervo Cursinho)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
REITORIA

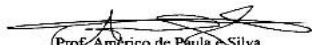
São Paulo, 07 de Abril de 2000

Of. R. N. 158/2000
Da: Reitoria da PUC-SP
Para: Lindomar Alves de Oliveira
Germano G. Ribeiro
Elaine Muniz Pires

A Vice-Reitoria Comunitária vem acompanhando os trabalhos do "Cursinho Pré-Vestibular dos Alunos da PUC-SP", desde o início. No momento, após parecer da Comissão de Ensino e encaminhamentos da Vice-Reitoria Acadêmica, temos a considerar que:

1. A Vice-Reitoria Comunitária não pode acolher um projeto em que não há o comprometimento acadêmico da Universidade;
2. Conforme consultas feitas ao DSAS, não há disponibilidade de salas, nem para as atividades já previstas pela Universidade;
3. O projeto apresentado acarreta questões trabalhistas que comprometem o seu desenvolvimento e a própria Universidade.

Desta forma, a Reitoria não tem condições de assumir a realização do projeto.


Prof. Américo de Paula e Silva
Vice-Reitor Comunitário

Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes - 05014-901 - São Paulo - SP - Brasil
Tsl.: (55-11) 3670-8443 - Fax: (55-11) 36708505
Homepage: www.pucsp.br

ECS

Figura 23 – Ofícios – Reitoria x Cursinho (acervo Cursinho)

No segundo semestre do ano 2000, a Vice-reitoria Comunitária (VRACOM) cede seu espaço para as aulas do Cursinho, exceto nas datas em que o espaço universitário seria utilizado para a realização de vestibulares, concursos e eleições. A partir daí, procurou-se articular com a direção do Colégio São Domingos, vizinho à Universidade, a cessão de salas para um período entre os meses de outubro e dezembro, para que os estudantes não ficassem sem local para suas aulas. Como podemos ver na resposta da direção do Colégio, não foi possível ceder espaço para o Cursinho naquela ocasião.

Parte das consequências desse ano conturbado podem ser observadas no ano seguinte.

São Paulo, 06 de outubro de 2000.

Vimos por meio desta, solicitar a esta instituição a utilização de salas de aula disponíveis, para estar comportando 150 alunos, nos dias, 28/10, 18 e 25/11, 02, 09 e 16/12.

Encaminhamos tal pedido, por que nestas datas as dependências da PUC-SP, local onde funciona o cursinho, serão utilizadas para outros fins, conforme anexo.

O Cursinho dos Alunos da PUC, fundado no ano de 1997, atende a estudantes das escolas públicas da periferia de São Paulo, não sendo cobrada nenhuma taxa financeira, o cursinho é gratuito. Enfatizamos que todo trabalho, docente e de organização, do cursinho é voluntário.

Sem mais para o momento, contamos com a colaboração de V.S^ª., agradecendo antecipadamente.

Atenciosamente,

VALDEMAR GOMES DE SOUSA JÚNIOR
Coordenação Geral

À
Ilm^ª. Sr^ª.
ROSELY MARIA SALIM
Diretora
Colégio São Domingos

Figura 24 – Ofício Cursinho x Colégio São Domingos (acervo Cursinho)



COLÉGIO SÃO DOMINGOS

ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÃO PAULO

Rua Usum, Algor. 2081 - 03011-001 - São Paulo - SP

http://www.sdomingos.com.br e-mail: sdomingos@kalldata.com.br tel/fax: 3676-0408

São Paulo, 10 de Outubro de 2000.

Ofício N° 069/2000

De: Colégio São Domingos

Para: CACS - Centro Acadêmico de Ciências Sociais

Em atenção a solicitação de V.Sa., é com pesar que não podemos atendê-los.
Nos dias indicados para utilização de salas de aula, nossa escola estará envolvida com atividades já previstas no Calendário Escolar.

Atenciosamente,


ASSOCIAÇÃO CULTURAL SÃO PAULO
COLÉGIO SÃO DOMINGOS
ROSELY MARIA SALIM
DIRETORA
RG. 3.161.363 - MEC 65.134

ncs

Figura 25 – Ofício Colégio São Domingos x Cursinho (acervo Cursinho)

O começo do ano de 2001 vem nos mostrar, por meio de relato da coordenação do Cursinho enviado à Vice-Reitoria Comunitária, uma consequência direta desses momentos proporcionados pelas aulas que não ocorreram no segundo semestre de 2000.

Quando a professora Sabrina foi lecionar no Cursinho Foco em 2006, ela se recorda a imagem que a Universidade possuía a respeito do Cursinho Popular a partir da fala da professora da PUC que a convidou:

“Eu sei que você dá aula em um cursinho aí e tal, a gente não gosta muito desse cursinho não”. Porque eles tinham uma imagem horrorosa, eles achavam que esse cursinho, o Cursinho Popular dos Alunos da PUC, era um Cursinho para fazer manifestação contra a reitora, né? Eles achavam que era do CACS, aliás, tem esse detalhe. Eles achavam que o Cursinho era do CACS. Na verdade, não era do CACS, era dos alunos das Ciências Sociais e de outros alunos que vinham de outras faculdades, só que como tudo acontecia no CACS, eles achavam que o Cursinho era uma promoção para ir contra a reitora e aí eu expliquei para ela: “não, professora. Não é isso. O Cursinho funciona assim, assado. Eu fui aluna do Cursinho, através do Cursinho que eu tô aqui”, então eu fui explicando para ela.

Ainda em relação à falta de conhecimento por parte dos idealizadores do Foco naquele período, Sabrina destaca que precisou desconstruir a imagem que tinham a

respeito do trabalho do Cursinho. A partir da imagem construída no imaginário desses professores do Foco, a professora Sabrina relembra:

Todo mundo! Todo mundo! A Yone, o padre, que era o coordenador, os professores tinham uma imagem horrorosa porque eles pintaram uma imagem, não sei da onde que eles tiraram, mas eles confundiam... Eu falava: “gente, não é do CACS, ele está no CACS”. Eles até perguntavam assim: “e se a gente conseguir um espaço para esse Cursinho? Vocês saem daqui?”. Eu disse: “demorou!”. O importante do Cursinho ser aqui é pela questão dos alunos conhecerem a faculdade, mas a gente não é do CACS. Inclusive, está no CACS porque a gente não tem espaço. Então, eles foram entendendo isso porque eu fui lá e desmistifiquei.

Inicialmente, para ajudar a manter o Cursinho em algumas necessidades estruturais básicas, a maneira utilizada para captar recursos vinha da cooperação entre o Cursinho e a gestão do CACS. Luiz Carlos recorda:

Tinha final de semana, de sexta pra sábado, de sábado, que a gente acabava mais cedo e vamos fazer festa no Pátio da Cruz, vamos arrumar cerveja, a galera vai beber, pegava uma grana porque a gente precisava de uma grana para pagar um negócio, para acertar uma coisa ou outra, mas era tudo aquilo: como conseguia? Você fazia um cardápio, comprava a cerveja, comprava os negócios, colocava, a galera vendia, pegava o que dava de lucro, comprava não sei mais o quê, do que estava precisando, pagava não sei o que... e assim a gente ia cotizando, né?! Era seis por meia dúzia sempre. Não tinha nada que sobrasse, mas era uma maneira que a gente tinha para fazer algumas coisas que a gente precisava, né? Muitas vezes faltava um material, faltava alguma coisa e a gente tinha que cobrir ou era a folha que foi dada porque não era obrigação e a gente não tinha, tinha que correr atrás e a gente fazia essas festas, né? Normalmente, na frente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais, vendendo uma cervejinha, isso e aquilo, né? Fazendo com que acontecesse, né? Era uma das maneiras, mas agora, a gente não tinha estrutura ainda, naquele começo, para sair com os alunos, para o extraclasse, o que a gente fazia, vou te dizer: era incentivar que ele procurasse além dali e aí a gente indicava.

Para complementar o depoimento acima, há também, disponível no acervo material do Cursinho, um panfleto de uma dessas festas.



Figura 26 – Panfleto festa (acervo Cursinho)

O Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP, ao escolher manter sua autonomia em relação à Universidade e não se envolver com qualquer quantia para remunerar seus professores ou cobrar qualquer tipo de mensalidade ou ajuda de custo ou manutenção para seus alunos, permitiu que continuasse atuando na época e permite sua existência até a atualidade. Mas como nos contou Waldeir, isso chegou a ser motivo de discussão entre a coordenação do Cursinho:

Uma parte queria e outra não, então nós vamos para a votação. E na votação acabou ganhando que não fazia sentido abriremos o CNPJ. Era tudo feito no voto e democraticamente. Era levado no grupo e decidido na votação. Ainda bem que sempre a proposta para não criar uma empresa legal, até porque não era uma empresa e sim um trabalho voluntário e espontâneo das pessoas que detinham conhecimento irem lá e sociabilizar o conhecimento com aqueles que não tinham condições de pagar um cursinho.

A conclusão para que o Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes continue com suas atividades ao longo de todos esses anos é o fato de não haver dinheiro algum de nenhuma instituição. Seja a própria PUC-SP ou qualquer outra.

Para concluir essa seção, que aborda as relações da Universidade com o Cursinho durante o período histórico escolhido para esta pesquisa, é importante registrar que, no mês de julho de 2015, o pré-vestibular foi impedido de exercer suas atividades no interior do *campus* Monte Alegre. O documento abaixo mostra de forma objetiva a visão que a Reitoria da época e a Pró-reitoria de Cultura tinham a respeito do Cursinho.

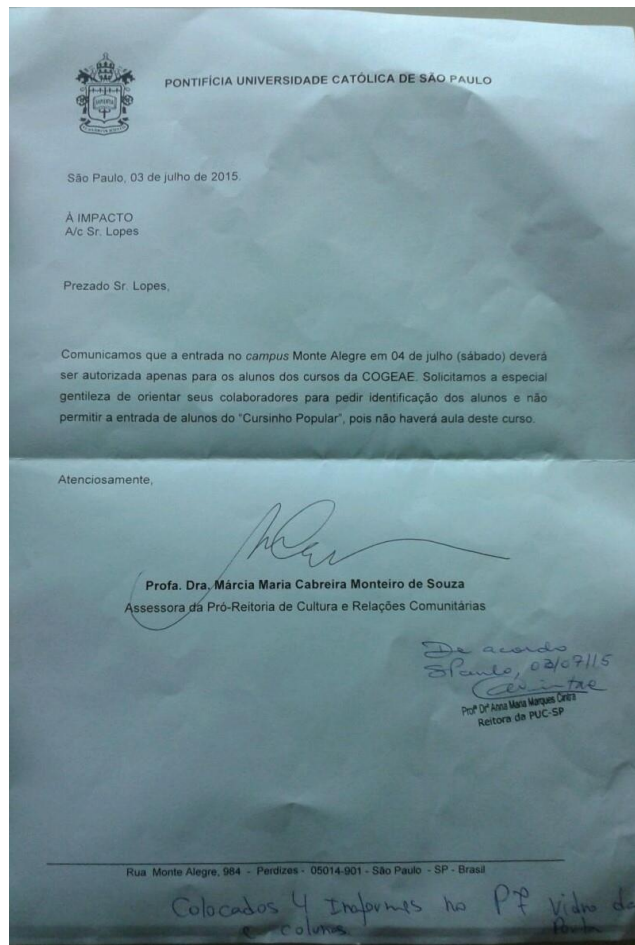


Foto 27 – Comunicado da Reitoria (acervo Cursinho)

Como observou Waldeir após tantos encontros com representantes da Reitoria:

Todo ano tinha um problema, todo ano precisava mandar, vinha alguma resposta sempre com alguma coisa mais complicada e demorou bastante tempo para a PUC aceitar a ideia do Cursinho dentro da Universidade. Até porque a gente precisou provar que os alunos eram pobres, mas não iriam lá para roubar ou fazer outra coisa a não ser para estudar. Na verdade, isso levou um tempo para a universidade entender.

A (re)sistência do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes no espaço da Universidade é uma tarefa constante e duradoura.

1.5 – Instituições parceiras/ Sindicatos parceiros: Apropuc e Afapuc

A PUC-SP possui duas entidades sindicais que representam as diferentes categorias de seus trabalhadores (os administrativos e os professores) sendo elas: a Afapuc (Associação dos Funcionários Administrativos da PUC-SP) e a Apropuc (Associação dos Professores da PUC-SP).

Os professores da Universidade fundaram a Apropuc em 1976 e, dois anos depois, a Afapuc foi criada em julho de 1978. Ambas as entidades possuem uma publicação impressa feita de forma conjunta para alcançar a comunidade puquiiana. Esse jornal surgiu como uma continuidade de um movimento em defesa da manutenção das conquistas dos funcionários da Universidade até 1992. O movimento chamava-se PUC Viva, criado “na defesa da universidade, para preservar as entidades representativas e para divulgar o que acontecia na universidade foi criado o movimento PUC Viva, um jornal para as entidades.”²²

O jornal foi batizado de *PUC Viva* por dar continuidade ao movimento do ano anterior e se caracteriza como uma “experiência de imprensa universitária e sindical radicalmente diferente das publicações que até então circularam na PUC.”²³ A publicação é semanal e teve sua primeira edição lançada em agosto de 1993 e continua a circular, trazendo informações a respeito de eventos que ocorrem na Universidade e a partir dela, na representação de seus professores, funcionários administrativos e estudantes.

Os dois sindicatos são parte importante da existência e continuidade do Cursinho dentro na PUC desde seu início até hoje. É importante ressaltar que o jornal sempre deu voz aos movimentos sociais que atuavam dentro e fora da Universidade, incluindo o movimento estudantil puquiiano e isso inclui o próprio Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP. Para mostrar a relação entre essas três entidades, utilizamos algumas edições do impresso nesta tese. O *PUC Viva* também nos auxilia na compreensão do momento pelo qual a PUC-SP se encontrava ao longo do período abordado, além de outras fontes documentais presentes no acervo que corroboram com suas contribuições.

O apoio dado por essas entidades podem ser observados, por exemplo, na visibilidade dada ao Cursinho e aos seus participantes por meio da cessão de espaços no jornal, divulgando as inscrições, pedindo doação de material didático para o Cursinho,

²² Disponível em: <https://www.apropucsp.org.br/historia-da-apropucsp>. Acesso em 13 fev. 2024.

²³ Disponível em: <https://www.afapuc.org.br/historico/>. Acesso em 13 fev. 2024.

dando oportunidade para publicações de textos sobre a existência e a situação do pré-vestibular em relação à Universidade ou por meio de carta da Afapuc para o Reitor Antonio Carlos Caruso Ronca reiterando seu apoio ao Cursinho e a importância de sua existência dentro de um espaço como a PUC-SP.

A F A P U C
ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS DA PUC/SP

São Paulo, 27 de Abril de 2.000.

Ao
Magnífico Reitor
Prof^o Dr. Antonio Carlos Caruso Ronca

Prezado Senhor:

A Associação dos Fncionários Administrativos da PUC/SP, preocupados com a questão da Educação, haja visto que são negadas possibilidades de acesso a cursos para as populações carentes a quaisquer modalidades de ensino, vem por meio desta manifestar o nosso apoio a iniciativa do Cursinho Pré-Vestibular dos alunos da PUC/SP e solicitar a V.S^a a concessão do espaço físico para a realização das atividades, uma vez que entendemos que a universidade se constitui num espaço democrático e de oferecimento de oportunidades a esta população já tão excluída em nosso contexto social.

Contanto com vossa compreensão.

Atenciosamente,

DIRETORIA DA AFAPUC

Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala 02 - Perdizes - São Paulo - Fone/Fax : 0xx11 3863-2047

Figura 28 – Carta da Afapuc para a Reitoria (acervo Cursinho)

Em outras edições podemos ver o espaço dado aos professores e à coordenação do Cursinho a fim de apresentar a história do Cursinho, até aquele momento, a importância de sua continuação e existência (ed. 221) no espaço universitário naquele contexto (ed. 244). O impresso também informa a respeito da situação de alunos, oriundos de cursinhos populares – seja dos estudantes da PUC-SP ou não aprovados no processo seletivo da Universidade e suas manifestações para conseguirem se matricular sem recursos financeiros para isso. As duas cartas se encontram nos anexos da pesquisa.

A título ilustrativo, podemos observar na sequência de fotos, um dia letivo que ocorreu na sede da Apropuc em julho de 2015. O sindicato cedeu seu espaço por causa da proibição que a PUC-SP impôs ao Cursinho e seus alunos.



Foto 29 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)



Foto 30 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)



Foto 31 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)



Foto 32 – Aula na Apropuc (acervo pessoal)

1.6 – OUTRAS EXPERIÊNCIAS PRÉ-VESTIBULARES NA PUC-SP

No que diz respeito a existência, coexistência e atuação do Cursinho na PUC-SP com outras duas iniciativas de pré-vestibulares, as entrevistas também nos revelaram registros importantes. O Cursinho Popular coexistiu com dois outros: o cursinho do Centro Acadêmico da FEA²⁴, o Leve-Leão Vestibulares, existente entre os anos de 2001 e 2002 e o Foco, que existiu entre 2005 e 2013.

Outro registro a respeito do pré-vestibular do C.A. Leão XIII, neste caso impresso, encontra-se em uma das edições do jornal *PUC Viva*. Podemos observar que havia a cobrança de uma mensalidade para os estudantes frequentarem o pré-vestibular. É preciso fazer um destaque em relação à publicação desse anúncio no *PUC Viva* visto que é revelado o nome do pré-vestibular oferecido por aquele centro acadêmico, já que no imaginário de todos, ele ficou conhecido e lembrado como o Cursinho da FEA.

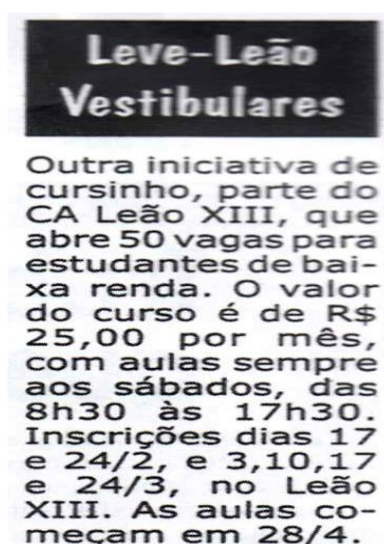


Figura 33 – Nota jornal *PUC Viva* – ed. 338 – 12/02/2001 (acervo *PUC Viva*)

A caracterização das diferenças e semelhanças em relação a esses dois outros cursinhos foi buscada por meio das entrevistas, pois são experiências que não existem mais e há poucos registros de fontes materiais disponíveis, principalmente no caso do cursinho da FEA. Portanto, buscou-se entrevistar dois sujeitos que atuaram como professores em ambas as iniciativas. Porém, após algumas tentativas de contato, não se obteve retorno de um deles. Esse “não retorno” foi, em parte, compensado com a entrevista realizada com Waldeir Moreno Rosa, que atuou como professor de história

²⁴ Faculdade de Economia e Administração. O nome do CA é Leão XIII.

em ambos os cursinhos e compartilha sua experiência e opinião dos motivos que levaram o Leve-Leão Vestibulares a acabar.

A intenção inicial da pesquisa era trazer a colaboração de outro ex-professor, o Germano Ribeiro, que lecionou em ambos os cursinhos pré-vestibulares (tanto o Leão quanto o Cursinho), porém ele não retornou as tentativas de contato feitas e apenas o professor Waldeir compartilhou suas impressões:

O cursinho do Leão XIII eu cheguei a dar aula. Era bem diferente, a FEA cobrava mensalidade dos alunos e eles diziam para os professores que iriam pagar, mas eu mesmo nunca vi um real. Durou o período de um ano, começou mais ou menos em março e foi até dezembro de 2003, se eu não me engano. E a PUC não aceitou porque o cursinho era cobrado dos alunos, tinha mensalidade para os alunos, e eles tinham o CNPJ.

Com essa fala de Waldeir, nota-se que o Leve-Leão ainda recebia um repasse de verba da própria FEA:

Os cursos de Administração, Economia e Ciências Contábeis, repassavam para o Centro Acadêmico um valor considerável né. E eles ainda iam cobrar mensalidade dos alunos? Eu sei que a PUC, por conta de eles terem organizado, suportou aquele ano e no outro ano não teve.

Em relação a possuir um CNPJ e existir de forma “legal” dentro da PUC, Ronaldo também se recorda em relação a cobrança de mensalidade por parte do cursinho, de que ele recebia dinheiro da faculdade, o que poderia ter o levado ao fim. Segundo ele:

Foi mais ou menos isso daí. Até eles se institucionalizarem para tentar, né?! “Ah, se institucionalizam para conseguirem mais coisas da PUC e não sei o quê”, mas quando se institucionalizaram, eles criaram CNPJ e ele passa a existir como pessoa física, como pessoa jurídica, aí a PUC falou: “não, você não pode ficar aqui dentro porque você teria que pagar aluguel”, né? Aí eles acabaram por conta disso.

Para finalizar essa questão a respeito do pré-vestibular Leve-Leão é preciso fazer uma ressalva a respeito do seu período de atividade e existência na PUC-SP. A partir dos depoimentos colhidos entre nossos entrevistados, pude constatar certa discrepância em relação ao período de existência. Contudo, uma coisa é certa: essa iniciativa durou um ano letivo.

Acontece que a memória de Ronaldo e Waldeir pode lhes ter pregado uma peça, se assim pudermos colocar. Isso se deve ao fato de ambos remeterem suas lembranças

entre os anos de 2003 e 2005. Inclusive eu, enquanto entrevistador não tinha a certeza do período exato da existência desse cursinho, principalmente pelas pouquíssimas informações existentes. A edição do *PUC Viva* é de 12 de fevereiro 2001. Portanto, até que apareça alguma outra fonte que possa fornecer outras informações relevantes sobre esse cursinho, fica registrado que sua existência foi durante o ano de 2001 e não nos anos que acreditávamos.

A outra experiência de pré-vestibular da PUC-SP não ocorria no *campus* Monte Alegre, mas nos *campi* de Santana e Barueri, também aos fins de semana. Essa iniciativa era o Foco, que foi criado por professores da Universidade, funcionou como um projeto de extensão universitária e acabou por ser institucionalizado pela PUC-SP até que a Fundasp²⁵ decidisse encerrar suas atividades. Por vezes, os alunos do Foco participaram de trabalhos de campo em conjunto com o Cursinho Popular. Isso pôde ocorrer pelo fato de a professora Sabrina lecionar em ambos pré-vestibulares e proporcionar a unificação dos seus estudantes em atividades realizadas nos espaços fora dos *campi* da PUC-SP.

Essa experiência conta com uma publicação intitulada: *Educação e Extensão Universitária. Foco Vestibular. Um experimento da diferença*, obra organizada pelo padre Edécio Ottaviani e Silvana Tótorá, publicada pela Editora Paulinas em 2010, que apresenta artigos escritos pelos professores que constituíram e atuaram nesse projeto.

Um ponto importante para começar a diferenciar o Foco do Cursinho é que o primeiro remunerava financeiramente seus professores e tinha diretrizes importantes e interessantes do ponto de vista social ao incluir e abrigar uma grande diversidade entre seus estudantes. Um destaque merecido vai para a presença de alunos indígenas, que buscavam sua inserção na universidade e que eram provenientes do Projeto Pindorama²⁶.

Para este ponto da pesquisa são mobilizadas falas de pessoas que atuaram de forma direta e indireta entre o Foco e o Cursinho Popular. As passagens são de Sabrina, Waldeir e Tiozinho para poder nos mostrar como essas duas iniciativas puderam dividir momento em comum a partir da receptividade e acolhimento do Cursinho em relação aos estudantes do Foco. A principal responsável por construir essa ponte foi a professora

²⁵ Fundação São Paulo, mantenedora da PUC-SP.

²⁶ Programa da PUC-SP, que surgiu em outubro de 2001 e tem como intenção a inclusão de indígenas na PUC-SP e que oferece bolsa de estudos para esses alunos. Disponível em: <https://www.pucsp.br/pindorama> . Acesso em 01 mar. 2024.

de história Sabrina de Paula, que atuou de 2006 a 2020 no Cursinho Popular e de 2007 a 2014 no Foco.

Nessa passagem, Sabrina se recorda como foi ser convidada para trabalhar como professora no Foco e a importância desse evento para que pudesse continuar como estudante da graduação.

Eu entrei como voluntária nesse cursinho do Foco, depois eu acabei entrando como estagiária, depois acabei me tornando funcionária da PUC através desse cursinho do Foco. Foi isso que aconteceu. Quando eu me tornei estagiária do Foco, foi o ano que consegui a minha bolsa. Resumindo: eu fiquei aqui, estudando... meu curso era cinco anos, eu fiquei quatro anos na PUC inadimplente e quando eu estava desistindo, era o quinto ano, e aí o Padre Edélcio conseguiu a minha bolsa, aí me efetivaram no Foco. Me efetivaram primeiro como estagiária, depois abriram uma vaga para mim como funcionária.

O professor Waldeir também se recorda sobre a dupla jornada de colegas que lecionavam nesses dois cursinhos, no caso, a professora Sabrina também é citada:

Teve alguns professores que trabalhavam no Foco por conta de convites de professores que organizaram o Foco e que chamavam outros professores ou alunos que tinha sido do cursinho e já tinham entrado na universidade e eram convidados para dar aula no Foco.

Nessa esteira da dupla jornada de professores em dois pré-vestibulares diferentes, Ronaldo se recorda:

Do Foco alguns, até mesmo por conta da Sabrina, chegaram a ir. Do Leão, acho que não chegou a ir. Do Leão, não. Teve casos de professores que davam aula no nosso Cursinho dos Alunos da PUC e de outros cursinhos que eles acabavam...eles não tinham essa coisa de organizar o trabalho de campo, então eles aproveitavam o nosso trabalho de campo. Professor de geografia, professor de história, aproveitavam o Cursinho. “Ah, vocês vão para tal lugar?”, então eles iam juntos também. Isso aconteceu bastante, mais de uma vez aconteceu isso.

Dupla jornada em cursinhos populares ligados à PUC, cada um de uma maneira particular, Sabrina se recorda como era dividir sua rotina entre os dois cursos.

Eu estudava de manhã no sábado aqui, ficava no Cursinho e dava aula aqui, daqui eu ia para Santana e no domingo para Barueri. Então eu ficava... Eu tinha aula de sábado de manhã, eu tinha aula de manhã aqui, dava aula no Cursinho aqui, ia para PUC todo sábado, ia para PUC de Santana, não sei se você lembra. Eu saía correndo para ir para a PUC Santana e no domingo na PUC de Barueri. Então, eu comecei a trabalhar em três cursinhos. Aqui, em Santana e em Barueri. Em troca, eles me davam uma ajuda de custo que na época, para mim, era superimportante porque eu ganhava muito mal. Enfim, e eu fui levando assim e aí lá eu consegui desconstruir essa imagem horrível que eles tinham do nosso Cursinho aqui.

Outra passagem que merece destaque, a respeito dessa atuação nos dois cursinhos, é sobre as ações para manter-se atuante nessas duas frentes de forma ética e comprometida na causa da educação popular.

Eu tinha que ter um jogo de cintura para não... porque assim, eu tinha que ter um jogo de cintura, saber o que falar, eu acho. Eu não levava problema daqui, porque a gente tinha os nossos problemas no Cursinho. E não levava problema daqui para o Foco e não trazia problema do Foco para o Cursinho. Eu acho que eu comecei a me... Eu sou uma pessoa que sempre tive cabeça e sempre agradeço por isso. Eu fiz bastante merda já, mas eu sempre fui bastante responsável e eu sempre fui muito responsável, tanto no Cursinho daqui, né? Que é o Cursinho Popular que eu não ganhava dinheiro, mas ganhava muitas outras coisas e no Cursinho do Foco que, de certa forma ganhava alguma coisa, mas também não estava ali só por causa disso. Era muito comprometimento com a educação. Eu acho que eu fui muito profissional. Eu não levava problema do Cursinho para lá e não trazia problema do Foco para cá. Muito pelo contrário, teve uma época, que eu não sei... hoje eu paro para ver: “como que eu consegui fazer isso com a PUC?”. Você lembra, né? Teve os trabalhos de campo, que eu conseguia juntar os trabalhos de campo do Foco com o trabalho de campo do Cursinho.

Como se observa ambas as experiências (Cursinho Popular e o Foco) coexistiram com certas semelhanças em suas propostas em relação ao acesso ao ensino superior de estudantes historicamente excluídos dos espaços universitários. Isso pode ocorrer a partir do trabalho conjunto entre os membros desses cursinhos, em especial pela ação da professora Sabrina de Paula.

1.7 - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO CURSINHO DA PUC-SP

A estrutura organizacional inicial era composta de acordo com o planejamento de suas atividades e recursos humanos disponíveis. Havia uma coordenação geral que, entre suas atribuições, deveria articular a participação da comunidade universitária, entre alunos e ex-alunos da Universidade; uma coordenação pedagógica composta por educadores das áreas de conhecimento abordadas nas aulas e uma comissão de organização estrutural e material (reserva de salas, apoio aos professores, controle de frequência dos estudantes e a comissão de finanças e eventos, que tinha a incumbência de procurar angariar fundos para o Cursinho realizar atividades próprias).

As estruturas administrativa e física eram disponibilizadas pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais e pela própria Universidade. O Cursinho possui ainda uma biblioteca própria com um acervo composto por obras literárias que constituem as listas dos vestibulares, apostilas de pré-vestibulares e livros didáticos de diversas disciplinas. Esse acervo fica disponível para os alunos do Cursinho alugarem livros e apostilas e é constituído a partir de doações feitas por estudantes que ingressaram na graduação. A seguir, um cartaz para a campanha de arrecadação de material didático.

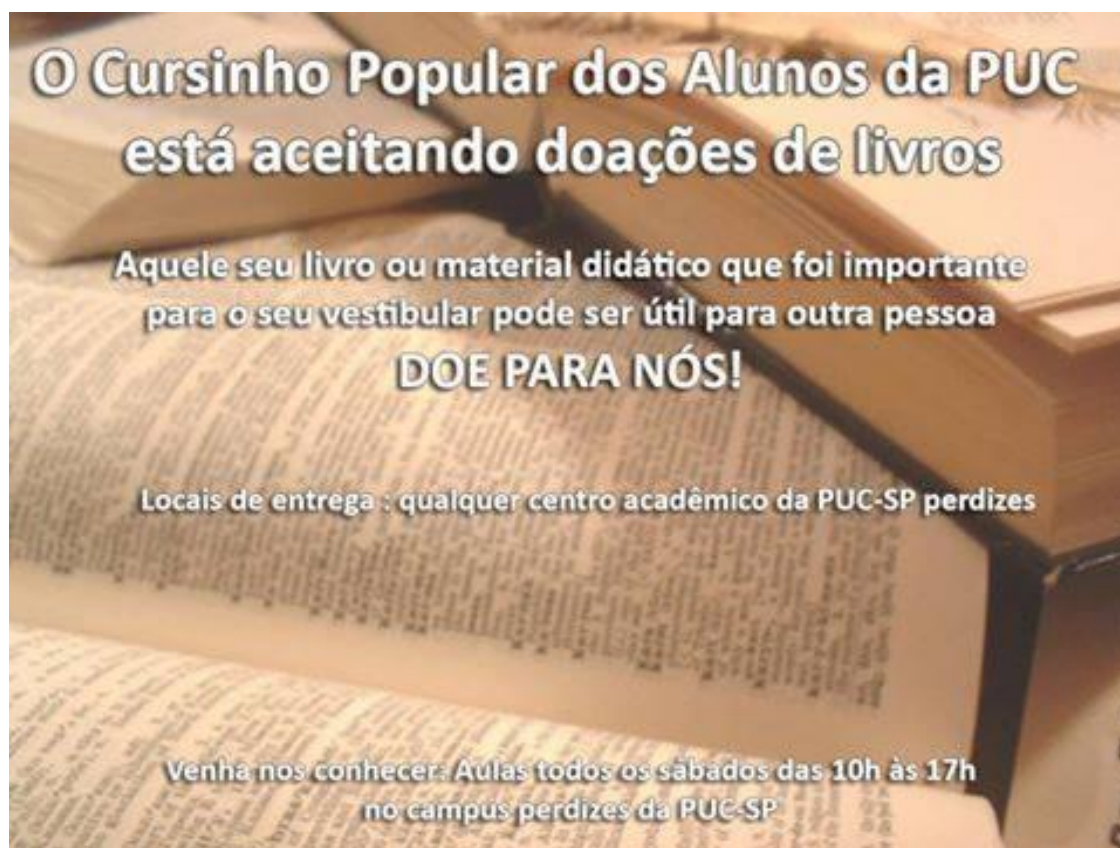
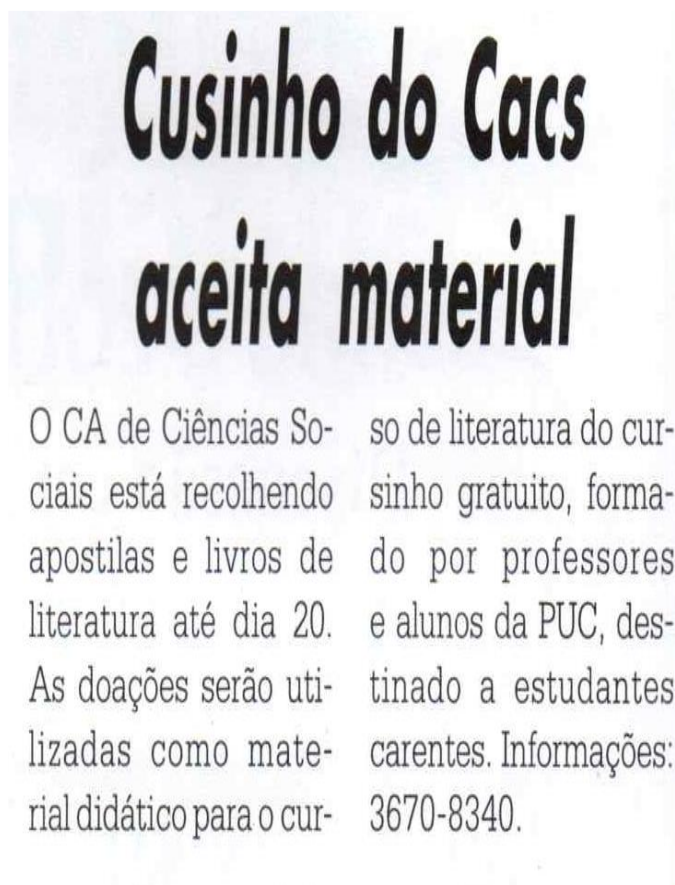


Figura 34 – Cartaz para doação de material (acervo pessoal)

E ainda uma nota no jornal *PUC Viva* (Ed. 355 – 11/06/2001)



**Cusinho do Cacs
aceita material**

O CA de Ciências Sociais está recolhendo apostilas e livros de literatura até dia 20. As doações serão utilizadas como material didático para o curso de literatura do cusinho gratuito, formado por professores e alunos da PUC, destinado a estudantes carentes. Informações: 3670-8340.

Figura 35 – Nota Jornal *PUC Viva* – ed. 355 – 11/06/2001 (acervo *PUC VIVA*)



Foto 36 – Biblioteca do Cursinho (acervo pessoal)

Havia uma coordenação geral e também outras coordenações; cada uma com suas funções definidas. A coordenação geral era formada por cinco membros escolhidos dentro do próprio coletivo. A coordenação pedagógica era composta por um professor de cada disciplina lecionada no Cursinho e um membro da coordenação geral. Havia a comissão de organização formada por seis membros eleitos e que tinha a responsabilidade de atender aos alunos, em relação à documentação e a responsabilidade na organização de estrutura material e administrativa. E por fim, a comissão de finanças e eventos que também contava com seis membros e tinha como função organizar eventos, contatar empresas e arrecadar recursos financeiros para cobrir qualquer despesa eventual que o Cursinho viesse a ter.

É importante ressaltar que cada grupo de professores tinha autonomia pedagógica em relação ao conteúdo e à forma que esse conteúdo seria trabalhado dentro de cada disciplina. Chupim se recorda desse ponto importante:

Separamos por área de atuação e aí para discutir a questão pedagógica, discutir material... a gente trabalhou sim e não dá para fugir do conteúdo, mas

conteúdo contextualizado, né? A gente tinha conteúdo de Revolução Francesa, tinha. É conteudista? É! Mas como trazer isso com uma contextualização? Trazer essa realidade porque é o que cai no vestibular e a gente está preocupado em colocar essa molecada na faculdade. E aí você dizer que vai colocar essa molecada na faculdade sem ser conteudista, você não vai colocar, né? Agora, quando você usar esse conteúdo, ser conteudista nesse sentido, mas a partir daí você fazer uma releitura, né?! Trazer para nossa realidade. E aí a gente sentou, os professores determinavam lá os conteúdos que iam discutir, que eram conteúdos que caíam nas provas mesmo, mas dentro de uma linha que a gente trazia que era o quê? Era contextualizar esse conteúdo e a partir daí mostrar como esse conteúdo caía assim nas provas, mas como estava no dia a dia na vida desse jovem. Essa era uma das coisas importantes.

O corpo docente em seu início, e ainda hoje, é composto por alunas e alunos de cursos da graduação e da pós-graduação da PUC-SP, em sua maioria, de outras universidades (públicas ou privadas) e ainda por professores da rede pública. As disciplinas que compuseram inicialmente a grade seriam história, geografia, biologia, gramática/redação, literatura, inglês, química, biologia e orientação vocacional. Podemos ter um exemplo da composição do corpo docente no item 5.1 Recursos Humanos, contidos no Projeto.

Nem tudo era consenso em relação à forma e ao conteúdo a ser ensinado. Havia discordâncias entre o grupo, mas que sempre procuravam ser resolvidas. Sobre essas reuniões Waldeir lembra:

Sempre existia, né. Para o Cursinho sempre tinham aquelas ideias de que “ah, precisam estudar porque quem estuda precisa dar valor” ou “não, precisam fazer uma prova de capacitação para ver se o aluno vai conseguir seguir as aulas”. Quer dizer, essas ideias todas acabavam caindo por terra porque nós sabíamos principalmente sobre a crise da educação, que é uma política pública do PSDB já desde muito tempo. Então como você iria fazer uma prova para excluir aluno? Não vamos fazer prova! Esse foi o embate que quase todos os anos acontecia entre nós, alunos e os formadores de opinião e organização do cursinho propriamente. Acontecia muito isso “vamos fazer uma prova porque tem aluno que não sabe escrever”, eu falei que então a gente teria que ensinar a escrever aqui. Não adianta a gente fazer igual todo mundo faz. A gente precisa trazer o aluno lá do terceiro ano e ele precisa no processo aprender o que precisa para entrar na universidade, era essa a questão. Agora, não vamos fazer mais um funil, a sociedade já está cheia de funil e vamos fazer mais um funil? Então isso era um embate bem grande, mas que ainda bem sempre conseguimos resolver a não fazer.

Tais concordâncias e discordâncias também são consideradas por Luiz Carlos, que atuou na coordenação geral durante o tempo que trabalhou no Cursinho Popular. A partir do lugar que ocupou, observou a autonomia que havia entre as coordenações de

cada disciplina e como se procurava resolver possíveis discordâncias surgidas ao longo das reuniões e a necessidade de superar diferenças:

Nós que já estávamos mais na coordenação, a gente não participava diretamente nas coordenações pedagógicas, a não ser aqueles que iam para a sala de aula. Eu, durante o tempo que estive lá, esses cinco anos, fui poucas vezes porque a gente estava mais na questão de fazer a coisa funcionar, né? Então, a gente dificilmente ia porque a gente estava lá, com reuniões ali, reuniões e tal, e aí a gente sentava sim: olha, vamos fazer; como está indo? Está faltando professores? E aí a coordenação de matemática reunia: “meu, está faltando tantos professores, onde vamos buscar? O que precisamos? Então, você tinha isso e a discussão político pedagógico também tinha. Tinha aqueles que não concordavam com esse material e aí o que vamos fazer? Vamos fazer e aquilo outro, como sempre acontece nessas coordenações, mas sempre acabava, sempre terminava no que? O Cursinho tem que continuar!

Podemos ver que manter a unidade era essencial, como Chupim ressalta em sua fala: “o Cursinho tem que continuar!”. Dessa forma, ainda relembra:

Se fechavam as concordâncias que tinham ou as discordâncias, fechavam algo próximo que agradava a todos e a gente continuava, entendeu? Porque era aquilo que você falou: não tinha muito o que você impor, eram todos voluntários, as pessoas estavam ali porque acreditavam no projeto, entendeu? Então, ao acreditar no projeto, a gente tinha que discutir o melhor para fazer o projeto acontecer. Então, era um pouco nessa linha. Raramente a gente pausa, ou aquela coisa. A gente tem que dar aula, a molecada está vindo lá de São Caetano, de São Bernardo, e ele tem que ter aula, aqui ele vai ter professor. Meu, não tem professor? Quem vai para a sala? Vamos trocar! Era matemática, vamos entrar história. Puta que pariu, agora imagina com oito salas? E a gente tinha que se virar! E eu e mais alguns companheiros, o Valtinho, a gente ficava mais nesse enlace, de fazer a coisa funcionar. “Putá, faltou professor coordenador de matemática?”; “Tem alguém sobrando aí?”; “Preciso evacuar a sala de história”, você entendeu? Então, era muito aquilo e tinha época que assim: primeiro ano começou com poucos professores e outros anos foi ao contrário, começava com os professores e aqueles que iam desistindo do meio do caminho, você entendeu? E você tinha que fazer o quê? As coisas funcionarem, né, mano? Você tinha que sair correndo, entrar em contato lá com a USP: “pô, galera, vocês têm alguém aí para mandar para o Cursinho? Pô e tal!”. Descer lá para a Consolação, como eu te falei: “meu, faltou professor de física aqui, você tem aí?”. E a gente tinha que fazer todos esses acertos. Agora, o que era legal é que a gente tinha gente da coordenação geral de todos esses lugares, então ficava muito mais fácil para articular isso, entendeu? Mas, era punk. Funcionava.

Já o corpo discente é composto por alunos e ex-alunos egressos das escolas da rede pública estadual paulista. Dificilmente, estudantes de escolas particulares chegaram a fazer parte do corpo de alunos, pois entre os critérios de seleção para ingresso no

Cursinho estão a renda familiar e a escolarização na rede pública. Tal fato só poderia ocorrer caso houvesse vagas disponíveis e, mesmo assim, somente após a fila de espera.²⁷ Sobre o perfil do alunado, Waldeir ressalta:

O processo para admissão era sociocultural, econômico e cultural, mais ou menos. Ou seja, precisava provar que era aluno de escola pública, que estava no terceiro ano do colegial e ainda tinha toda uma série de questões para responder sobre a questão econômica: onde vivia? Como vivia? Se pagava aluguel ou não? Tudo para a gente saber se o aluno realmente não tinha condição de pagar para conquistar uma vaga. A ideia era essa, desde o início sempre foi essa.

A composição dos quadros de professores e alunos do Cursinho, como descrita, denota que a forma de organização proposta no projeto e como funcionava na prática. As relações construídas²⁸, ao longo da convivência entre todos, buscaram e buscam desenvolver o senso de compromisso e pertencimento a um grupo. Adiante, também será abordado como o Cursinho procurou construir uma identidade pautada nesses princípios.

Mesmo com sua estrutura organizacional definida e dividida em diferentes coordenações e mantendo essa forma de funcionamento, o Cursinho passou por um período em que essas coordenações foram se esvaziando. Cada vez menos pessoas para tomar decisões pertinentes ao dia a dia e às necessidades de caráter burocráticas do Cursinho (reserva de salas, grade horária, contato com instituições a fim de marcar visitas monitoradas em parques ou museus – organizar a atividade conhecida como trabalho de campo).

Mas isso não significou que o Cursinho passou a ser mal coordenado. Isso teve uma consequência. Todo trabalho burocrático acabou centralizado quase que completamente na responsabilidade do Ronaldo, o Tiozinho, por mais que as decisões no Cursinho sejam feitas de forma democrática e coletiva. Ronaldo compartilha algumas passagens relacionadas a esse lugar “solitário”, bem como de sua opção por fazer parte da coordenação e não lecionar.

Eu nunca... principalmente, porque não tinha terminado a faculdade, e na verdade, se acabava tendo um, como se diz, um tempo que você precisava, né? Porque a coordenação você tem que estar todo dia aqui, todo sábado aqui, o professor ainda ficava um sábado sim, um sábado não e a falta de

²⁷ Informações contidas em panfletos de divulgação e Projeto 1999.

²⁸ Dentro da sala de aula e durante as atividades de trabalho de campo.

outra pessoa também para ficar. “Você vai dar aula ou você vai ficar coordenando?”

Sobre fazer parte do Cursinho como coordenador há quase duas décadas, Tiozinho mostra a importância de atuar em várias frentes:

Para mim é normal. A gente tem que fazer o que dá para ajudar, se não dá para dar aula, a gente ajuda, a gente coordena. Aqui, na PUC, você acaba achando os atalhos, o audiovisual, alguma coisa que o professor precisa, o triste é lembrar o professor que tem que dar aula, que tem que vir para a aula...

Ronaldo também fala a respeito da falta de comprometimento de professores que passaram ao longo dos anos pelas fileiras do Cursinho e que pareciam esquecer o compromisso com o voluntariado em um pré-vestibular popular que dispunha de recursos limitados, inclusive na questão de conseguir professores substitutos de última hora para tapar buracos inesperados:

Às vezes o pessoal se lembra disso, mas no dia anterior, sabe?! Ou a noite do dia anterior: “ah, eu não vou poder ir amanhã”. Não sei se é falta de um vínculo maior, né? Porque, se você avisar, você tem como dar um jeito, né? Agora, se você não souber que a pessoa vem, você vai fazer o quê? Você não tem como adivinhar que a pessoa não vem, que vai faltar alguém, né? Mas, os motivos são mais... às vezes a pessoa está muito atarefada. Tem gente que quer pegar um, pega outro, e esquece que só tem dois braços, que ela é uma pessoa só. Às vezes, a pessoa se compromete com tanta coisa que acaba não fazendo nada e fica... você se divide tanto que acaba faltando. Não se dedica a uma coisa só para fazer algo bem, quer se dedicar a tantas coisas ao mesmo tempo e não faz nenhuma das coisas bem.

1.8 – FORMAÇÃO E CONTINUIDADE

O trabalho pedagógico exercido pelo Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes desde o início de suas atividades na Universidade buscava promover uma formação política, humanista que fosse para além das salas de aula tanto para seus alunos, quanto para os estudantes da graduação que procuraram e continuam a buscar uma oportunidade a fim de obter experiência na docência. Para deixar claro, não é requisito ser graduando de algum curso que ofereça diploma de licenciatura.

Pautas importantes surgiram no processo de idealização do Cursinho como a luta para possibilitar o acesso de pessoas que, historicamente, se encontravam excluídas desse lugar. Foi exatamente esse o perfil que ocupou as cadeiras de sala de aula do Cursinho por muitas gerações. Nas palavras do coordenador Luiz Carlos a origem dos alunos que ingressariam no pré-vestibular era um assunto muito bem definido pelo grupo:

“Mano, vamos construir o Cursinho Pré-vestibular e vamos trazer o nosso povo para dentro desse espaço que a maior parte deles não sabe o que é.”

“Vamos colocar o povo da periferia dentro dessa faculdade!”

“E quem a gente vai trazer para cá? O povo das escolas públicas dos extremos da cidade.”

“A paixão de trazer esse povo excluído, esse jovem excluído para dentro do espaço que não era dele, né? Essa era a nossa referência!”

Na mesma esteira de pensamento, Vanderley também revela sua ideia de quem eram os estudantes que deveriam frequentar as salas de aula do Cursinho:

Um cursinho voltado para os filhos da classe trabalhadora, para alunos da escola pública e da escola pública da periferia, que é onde você pega aqueles alunos com maior dificuldade e que não têm perspectiva de vida, estudo e se acham menos por serem menosprezados por parte da sociedade.

Antes de buscarmos referências em autores acadêmicos que possam nos mostrar, a partir de suas formas de interpretar a sociedade e a educação, a cultura, a escola e as questões políticas, sociais e econômicas ao seu redor, é importante demonstrar que a iniciativa desses sujeitos históricos ao assumir o compromisso de montar um projeto

para construir, organizar e concretizar um cursinho pré-vestibular popular partiram de suas vivências e militâncias antes de ingressarem na Universidade.

A partir das falas dos nossos colaboradores, podemos observar o quão importante foi a militância prévia em suas formações, como compartilha Luiz Carlos no trecho abaixo.

Moro e sou muito ativista do movimento de moradia na região Oeste, região do Jardim Rincão, zona noroeste de São Paulo, né?! Que inclusive foi uma das bases que me deu condição para ir na faculdade. Foi quando eu me integro no movimento de moradia em 1989, né?! 1989! E isso me dá, começa a me dar o conhecimento de fato do que é a sociedade, das desigualdades, das lutas que a gente teria que passar e isso vai ser importante que vai me forjar dentro dos movimentos sociais e é o que vai me levar para faculdade, né?! Então através do movimento moradia, eu vou ter conhecimento da Universidade, vou ter conhecimento da PUC e vou conseguir entrar na PUC, mas já vou conseguir entrar na PUC já pensando na bolsa. Por quê? Porque não tinha a grana, como todos nós. Desculpa! Não tinha grana e já tinha as pessoas que já lutavam dentro dos centros acadêmicos, principalmente nos de Ciências Sociais, Filosofia, entre outras. E é aquilo, né?! Me encontrei no curso de Ciências Sociais porque o que eu praticava no meu dia a dia, agora eu tava buscando a teorizar tudo isso que eu praticava no dia a dia e foi muito legal porque já me colocaram na cena dizendo: “Negão, arruma a grana para pagar matrícula e daí pra frente é luta!”.

Vanderley, assim como Luiz Carlos, compartilhou em sua entrevista como sua formação política influenciou na militância dentro do movimento estudantil na Universidade.

Minha história é de um menino da periferia, filho de operários, que começou a trabalhar muito cedo e com isso, fui estudar tarde. Entrei na PUC no ano que faria 26 anos de idade e tinha acontecido uma virada na minha vida. A partir de 88, comecei uma militância e como a maioria naquela época, participei da militância no PT e fiquei até 94. Em 1989, eu fiz cursinho e não tinha a menor pretensão de estudar História, mas dois professores mudaram minha cabeça em relação a História e passei a enxergar através do nosso ponto de vista, não do ponto de vista da classe dominante, e resolvi fazer História. Comecei a estudar na PUC em 90, na época eu era vendedor e era como pagava a PUC.

A importância em destacar essas passagens serve para demonstrar parte da formação que o Cursinho oferece desde seu início em sala de aula. Essa formação vem ao longo dos anos servindo para que os estudantes, ao ingressarem na PUC ou em outra

instituição de Ensino Superior, pudessem escolher ou não regressar para o Cursinho Popular a fim de fazer parte de seu quadro docente ou atuar como parte da coordenação, colaborando e assim dando continuidade a esse trabalho.

Durante a pesquisa e ao longo da realização das entrevistas apareceram referências que remetiam a importantes intelectuais que escreveram e pensaram a respeito da educação e que serviram para inspirar nossos colaboradores, como o educador Paulo Freire e o pensador italiano Antonio Gramsci.

Luiz Carlos explicita claramente como isso funcionou no período inicial do Cursinho. Já no ano de 1998, frutos do ano anterior apareceram:

Já 98, já tinha aluno do Cursinho dentro da própria PUC, fora os que foram para outras Universidades, mas a maioria quis ficar lá, né? (na PUC-SP). Nós, fazíamos o máximo possível para que esse aluno optasse pela PUC. Por quê? Para dar continuidade aos nossos projetos e trazer o aluno para dentro da PUC. Essa era nossa ideia. que eles viessem para dentro da PUC porque era aquele espaço que a gente tinha que conquistar, né? E quanto mais colocássemos lá, eles nos substituiriam e continuariam o projeto. Essa era a ideia que a gente tinha e isso foi uma das coisas que foram acontecendo. Foi acontecendo que está aí, né, Henricão...

Ao falarmos de intelectuais, segundo Gramsci (2001), é preciso que “todo grupo social crie para si organicamente uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político.” (p.15)

A formação oferecida em sala e fora dela revelam a intenção do projeto de formar alunos atuantes no Cursinho durante seu tempo de graduação ou até mesmo depois de se formarem na Universidade.

Isso foi uma coisa que a gente pensou muito. Muitos alunos que se formaram dentro do Cursinho, né... Posso falar do Marcelo aqui da nossa região, de tantos outros que se tornaram professores dentro do Cursinho. Qual era a ideia? Era reproduzir! A ideia era: nós começamos, vocês continuam.

Nessa outra passagem, o professor Luiz fala sobre a maneira que essa questão era explicada aos estudantes.

Porque a gente sempre conversou com os alunos mais próximos, porque tinha aqueles que se aproximavam mais e quando eles se aproximavam e diziam: meu, esse Cursinho tem que tocar. Daqui uns anos é importante você estar aqui, você vir para dar o Cursinho. E muitas vezes a gente não precisava chegar nem a isso, o próprio aluno tinha isso como consciência. E muitos deles se tornaram professores dentro do próprio Cursinho, foram para coordenação dentro do Cursinho, se organizaram, outros professores que já estavam deram continuidade... então, isso sempre foi uma coisa que a gente trabalhou a ideia de quem somos, qual é a classe que nós somos, o que nós precisamos.

E os motivos que levavam a coordenação e os professores a atuarem dessa maneira. Aqui, Luiz demonstra suas influências.

A gente sempre fazia isso muito fortemente. Bom, primeiro por sermos das Ciências Humanas, a grande maioria que coordenava o Cursinho. Entender que tinha uma luta de classe ali, que tava colocada, que era aqueles que estavam à margem da sociedade, da desigualdade, ocupando um espaço burguês. A faculdade é um espaço burguês. E nós fomos para dentro, nós fomos ocupar esse espaço que naquela época, muito mais que hoje, porque hoje a faculdade é muito mais mercadológica, naquela época, nós estamos falando ali do final os anos 90, a gente tem uma faculdade, uma PUC, ainda muito elitizada. Hoje é elitizada também, mas que acaba formando, em sua grande maioria, ela estava na preocupação, não só com o mercado, mas uma formação humana, né? E a gente levava isso para os nossos alunos. Levava isso: olha, na PUC a gente enfrenta bedel, aqui a gente ocupava a Reitoria para ganhar bolsa e os alunos iam com a gente, você sabe disso. E a gente colocava essas multas o tempo todo para os nossos alunos.

Waldeir relembra brevemente de um ex-aluno do Cursinho, que, após ingressar na Universidade, seguiu por um caminho em que optou por ser um representante de sua classe a partir de sua atuação profissional e de suas experiências enquanto aluno pré-vestibular. “Lembra do Douglas²⁹? Ele fez mestrado e chegou a virar mestre pela PUC, depois de fazer cursinho com a gente, fez graduação e mestrado.” Entre suas ocupações atuais, Douglas Samoel é coordenador de um cursinho popular na zona leste da cidade de São Paulo.

A professora Sabrina, que foi ex-aluna do Cursinho, se recorda de seu período de estudante pré-vestibular e as mudanças pelas quais ela e outros alunos que vieram posteriormente a ela como resultado direto do trabalho desenvolvido a partir das atividades desenvolvidas e vivenciadas.

²⁹ Douglas Samoel Fonseca é graduado em História pela PUC/SP, mestrando em Psicologia Social pela mesma instituição, coordenador do Cursinho Popular Padre Ticão da Frente Democrática de Ermelino Matarazzo (FDEM). Foi candidato a vereador pelo PT nas eleições municipais de 2020.

Henrique Profili: Como é essa ideia de primeiro ser aluna do Cursinho, depois ser professora no Cursinho e a partir dessas experiências e relações pessoais, surgiram tantos frutos. Como que você tenta descrever isso?

Sabrina de Paula: Isso é muito louco! Às vezes, a gente até esquece disso. Chega em um estágio de trabalho que a gente até esquece disso. Mas é, eu lembro que para mim sempre foi tudo muito mágico. Eu sendo aluna e de repente tava ali dando aula. E, de repente... é o que falei: eu olhava para aquele aluno e tava... e de repente, aquele aluno, tava voltando no outro ano para dar aula ali ou para fazer uma oficina. Então, eu acho que isso transforma. Isso que a gente fala de transformação na educação, né?!

Para finalizar a influência direta ou indireta de Gramsci fechamos com algumas palavras de Luiz Carlos:

Hoje é muito nítido quando eu encontro companheiros professores que estão no chão da escola que eram alunos do Cursinho da nossa época. Então, sim, ela foi isso. Foi uma maneira, você citou Gramsci, vamos dizer, foi uma maneira que nossos alunos também se ligaram que eles tinham que buscar os espaços, né?! Ser, de fato, aquele que vai buscar a mudança dentro das estruturas que ele faz parte, né? E grande parte deles viu que a mudança poderia ser feita dentro da escola. Por isso, que foi a base para muitos. O Cursinho foi a base para muitos se desenvolverem. Se a gente conseguisse hoje, é que a gente não consegue dimensionar quantos passaram, mas quantos estão no chão da escola por causa do Cursinho, você entendeu? Como Gramsci diz: é o intelectual.... Orgânico.

Mas é como Gramsci fala: nós somos esse intelectual orgânico que foi construído dentro do Cursinho e isso, meu, é importantíssimo, mesmo para nós que na época, éramos graduandos, e que estamos dentro da escola hoje. O Cursinho deu esse chão para nós que já tínhamos vontade de ir para a escola. Muitos dos que estavam ali, na coordenação e eu lembro que eu era um deles, não dava aula em escola. Eu não estava no chão da escola. O Cursinho foi base para muitos de nós que éramos professores coordenadores e foi base para muitos alunos verem a escola como o seu local de ação, para que eles sejam esse intelectual orgânico dentro do seu espaço e a partir daí dentro dos seus movimentos sociais, das suas lutas do dia a dia, incorporando a ideia de que ele é alguém que pensa sobre o que ele faz e resulta nisso, nesse trabalho, que é feito o tempo todo. Então, isso é real, cara. Isso é o que aconteceu fortemente dentro do Cursinho, essa formação, desses intelectuais que voltaram lá para a sua base, para a sua realidade, e estão transformando hoje como estamos transformando dentro da sala de aula porque acreditamos na educação como transformadora e somos esses, aquilo que hoje, quando a gente está dando aula e você sabe disso também, como docente, que você fala de vários assuntos e se coloca, né, como exemplo, e aí não tem coisa melhor.

O professor Paulo Freire é outro intelectual que influenciou nos pensamentos e nas práticas daqueles estudantes que fizeram parte dessa geração inicial do Cursinho. Inclusive, Waldeir cita uma lembrança interessante sobre quando conheceu o professor

na PUC-SP, no ano de 1997. Em uma breve conversa pôde comentar a respeito da então pretensão de se criar um cursinho pré-vestibular popular dentro do espaço universitário.

Essa parte do depoimento ressalta a importância da oportunidade de lecionar e ganhar experiência dentro da sala de aula no pré-vestibular.

Foi assim comigo e com praticamente todo mundo, além de um cursinho pré-vestibular eu aprendi demais e eu me tornei professor no cursinho dos alunos da PUC. Mesmo já lecionando antes, ali a questão de você aprender de fato e saber o processo, conseguir entender que cada aluno tem um processo de aprendizado e isso a gente aprendeu na PUC e com vários professores da educação como o Lorieri³⁰, tinha uma outra professora que eu não lembro o nome dela, mas era fantástica. Ela dava aula de psicologia da educação. E o Paulo Freire ainda estava vivo e ele achava magnífico, eu cheguei a conversar com Paulo Freire e falou assim “Que coisa maravilhosa que vocês fizeram! Chama os porteiros e os trabalhadores da limpeza dos prédios e em volta da universidade para irem estudar lá com vocês.” Eu ainda lembro disso. Ele deu uma sugestão a mais e estava entusiasmado com a ideia.

Paulo Freire ao publicar *Pedagogia da Autonomia* (1996), já na sua introdução deixa bem claro a mensagem a respeito do significado de seu conteúdo: “devo enfatizar também que esse é um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e esperança vã.” (p.21).

As questões que envolvem a prática docente no Cursinho partilham de algo que Freire (1996) dizia estar convencido de que “é legítimo acrescentar, da importância de uma reflexão como esta quando penso a formação docente a prática educativo-crítica.” (p.23).

Ao pensar sobre o sentido da relação entre professores e alunos na relação ensinar-aprender, Freire (1996) afirma que:

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e

³⁰ Marcos Antonio Lorieri possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1968), Mestrado em Educação (Filosofia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982) e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996). Foi professor associado na PUCSP de 1974 a 2006. Atualmente, é professor titular no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, filosofia, educação para o pensar, filosofia da educação e ensino de filosofia. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/7788913/marcos-antonio-lorieri> . Acesso em 10 mar. 2024.

acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (p.25)

Em outra passagem referente à questão dos princípios educacionais do Cursinho, Waldeir observou:

Uma das ideias era do próprio Paulo Freire, que era a pedagogia da autonomia, quer dizer, não era só a gente exatamente ficar como protagonistas, mas também ouvir os alunos sobre o protagonismo deles. Sobre aquilo que eles traziam de vivência da periferia e qual conhecimento, tinha uma troca muito intensa, e quem lia isso criava caso.

Esse otimismo no qual o professor Paulo Freire se refere pode ser evidenciado a partir das falas de nossos colaboradores e das práticas pedagógicas exercidas, elaboração de material didático próprio e práticas que vão além da sala de aula; aplicadas e adotadas pelos docentes do Cursinho desde o início de seu funcionamento e que tem uma análise mais detalhada no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2 – O “CHÃO DA SALA DE AULA” – A CULTURA ESCOLAR DO CURSINHO POPULAR DA PUC-SP PELA VOZ DE SEUS PROTAGONISTAS

Ao explorar as práticas pedagógicas do Cursinho é preciso falar sobre a divulgação para as matrículas. Sempre feita por seus participantes, consistia, antes de ser realizada exclusivamente por meio digital, em colar cartazes nos mais diferentes pontos e localidades da capital e da grande São Paulo. As regiões correspondem aos locais de moradia e trabalho dos membros do Cursinho.

Vanderley recorda:

Foi na caneta, no metrozão e no ônibus. É claro, o Guarabira morava no Tiradentes e eu morava na Liberdade. Eu fui pra lá com ele, acho que de metrô, e tinha gente espalhada. Muita gente já dava aula no Campo Limpo e divulgava no Campo Limpo, eu que dava aula para o lado da Pedreira também divulguei por aqui. Então tinha mais ou menos uma rede do próprio pessoal que divulgava onde estavam, ou quando visitavam outras escolas também, não só a escola que trabalhavam.

Eu lembro que divulgamos em Tiradentes, Guaianazes, Capão Redondo, Campo Limpo, Grajaú e só divulgamos o cursinho na periferia. Eu dava aula aqui perto de onde estou morando agora, moro perto da Pedreira, onde eu e o Amarildo dávamos aula.

Waldeir também divide suas memórias a respeito da divulgação:

A gente trouxe professor de todos os cantos pra dar aula com a gente. Quero dizer, eram professores alunos porque o conteúdo do pré-vestibular é o conteúdo do Ensino Médio, pelo menos a grande parte. Então, professores que estavam já na graduação dessas escolas, podiam dar aula junto com a gente e foi isso que fizemos, né. Buscar professores e divulgar nas escolas públicas de toda a região, desde Barueri, Francisco Morato, Franco da Rocha, Perus, Itapevi e outros lugares. Na zona sul, na região ao fundo de Santo Amaro, Campo Limpo, Capão Redondo. Na zona leste, Itaquera, Itaim, São Miguel Paulista, tinham muita gente de São Miguel que participava.

Essa forma de divulgar o Cursinho mostrou-se bastante eficaz, pois como era feita em escolas e locais com grande circulação de pessoas, como as estações de trem, muitos alunos chegaram a PUC-SP. Inclusive, o Ronaldo, como se recorda no trecho abaixo:

Como eu vim parar na PUC? Por um cartaz que estava na estação. Na estação do Brás. Faz tanto tempo. Acho que 2001, mais ou menos. Eu estava indo trabalhar de manhã, parei: opa, o que que é isso? Eu vi a palavra gratuito, de graça. “Opa, o que é isso de graça?”. Aí falei é um cursinho de graça. Era tão

mal “coisado”, o cursinho, que era um cartaz de uma cartolina feita a mão que alguém foi lá e colocou no metrô sem permissão e tinha o telefone da PUC. Eu liguei e a pessoa “não é aqui, é dentro da PUC, mas não é com a gente”. Eu sou da zona leste, pouco depois de São Paulo ainda, Ferraz Vasconcelos, um pouco depois da zona leste. Comecei o Cursinho em 2001, 2002... 2002 comecei o Cursinho. Eu vi o cartaz em 2001, aí era o final de 2001, consegui com o meu chefe de setor que não trabalha sábado, me passou para o setor que não trabalhava sábado, e fiz a inscrição no Cursinho. Como o pessoal falava que era o ferrado do ferrado que fazia, foi só trazer a minha documentação que não teve problema.

A seguir, apresentamos alguns cartazes de divulgação do Cursinho de diferentes anos, respectivamente: 1998 e de 2013 a 2016.

Cursinho Pré-Vestibular na PUC-SP

Diante da atual crise, pela qual atravessa o ensino público, são poucos os alunos das redes municipal e estadual que chegam a concluir o 2º grau. Desses, um número cada vez menor consegue ingressar em uma universidade. Cientes desse problema, alunos e ex-alunos da PUC-SP tomaram a iniciativa de criar um curso pré-vestibular de formato alternativo, com o objetivo de atender aos alunos mais carentes da rede pública, e prepará-los para disputar vagas nas melhores universidades brasileiras.

O curso

Nosso curso, como em 1997, será totalmente gratuito e tem como principais objetivos:

- ✓ Atender aos alunos e ex-alunos da rede pública da Grande São Paulo;
- ✓ Propiciar aos alunos a oportunidade de disputar uma vaga nas melhores universidades;
- ✓ Ajudar esses alunos a buscar novas perspectivas;
- ✓ Colocar o aluno em contato com o espaço universitário e com as possibilidades de desenvolvimento intelectual;
- ✓ Buscar reflexões conjuntas entre educadores e educandos sobre diversas questões sociais, políticas e educacionais do mundo contemporâneo;

As aulas que terão início no próximo dia 9 de maio, serão ministradas aos sábados das 9 às 17 horas, no Campus Monte Alegre da PUC-SP, que fica na Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes (próximo à Estação Barra Funda do Metrô).

Inscrições:

As inscrições estarão abertas no período de 23 de março a 06 de abril e deverão ser feitas no Centro Acadêmico de Ciências Sociais da PUC-SP, no Campus Monte Alegre, nos seguintes horários:

- ✓ De segunda à sexta das 10 às 12 horas ou das 15 às 21 horas;
- ✓ sábado das 10 às 18 horas;

Os interessados deverão trazer os seguintes documentos:

- ✓ Histórico ou comprovante escolar
- ✓ Comprovante de renda familiar
- ✓ Comprovante de residência (conta de água ou luz)
- ✓ Carteira profissional e RG

A lista de alunos selecionados será divulgada a partir do dia 2 de maio

Figura 37 – Cartaz de divulgação e inscrição (acervo Cursinho)

Cursinho Popular dos Alunos da PUC - SP

Cursinho gratuito, aulas somente aos sábados das 08:00 às 17:00.

Voltado para jovens e adultos de baixa renda, estudantes e concluintes da **Escola Pública.**

Retirar a ficha de inscrição de 16 de Fevereiro a 16 de Março de 2013. Aos sábados, das 10 às 17hs.

Procurar diretamente o Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACs) Seleção Sócio-econômica. Inscrições limitadas.

Facebook.com/cursinhopopulardosalunosdapucsp

R. Ministro de Godoy, 969 – Perdizes - Próximo ao Metrô Barra Funda – falar com: (Tiozinho) Ronaldo (99500-8529vivo) ou (963248412 claro), Sabrina(8283-4908), e Henrique (8930-4065), Ju Salgado(951350706) e Pedro (975950041) ou

CACS (Centro Acadêmico de Ciências Sociais) dentro da PUC-SP

Figura 38 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2013 (acervo pessoal)

CURSINHO POPULAR DOS ALUNOS DA PUC - SP

Cursinho gratuito, aulas somente aos sábados das 08:00 às 17:00.

Voltado para jovens e adultos de baixa renda, estudantes e concluintes da **Escola Pública.**

Retirar a ficha de inscrição de 01 de Fevereiro a 22 de Fevereiro de 2014. Aos sábados, das 10 às 17hs.

Procurar diretamente o Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACs) Seleção Sócio-econômica. Inscrições limitadas.

Facebook.com/cursinhopopulardosalunosdapucsp

R. Ministro de Godoy, 969 – Perdizes - Próximo ao Metrô Barra Funda – falar com: (Tiozinho) Ronaldo (99500-8529 vivo) ou (96324-8412 claro), Sabrina(98283-4908), e Henrique (98930-4065), Ju Salgado (95135-0706) e Pedro (97595-0041)

Figura 39 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2014 (acervo pessoal)



Figura 40 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2015 (acervo pessoal)

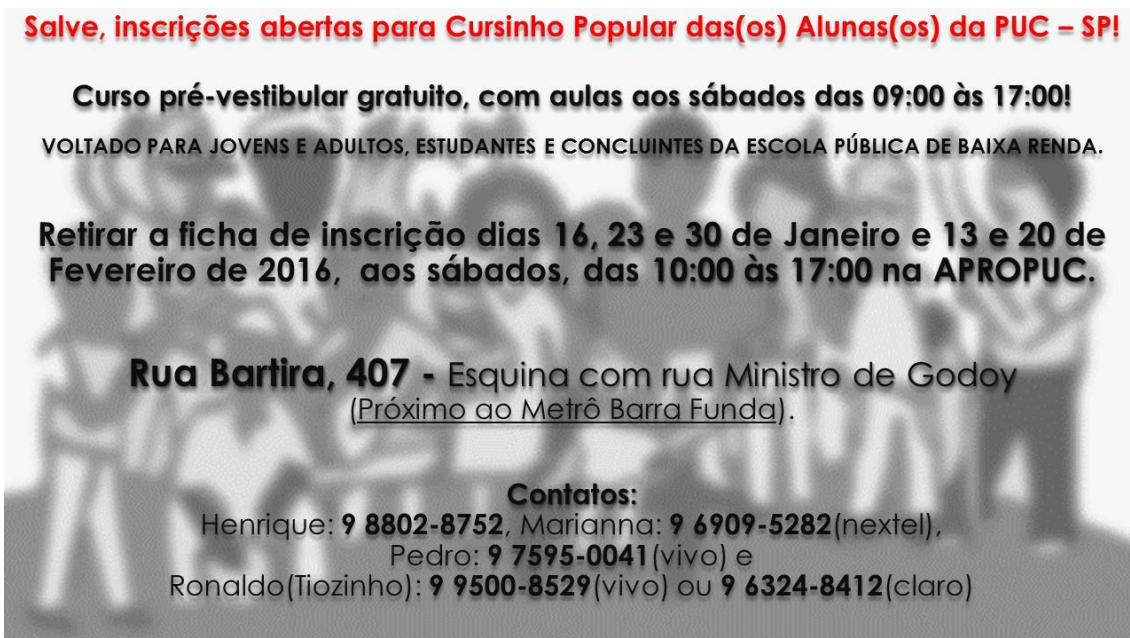


Figura 41 – Cartaz de divulgação e inscrição – 2016 (acervo pessoal)

O chão da escola se inicia com as inscrições, quando ocorre o primeiro contato entre estudantes e professores na PUC-SP, na maioria das vezes. Na maioria porque em alguns momentos foi no espaço da Apropuc. De acordo com os relatos colhidos junto aos nossos colaboradores, a primeira vez que a Universidade recebeu os candidatos a uma vaga no Cursinho foi a maior delas. Por isso, vamos ilustrar esse momento com os raros registros obtidos naquela ocasião.



Foto 42 – Inscrições na Prainha – 1998 (acervo Cursinho)



Foto 43 – Inscrições na Prainha – 1998 (acervo Cursinho)



Foto 44 – Inscrições na Prainha – 1998 (acervo Cursinho)

Após o período de inscrições, aconteceu a aula inaugural. Nessa aula, os alunos conheceram o corpo docente, a equipe de coordenação e ex-alunos convidados a compartilharem suas experiências como estudantes do pré-vestibular e qual o papel que ele ocupou em suas vidas. A seguir, algumas imagens que ilustram algumas aulas inaugurais. Nas três primeiras imagens, a aula ocorreu dentro do Tucarena com a presença de professores da Universidade, professores, coordenadores e alunos do Cursinho. Essa foi a primeira aula inaugural e foi realizada em 1997.



Foto 45 – Aula inaugural – 1998 (acervo Cursinho)

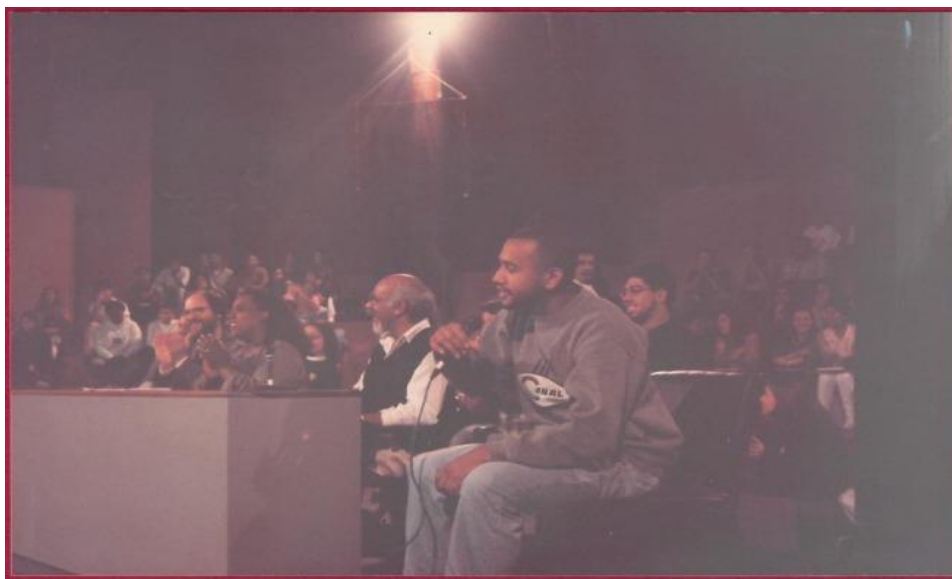


Foto 46 – Aula inaugural – 1998 (acervo Cursinho)



Foto 47 – Aula inaugural – 1998 (acervo Cursinho)

Vanderley se recorda da intenção dessas aulas:

A ideia primeiro foi recepcionar os alunos, apresentar a PUC e dizer o porquê nós queríamos que eles estivessem lá na PUC.

A seguir, algumas imagens mais recentes de aulas inaugurais no espaço interno do Pátio da Cruz. Na sequência, podemos observar depoimentos do coordenador Ronaldo, da professora Pamela, que era estudante do curso de Direito e atuava na área de linguagens; do professor Antonio Rago, que também esteve presente na primeira aula

inaugural e da professora Sabrina, que foi aluna do Cursinho, e lecionou história. Essas fotos são de 2017.



Foto 48 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)



Foto 49 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)



Foto 50 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)



Foto 51 – Aula inaugural – 2017 (acervo pessoal)

2.1 METODOLOGIA DO CURSINHO

Outro ponto analisado no Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes é sua cultura escolar. A fim de responder essa questão, a pesquisa irá dialogar com autores como Dominique Julia e Agustín Escolano Benito. Serão analisados os processos de avaliação, composição de material didático e realização de atividades extraclasse e interdisciplinares³¹. A intenção é investigar, por meio dos testemunhos de nossos entrevistados e análise de alguns materiais didáticos, as intenções e finalidades de tais atividades para a formação dos estudantes. O objetivo é não apenas identificar as atividades que justificam a caracterização do cursinho como “popular”, mas compreender as intencionalidades e sentidos do processo formativo oferecido.

Pesquisas e trabalhos que abordam a cultura escolar como objeto de investigação nos permitem desenvolver análises a partir das práticas escolares e do espaço onde elas estão inseridas. Neste caso, buscam-se as informações que têm como objetivo apresentar quem foram os sujeitos e em que situações tais atividades foram introduzidas e passaram a ser parte do currículo do Cursinho.

As possibilidades de pesquisa ampliaram-se devido a um movimento na historiografia que propunha uma ampliação no tipo de fontes que poderiam ser utilizadas para desenvolver pesquisas nesse campo. De acordo com Faria Filho, Gonçalves, Vidal e Paulilo (2004), ressaltam o pensamento de Julia, ele “convidava os historiadores da educação a se interrogarem a respeito das práticas cotidianas, sobre o funcionamento interno da escola” (p. 144). O termo empregado por esse autor para se investigar essa cultura vem da aeronáutica, é a “caixa-preta” dos espaços escolares. Isso se torna possível justamente pela ampliação das fontes de pesquisa disponíveis e a forma com a qual o historiador as interpreta.

Julia contornava sugerindo a capacidade do historiador em fazer “flecha com qualquer graveto” e lembrando o inusitado das surpresas dos arquivos, reveladas apenas àqueles que se deixavam sensibilizar por novos objetos, a despeito de reconhecer as dificuldades inerentes a uma investigação sobre as práticas culturais, uma vez que elas não costumam deixar traços. Alertava, por fim, para a necessidade de se recontextualizarem as fontes, suspeitando que a “grande inércia que percebemos em nível global pode estar acompanhada de mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema.” (idem).

³¹ Essas atividades são os trabalhos de campo e ocorrem em lugares previamente definidos ou de acordo com o calendário dos locais a serem visitados (museus e parques públicos na cidade de São Paulo e com fácil acesso do transporte público).

Faria Filho, Gonçalves, Vidal e Paulilo (2004) trazem ainda, em seu artigo, a interpretação do espanhol Viñao Frago a respeito da cultura escolar e seu alcance.

Cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias. Na sua interpretação, englobava tudo o que acontecia no interior da escola (p.147).

Podemos perceber, a partir de fragmentos dos depoimentos de parte dos entrevistados, a importância do processo formador do Cursinho e sua influência na formação das pessoas. Com o depoimento da professora Sabrina de Paula, podemos constatar isso em dois momentos distintos. Quando aluna do Cursinho:

“Os trabalhos de campo, como aluna do Cursinho, eu acho que era os melhores dias. Nossa! Tipo assim, para mim, os melhores, sempre, viam... o Cursinho era o escape para mim. Era tudo de maravilhoso, mesmo quando eu estava sem dinheiro, que eu não tinha nada para comer. Mas assim, para mim era uma libertação, sabe, quando eu vinha para cá. Sempre foi uma libertação, vir e fazer o Cursinho. E, quando tinha trabalho de campo, nossa, tipo era uma maravilha. E tanto como aluna, é onde eu aprendia muito. Inclusive, quando eu estudava no Cursinho, eu era uma aluna dedicada. Eu tenho até hoje os cadernos do Cursinho”.

E depois como professora:

Quando eu fui professora do Cursinho, a gente, meu... Trabalho de campo era, tipo assim, era sagrado e eu procurava, como professora do Cursinho, realmente reproduzir tudo aquilo que eu tive como aluno que, para mim, foi, era mágico. E eu entendia que quando a gente levava o trabalho... Quando eu estava lá, dando aula no Cursinho, por exemplo, que é a minha área, que era o que eu gostava de falar sobre eu olhava para os alunos e me via quando era aluna. Que tinha uns alunos que até falavam: “nossa professora, tipo assim, nossa eu quero ser professora também”. Então, tipo assim, quando eles falavam isso para mim, eu falava: “pô, você quer ser professora também” ... eu lembrava quando era aluna, quando eu tava ali. Então, se hoje em dia eu sou professora é porque eu me inspirei nos professores do Cursinho ali, principalmente, professores da PUC? Também, mas acho que foi mais o Cursinho, né?! Porque assim, os professores do Cursinho, eles têm um conhecimento. Não é só o conhecimento acadêmico, mas o conhecimento da vivência ali”.

Luís Carlos “Chupim” também demonstra a importância da conscientização dos jovens estudantes entrarem na universidade e dar continuidade aos trabalhos do Cursinho:

Muitos alunos que se formaram dentro do Cursinho, né... Posso falar do Marcelo aqui da nossa região, de tantos outros que se tornaram professores dentro do Cursinho. Qual era a ideia? Era reproduzir! A ideia era: nós começamos, vocês continuam. Porque a gente sempre conversou com os alunos mais próximos, porque tinha aqueles que se aproximavam mais e quando eles se aproximavam e diziam: meu, esse Cursinho tem que tocar. Daqui uns anos é importante você estar aqui, você vir para dar o Cursinho. E muitas vezes a gente não precisava chegar nem a isso, o próprio aluno tinha isso como consciência. E muitos deles se tornaram professores dentro do próprio Cursinho, foram para coordenação dentro do Cursinho, se organizaram, outros professores que já estavam deram continuidade... então, isso sempre foi uma coisa que a gente trabalhou a ideia de quem somos, qual é a classe que nós somos, o que nós precisamos.

E mais, ele ressalta a importância de alunos seguirem carreira profissional no magistério. “Hoje é muito nítido quando encontro companheiros professores que estão no chão da escola e que eram alunos do Cursinho da nossa época”, diz. Ele ainda complementa com o seguinte trecho:

Foi uma maneira que nossos alunos também se ligaram que eles tinham que buscar os espaços, né?! Ser, de fato, aquele que vai buscar a mudança dentro das estruturas que ele faz parte, né? E grande parte deles viram que a mudança poderia ser feita dentro da escola. Por isso, que foi a base para muitos. O Cursinho foi a base para muitos se desenvolverem.

Em relação às atividades extraclasse ou fora do espaço universitário da PUC-SP e sua incorporação ao trabalho realizado no Cursinho ao longo dos anos, o trabalho de campo, surge, de acordo com Waldeir, a partir dos alunos da Geografia. Ele ressalta, em outro trecho da entrevista, a importância dessas atividades:

Era fantástico porque até os bichos que eles não estavam acostumados a ver a gente acabava encontrando no meio do caminho, como as capivaras, os saguis, os tucanos como a gente viu, os gaviões e todas a geografia fantástica e natural ainda. Era muito interessante para falar das questões geográficas e da transformação dos espaços da cidade.

2.2 COMPOSIÇÃO DO CORPO DOCENTE: VOLUNTARIADO E EXPERIÊNCIA NA/PARA PRÁTICA DOCENTE

Atualmente, o Cursinho não estabelece a licenciatura como pré-requisito para que professores voluntários lecionem. Apesar disso, algumas fontes apontam que o

Cursinho passou a ser um espaço de desenvolvimento de professores sem formação acadêmica em licenciatura, uma vez que a maior parte do corpo docente teve ou tem o Cursinho como uma das primeiras experiências de sala de aula.

Entre alguns diferenciais, está a preocupação de preparar as aulas interdisciplinares e articuladas com saídas de campo. Desde a aula inaugural, mostrando e contando um breve histórico das instituições (PUC e Cursinho) e sua relação até a realização dos trabalhos (ou aulas) de campo, que ocorrem entre quatro ou cinco vezes ao ano e em diferentes lugares da cidade de São Paulo, para que haja aulas em locais relacionados ao conteúdo ministrado em sala e ainda ampliando o espaço educacional de aprendizagem.

A divulgação para encontrar professores interessados em participar do Cursinho feita no espaço da PUC-SP, inicialmente no *campus* Monte Alegre e posteriormente em outras unidades, passando nas salas de aula e apresentando um histórico do Cursinho e seu projeto pedagógico. Outra forma são os panfletos espalhados por diversos cantos da cidade com ampla circulação de pessoas (estações de metrô e trem, terminais de ônibus), em outras universidades, por meio de suas representações estudantis que também cediam espaço para a divulgação. Durante a divulgação é ressaltada a natureza do trabalho voluntário e o compromisso com a causa do Cursinho. Há algum tempo é estabelecido um vínculo informal, no qual não há a assinatura de um contrato ou algo do tipo.

Em relação à composição do corpo docente, Luiz Carlos relembra:

Correr atrás dos professores. Sentamos, elaboramos um plano pedagógico, mais ou menos, e vamos atrás dos professores. Primeiro os da casa. Então vamos lá: História, Sociologia, Filosofia, Direito... dá para pegar alguém? Vamos pegar! Fomos lá para o *campus* da Consolação, vamos pegar o povo de matemática, mas falta biologia. Não dá pra vir de Sorocaba, não dá pra vir de outro lugar, não dá pra vir de Campinas, vamos descer para USP. Descemos para a USP, vamos buscar e tal, e aí montou.

Vanderley, a respeito da formação das redes de contato para compor o quadro de professores no início do projeto, compartilha:

A gente começou com aquele bando de louco do CACS que tinha gente da História, Ciências Sociais e Geografia. Tinha um pessoal muito bom da Matemática que era o Sandro e mais um que eu não lembro o nome, mas o apelido era Portuga, que dirigiam o centro acadêmico da Matemática na Consolação e trouxeram o povo da Matemática. E tinham contato com o pessoal da USP, veio um pessoal de Biologia, e foi tudo na “boca a boca”.

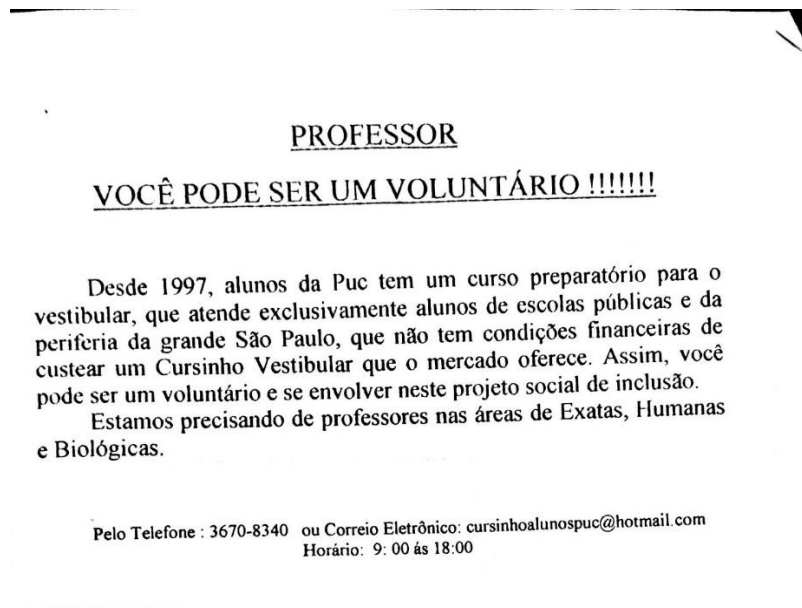


Figura 52 – Panfleto trabalho voluntário de professor (acervo Cursinho)

Este é um panfleto de divulgação convidando para o trabalho voluntário como professor do Cursinho (sem data). Sobre o perfil dos voluntários a fim de iniciar na atividade docente, Luís Carlos relembra quem era os graduandos que entravam em sala.

Quem ia para as salas de aula, eram os alunos. Alunos do segundo ano, terceiro ano, era essa galera. Gente que estava quase se formando. Toda essa galera que já ia entrando... o cara nunca tinha entrado em uma sala. E aí é o seguinte: ele queria? Cê quer, cara? Então esse é o primeiro momento.

A atividade docente no Cursinho possui um caráter formador na qual o professor ganhar confiança em seu próprio trabalho. Waldeir já era professor quando começou no Cursinho, mas compartilha da mesma experiência.

Eles eram estudantes que estavam atuando para ganhar a formação e experiência para dar aula, né. Foi assim comigo e com praticamente todo mundo, além de um cursinho pré-vestibular eu aprendi demais e eu me tornei professor no Cursinho dos alunos da PUC.

Aprender a lecionar e adquirir experiência prática na docência é algo que Sabrina também recorda ter adquirido no Cursinho. É importante destacar que, em 2005, Sabrina era estudante do pré-vestibular e no ano seguinte, passou no vestibular da PUC-SP em História e começou a lecionar no próprio Cursinho.

E entrei na PUC sem nenhum dinheiro, enfim... E comecei já dar aula no Cursinho. Eu comecei a fazer umas oficinas. Eu comecei a estudar na PUC, a ter um conhecimento acadêmico a respeito, mais aprofundado sobre a África e sobre culturas porque aqui na PUC, hoje em dia eu não sei, mas na época que eu estudei era muito forte essa questão étnica, cultural, essa questão social na PUC, isso era muito forte. E o curso, que eu fazia, História, tinha

aulas específicas sobre diáspora africana e é um tema que gostava muito porque eu já era envolvida com o rap, que já trazia isso. Então, já trazia essa questão aí e acabei juntando: meu conhecimento da quebrada com o conhecimento que eu estava tendo ali acadêmico. Então, eu montei umas oficinas sobre cultura, sobre cultura negra, cultura afro-brasileira, com um pouco de conhecimento que eu tinha aqui, no Cursinho. Então, foi dessa forma que eu comecei a dar aula no Cursinho. E tava aqui no Cursinho fazendo um monte de coisa.

Sabrina ainda se recorda a seriedade e importância que dava para as aulas no Cursinho e comenta como era para ela preparar suas aulas:

Eu estudava muito para dar aula no Cursinho. Muito mesmo. Pegava provas do Enem, pegava bastante coisa e me preocupava da forma que eu ia passar essas aulas, né? Porque eu não sabia. Estava começando a dar aula ali. Foi a minha primeira aula. Eu lembro que eu fiquei durante meses... eu tremia, ficava com medo de esquecer. Eu lembro que eu dava as aulas muito completas. Eu queria sanar todas as dúvidas dos alunos. Hoje em dia, eu penso diferente, mas quando eu comecei a dar aula, eu queria tipo assim: eu que tinha que saber tudo, né? Então, lembro que as minhas primeiras aulas foram assim.

Milson também se recorda de sua passagem em sala de aula e a primeira experiência que teve:

Eu dei aula bem no comecinho. Dei umas três, quatro aulas, eu não lembro direito, mas foi bem no início. A gente ajudou a ocupar. Foram essas aulas que eu dei com a Nádia. Eu não tinha experiência, já tinha, então vamos lá... Qual era a ideia também? Na hora de ajudar, quem não tinha experiência, ia com um professor diferente também. Eu cheguei junto com o Valdemar³² em uma aula assim, né? Eu fui lá e ele tinha mais experiência na sala de aula, aí eu fui com ele. Mas eram mais palestras. Falava do conteúdo, mas tinha uma questão social embutida, né? Acho que depois que o pessoal foi se aperfeiçoando com o conteúdo, das discussões... geralmente, a visão da esquerda mesmo, né? De romper com as estruturas e questionar o capitalismo. Eu sei que mesmo dentro do conteúdo, o pessoal seguia, muito provavelmente, nas que eu estava... e nas discussões, geral, seguia esse caminho.

Vanderley Nery também destaca a importância de ter passado pelas salas de aula do Cursinho:

Foi uma escola de formação acadêmica pra muita gente, inclusive pra mim, em todo período que estive no Cursinho eu fui ao mesmo tempo coordenador e professor.

³² Valdemar foi professor do Cursinho por anos e está entre seus primeiros professores e coordenadores. Faleceu vitimado pela covid-19 logo nos primeiros meses da pandemia, em 2020. Em sua homenagem o Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP carrega seu nome: Cursinho Popular Valdemar Gomes.

Por fim, Ronaldo destaca a importância dessa oportunidade de praticar a docência:

Muita gente acabou usando o Cursinho exatamente para aprender a dar aula. Muita gente que fazia faculdade e “ah, eu quero ser professor”, mas que não tinha o pique, a *expertise* de professor e que acabava pegando no Cursinho, né? E acabava pegando ajuda... o pessoal que já está mais acostumado, acaba passando para os outros. “É assim que você faz”, né? Dando dicas de como se organizar. Não é só chegar e “vou dar tal coisa e tal coisa e nem estudar para dar aula”. Tem uns que fazem isso, mas tudo bem, fazer o quê, né? O certo... acho que é bom essa mescla porque acaba dividindo a experiência com o pessoal que está aprendendo a dar aula. Eles usam como um trampolim. “Ah, eu vou ser professor, mas como vou aprender?”. Aprende no Cursinho. Muitos aprenderam.

2.3 – MATERIAL DIDÁTICO E AUTONOMIA PEDAGÓGICA

O material didático utilizado durante as aulas e outras atividades extraclasse é elaborado pelos próprios professores para período letivo. A forma e o conteúdo são de responsabilidade dos professores e de acordo com seu planejamento. A produção e a impressão ficam por conta das copiadoras dos centros acadêmicos, que cedem um determinado número de cópias a partir das cotas que possuem. As impressões eram e continuam a ser feitas com as folhas de papel sulfite, tamanho A4, trazidas pelos alunos no dia matrícula³³.

Vanderley se recorda do processo de montagem das apostilas:

A gente mesmo que montava as apostilas, agora que lembrei, era uma coisa muito louca. Na área, tinha uns três ou quatro professores que se juntavam, e não tinha essa coisa de internet a gente se juntava mesmo, montava as apostilas e tirava xerox lá no CACS.

A respeito do conteúdo da matéria, no caso das apostilas de história, Vanderley, Luís Carlos e Sabrina, respectivamente, compartilham suas lembranças:

³³ Mesmo sendo gratuito há uma taxa de matrícula. Essa matrícula consiste em mil folhas de papel sulfite branco, tamanho A4, para a impressão do material.

O nosso norte eram os vestibulares, no caso USP e PUC. Claro que tínhamos a nossa forma de dar os conteúdos, a maioria era muito crítica, principalmente o pessoal da área de humanas, história, geografia e ciências sociais, mas era conteudista. Eu sou conteudista, né? Não caio nessa lorota de que conteúdo não é importante, mas não dá para discutir aqui porque é muita teoria. Mas o conteúdo era voltado para que o aluno passasse no vestibular. Repito, tinha muita coisa crítica que a gente juntava todo mundo e dava uma grande palestra, que hoje chamaria de conjuntura, explicar o momento historicamente e tinha uma aula inaugural que também tinha esse aspecto, mas a aula em si era conteúdo do vestibular. (Vanderley)

Aí separamos por área de atuação e aí para discutir a questão pedagógica, discutir material... a gente trabalhou sim e não dá para fugir do conteúdo, mas conteúdo contextualizado, né? A gente tinha conteúdo de Revolução Francesa, tinha. É conteudista? É! Mas como trazer isso com uma contextualização? Trazer essa realidade porque é o que cai no vestibular e a gente está preocupado em colocar essa molecada na faculdade. E aí você dizer que vai colocar essa molecada na faculdade sem ser conteudista, você não vai colocar, né? Agora, quando você usar esse conteúdo, ser conteudista nesse sentido, mas a partir daí você fazer uma releitura, né?! Trazer para nossa realidade. E aí a gente sentou, os professores determinavam lá os conteúdos que iam discutir, que eram conteúdos que caíam nas provas mesmo, mas dentro de uma linha que a gente trazia que era o quê? Era contextualizar esse conteúdo e a partir daí mostrar como esse conteúdo caía assim nas provas, mas como estava no dia a dia na vida desse jovem. Essa era uma das coisas importantes. (Luís Carlos)

Eu lembro que tinha a apostila do Cursinho. Então, eu pegava as apostilas do Cursinho, estudava, pegava o currículo do Enem. O que ia cair no Enem? Por exemplo, Brasil. Vai cair colonização, né? Então, pegava os conteúdos programáticos do Enem mesmo, cronologicamente e seguia isso. Pegava a apostila do Cursinho que tinha aqui. Então, eu lembro que as primeiras aulas foram isso: era uma mistura de cronograma do Enem dos conteúdos do Enem com o material que tinha aqui no Cursinho. (Sabrina)

Antes de mostrar o conteúdo de alguns exemplares das apostilas de história, apresento a capa de algum desses materiais, onde pode-se observar parte da identidade visual do Cursinho. Identidade esta que poderia vir acompanhada pelo nome da gestão do CACS ou simplesmente o nome do Cursinho mesmo.

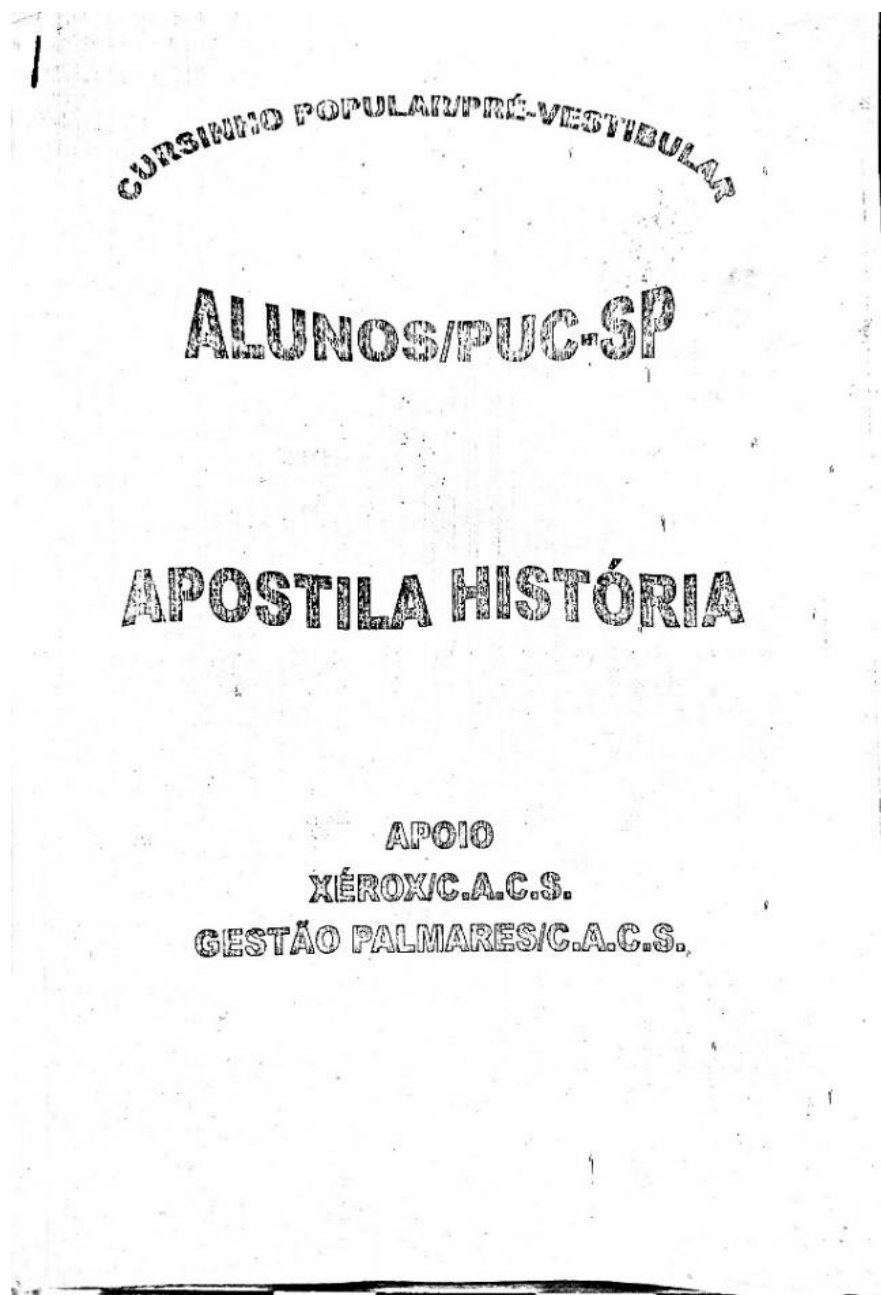


Figura 54 – Capa apostila com apoio direto da gestão do CA (acervo Cursinho)

O começo da História

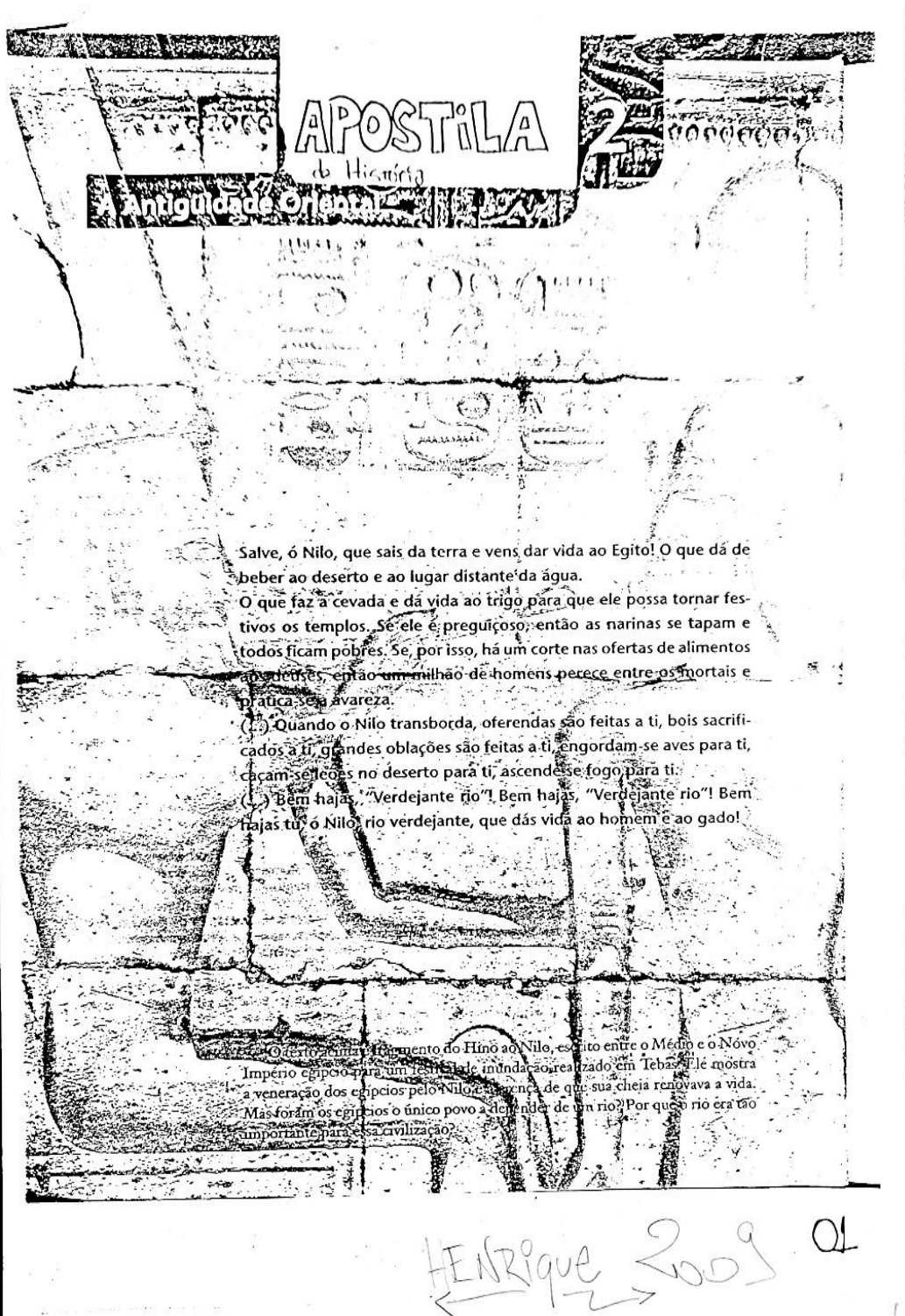
Apostila - 01

Quem construiu Tebas das sete portas?
Nos livros, estão os nomes dos reis.
Mas foram eles que arrastavam os blocos de pedra?
Babilônia foi destruída muitas vezes. Quem a reconstruiu?
Lima era uma cidade dourada. Onde moravam seus construtores?
Na noite em que a muralha da China ficou pronta, para onde foram seus pedreiros?
Roma gloriosa está cheia de arcos do triunfo. Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?
A decantada Bizâncio tinha somente palácios para os seus habitantes?
Na noite em que o mar tragou a lendária Atlântida, os afogados gritaram. Por quem?
O jovem Alexandre conquistou a Índia. Sozinho?
César derrótu os gauleses. Não levava consigo um cozinheiro?
Filipe da Espanha chorou solenemente quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos. Quem lutou por ele?
Cada página, uma vitória.
Quem cozinhou o banquete?
A cada dez anos, um herói.
Quem pagava a conta?
Tantas histórias.
Tantas questões.

(Bertolt Brecht)

01

Figura 55 – Capa apostila 1 – O começo da história (acervo Cursinho)



Salve, ó Nilo, que saís da terra e vens dar vida ao Egito! O que dá de beber ao deserto e ao lugar distante da água.

O que faz a cevada e dá vida ao trigo para que ele possa tornar festivos os templos. Se ele é preguiçoso, então as narinas se tapam e todos ficam pobres. Se, por isso, há um corte nas ofertas de alimentos aos deuses, então um milhão de homens perece entre os mortais e a prática se avareza.

(...) Quando o Nilo transborda, oferendas são feitas a ti, bois sacrificados a ti, grandes oblações são feitas a ti, engordam-se aves para ti, caçam-se leões no deserto para ti, ascendesse fogo para ti.

(...) Bem hajas, "Verdejante rio"! Bem hajas, "Verdejante rio"! Bem hajas tu, ó Nilo, rio verdejante, que das vida ao homem e ao gado!

O texto acima é um fragmento do Hino ao Nilo, escrito entre o Médio e o Novo Império egípcio para um festival de inundação realizado em Tebas. Ele mostra a veneração dos egípcios pelo Nilo e a crença de que sua cheia renovava a vida. Mas foram os egípcios o único povo a depender de um rio? Por que o rio era tão importante para essa civilização?

Figura 56 – Capa apostila 2 – História antiga (acervo Cursinho)



APOSTILA DE HISTÓRIA

2013

Figura 57 – Capa apostila – 2013 (acervo Cursinho)



APOSTILA II
HISTÓRIA

2013

HISTÓRIA

Aula 1 – Renascimento, Crise da Cristandade e o Absolutismo

O RENASCIMENTO

É difícil conceituar um movimento histórico tão criticado de ampla dimensão no tempo e no espaço como o Renascimento. Na verdade, o que ocorreu foram experiências renascentistas que se manifestaram de diferentes formas em um único período. Os valores renascentistas atingiram todos os âmbitos do conhecimento humano, em quase toda a Europa.

Os renascentistas caracterizavam o período que viviam como um momento de breves rupturas em relação à Idade Média.

As origens do humanismo

As transformações gerais que ocorrem na Europa medieval tornavam cada vez mais necessários a atualização e a dinamização do conhecimento. A partir desse movimento introduziram-se na formação educacional do período os "estudos humanos" (história, filosofia, retórica, matemática e poesia), que procuravam dar condições para o progresso e desenvolvimento humano. Os humanistas eram então as pessoas empilhadas na divulgação desses estudos. Nesse contexto aparentemente simples, havia dois elementos fundamentais para o desenvolvimento do humanismo.

• para se aprofundar nas disciplinas humanísticas era necessário retomar os autores, as temáticas e alguns princípios da Antiguidade clássica, de modo geral esquecidos durante a Idade Média;

• os "estudos humanos", como o próprio nome salienta, procuravam cristalizar e basear suas questões e análises no mundo concreto dos seres humanos e na realidade natural e social que os cercam; assim, as explicações sobre os seres humanos e a natureza deixavam de se basear em Deus, nos aspectos divinos e nos dogmas católicos, sem, entretanto, acarretar um rompimento definitivo com a religião católica, que continuava hegemônica.

Por isso, costuma-se caracterizar o humanismo como um movimento antropocêntrico que glorificava o homem e a natureza humana, contrastando com o teocentrismo dominante na Idade Média, fundado no divino e no sobrenatural.

O Renascimento italiano

O movimento renascentista teve início na Itália, no final da Idade Média.

Durante o renascimento comercial e urbano, as cidades italianas ganharam papel estratégico, pois articulavam as atividades comerciais e culturais com o Oriente, através do Mediterrâneo, e com o norte da Europa. As cidades portuárias que mais se destacavam eram Veneza, Nápoles e Gênova; no interior predominavam Florença, Milão, Pisa, Turim.

Durante esse período, a Itália ainda não existia como nação unificada (isso só ocorreria no século XIX). Ela estava dividida em diversos reinos e Estados independentes que realizavam várias atividades comerciais de acordo com seus

interesses específicos. A luta entre estes estados pelo monopólio comercial gerou uma série de conflitos militares. Como não havia um exército unificado, os comerciantes mantinham as suas cidades protegidas por exércitos mercenários, comandados pelos condottieri (chefes de tropas).

Aproveitando o período de instabilidade política, muitas famílias de ricos comerciantes, e às vezes os próprios condottieri, articulavam golpes contra quem estivesse no poder a serviço das famílias Medici, em Florença, e Sforza, em Milão, é um bom exemplo desse tipo de trama. Foi nesse clima político que Niccolò Maquiavel escreveu O príncipe, um livro que trata das estratégias para conquistar ou manter o poder, que se tornou um clássico das ciências políticas modernas.

Algumas dessas prósperas famílias burguesas mantinham e financiavam artistas, cientistas e homens de letras, em busca de reconhecimento, distinção e poder. A aristocracia italiana e a Igreja Católica seguiram esse exemplo. Tais proletores e financiadores ficaram conhecidos como mecenas.

Tradicionalmente, costuma-se dividir o Renascimento italiano em três fases. O Trecento (século XIV) também chamado por alguns de Pré-Renascimento, reflete um momento de transição, em que elementos tradicionais da cultura medieval conviviam com os princípios humanistas renovadores. O Quattrocento (século XV), período do apogeu do renascimento, contou com o apoio de uma rica família de banqueiros, os Médici, que assumiram o poder em Florença. No Cinquecento (século XVI), uma revolta popular liderada pelo frade Savonarola afastou os Médici do poder. Com as políticas renascentistas adotadas por Savonarola, o centro da cultura renascentista transferiu-se de Florença para Roma. Nesse período, a arte renascentista atingiu seu mais alto grau de elaboração, destacando-se as obras de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael e Botticelli. Após atingir esse apogeu, o Renascimento italiano iniciou sua decadência.

O Renascimento atingiu quase toda a Europa, sempre muito influenciado pelo movimento italiano, mas adquirindo características próprias em cada país.

Palcos Rabatos: as atividades comerciais e manufatureiras estiveram presentes desde o final da Idade Média, o que foi decisivo para o desenvolvimento do Renascimento, de um mercado de artes e artistas e do mecenato. O destaque do Renascimento flamengo foi a pintura, arte em que sobresaltaram Roberto Campin, Bruegel e os irmãos Jan e Humbert van Eyck, entre tantos outros. Mas talvez venha da literatura seu intelectual mais conhecido, Erasmo de Roterdã, que, em sua obra principal, Elogio do Louco, criticou duramente a cultura medieval e corrupção da Igreja Católica.



Figura 58 – Capa e conteúdo da apostila – 2013 (acervo Cursinho)

Um detalhe importante a ser destacado é que os professores de história têm grande preocupação com a leitura de mapas e documentos históricos, a fim de que os estudantes possam aprender ou mesmo apurar a leitura desses modelos diferentes de texto. Por isso, a utilização e a comparação entre mapas históricos e políticos. Aqui, temos um exemplo usado para estudar antiguidade ocidental: Grécia e Roma. Parte desse material é um compilado de outros que misturavam livros didáticos de Ensino Médio e materiais de outros pré-vestibulares.

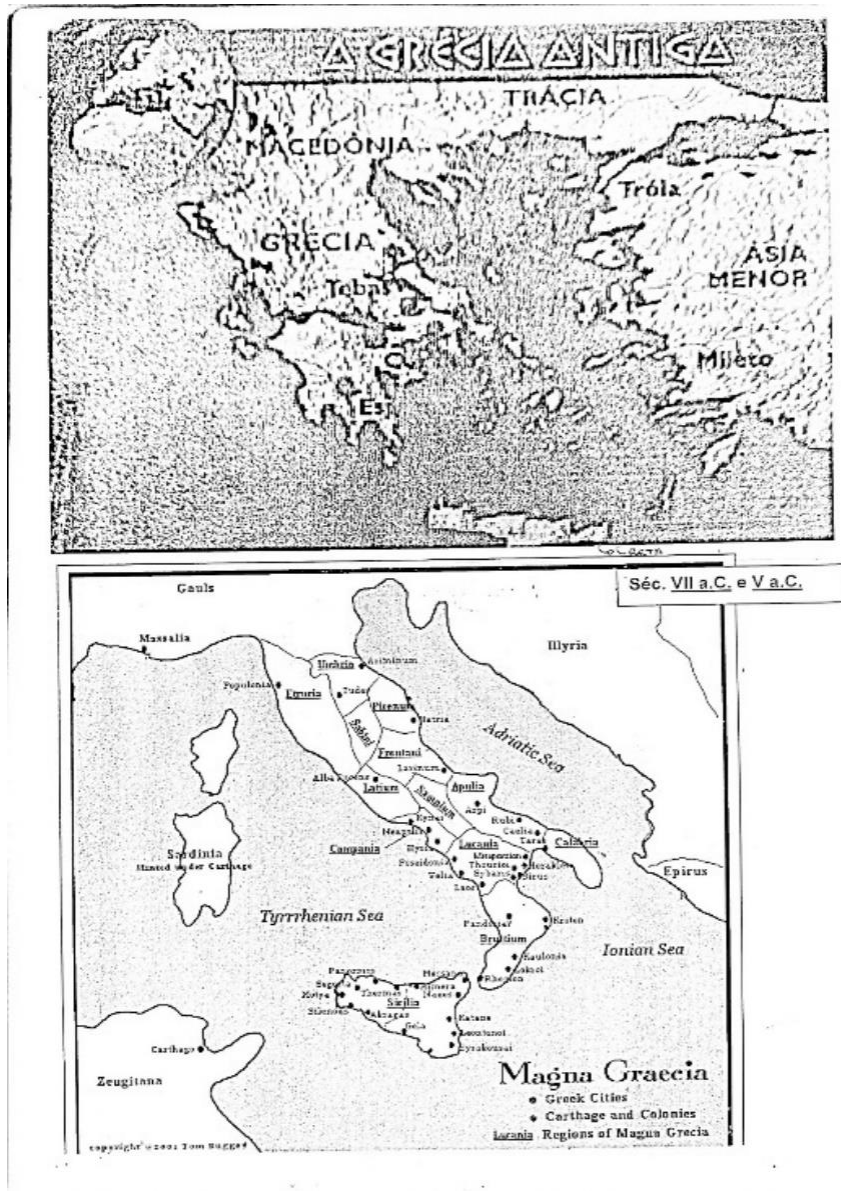


Figura 59 – Mapas históricos (Roma/Grécia) (acervo pessoal)

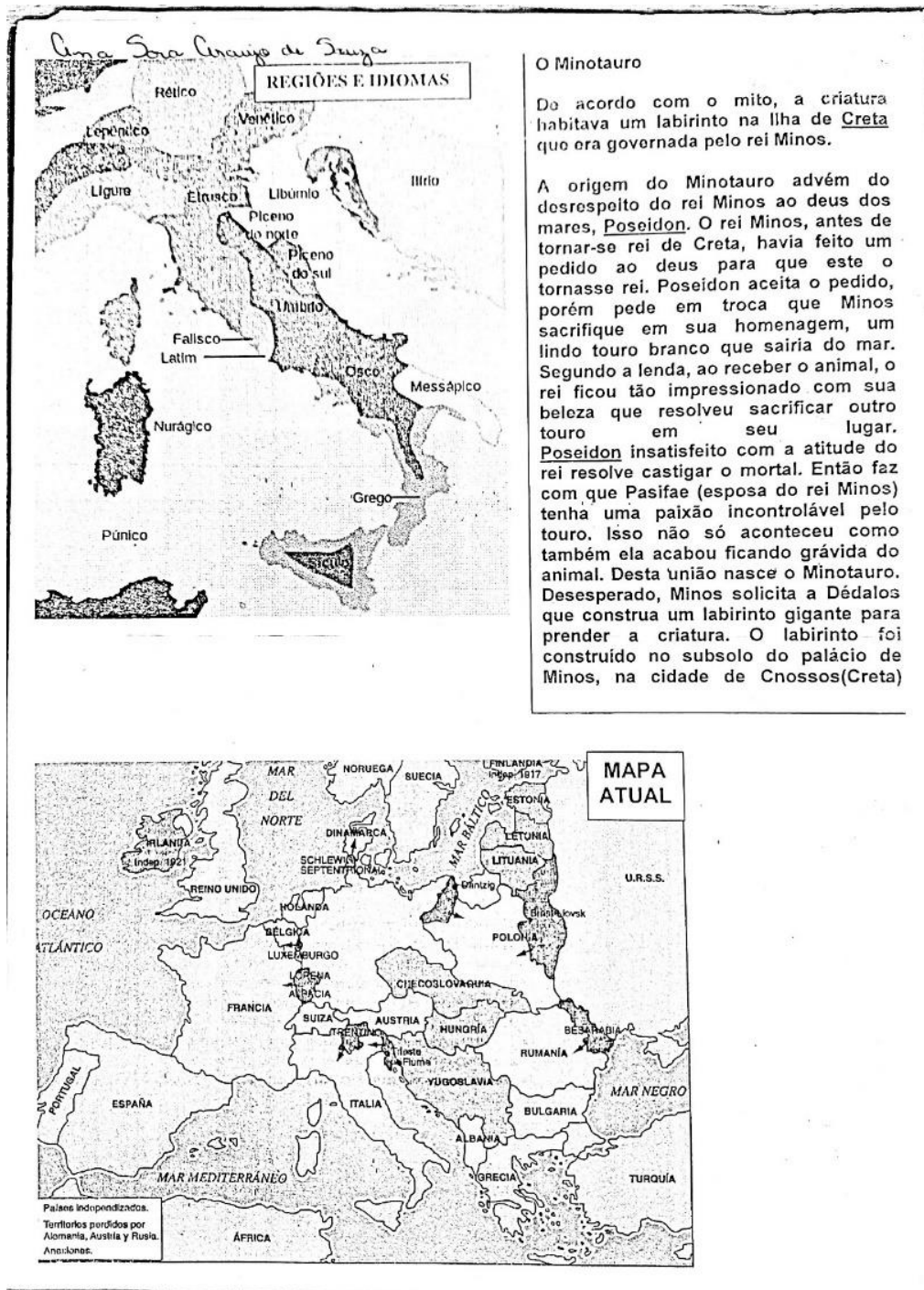


Figura 60 – Comparação de mapas (político/histórico) (acervo pessoal)

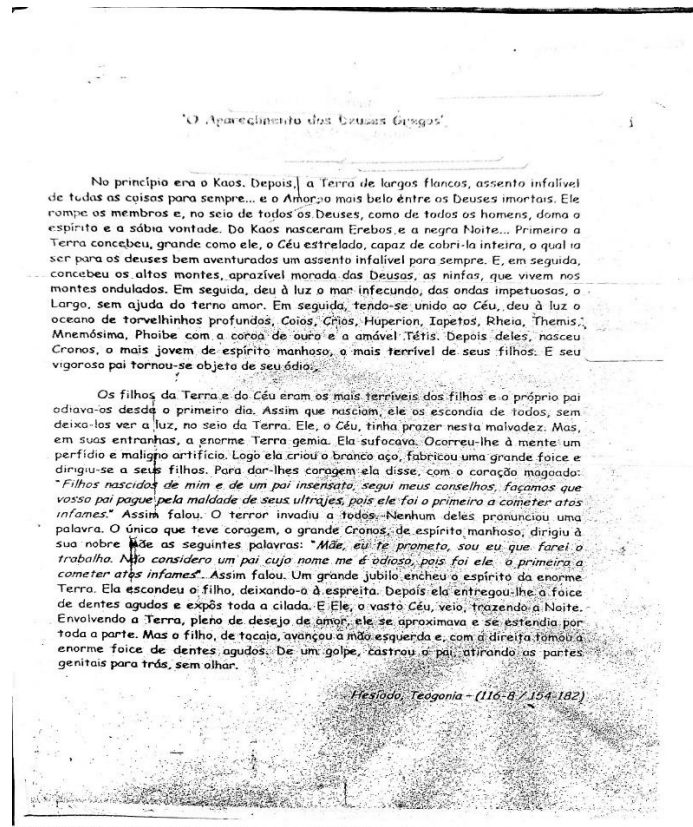


Figura 61 – Texto para estudo de fonte (Grécia) (acervo pessoal)

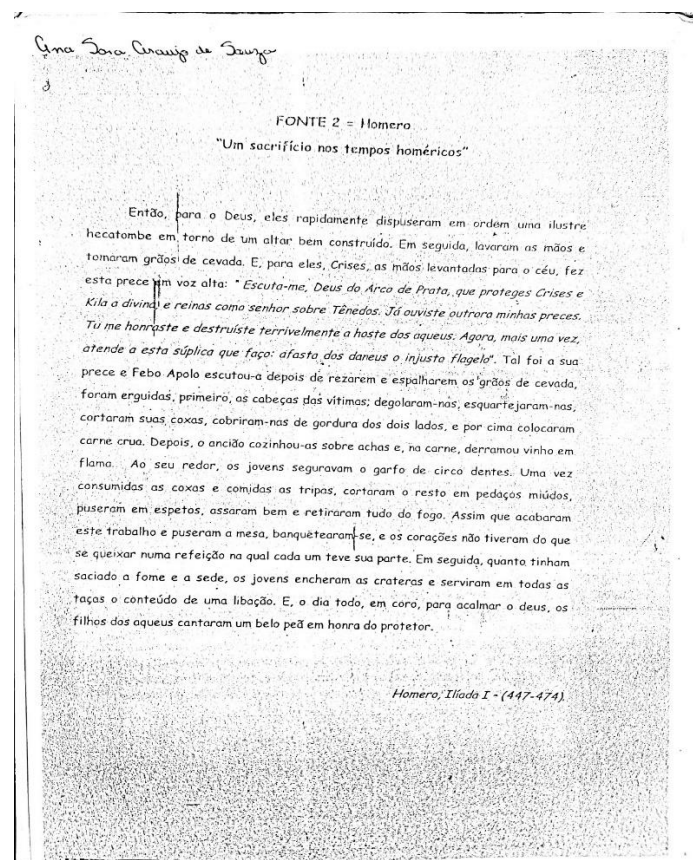


Figura 62 – Texto para estudo de fonte (Grécia) (acervo pessoal)

que os estudantes possam escolher se querem participar. No item a seguir, podemos ver planejamentos dos anos de 1999 e 2005.

OFICINAS - 99

Dia 17/07 (x) *preferencialmente* Dia 24/07 (x)

Tema: Dinâmica teatral e Improvisação

Assunto e Tópicos Apresentar aos alunos as possibilidades
de enriquecimento corporal a partir das
dinâmicas teatrais de (Mário) Vído Spolin e
Augusto Boal.

Responsável Bianca Zucchi Curso: Comunicação e artes do corpo
Contato: 37461600

Grupo: _____

Tempo de Duração + 2 horas

Vagas 20 à 30

Precisa de algum material? Qual? Solo teatral e aparelho de som (cd)

Para uso da Coordenação do Cursinho

Local

Horário



Figura 64 – Planejamento Workshop: dinâmicas teatrais (1999) (acervo Cursinho)

Cursinho dos Alunos da PUC - SP

Tema da oficina: O que é cultura?

Orientador (es): Waldeir

<input type="checkbox"/>	nome
	Lucas Ramos de Jesus
1	Maria do Socorro Barbosa
2	Dani do Carmo
3	Valmiria Faria Rodrigues
4	CRISTIANO CAMILO DE OLIVEIRA
5	Luciana Nascimento Sallza
6	Eva Corrêa
7	Rita do Carmo de Oliveira
8	Tatiane R. Mello
9	Antonio Luis S. dos Santos
10	Lucimara P. dos Reis
11	Danyra Aparecida Pereira de Castro
12	Andréia Cabral de Cordell
13	Maria Aparecida Machado
14	Michelle Branco de Almeida
15	Luciene Vieira Assuda
16	Carina Cristina de Souza Miranda
17	José Felipe de Souza
18	Georgina Freire Brito
19	Camilla de O. Santos
20	Suzanna Barbosa
21	Rafael Pereira Lavilla
22	Luzia Lilia Catalán
23	Ana Paula C. A. de Souza
24	Faiz Sena da Silva
25	Allyssa da Luz Silva
26	Alexandra Mattos
27	Amelise C. Mendes
28	Maria Alice Souza

oficinas

1

Figura 67 – Ficha de inscrição oficina: o que é cultura? (2005) (acervo Cursinho)

Cursinho dos Alunos da PUC - SP

Tema da oficina: A Revolução Cubana

Orientador (es): Cyrillo

<input type="checkbox"/>	nome
1	Dani do Carmo Leite C. Francisco
2	JOSÉ NAMOR DE JESUS Felipe Gabriel Adolpho.
3	Micaela Fernanda do Valle.
4	Alfonso de Silva
5	Samuel M. Santos
6	Samuel Renato de Freitas.
7	Elias Maria Victoriana da Silva
8	Juliana dos Santos
9	Samuel Moque de São
10	Gláucia de Silva Reis
11	Anderson Silva Costa
12	Wendel Ruy mel
13	Vagner Ribeiro da Silva
14	TALLIA Otaviana de Carvalho
15	Juliana da Silva Caldeiras
16	Gliviane de OLIVEIRA Souza
17	Cibele dos Santos Fernandes
18	Meduigo Mendes
19	Rodrigo Leme Ferracelli
20	Moses Carneiro de OLIVEIRA
21	Osvaldo dos Santos Lemos
22	Alessandra Silva Mendes
23	Juliana Andrade de Souza
24	Veronica de Jesus
25	José Wilton dos Santos
26	Patricia Alves F
27	Fernando Alves
28	Maria Rogério Cardoso dos Santos

oficinas

1

Figura 68 – Ficha de inscrição oficina: revolução cubana (2005) (acervo Cursinho)

Cursinho dos Alunos da PUC - SP

Tema da oficina: Como calcular taxa de juros e PIS

Orientador (es): Paulo Germano 15091

nome	
1	Paulo Fernando A. B. Andrade
2	Andriana de A. Vieira
3	Raquel Ribeiro Fagundes
4	Caiolet J. Thuez
5	Danielle Miranda
6	Fabiana da Silva Stos
7	Paula Alves de S.
8	Camilla Ferreira de Almeida
9	Alexandre Rodel de Almeida
10	Julio Cesar dos Reis
11	Renata Ferreira de Sales
12	Sandra Ferreira de Sales
13	Erica Gomes da Silva
14	Lucileide Cesar da Silva
15	Esmeralda Gomes da Silva
16	Cláudia Felix Silva
17	Sandra Torres
18	Shane Sobreira dos Santos
19	Dennis Tenreiro dos Machado
20	Juliana Nogueira dos Santos
21	Mário de Luiz da Silva
22	Douglas de Lima Moraes
23	Andréia M. Cardoso
24	Gabriela L. da Silva Queiroz
25	Kelly R. Stos da Silva
26	Lucas de O. Ferreira
27	Gláucia Stos Simões
28	Rafael José Rocha

1

Figura 69 – Ficha de inscrição oficina: como calcular taxa de juros (2005) (acervo Cursinho)

Sobre quem eram as pessoas que poderiam desenvolver essas atividades, Luiz Carlos relembra que isso ia além dos quadros do Cursinho e ressalta a importância de manter o contato entre o Cursinho e os graduandos de diferentes cursos e proporcionar a oportunidade dessas trocas entre os estudantes de ambas as instituições:

Não, além do pessoal que tínhamos dentro da própria faculdade, que a gente passava avisando, havia também as pessoas que procuravam a gente. Havia muita gente que procurava. Então, isso era importante quando fazíamos esses *workshops*, essas apresentações, que a gente chamava a galera até porque o contato com os centros acadêmicos facilitava essa conversa, raramente passávamos nas salas para estarmos chamando, né? Então, era muito raro. O que a gente conseguia era articular isso junto com os centros acadêmicos e trazer essas pessoas, e marcar essas reuniões nos centros acadêmicos, os diretores dos centros acadêmicos juntavam a galera e ali já conversava com Jornalismo, com a Filosofia... as meninas da Psicologia ajudaram muito a gente, o próprio Direito, você articulava tudo a partir daí, entendeu? Até para essas apresentações que a gente ia fazer para todas as atividades do Cursinho, a principal maneira de articular e aí entra forte o movimento estudantil e os centros acadêmicos, né?

A professora Sabrina também recorda, de uma maneira bem particular, uma de suas lembranças de como chegou a ministrar oficinas.

As coisas vão acontecendo no sentido: é muito dinâmico, né? Então, de repente, faltou um professor, você vai lá e entra na aula do professor. “Ah, você sabe falar sobre o quê?” “Eu sei da história. Meu curso é de História, então eu vou falar sobre história.” Acontecia isso, né? Quando eu estava fazendo as oficinas culturais aqui, sobre África, a cultura afro-brasileira, acontecia de professor faltar, então a gente pegava... Eu tava fazendo história, os alunos estão estudando o quê? História do Brasil. Ah, eu já sei alguma coisa sobre história do Brasil. Então, você entra lá para dar aula para os alunos não ficarem sem aula. Então, eu lembro que começou a acontecer algumas coisas assim.

2.4 TRABALHOS DE CAMPO

A atividade “trabalho de campo” não existia inicialmente na proposta pedagógica do Cursinho, como a pesquisa demonstrou. Ela foi incorporada por iniciativa de alunos da graduação do curso de Geografia da PUC-SP, que tinham essa atividade como parte de sua formação acadêmica.

Vanderley, que lecionou história no Cursinho, diz não se recordar de aulas que ocorressem fora do espaço universitário:

Eu não me lembro de nenhuma atividade fora da PUC, eu só me lembro de atividade na PUC. Pode até ter tido, mas eu não me lembro. Em julho, era férias na PUC, mas a gente continuava o Cursinho, realmente minha memória não está boa com isso não.

No mesmo caminho de pensamento de Vanderley, Luiz Carlos também não se recorda da realização de atividades extraclasse, mas lembra de mudanças que ocorreram ao longo do período em que esteve presente:

Para fora da sala de aula era assim... muitas vezes a gente, no começo, já pegando 97, 98, 99, a gente não tinha muito essa prática para fora da sala de aula. Isso vai sendo implantado aos poucos, quando vai diminuindo a quantidade de alunos... nessas práticas vão acontecer isso. O que a gente fazia na época era incentivar os alunos a visitarem, por conta própria, teatros, bibliotecas, visitar outras faculdades, visitar cursos... a gente incentivava, a gente não tinha estrutura para levar os alunos. Então, os primeiros anos, Henrique, a gente não tinha essas práticas de fazer: vamos lá, pegar os alunos e tal. Não. É, o que tínhamos era: incentivar que ele fosse por conta própria, tá? Então, a gente tem, nesses primeiros anos que a gente está aí, com a quantidade de alunos que tem, que seja 97, 98, 99, que depois vai diminuindo e vai chegar a duas salas, é outra coisa, mas as nossas práticas mesmo eram a sala de aula e trabalhar com os materiais que tínhamos ali didáticos e incentivar os alunos a buscarem além daquilo que a gente tinha condição de dar ali, entendeu? Então, a gente incentiva muito.

Durante a investigação para saber de que forma o trabalho de campo se incorporou à formação que o Cursinho oferece, perguntei ao Milson, que é geógrafo e professor de geografia, a respeito dessa parte da formação acadêmica que lhes era oferecida para procurar entender qual era sua dinâmica:

Na graduação de Geografia está previsto os trabalhos de campo, tanto de pedologia, de geologia... diversos, né?! Uma das queixas que a gente sempre brigou com a PUC era não ter trabalho de campo, tanto é que, uma época colocava um valor de 2% no boleto para pagar, e aí a gente também queria...mas as festas que a gente fazia, eram também para trabalho de campo e também para ir para os encontros de estudante de geografia e contra os estudantes de História, e contra não sei o quê... E a Geografia, eu acho que da faculdade, era a mais organizada. O pessoal de História também se queixava do trabalho de campo. Eles queriam: “pô, a gente não vai para um arquivo, não vai...”

Ainda na esteira de coletar informações a respeito de seu surgimento, durante a entrevista com Ronaldo, ele se recorda dos anos de 2002 e 2003, quando passou de ex-aluno do pré-vestibular para aluno do curso de Geografia da PUC e colaborador do Cursinho.

É porque a ideia do trabalho de campo, na própria geografia, eu não sei se história também tinha, mas na geografia, o que você tem na cabeça é que o ensino não está só dentro da sala de aula, então a ideia dos trabalhos de campo também do Cursinho, era o aluno entender que você consegue aprender em diversos locais, no museu, no teatro, em um parque, no Pico do Jaraguá, você aprendia muito e é muito disciplinar porque geografia, história, tem biologia, né? Então, é justificável. Você vai em um museu, você está vendo história do que aconteceu, então... você tem uma, como se diria, uma gama de coisas que você aprende fora da escola. Você não fica preso a aquela coisa de aprendizagem é só dentro da sala de aula, não é? Você aprende na vida inteiro, tudo.

Já Waldeir, ao ser indagado sobre o surgimento e a incorporação dos trabalhos de campo nas práticas do Cursinho, relembra e reflete a respeito de um dos objetivos relacionados a essa atividade.

No começo não tinha trabalho de campo, essa ideia surgiu depois de alguns anos e também veio, em grande parte, com o pessoal da geografia. Porque a cidade é um grande caminho, e os alunos percorriam um grande caminho, né? Imagina um aluno vindo de Francisco Morato, Perus, Franco da Rocha e Barueri, olha que interessante que era você discutir, por exemplo, na geografia e também na história todos aqueles elementos de passagem na janela do trem. Quantas coisas que você não vê na janela do trem acontecendo até chegar aqui na PUC São Paulo? O centro da cidade tem um contexto histórico e geográfico fantástico, foi assim que surgiram os trabalhos de campo que aconteciam duas vezes por ano. Um era no 1º de maio e o outro era quase no encerramento do cursinho próximo a novembro, no Pico do Jaraguá ou então no Parque Ecológico do Tietê, indo pela Dutra. A gente foi lá muitas vezes também.

Sabrina traz, por meio de suas lembranças, a importância dos trabalhos de campo e como podem ir além da sala de aula e do aprendizado acadêmico.

E os trabalhos de campo do Cursinho não eram só questão de aula fora da sala de aula, era questão de convivência também. Ali, você tem interações, você faz amizade, você conversa com pessoas, diferente de quando você tá na sala de aula. Ali, a gente dentro do Cursinho, eu como professora e com os alunos, a gente montou banda, a gente fez música.

Ao mesmo tempo, abre os espaços de convívio e o espaço de respeito. Tipo assim, o cara te respeita, a pessoa te respeita, como professor te respeita como ser humano fora da sala de aula. Então assim, a gente conseguia fazer isso: o cara te respeitava como professor e te respeitava fora da sala de aula também. Então, é respeito mútuo. É além do conhecimento escolar, é além do conhecimento pedagógico. É tipo assim, para vivência mesmo, os trabalhos de campo proporcionam tudo isso.

Essas atividades são feitas em espaços de visitação dentro da cidade de São Paulo levando em consideração a estrutura e a capacidade para que todos os alunos sejam atendidos.

O ponto de encontro, geralmente, é o Terminal Barra Funda, na zona oeste, onde há acesso de ônibus, metrô e trem. O Dia do Trabalhador, em 1º de maio, é o único evento no qual o encontro é feito nas catracas da estação Sé do metrô.

Os trabalhos de campo têm como objetivo ampliar a prática pedagógica e estão no calendário do Cursinho há tempos³⁴, pois constituem atividades escolares que tradicionalmente costumam ocorrer com visitas a parques e museus, espaços públicos e espaços de memória.

Abaixo, temos um calendário do ano letivo de 2012 com os trabalhos de campo daquele ano:

³⁴ Geralmente realizados em julho concomitantemente com as oficinas temáticas. No rol de documentos constam os planejamentos das oficinas de julho/1999.

- Dia 1º de Maio na Praça da Sé. Aula Histórico-Geográfica sobre o centro velho de São Paulo!
- Dia 09 de Junho no Pico do Jaraguá. Aula Geográfica com pontos de História e Ecologia sobre o Pico!
- Dia 09 de Julho Museu Afro-brasileiro. Parque do Ibirapuera!
- Dia 8 de Setembro no Parque Ecológico do Tietê. Aula Bio-Ecológica sobre a Fauna e Flora da região!
- Dia 09 de Outubro Museu Paulistano. No Ipiranga!
- Dia 15 de Dezembro no Pico do Jaraguá. Despedida de final do ano do Cursinho!

Figura 70 – Calendário dos trabalhos de campo – 2012 (acervo pessoal)

2.5 LOCAIS DE VISITAÇÃO

Entre locais escolhidos para a realização dos trabalhos de campo estão o Parque Estadual do Jaraguá, o centro da cidade de São Paulo (Dia do Trabalhador – 1º de maio), o Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, no Parque do Ibirapuera, o Parque Ecológico do Tietê, Museu Paulista (Ipiranga) e, eventualmente, em outros locais escolhidos (Instituto Butantã, Memorial da Resistência, Museu da Língua Portuguesa e Pinacoteca) em conjunto pelo grupo de professores e pela coordenação.

Quando Waldeir reflete a respeito da importância desse tipo de atividade desenvolvida, ele compara a vivência proporcionada e adquirida no Cursinho pelo aluno que se mostra diversa daquela que a escola tradicional proporciona:

O Parque Ecológico do Tietê era muito interessante para falar das questões geográficas e da transformação dos espaços da cidade, que sofre a mais de 500 anos uma depredação/pavimentação, a ideia era discutir toda essa questão da transformação da cidade junto com a história, geografia e a sociologia.

Para a realização dessas atividades há um planejamento prévio. Como não há qualquer ajuda da Universidade, os alunos são avisados com uma ou duas semanas de antecedência a fim de poderem se planejar e se organizar. A atividade ocorre ao longo

do dia e sua duração depende do lugar visitado. Trabalhos realizados em locais abertos, como parques, têm duração e dinâmica diferentes das realizadas em museus.

Os professores podem produzir materiais didáticos com conteúdo referente aos temas trabalhados nessas saídas a campo. Os planejamentos dessas aulas são desenvolvidos de acordo com o espaço visitado e os temas que esse local pode oferecer. A partir daí cabe aos professores das respectivas disciplinas envolvidas pensarem na forma de apresentar o conteúdo relacionado ao local.

Aulas que ocorrem em espaços abertos, como no Parque Estadual do Jaraguá ou no Parque Ecológico do Tietê, ou na região central da capital paulistana, como no Dia do Trabalhador, iniciam-se pela manhã e acontecem no decorrer do dia, geralmente até a hora do fechamento dos locais, quando em parques públicos. Após a atividade pedagógica, há um momento de confraternização entre os alunos e os professores com uma refeição coletiva. Refeição esta, feita com a colaboração financeira e voluntária de todos que participam (professores e alunos) e que pode ser um churrasco ou um lanche. Essa última parte do passeio procura estabelecer laços de convivência entre professores e os próprios alunos.

As visitas a museus costumam ter tempo de duração menor devido à própria dinâmica de funcionamento desses espaços. Cada um desses locais proporciona aos professores do Cursinho a oportunidade de desenvolver um trabalho único e de forma diferenciada, bem como para os estudantes que podem vivenciar formas diferentes de aprender e de refletir a partir dessas experiências.

Em relação à dinâmica do trabalho de campo, há o seguinte funcionamento: a aula e a pausa para a alimentação que, dependendo do local pode ser um lanche à base de pão, queijo e mortadela, como no Dia do Trabalhador, no centro de São Paulo, ou até mesmo um churrasco, como no Parque do Jaraguá ou no Parque Ecológico do Tietê, em que é possível realizar uma confraternização mais elaborada.

Como o Cursinho não possui renda, o caminho encontrado para oferecer a alimentação para alunos e professores mudou ao longo dos anos. Ronaldo compartilha seu ponto de vista e as experiências passadas como coordenador e organizador que tem para si as seguintes responsabilidades: arrecadação financeira e logística referente à alimentação (o quê e onde comprar). Aqui, ele explica

como isso ocorre em dois locais diferentes com dinâmicas de atividades bem distintas:

O trabalho de campo no começo, quando a gente pegou, tinha uma verba, que era irrisória, não era muita coisa, do centro acadêmico, né? Só que aí ninguém pagava nada. Aí a gente começou a falar: “não, se você fizer uma vaquinha, cada um contribuir com um pouco, dá para comprar muito mais coisas do que os “cara ajudavam”.

No Jaraguá, por exemplo. Era R\$ 10,00. Você ia fazer churrasco... tempo bom que se conseguia fazer churrasco. Então, se fosse só o dinheiro que o Cursinho disponibilizava, você comprava só dois ou três quilos de carne. Com o dinheiro que os alunos contribuía também você comprava uma peça de carne. A gente começou a levar carne, linguiça, saladas, né? Os próprios refrigerantes. Aí o pessoal começou também a “quero suco”, levava suco também. Então, cada um contribuindo com uma coisa, ficou mais fácil de você fazer o trabalho de campo. Você acabava levando muito mais coisa, então você não tinha essa coisa de faltar, né? Era mais bem aproveitado.

Na Sé, era R\$ 5,00 cada lanche. No trabalho de campo, era R\$ 10,00. Você juntando dinheiro com os alunos, cada um dava, acho que R\$5,00, R\$ 10,00 para o trabalho de campo.

Para ilustrar a forma como as atividades se desenvolvem, a seguir, serão compartilhados fotografias, depoimentos e materiais produzidos pelos professores para estas ocasiões.

2.5.1 – Parque Estadual do Jaraguá

Esse trabalho de campo geralmente envolve as disciplinas de história, geografia e biologia. Ele começa no terminal Barra Funda, onde os estudantes e os professores se encontram. Depois, embarcam na estação Vila Clarice, próximo ao parque. Ao desembarcarem do trem e saírem da estação, percorrem um breve trajeto a pé onde é feita a primeira parada, na entrada da aldeia guarani Tekoa Pyau, onde ocorre uma fala a respeito da situação que os guaranis daquela região atravessam por perderem seus espaços devido ao crescimento da área urbana sobre seus territórios.

Ao entrar no parque, os estudantes se reúnem em frente ao casarão de Afonso Sardinha. Nesse momento, é feita uma apresentação da história do parque e da região do período colonial ao tempo presente, buscando identificar quem eram os personagens históricos naquela região. Essas duas primeiras etapas da atividade ficam, geralmente, a cargo dos professores de história.

A próxima atividade é a Trilha do Pai Zé³⁵, que é a única possível para se chegar ao pico. Durante o caminho de subida da trilha, os professores de geografia e biologia se revezam no intuito de mostrar aos estudantes conteúdos referentes à sua disciplina. A chegada ao topo, depois de subir inúmeros degraus, proporciona a vista da cidade e os contrastes que ela oferece.

Ao percorrer o caminho de volta e descer toda a trilha novamente, os estudantes se deparam com um churrasco de confraternização para o encerramento da atividade que acaba às 17 horas, momento de fechamento do parque.



Foto 71 – Aula em frente ao casarão de Afonso Sardinha (2017) (acervo pessoal)



Foto 72 – Vista do mirante do Jaraguá (2017) (acervo pessoal)

³⁵ Tem 3.600 metros de percurso e duração de duas horas e trinta minutos. Por seu alto grau de dificuldade é indicada para maiores de oito anos e durante o seu trajeto é possível observar a Mata Atlântica. A Trilha do Pai Zé é a única que leva até o pico. Disponível em: <https://www.picodojaragua.com.br/trilha-do-pai-ze/>. Acesso em 11 mar. 2024.



Foto 73 – Estudantes no mirante do Jaraguá (2017) (acervo pessoal)

2.5.2 – 1º de maio – Centro da cidade

Esta atividade ocorre todo feriado de 1º de maio no centro da cidade de São Paulo. A ideia é que os estudantes possam conhecer a história da cidade visitando locais relevantes na história brasileira. A atividade também consiste em observar e participar de uma celebração que comemora as conquistas dos trabalhadores ao longo dos tempos que ocorrem em frente à Catedral da Sé, onde se reúnem movimentos sociais, sindicatos de trabalhadores e partidos políticos.

Além de mostrar as comemorações relacionadas a essa data, a ideia é que os alunos possam conhecer de forma concreta espaços e histórias além dos livros didáticos e apostilas. Todo o percurso do trabalho de campo possui um roteiro previamente elaborado. Geralmente, os professores que procuram se envolver com mais afinco nessa atividade são os de história e geografia.

A atividade tem início ainda dentro da estação do metrô, aos pés da escadaria que leva até a porta da catedral, os alunos se reúnem em torno dos professores que começam a aula explicando o trajeto a ser percorrido e a importância dos locais que serão visitados. Durante o percurso, os alunos e os professores fazem uma pausa para o lanche coletivo.

Após a apresentação inicial, a ordem da visita começa pela Catedral, o Marco Zero, Pátio do Colégio, Museu da Cidade de São Paulo (Solar da Marquesa de Santos, Beco do Pinto e Casa da Imagem), rua XV de novembro, Centro Cultural Banco do Brasil, Edifício Martinelli e encerra em frente ao Edifício Matarazzo (atual prédio da prefeitura). Para cada um dos locais visitados, os professores fazem uma exposição

contextualizando os diversos aspectos que constituíram a sua história. Nos anexos, há um roteiro referente ao trabalho de campo de 2013.

Aqui, estão algumas fotos com o intuito de ilustrar alguns desses momentos: início e apresentação (2014); escadaria do Beco do Pinto (2013); e em frente ao Pátio do Colégio (2018 e 2014).



Foto 74 – Catracas da estação Sé (2014) (acervo pessoal)



Foto 75 – Escadaria do Beco do Pinto (2013) (acervo pessoal)



Foto 76 – Pátio do Colégio (2018) (acervo pessoal)



Foto 77 – Pátio do Colégio (2014) (acervo pessoal)

2.5.3 – Museu Afro Brasil Emanuel Araujo (Parque do Ibirapuera)

A visita ao museu ocorre no mês de julho, quando a PUC-SP não abre devido ao período de férias. O ponto de encontro dos estudantes é a estação Santa Cruz do metrô. Depois, os alunos seguem em grupo a pé até o parque.

Esse trabalho de campo consiste em conhecer o acervo permanente do museu e as exposições temporárias em cartaz no espaço. Cabe ressaltar que o agendamento da visita costumava coincidir com o dia da entrada gratuita a fim de minimizar os gastos dos estudantes.

As práticas pedagógicas no local usualmente são desenvolvidas pelos professores da área de linguagens, história e geografia. As fotos abaixo mostram alunos na parte externa do museu e durante a sua visita.



Foto 78 – Aula na parte externa (2015) (acervo pessoal)



Foto 79 – Visitação na parte interna (2015) (acervo pessoal)

2.5.4 – Parque Ecológico do Tietê

Para apresentar este trabalho de campo, mobilizo as palavras do professor Waldeir em relação a uma das vivências proporcionadas aos estudantes:

O Parque Ecológico do Tietê era fantástico porque até os bichos que eles não estavam acostumados a ver a gente acabava encontrando no meio do caminho

como as capivaras, os saguis, os tucanos como a gente viu, os gaviões e todas a geografia fantástica e natural ainda.

Mais uma vez, o ponto de encontro para os estudantes é a estação Barra Funda, na zona oeste, nessa ocasião seu destino é a estação de trem Engenheiro Goulart na zona leste da cidade. As disciplinas aqui com maior relação com o espaço são geografia, biologia e história. Dentro do parque, a aula inicia com uma visita ao Museu Tietê, que possui uma exposição de fotos e objetos que conta as histórias sobre o Rio Tietê ao longo dos anos e todos os seus contextos.

Em um segundo momento, os professores e os estudantes percorrem uma das trilhas do parque em uma dinâmica similar à que ocorre no Jaraguá. Os professores vão expondo e debatendo com os estudantes os aspectos vistos na sala de aula que são observados durante a visita.

Ao final da trilha e da aula, todos os participantes vão para a confraternização com uma refeição final compartilhada entre todos. Aqui, algumas fotos para ilustrar diferentes momentos do trabalho de campo. Este ocorreu em 2012.

Foto 80 – Aula em frente ao Museu Tietê (2013) (acervo pessoal)





Foto 81 – Aula em frente à draga (2013) (acervo pessoal)



Foto 82 – Aula ao longo de uma das trilhas do parque (2013) (acervo pessoal)

O Cursinho segue mantendo uma estrutura organizacional e uma prática semelhante à do seu período inicial, mas com adaptações e mudanças ao longo dos anos a fim de continuar atualizado às novas políticas públicas educacionais, visando atender, de acordo com o alcance, ao acesso à universidade por meio de processos seletivos e vestibulares.

2.6 PROCESSO SELETIVO

O processo seletivo de estudantes postulantes a uma vaga no Cursinho e o número de turmas variou muito ao longo de sua existência, em especial, o número de vagas ofertadas. Como observa Bacchetto (2003), no primeiro ano, foram oferecidas vagas a todos que se inscreveram, em um total de 420 pessoas; já em 1998, foram oferecidas 600 vagas para 2.920 candidatos, baixando para 400 no ano de 1999³⁶.

O episódio relacionado às inscrições mencionado no parágrafo anterior é aqui descrito por alguém que participou por alguns anos deste processo todo, o coordenador Luís Carlos, que relatou da seguinte forma:

Foi muito legal porque no dia da inscrição, velho, foi loucura. Foi loucura! A gente teve que colocar gente, é ali 97, meados de 97, gente em todo lugar fazendo inscrição, mano. E a gente já fazendo a inscrição e tentando imaginar como que a gente vai colocar esse povo dentro da sala de aula... É, mano. É loucura! Para você ver que aquilo que a gente fala, quando se dá oportunidade, aparecem as pessoas. Até então, a gente teve ali, oito salas, em torno de 400, 450 alunos, se eu não me engano. Depois nós tivemos mais de mil inscrições, mas nós não podíamos ficar com todo mundo porque a gente só tinha liberado oito salas, né? E aí, como colocar essa galera lá dentro? E o importante é que a gente colocou essa galera lá dentro, esse primeiro ano, e a gente teve uma evasão muito pequena, em relação a essa galera que entrou. Nos outros anos foram diminuindo salas porque aí a gente olhou e falou: caralho, a gente não consegue dá perna nesse tamanho. Mas, a loucura que a gente fez ali, que a gente colocou e conseguiu tocar até o final do ano, com as oito salas, com evasão pequena.

Waldeir também se recorda do grande número de pessoas que procuraram pelo Cursinho:

Levamos 600 alunos, mas tiveram 2.400 inscritos, né. Mais de 2.000 alunos inscritos pra 600 vagas.

³⁶ Essas informações também se encontram no Projeto Cursinho Pré-vestibular 1999.

E, ainda, outra lembrança de Vanderley que pode nos fazer imaginar o que foi esses primeiros processos seletivos:

Acho que em 98 tinha uma fila de mais ou menos 1.000 pessoas que saía do CACS, subia a rampa para Monte Alegre e descia a Monte Alegre e dava a volta, o pessoal fazia que inscrição e 90% era negro.

O processo seletivo continua ocorrendo por meio do preenchimento do questionário socioeconômico com a anexação da documentação requerida no edital de inscrição. Inicialmente, as candidatas e candidatos interessados deveriam comparecer à PUC para retirar o edital e o questionário. Desde 2019 ³⁷, o acesso a esses documentos se dá por meio da página do Cursinho em rede social, porém devem ser entregues pessoalmente. Alunas e alunos menores de idade devem ir acompanhados por seus responsáveis, dessa forma os pais podem também conhecer o lugar onde seus filhos e filhas estudarão; pessoas maiores de idade são seus próprios responsáveis. Não há limite de idade para a efetivação da matrícula e de quantos anos os estudantes podem frequentar as aulas do Cursinho. Muitos sentem a necessidade de se preparar melhor e frequentam por dois ou até três anos. O importante é que se sintam acolhidos, incluídos e preparados para as provas dos vestibulares.

Segundo os depoimentos coletados, a inscrição já é um primeiro contato do estudante com o espaço universitário propriamente dito. É parte de um processo importante e que consiste em deslocar-se até a PUC e uma vez lá, chegar ao local indicado para realizar a inscrição. Algo que para a imensa maioria desses estudantes é um grande passo para que possam se imaginar acessando algo que parecia muito distante de sua realidade. E resulta também em um primeiro contato com a comunidade universitária.

Chupim rememora em seu depoimento a respeito do primeiro dia de inscrições, e compartilha suas impressões daquele momento:

A prainha lotada! A entrada pela Monte Alegre, é lotada. A entrada por cima... os bedéis ficaram loucos. Só favela. Que lembrava para a gente, e aí a gente fala que era o Cursinho Popular, era o olhar e a imagem de cada um que chega ali, né? E isso comove muita gente porque era uma realidade que a

³⁷Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1O1OJSFzLptr2PBV2UQFpVe7XPhppBYDC/view?fbclid=IwAR0j86-DkPaObXeOGcRO2CajuTaRj7hZWvsQQgJWV-8cRdxaxxG4Ixp3hew%20>. Acesso em: 20 out. 23.

gente não teve, né? E aí a gente estava conseguindo levar aquela “rapaziada” que nunca tinha entrado em uma faculdade e com isso, velho, a gente conseguiu trazer... Hoje encontro muitos colegas que são professores, que começaram no Cursinho, que estão em outras profissões, mas a gente trouxe, cara, aquela galera que olhava para aquele espaço, aquele mundo, que normalmente falavam que não era para eles e a gente colocou lá dentro.

2.7 APOIOS

O Cursinho passou a integrar, por volta de 2015, a Frente de Cursinhos Populares de São Paulo³⁸, que reúne diversos cursinhos populares de diferentes regiões do estado de São Paulo. Essa Frente participa e organiza ações em prol da conquista de novos direitos e da manutenção dos já adquiridos pelos estudantes. Isso ocorre não só com cursinhos comerciais, como também deste ramo da educação que correspondem aos cursinhos alternativos e populares. Movimento este que tem seu lugar de luta na cidade e que “procura tornar o espaço da universidade um lugar mais plural e democrático, tendo pautas como: educação, universidade e democracia” (Castro, 2019, p. 254).

A seguir, veremos textos publicados no jornal *PUC Viva* relacionados à atuação da Frente de Cursinhos Populares junto ao movimento estudantil da Universidade. Os textos abordam questões relacionadas à realização da matrícula de estudantes aprovados no vestibular 2005 e a articulação do movimento com os centros acadêmicos na luta para conseguir bolsas oferecidas pela PUC-SP.

Na terceira publicação, de 2006, podemos perceber que as reivindicações continuam porque a Universidade pouco ou nada fez para garantir a permanência desses alunos após seu ingresso. Um dado importante compartilhado no impresso é de que havia “cerca de trinta estudantes originários de cursinhos populares frequentando as aulas na Universidade”.

³⁸ A respeito da Frente “ela foi criada em 2014 durante a plenária do I Encontro de Cursinhos Populares de São Paulo, organizado pelo Núcleo de Consciência Negra (NCN) na USP, que contou com a presença de suas estudantes, educadoras e colaboradoras, bem como representantes de outros tantos Cursinhos de São Paulo.” Disponível em: https://www.facebook.com/events/375620149311071?locale=pt_BR. Acesso em: 26 out. 23.

ALUNOS CARENTES

Confronto com a Reitoria marca matrícula de ingressantes

No dia 14/1, sexta-feira, último dia de matrícula da segunda chamada, o Centro Acadêmico de Ciências Sociais, Caacs, membros do Movimento dos Cursinhos Populares da PUC e estudantes aprovados no vestibular 2005 provenientes de bairros de periferia, foram impedidos de realizar uma manifestação no Prédio Novo por seguranças da universidade. Os estudantes reivindicavam a isenção da taxa de matrícula para os alunos de cursinhos populares que foram aprovados no vestibular mas não têm condições de pagar a matrícula.

Na primeira chamada e também no dia 13/1, os estudantes realizaram uma passeata pelos corredores do Prédio Novo, onde acontecia a matrícula, protestando com apitos e correntes. No dia 14/1 os estudantes pretendiam repetir o protesto, mas foram impedidos pelos seguranças da universidade, que postaram-se na entrada das rampas do Prédio Novo, impedindo sua passagem.

O presidente da AFAPUC, Anselmo Antonio da Silva, tentou intermediar o conflito, mas seus argumentos não foram levados em conta pela direção da universidade. Anselmo fez uso da palavra, afirmando que em seus mais de 20 anos de universidade não havia visto tal tipo de repressão.

A manifestação dos estudantes ganhou o apoio de participan-

tes do curso de verão – curso promovido pela Igreja Católica, cujo tema geral era solidariedade. Das sacadas do Prédio Novo, os participantes do curso aplaudiam os estudantes. Um dos alunos do curso procurou o *PUCviva* para relatar que tal manifestação estava sendo também impedida pela Reitoria, que mandava que as pessoas voltassem às salas de aula.

Diante do anúncio de que a Reitoria estaria disposta a negociar, os estudantes recuaram. Uma reunião aberta foi feita. Após duas horas de discussão, a direção da universidade apresentou a mesma proposta que havia feito na semana anterior, ou seja, parcelamento da taxa de matrícula em três vezes para os alunos carentes. Os estudantes continuaram discordando da proposta e emitiram uma nota em que acusam a Reitoria de tê-los enganado durante a negociação e de coagir os alunos carentes ao anunciar que a concessão do parcelamento estaria vinculada ao controle do rendimento acadêmico dos estudantes. Já a Reitoria, em carta à comunidade, lamentou “as manifestações ocorridas, que não se justificam em uma universidade que sempre praticou uma ampla política de inclusão responsável, garantindo a presença em seu corpo discente de numerosos estudantes pertencentes às camadas populares da sociedade”.



PUCviva é uma publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.
Coordenação: Valdir Mengarda. **Sub-editor:** Leonardo Divera.
Reportagem: Ébano Piacentini. **Edição de arte, projeto gráfico e editoração eletrônica:** Valdir Mengarda e Ana Lúcia Guimarães. **Colaboraram nesta edição:** Marta Bispo da Cruz, Priscilla Cornalbas, Luiz Carlos de Campos, Erson Martins de Oliveira, Hamilton Octavio de Souza, Anselmo Antonio da Silva, Maria Helena G. S. Borges. **Telefones da Apropuc:** 3670-8209 e 3872-2685. **Correio Eletrônico:** apropuc@sanel.com.br. **Telefone da Afapuc:** 3670-8208. **Endereço do PUCviva:** Rua Cardoso de Almeida, 990 - Sala CA 02 - Corredor da Cardoso - São Paulo - SP. **Fone:** 3670-8004. **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCviva na Internet:** www.apropucsp.org.br.

Figura 83 – Jornal *PUC Viva* – ed.516 – 31/01/2005 (acervo *PUC Viva*)

Cursinhos populares

Já o Movimento dos Cursinhos Populares decidiu juntar sua luta às demais do Comitê. O Movimento discutiu sua proposta de luta conjunta na sexta 4/3, com os CAs da PUC. Há cerca de 30 estudantes originários dos Cursinhos Populares frequentando as aulas na universidade. Eles pagaram a 1ª parcela da matrícula das três acordadas com a Reitoria, mas não estão pagando as demais por não terem condições financeiras.

A Reitoria impôs como condição à efetivação da matrícula o pagamento das três parcelas. O Movimento alerta que, diante da não-efetivação da matrícula, mesmo estando em uma universidade filantrópica, esses alunos podem acabar excluídos da PUC. Os estudantes estão sendo convocados a endossar a luta pela anistia das duas parcelas restantes.

Figura 84 – Jornal *PUC Viva* – ed.520 – 07/03/2005 (acervo *PUC Viva*)

Declaração do Movimento dos Cursinhos Populares

O M.C.P vem expor ao conjunto da universidade sua posição a respeito da forma como a direção da PUC-SP tem conduzido o acesso e a permanência dos alunos de baixa renda nesta universidade.

O ano de 2005 foi de muita luta para os alunos de periferia. Para garantir as matrículas, primeiro tentamos as vias burocráticas; porém, não conseguindo que nossas demandas fossem sequer ouvidas, restou-nos a radicalização do movimento.

Paramos departamentos, nos acorrentamos, entre outras ações que forçaram a Reitoria a ceder o parcelamento das matrículas e a abertura do edital de bolsas 100%, ações essas que a princípio possibilitaram o acesso desses alunos.

Os obstáculos impostos ao povo pobre e preto evidenciam a lógica pela qual a PUC-SP optou. Concedendo ínfimas bolsas mediante pressões internas, posava de comunitária e democrática, escondendo seu caráter elitista.

A deflagração da crise foi a desculpa perfeita para promoverem uma verdadeira limpeza social, atitude expressa no fato de, ao conceder bolsas não retroativas, a PUC-SP pode retirar as bolsas dos pobres alegando o não pagamento das parcelas anteriores à concessão da bolsa, além dos valores absurdos das mensalidades e da extinção de direitos históricos, como a bolsa-alimentação.

Para este ano, as direções da PUC-SP arranjaram um excelente mecanismo para expurgar os alunos da periferia: o novo edital de bolsas de 2006 oferece um desconto de 50% ou 60% na mensalidade, tendo que pagar a outra parte da mensalidade. Para nós, alunos de baixa renda, isto representa nossa extinção do ensino superior. É hora de unirmos forças contra a PUC-SP, a igreja e todos aqueles que querem os pobres, pretos e pretas fora da universidade.

Movimento dos
Cursinhos Populares

Figura 85 – Jornal *PUC Viva* – ed.569 – 10/04/2006 (acervo *PUC Viva*)

Ronaldo se recorda do protesto estudantil que pedia pela matrícula dos inadimplentes, a contemplação destes e a abertura do edital de bolsas de estudo da PUC, onde os alunos se acorrentaram e começaram a retratar o Cursinho e o CACS:

Lembro que logo depois que eu entrei, teve umas mobilizações fortes a respeito de mensalidade, a respeito de matrícula, o pessoal se acorrentou na entrada, na entrada da rampa e alguém que tinha mudado na direção da Reitoria, começou a classificar o Cursinho, na verdade classificou o CACS, como um bando de “arruaceiro” e o Cursinho era um modo de arranjar novos alunos para serem “arruaceiros”.

O Cursinho segue com apoio limitado da Reitoria PUC-SP e da Fundação São Paulo. No entanto, algumas associações internas, como a Associação de Professores da PUC (Apropuc), vêm demonstrando apoio ao trabalho do Cursinho. No caso, a Associação cede seu espaço e sua estrutura física para a realização de reuniões,

processos de inscrições, simulados, aulas, oficinas ou até mesmo saraus. Da mesma forma, a Associação de Funcionários da PUC (Afapuc)³⁹ já manifestou também seu apoio em prol da iniciativa do Cursinho na PUC-SP.

O Cursinho se encontra sediado no mesmo lugar desde sua fundação, sem patrocínio ou auxílio financeiro, a não ser da contribuição pontual e voluntária de professores e alunos para os trabalhos de campo. O papel, a vinculação e o suporte oferecidos pela Afapuc e pela Apropuc também são considerados, assim como a vinculação à Frente de Cursinhos e a participação em discussões de âmbitos mais gerais.

Além do apoio oferecido por esses dois sindicatos, é necessário ainda ressaltar o apoio encontrado nas copiadoras dos centros acadêmicos e suas gestões. Aqui, podemos ver Luís Carlos destacar a colaboração do curso de Jornalismo:

Jornalismo deu uma força muito grande para gente na época. Jornalismo foi importante. E os centros acadêmicos com suas copiadoras bancavam uma boa parte do que a gente precisava de material, tanto para nós, como para os estudantes.

A função das copiadoras era de entregar a impressão do material didático desenvolvido e utilizado pelos professores durante suas aulas, em especial a Copiadora do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Sobre essa parceria, Luiz Carlos ressalta:

E esses parceiros, e aí eu volto a dizer, as copiadoras dos centros acadêmicos, todos eles, mas principalmente a do CACS, os caras seguraram o “rojão” com a gente.

Vanderley ratifica essa relação e o apoio a partir da relação com o antigo dono da copiadora:

O Amauri, falecido e grande amigo, tenho uma saudade imensa daquele cara, gente boa pra caramba, ele e a família dele. Ele era sensacional, um cara muito honesto e ajudou a gente pra caramba. Ele morreu com 45 anos e eu não acreditei, mas foi isso, ele ajudou muito a gente.

Em diferentes momentos dos depoimentos cedidos por nossos colaboradores, podemos notar o tamanho da representatividade e da parceria que foi estabelecida ao longo dos anos. Atualmente, o Cursinho continua a contar com o apoio dessa copiadora que também é parte dessa história.

³⁹ Carta da Afapuc para o reitor, de 27/04/2000.

Nesta parte, mobilizaremos trechos que relatam e registram partes desses momentos. O coordenador Luiz Carlos relembra a razão pela qual o pedido das folhas sulfites.

A gente pedia também, muitas vezes, para os alunos trazerem folhas, né? Os alunos trazerem folhas e aí a gente dava as folhas para os centros acadêmicos e para as copiadoras para eles imprimirem.

E esta passagem nos mostra de forma se desenvolveu o processo de parceria com as copiadoras:

Como a gente fez a conversa com as copiadoras dos centros acadêmicos, eles colocaram para nós: queridos, se vocês arrumarem as folhas, a gente consegue imprimir para vocês. Então, a ideia da matrícula de já trazer as folhas, era o que já tinha garantido e um acerto feito com as copiadoras dos centros acadêmicos de que a gente arrumava as folhas e eles imprimiam nas horas que estivesse mais tranquilo porque tinha dia que era uma loucura. Então, a gente preparava o material, deixava as folhas e eles usavam aquelas folhas. Então, foi a partir daí, da conversa que foi surgindo no decorrer da montagem do Cursinho, da necessidade de produzir o material que a gente olhou e falou: cara, vai um pacote, uma resma de quinhentas folhas, que tem que trazer. Essa é a matrícula. Porque a gente já tinha que garantir o material para imprimir. Pô, os caras já iam imprimir, se dessem folhas ainda... Então, aí tem aquela coisa... Cursinho popular, de graça, que você não precisava mexer com dinheiro, mas você tinha que trazer alguma coisa, que era essa folha que produziria seu material. Então, essa ideia surge no processo de conversação com os centros acadêmicos que eles se propuseram a fazer, mas que eles não tinham como dar folha, senão os custos deles ficavam muito altos. Para a gente foi essencial porque aí a gente... uma mão lavou a outra e a gente se enxugou juntos.

São Paulo, 06 de maio de 1998

CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR DOS ALUNOS DA PUC 1998

CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR DOS ALUNOS DA PUC

São Paulo, 06 de maio de 1998

A

Xerox do C.A. de Educação - Joel Martins

Nós do Centro Acadêmico de Joel Martins estamos fornecendo mensalmente para o Cursinho Pré-Vestibular dos alunos da PUC, uma quota mensal de setenta e cinco (750) cópias.

Atenciosamente,

Joel Martins
07.05.98

igã:
Tari
Ar c
AC:
- F
- F
- R
X
- R
R:
fos

Figura 86 – Cotas de cópias – C.A. de Educação (acervo Cursinho)

Serviço Social

CENTRO ACADÊMICO DE SERVIÇO SOCIAL - PUC/SP

São Paulo, 18 de Maio de 1998.

Aos responsáveis pelo
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR DOS ALUNOS DA PUC.

Prezados Senhores,

Conforme reunião realizada à 16/05/1998 neste Centro Acadêmico entre a diretoria e a copiadora, solicitamos a nomeação de um representante para a retirada de copias da cota fornecida para o cursinho.

Sem mais,

Atenciosamente *Quota 150 p/mês*

Sueli Chappin

DIRETORIA - CHAPA EROS E TEIUS

MILTON
AGRÍCIO
CAROL
GISELE
SERGIO

Sueli Chappin
Quota de 150 cópias
S.A.S. - PUC-SP

05014-901 R. MONTIBALEGRE, 984 PERDIZES TEL: (011) 265.0211 R. 223 - SÃO PAULO - SP
BRASIL

Figura 87 – Cotas de cópias – C.A. de Serviço Social (acervo Cursinho)

São Paulo, 06 de maio de 1998

Ao
Centro Acadêmico de Filosofia - C.A.Fil

Nós, organizadores e colaboradores do Cursinho Pré-Vestibular dos Alunos da PUC/SP, estamos contando com a cooperação de todos os Centros Acadêmicos para que nos sejam doadas mensalmente uma quota máxima de xerox, uma vez que todos os 610 (seiscentos e dez) alunos que foram selecionados para participarem do cursinho recebem todo o material necessário para estarem estudando totalmente grátis.

Queremos deixar claro que todo este trabalho é totalmente voluntário, envolvendo pessoal de todos os cursos de nossa Universidade, é com muita garra e disposição que todos os envolvidos no projeto se dedicam a este trabalho.

O cursinho não necessita somente das quotas de xerox, relacionamos abaixo alguns tipos de material que precisamos para podermos desenvolver nosso trabalho.

- Papel sulfite
- Canetas
- Cartolina
- Fita crepe
- Durex
- Pincéis atômicos
- Clips
- Grampeadores/Grampo
- Pastas poliondas c/elástico

Já entregamos para todos os Centros Acadêmicos uma cópia do pré-projeto (o definitivo ainda não está totalmente fechado com a Reitoria). Caso você não tenha a sua cópia do projeto favor entrar em contato com o CACS (R.340).

Gratos pela atenção,

Coordenação geral

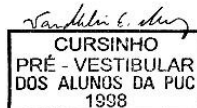


Figura 88 – Carta de cooperação entre o Cursinho e o C.A. de Filosofia (acervo Cursinho)

Por esses motivos, uma pesquisa sobre as contribuições histórico-sociais e para a História da Educação Brasileira desse Cursinho Pré-Vestibular em específico foi necessária. Muitas são as pessoas que passaram por suas aulas e que se graduaram ou estão frequentando os mais diversos cursos universitários e com os mais diversos níveis de graduação universitária, inclusive alcançando títulos de mestrado e doutorado. Parte desses alunos e alunas também foram estudantes das escolas em que lecionei ao longo dos anos de magistério, espaços onde procuro divulgar o Cursinho e mostrar para muitos desses jovens que há um caminho a ser trilhado após a escolarização básica.

Mesmo com os avanços tecnológicos e o alcance dos meios de comunicação, a divulgação boca a boca e panfletária ainda se mostra bastante relevante. Muitos alunos do Ensino Médio da rede pública não são alcançados pelas redes sociais ou têm pouco acesso ou conhecimento ao que realmente seja prestar uma prova do Enem ou algum outro vestibular.

Conclusão

Ao retomar os objetivos propostos por esta pesquisa, podemos concluir a grandeza e a importância de materializar uma história como a do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes para que fique registrada a origem e a forma como foi concebido e construído até a sua consolidação.

Podemos perceber por meio das informações registradas e colhidas por esta pesquisa a importância de se manter determinados tipos e práticas sempre constantes, vivas. Preparar novas gerações para que possam, a partir de suas experiências de vida, adquirir sentimentos e responsabilidades políticas, sociais e culturais.

Para que isso fosse possível e para que a documentação física encontrada fizesse sentido e fornecesse indicações que pudessem consolidar esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com pessoas que participaram do Cursinho em diferentes momentos de sua história e que também conviveram ao longo dessa trajetória em diferentes épocas.

No decorrer desses vinte e cinco anos de (re)existência e permanência dentro do espaço universitário da PUC-SP, o Cursinho passou por mudanças e adaptações em relação ao número de vagas oferecidas, à quantidade de turmas por ano letivo, e às negociações com a Reitoria.

A história oral foi mobilizada pela necessidade de dar voz e sentido aos registros físicos que se apresentavam, aos documentos que forneciam apenas indícios da convivência conflituosa entre a PUC e o Cursinho, porém possuíam textos, carimbos, nomes, despachos, diálogos, mas que necessitavam ser interpretados.

Como seria possível responder tais perguntas: quais foram as influências que os levaram a construir um cursinho popular na PUC-SP? Por que um cursinho pré-vestibular nesse espaço? Que tipo de formação era oferecida? Que atividades eram desenvolvidas? Como surgiram atividades como o trabalho de campo? E até mesmo a pergunta central: nas suas palavras, o que é um cursinho popular?

Com os depoimentos de nossos colaboradores foi possível dar sentido aos documentos disponíveis, além de transformar as entrevistas que levam vivências e

memórias em novas fontes documentais que poderão ser consultadas em conjunto com os documentos já existentes.

O recorte temporal escolhido, de 1997 a 2006, foi reconhecido por Waldeir como um período caracterizado pelo maior número de negociações entre as duas instituições: Universidade e Cursinho.

Sempre teve embate. Todo ano tinha um problema, todo ano precisava mandar, vinha alguma resposta sempre com alguma coisa mais complicada e demorou bastante tempo para a PUC aceitar a ideia do Cursinho dentro da Universidade. Nesse período principalmente, foi o período de mais embates e depois parece que vai aliviando um pouco mais.

Mesmo assim, a Reitoria sempre procurou criar uma imagem a respeito de uma iniciativa que nasceu na própria Universidade a partir de um coletivo negro, o Neafro, que lutava pela promoção e acesso de alunas e alunos negros na PUC-SP, onde ocorreram as primeiras conversas a respeito de se criar um pré-vestibular com essas características e que, por desentendimentos internos, não pôde concretizar esse projeto.

A partir desse contexto, parte de seus integrantes que eram alunos da Faculdade de Ciências Sociais apresentaram esse projeto a outros colegas e estes, por serem também parte da gestão do CA de Ciências Sociais daquele período, procuraram construir um pré-vestibular popular e gratuito na PUC-SP. Uma ação conjunta entre o Neafro, norteador do projeto e o movimento estudantil que agregou volume a essa luta.

Certamente, é o cursinho pré-vestibular popular mais antigo funcionando dentro de uma instituição de ensino superior privada. Tem suas atividades iniciadas em maio de 1997 e permanece em atividade até hoje (março de 2024). Cabe ressaltar que eram poucas as referências que existiam na cidade de um cursinho pré-vestibular popular e gratuito.

Nossos colaboradores, quando perguntados se havia ou houve algum cursinho nesses moldes no período final dos anos 1990, responderam que era o Educafro de Frei David. Mesmo distante da realidade da PUC-SP, ele foi uma referência, mas é importante dizer que o Cursinho passou a adquirir feições próprias da Universidade e dos estudantes que o organizaram.

Um de seus diferenciais é justamente o fato de se constituir também com as características individuais de cada um, mesmo com suas discordâncias, ao longo de sua existência. O Cursinho adquiriu força porque era um esforço coletivo do movimento estudantil da Universidade que trabalhava junto a fim de fornecer condições objetivas para impressão do material didático e até mesmo abrigar o pré-vestibular fisicamente. O Cursinho ainda não possui um espaço físico próprio e adequado para exercer suas funções sem depender de terceiros. Continua alocado no Centro Acadêmico de Ciências Sociais.

O movimento estudantil, as gestões dos centros acadêmicos e suas copiadoras foram essenciais para constituição e a manutenção do Cursinho. Copiadora esta que permanece como a principal parceria para a impressão de materiais didáticos utilizados no Cursinho. Essa relação é duradoura porque diferentes gerações de graduandos deram continuidade ao trabalho do Cursinho, assim como as diferentes gerações de funcionários da copiadora que fazem parte dessa rede colaborativa. A diversidade de centros acadêmicos que se envolveram e colaboraram com aquilo que estava ao seu alcance para que isso ocorresse também.

Encontros com Dom Paulo Evaristo Arns na cúria metropolitana, conversas com o professor Paulo Freire e muitos outros professores universitários que os colaboradores puderam ter a chance de lembrar:

Ainda nessa rede, os sindicatos da Universidade seguem se mostrando solidários à causa do Cursinho Popular e, muitas vezes, cedem seus espaços físicos para atividades do pré-vestibular e, em outras vezes, espaços em sua mídia impressa, o jornal *PUC Viva*. Essas entidades são a Apropuc e a Afapuc.

Essa existência se tornou possível devido ao trabalho pedagógico que é desenvolvido nas salas de aula desde seu princípio: procurar trabalhar a autoestima e as diferentes sensibilidades dos alunos ao oferecer uma formação de caráter humanista.

Os estudantes necessitam dessa formação, não apenas para ingressar e se manter na universidade até obter o diploma no Ensino Superior, mas para que possam ter uma formação complementar, diferenciada em relação àquela oferecida nas escolas públicas estaduais de onde são oriundos. Esse trabalho se inicia a partir do momento em que os estudantes se propõem a se deslocar de seus diferentes locais de origem até a Universidade e a passarem todo o sábado estudando e aprendendo uns com os outros.

O Cursinho é resultado de um movimento estudantil que se organizou em torno de pautas e causas que eram demandas específicas da PUC-SP, enquanto universidade de caráter privado, mas que ao mesmo tempo se mostrava preocupado em atender às demandas de cunho mais amplo, como a democratização ao acesso de jovens periféricos ao Ensino Superior.

E, neste caso específico, para que pudessem prestar o vestibular da PUC e conseguissem dar continuidade a esse projeto por eles mesmos e preparassem outros jovens para eventualmente substituí-los ou trabalhar conjuntamente no mesmo espaço. O Cursinho é cumpridor de uma formação de consciência política, facilitador para o surgimento de novos intelectuais originários das salas de aula das escolas públicas das periferias da capital paulista e sua região metropolitana.

A respeito da cultura escolar do Cursinho podemos concluir sua originalidade e sua flexibilidade. Isso se evidencia pela produção de um material próprio e a criação e incorporação de práticas educativas que não fazem parte da grade curricular de um pré-vestibular privado.

Em adição a isso, o Cursinho tem as portas abertas para aqueles estudantes de graduação, sejam ou não alunos cursando alguma licenciatura, que procuram adquirir experiência em sala de aula. Essa dinâmica de atividades se estende para além do conteúdo específico do vestibular e do espaço da sala de aula.

Isso ocorre por meio da oferta de atividades como as oficinas e os trabalhos de campo que são parte fixa do currículo oferecido pelo Cursinho. E justamente por causa de todas as pessoas que passaram pelo Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes ao longo desses vinte sete anos de atividade.

É na voz de parte dessa história que deixo aqui as definições a respeito do que é e pode ser um cursinho popular para cada um de nossos colaboradores.

Para além dos significados conceituais, um cursinho popular pode ter diferentes definições. Podem variar de acordo com a interpretação de cada pessoa e de sua relação com ele. No caso do Cursinho da PUC-SP, cada entrevistado compartilhou sua visão sobre deste tema. Um local que abriga uma diversidade humana e que se mostra desde o início de suas atividades tem por objetivo o ingresso de estudantes de baixa renda à

Universidade. Por isso, não houve e não há taxas cobradas aos estudantes do curso e os educadores e/ou colaboradores são voluntários.

Uma das possibilidades de desdobramento deste trabalho seria investigar a história de alunos egressos, investigando a contribuição do Cursinho para a trajetória de vida deles.

Na bibliografia de referência, há estudos sobre a experiência e a consciência adquiridas nessa vivência, que proporcionaram condições para que esse tipo de atitude pudesse se multiplicar em outros espaços longe da Universidade.

No campo das pesquisas a respeito de cursinhos pré-vestibulares e de acesso ao Ensino Superior existem pesquisas desenvolvidas em diversos campos, a partir de diferentes chaves teóricas, que destacam os cursinhos pré-vestibulares populares.

Há também pesquisas que tematizam as trajetórias escolares de alunos dos cursinhos como objetos de estudo, feitas a partir de abordagens biográficas, como Dias (2017), que analisa o destino social de alunos provenientes do Pré-Universitário Popular Práxis, que funciona como um projeto de extensão da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), em Niterói, Rio de Janeiro. A autora conclui que esses cursos pré-vestibulares populares:

Vêm cumprindo um importante papel ao possibilitar que indivíduos das classes desfavorecidas socialmente consigam ter acesso ao ensino superior. No entanto, tal contribuição prestada por esses cursos ainda permanece bastante desconhecida por grande parte da sociedade, e os estudos sobre eles ainda são insuficientes para os compreendermos (p.227).

Já os estudos de Aragão, Silva, Neto e Alencar (2015) tratam da prática docente exercida por alunas e alunos universitários, estudantes de licenciatura, que lecionam no Cursinho Popular Emancipa: Movimento de Educação Popular, alocado na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Tais atividades, neste caso, estão ligadas a um programa de extensão universitária que promove o diálogo e a participação das comunidades inseridas, trazendo discussões pertinentes às suas realidades e relacionando-as com assuntos que são trabalhados nas aulas do próprio cursinho. De acordo com a concepção do autor, no “projeto Cursinho Popular

Emancipa, compreendemos a extensão como indissociável da pesquisa e do ensino, posto não existir prática sem teoria, sendo que a prática consolida a teoria” (p.89).

No entanto, neste trabalho, nosso foco foram alguns dos docentes, coordenadores e ex-alunos que deram voz às suas experiências vividas e proporcionadas a partir dessa instituição de ensino e da influência que ela exerceu sobre esses sujeitos históricos. A partir daí, foi incluída no roteiro apresentado aos entrevistados uma questão central/essencial que foi feita a todos: “O que é um cursinho popular para você?”.

O intuito é procurar captar o que cada um pensa a respeito desse assunto, mesmo que o termo Cursinho Popular tenha construído um campo de pesquisa, neste caso, na História da Educação Brasileira, é fato que todos os tipos de experiências desta categoria possuem suas especificidades e singularidades. Fato este que também demonstra a importância do espaço ocupado por esse tipo de iniciativa. Por isso, é importante saber como cada uma dessas pessoas encara isso a partir de sua individualidade e dentro de um espaço coletivo e com objetivos definidos para seu funcionamento e continuidade.

As definições do que foram, são e podem ser os cursinhos populares não são exatas ou fixas, como um modelo de algo em uma linha de produção de uma indústria.

Luiz Carlos: Bom... primeiro que é o seguinte: vou dizer como nós pensávamos o Cursinho naquele período que fez com que a gente chegasse e falasse: “mano, vamos construir o Cursinho Pré-Vestibular e vamos trazer o nosso povo para dentro desse espaço que a maior parte deles não sabe o que é, como nós não sabíamos a um momento atrás. Então, o Cursinho Popular, para nós, ele foi à porta de entrada, né?! O chute na porta, de fato, meteu o pé na porta no espaço que tava determinado para elite, né?! E aí nos falamos: “meu”. Nos reunimos ali em 96, mais ou menos, através do movimento que nós tínhamos, né?! Movimento negro dentro da faculdade Neafro e falamos, né?! Eu lembro do nosso querido Popó, que fazia geografia já naquela época. Ele tinha 70 e poucos anos, era metalúrgico e a gente discutia, né, junto com o finado Valdemar, com toda a galera, Juarez, Valtinho, né?! “Meu”, vamos colocar o povo da periferia dentro dessa faculdade. “Putá, mas como nós vamos colocar o povo da periferia dentro dessa faculdade?” Vamos criar um cursinho pré-vestibular! E era isso, “véi”. Nós tínhamos

que criar o cursinho pré-vestibular para quebrar com aquele mito de que a faculdade não era para a gente, não era para o povo da periferia. E aí nós determinamos. É o seguinte: “vamos criar esse cursinho? Vamos!”. “E quem a gente vai trazer para cá? O povo das escolas públicas dos extremos da cidade.”

Ronaldo Davi: É um cursinho que você não paga, que não tem pagamento, que é o alvo a periferia, o pessoal mais pobre. Para mim, o popular seria isso: sem custo para os alunos.

Sabrina de Paula: Olha, para mim, é pessoal, assim, eu vou falar do lado pessoal, depois eu falo do lado assim, da educação. O Cursinho Popular, eu acho que ele é tudo. Ele é tudo para uma pessoa que não tem perspectiva nenhuma, sabe? Não tem perspectiva mesmo e de repente ele fica sabendo que tem o Cursinho Popular e esse cursinho, ele acaba abrindo várias portas para você. Parece que não, parece que é uma coisa simples, mas no meu caso, ele significou tudo. Foi a mudança total da minha vida, sabe? Total assim. Então, acho que o Cursinho, ele é superimportante na vida de uma pessoa. Na questão coletiva, na questão de você sair do ambiente de onde você tá, ir para um cursinho longe, no centro da cidade também, mesmo aqueles cursinhos da periferia, são bons para você sair dali onde você mora e no cursinho conhecer pessoas diferentes. Ali, você tá lidando com pessoas, tanto pessoas da quebrada, pessoas iguais você que não tem condições de pagar um cursinho, não tem perspectivas...com professores que vêm voluntariamente. Tem professores que se formaram na USP, na PUC, na Unesp, na Unifesp... então você começa a ter esse contato, né?! Então, acho que o Cursinho tem toda essa conjuntura aí. A questão comunitária, a questão de ajuda, a questão de perspectiva, a questão de aulas diferenciadas que na época, para a gente... hoje em dia, se fala muito em aula diferenciada, mas na época não se falava na escola. Então, você chegava ali, você tinha contato com professores, o professor trocava ideia com você da matéria, depois você podia conversar com ele sobre outras coisas, pois eram pessoas abertas. Então, assim, o Cursinho proporciona, acho que tudo isso. Acho que é um conjunto de oportunidades, de privilégio, de conhecimento, que você tem ali. Eu acho que é isso.

Vanderley Nery: Cursinho popular pra mim é o cursinho que nós criamos. É um cursinho com autogestão, com todo mundo se doando, arrumando jeito de tirar xerox de material para os alunos até porque ninguém recebia nada em troca. Foi uma escola de formação acadêmica pra muita gente, inclusive pra mim, em todo período que estive no cursinho eu fui ao mesmo tempo coordenador e professor. Eu só saí quando de fato a vida me fez fazer outras coisas como mestrado, dar aula em faculdade e outras coisas, mesmo assim de vez em quando eu ia dar uma palestra e tal, mas sempre fiz questão de estar na sala de aula no Cursinho. Eu acho que um cursinho é isso, um cursinho voltado para os filhos da classe trabalhadora, para alunos da escola pública e da escola pública da periferia, que é onde você pega aqueles alunos com maior dificuldade e que não tem perspectiva de vida, estudo e se acham menos por serem menosprezados por parte da sociedade. Então a ideia não era só levar os caras para a PUC para estudar, mas era levantar a autoestima e dar outra perspectiva. Assim como fizemos, um monte de gente entrou na PUC e depois na USP, era um orgulho quando os alunos encontravam a gente, era uma festa e muito agradecimento. A Verinha que você citou, ela era apaixonada por isso. O Lúcio Flávio, eu ficava até com vergonha, meu orientador do doutorado e figura emblemática na PUC, toda vez que me apresentava para alguém ele contava a história do movimento estudantil e do Cursinho, de tal impacto do Cursinho. E claro, não poderia esquecer do Waldeir. Então cursinho popular é isso aí.

Waldeir Moreno: O cursinho popular era exatamente trazer, no caso da PUC, aluno de escola pública e de lugares distantes da universidade. De lugares bem distantes, que aliás já tinham alguns alunos, mas ainda eram exceções que estudavam longe. E a questão de ser popular era exatamente para os alunos de escola pública saberem que existia a possibilidade de estudar em uma universidade, tanto na PUC quanto numa USP. Quantos entraram na USP? Vários entraram! Entraram na própria Escola Paulista de Medicina, na Santa Casa para fazer enfermagem, para fazer biomedicina e vários na USP foram fazer Geografia e História. O que quero dizer, é que essa é a ideia de descolar no sentido de “é interessante nós morarmos aqui no nosso reduto, mas tem um outro mundo a parte que está distante e a gente precisa atravessar a cidade para estudar”. E saber que tem gente que está disposta a alterar uma série de realidades que na periferia não existem muitas vezes. Hoje até existe mais e foi depois do Cursinho da PUC que surgiram muitos cursinhos, mas antes eu não sabia de cursinho popular.

Milson Teodoro: O Cursinho Popular é um cursinho que vai atender às necessidades de quem vem da juventude periférica, do povo periférico, né? E que possibilite ele entrar na faculdade, mas, ao mesmo tempo, não deixa de ser um núcleo de formação política. A gente não pode negar isso. O Cursinho, ele... um cursinho popular pra mim é isso. Pelo que entendi é isso e pelo que vi do Cursinho da PUC. Ele que prepara para essa formação política mesmo. Não para... Eu não lembro deles fazerem isso, eles não trabalhavam a questão de pegar mais militantes para as tendências políticas que eles trabalhavam, mas não deixava de ser uma formação política.

Referências Bibliográficas

AGUERRE, Pedro; RICO, Elizabeth de Melo. *Foco vestibular: Diversidade na Universidade*. In: Journal of Studies on Citizenship and Sustainability. n° 1 pp. 88-106. Institute of Sociology, University of Porto. 2015. Disponível em: https://civemorum.com.pt/artigos/1/JSCS_1_Rico&Aguerre_pp.88.106.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.

ALBERTI, Verena. *O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado*. Rio de Janeiro, 1996. CPDOC-FGV.

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da história*. In: *Fontes históricas*. PINSKY, Carla B. (org.). 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE, Rosa Maria T.; FONSECA, Eduardo F. (org.). *Aprovados! Cursinho pré-vestibular e população negra*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2002.

ARAGÃO, Rigler da C.; SILVA, Pablo S. da; NETO, Arlêto V. da S.; ALENCAR, Ladislau de. *Cursinho Popular Emancipa movimento de educação popular*. Revista Ed. Popular, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 83-92, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/29589>.

Acesso em: 06 out. 2019.

BACCHETTO, João G. *Cursinhos pré-vestibulares alternativos no município de São Paulo (1991-2000) – a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

BENITO, Agustín Solano. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

BERNARDO, Teresinha. *Grupo de Pesquisa. Relações Raciais: Memória, Identidade e Imaginário*. In: Revista Ponto & Vírgula 5: 269 – 271, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/issue/view/954>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BOURDIEU, P. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, M.A.; NOGUEIRA, A. C. (orgs.). Pierre Bourdieu. Escritos em educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMARGO, Fernanda F. *Cursinhos pré-vestibulares populares e o caso da UNESP- alguns condicionantes à sua criação e transformação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2009.

- CARR, Edward Hallet. *O que é história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed. 1982. 7ª Reimpressão. 1996.
- CASTRO, Cloves Alexandre de. *Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2005.
- CASTRO, Cloves Alexandre de. *Cursinhos alternativos e populares: geografia das lutas*. Curitiba: Appris, 2019.
- DIAS, Regina Lúcia C. *Trajatória escolar de estudantes das classes populares e acesso ao ensino superior*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (on-line). Brasília, v. 98, n. 248, p. 212-229. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3364>. Acesso em: 24 set. 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura). 18ª edição. 2001.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção questões da nossa época; v.37)
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*. 7ª edição: dezembro de 2008. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere vol.2*. Intelectuais. Princípio Educativo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- GROPPO, Luís Antonio. OLIVEIRA, Ana Rosa Garcia de. OLIVEIRA, Fabiana Mara de. *Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente*. In: Revista Brasileira de Educação. V.24 e240031 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/v24/1809-449X-rbedu-24-e240031.pdf> . Acesso em: 20 mar. 2021.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 2002.
- JULIA, Dominique. *Cultura Escolar como Objeto Histórico*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250681/mod_resource/content/1/273-846-1-PB.pdf. Acesso em: 08 ago. 2021.

MAGALHÃES, Justino. *Estudos das organizações educativas: novas perspectivas*. In: ALVES, Luis Alberto M.; PINTASSILGO, Joaquim (Orgs.) *História da Educação – fundamentos teóricos e metodologias de pesquisa: balanço da investigação portuguesa (2005-2014)* Porto: CITEM, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia Prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, família*. São Paulo: Contexto, 2021.

MENDES, Maíra. T. *Inclusão ou emancipação – Um estudo sobre o Cursinho Popular Chico Mendes – Rede Emancipa de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MITRULIS, Eleny e PENIN, Sônia T. de S. *Pré-vestibulares alternativos – da igualdade à equidade*. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 269-298, maio/ago. 2006.

Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742006000200002&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso: em 25 set. 2109.

NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. *As pesquisas sobre Instituições Escolares: Balanço Crítico*. Disponível em:

http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/as_pesquisas_sobre_instituies_escolares-balanco_critico.pdf. Acesso: em 28 jul. 2021.

OLIVEIRA, Elizabeth Serra. *Movimentos sociais e educação popular no Brasil urbano-industrial*. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT03-2268-Int.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.

PEREIRA, Ingrassia P.; RAIZER, Leandro; MEIRELLES, Mauro. *A luta pela democratização do acesso ao ensino superior – o caso dos cursinhos populares*. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 17, n. 1, Passo Fundo, p. 86-96, jan./jun. 2010. Disponível em: http://coral.ufsm.br/alternativa/images/A_luta_pela_democratiza%C3%A7%C3%A3o_do_acesso_ao_Thiago_Ingrassia.pdf. Acesso em: 25 set. 2019.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. In: *Estudos históricos: teoria e história*. V.5 n.10. Editora da Fundação Getulio Vargas, 1992. p. 200-212.

PONTUAL, Pedro. *Educação popular e participação social: desafios e propostas para hoje*. In: CÁSSIO, Fernando. *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019, pp. 159-164.

SERRANO, Mariana Di Giovanni P. *Cursinhos populares no Brasil: experiência e educação popular na perspectiva da luta de classes*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade do Porto. Portugal, 2020.

TOLEDO, Maria Rita de A. O Ensino Médio no Brasil: uma história de suas finalidades, modelos e sua atual reforma. In: MACHADO, André R, de A., TOLEDO, Maria Rita de A. (orgs.) *Golpes na história e na escola: o Brasil e a América Latina nos séculos XX e XXI*. 1. ed. – São Paulo: Cortez ANPUH – SP – Seção São Paulo, 2017. pp. 178-198.

TÓTORA, Silvana; OTTAVIANI, Edécio. *Educação e extensão universitária: foco vestibular: um experimento da diferença*. São Paulo: Paulinas: EDUC, 2010.

ZAGO, Nadir. *Cursos pré-vestibulares populares: perspectivas e limites*. *Perspectiva*; v.26 n.1 (2008): Dossiê – Trabalho, Movimentos Sociais e Educação. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p149>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ANEXOS

1 - Entrevistas

Entrevista 1 – Luiz Carlos Rosa

HENRIQUE PROFILI: Testando... Vamos lá! Se você puder se apresentar então, igual a gente tava combinando... falar um pouco de ti, quem é você, o que você faz, o que você fez e aí a gente vai seguindo nossa ideia aqui, mano. Pode ser?

LUIZ CARLOS: É! Aquelas perguntas que você fez, todas elas a gente tem como poder responder, né?! Então, tranquilo! Conforme cê for fazendo, a gente vai falando, tá?!

HENRIQUE PROFILI: Firmeza! Gente, a gente tá começando aqui a entrevista então com o Luís Carlos Rosa, um dos fundadores, também pensadores ou idealizadores do Cursinho Popular da PUC, dos alunos da PUC, e ele vai fazer uma descrição breve dele e o currículo dele, de quem ele é o que ele faz e assim a gente começa. Vamos lá!

LUIZ CARLOS: Vamos lá! Sou Luís Carlos Rosa dos Santos, conhecido como Chupim. Hoje, na região de Caieiras, conhecido como professor “Luiz Negão”, né?! Sou formado em Ciências Sociais pela PUC, com complementação em História e Filosofia. Hoje, sou professor do estado, né?! Nas disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, né? Moro e sou muito ativista do movimento de moradia na região Oeste, região do Jardim Rincão, zona noroeste de São Paulo, né?! Que inclusive foi uma das bases que me deu condição para ir na faculdade. Foi quando eu me integro no movimento de moradia em 1989, né?! 1989! E isso me dá, começa a me dar o conhecimento de fato do que é a sociedade, das desigualdades, das lutas que a gente teria que passar e isso vai ser importante que vai me forjar dentro dos movimentos sociais e é o que vai me levar para faculdade, né?! Então, através do movimento moradia, eu vou ter conhecimento da Universidade, vou ter conhecimento da PUC e vou conseguir entrar na PUC, mas já vou conseguir entrar na PUC já pensando na bolsa. Por quê? Porque não tinha a grana, como todos nós. Desculpa! Não tinha grana e já tinha as pessoas que já lutavam dentro dos centros acadêmicos, principalmente nos de Ciências Sociais, Filosofia, entre outras. E é aquilo, né?! Me encontrei no curso de Ciências Sociais porque o que eu praticava no meu dia a dia, agora eu tava buscando teorizar

tudo isso que eu praticava no dia a dia e foi muito legal porque já me colocaram na cena dizendo: “Negão, arruma a grana para pagar matrícula e daí pra frente é luta!”. E fui para faculdade em 89. Isso vai ser importante, né?! A gente vai ficar um bom tempo dentro da PUC. Na verdade, em 89 não, de 85 para 86. O que acontece, quando eu entro na PUC, eu vou pagar matrícula e começar o processo de bolsa. Eu lembro que a minha bolsa foi aprovada por causa da morte dos 17, do Eldorado dos Carajás, né? E como eu era, na época, um dos coordenadores do Movimento dos Sem Terras, aqui na zona noroeste, a minha bolsa foi dada pela comoção que a sociedade passava naquele momento e também pela comoção que a faculdade, por ser uma faculdade filantrópica, que tem todo esse processo... Eu lembro que quando eu fui ler a aprovação, tava lá: “dar bolsa, pois o aluno faz parte da coordenação do Movimento Sem Terra de São Paulo”. Então, é assim que eu entro na faculdade, meu querido, Henrique.

HENRIQUE PROFILI: Estava explicitado ainda, né? O porquê da bolsa.

LUIZ CARLOS: É, já tava.

HENRIQUE PROFILI: A partir daí você entrou no curso de Ciências Sociais e tudo mais... 95?

LUIZ CARLOS: É!

HENRIQUE PROFILI: 95, a gente sabe que o Cursinho surge mais ou menos por volta de 1997 lá no segundo semestre, né?

LUIZ CARLOS: Mais ou menos! É nessa idade, é nesse período que ele vai surgir em 97.

HENRIQUE PROFILI: Eu não escrevi aqui, mas a primeira pergunta que eu queria fazer para você é: o que é para você o Cursinho Pré-Vestibular Popular?

LUIZ CARLOS: Bom... primeiro que é o seguinte: vou dizer como nós pensávamos o Cursinho naquele período que fez com que a gente chegasse e falasse: “mano, vamos construir o Cursinho Pré-Vestibular e vamos trazer o nosso povo para dentro desse espaço que a maior parte deles não sabe o que é, como nós não sabíamos a um momento atrás. Então, o Cursinho Popular, para nós, ele foi à porta de entrada, né?! O chute na porta, de fato, meteu o pé na porta no espaço que tava determinado para elite, né?! E aí nos falamos: “meu”. Nos reunimos ali em 86, mais ou menos, através do movimento que nós tínhamos, né?! Movimento negro dentro da faculdade UNeafro e falamos, né?!

Eu lembro do nosso querido Popó⁴⁰, que fazia Geografia já naquela época. Ele tinha 70 e poucos anos, era metalúrgico e a gente discutia, né, junto com o finado Valdemar⁴¹, com toda a galera, Juarez⁴², Valtinho⁴³, né?! “Meu”, vamos colocar o povo da periferia dentro dessa faculdade. “Putá, mas como nós vamos colocar o povo da periferia dentro dessa faculdade?” Vamos criar um cursinho pré-vestibular! E era isso, “véi”. Nós tínhamos que criar o cursinho pré-vestibular para quebrar com aquele mito de que a faculdade não era para a gente, não era para o povo da periferia. E aí nós determinamos. É o seguinte: “vamos criar esse cursinho? Vamos!”. “E quem a gente vai trazer para cá? O povo das escolas públicas dos extremos da cidade”. E aí nós fomos sentar, discutir, elaborar como ia montar o cursinho e já fomos “...”. Montamos oito salas.

HENRIQUE PROFILI: Oito salas na primeira turma experimental de 97?

LUIZ CARLOS: Oito salas! “Mano”, foi loucura! Montamos oito salas, cada sala com média de 50, 60 alunos. E aí, vamos abrir para inscrição. Como nós vamos fazer para abrir inscrição? Beleza! Vamos lá, sentar primeiro, correr atrás dos professores. Sentamos, elaboramos um plano pedagógico, mais ou menos, e vamos atrás dos professores. Primeiro os da casa. Então vamos lá: História, Sociologia, Filosofia, Direito... dá para pegar alguém? Vamos pegar! Fomos lá para o campus da Consolação, vamos pegar o povo de Matemática, mas falta Biologia. Não dá pra vir de Sorocaba, não dá pra vir de outro lugar, não dá pra vir de Campinas, vamos descer para USP. Descemos para a USP, vamos buscar e tal, e aí montou. Quando a gente tinha uma parte dessa galera. Não tinha todo o corpo docente não. Vamos montar o cursinho! Tá, mas como que vamos trazer essa galera? Meu, conversamos e dividimos em turmas e fomos nas escolas estaduais das nossas regiões. Na minha região, a gente foi para Caieiras, Franco da Rocha, Francisco Morato, né?! Cajamar, região aqui de Pirituba e tal. Outra galera, Vanderlei, entre outros, ia para na zona norte, zona norte não, zona sul. Outra galera para zona leste. Mano, nós incendiávamos, espalhávamos o cursinho para a cidade e marcamos a data, não lembro a data agora não, mas marcamos a data de inscrição. Mano, no sábado, favela ocupou geral.

⁴⁰ Roberto Rodrigues era estudante da Geografia.

⁴¹ Valdemar Gomes foi estudante da História na PUC-SP e exerceu as funções de professor de História e coordenador no Cursinho. Falecido em 2020 vítima da covid-19, foi homenageado dando seu nome ao pré-vestibular, hoje chamado Cursinho Popular Valdemar Gomes.

⁴² Estudante do Curso de Filosofia.

⁴³ Valter Ramos Jacinto, o Valtinho era estudante de Ciências Sociais na época e integrou a coordenação do Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: Prainha lotada?

LUIZ CARLOS: A Prainha lotada! A entrada pela Monte Alegre, é lotada. A entrada por cima... os bedéis ficaram loucos. Só favela. A gente fez a conversa com a com a Reitoria, e a Reitoria: “Mano, a gente libera para vocês, mas nós não temos estrutura nenhuma. Vamos dar as salas, o restante é com vocês!” E nós fomos de cabeça, cara! Meu, o que lembrava para a gente, e aí a gente fala que era o Cursinho Popular, era o olho e a imagem de cada um que chega ali, né? E isso comove muita gente porque era uma realidade que a gente não teve, né? E aí a gente estava conseguindo levar aquela “rapaziada” que nunca tinha entrado em uma faculdade e com isso, velho, a gente conseguiu trazer... Hoje encontro muitos colegas que são professores, que começaram no Cursinho, que estão em outras profissões, mas a gente trouxe, cara, aquela galera que olhava para aquele espaço, aquele mundo, que normalmente falavam que não era para eles e a gente colocou lá dentro.

HENRIQUE PROFILI: Boa! E tinha algum outro cursinho pré-vestibular, assim, que vocês já conheciam na cidade ou alguma outra localidade que inspirou, que ajudou vocês a organizarem essa questão do cursinho pré-vestibular?

LUIZ CARLOS: Tinha, tinha alguns que rolavam que a gente... na verdade assim, usou como base, mas assim, a gente podia pegar principalmente o Educafro, né?! E a partir daí com as experiências de cada um, cada um trouxe sua experiência. Na verdade, a gente não se baseou muito em cursinhos não. O Educafro era uma referência, mas era uma referência um pouco distante, mas o que fazíamos era: cara, a gente tem condição de fazer. Tinha algumas experiências, de alguns integrantes da comissão em cursinhos pré-vestibular de vila e nós trouxemos tudo isso, e a experiência da sala de aula, eu principalmente, a paixão de trazer esse povo excluído, esse jovem excluído para dentro do espaço que não era dele, né? Essa era a nossa referência! O Neafro, como fala, o Educafro, ele foi, assim, a gente teve como norteador, mas não aprofundamos. Nós criamos mesmo a partir das nossas experiências e isso foi muito legal. Foi muito legal porque no dia da inscrição, velho, foi loucura. Foi loucura! A gente teve que colocar gente, é ali 97, meados de 97, gente em todo lugar fazendo inscrição, mano. E a gente já fazendo a inscrição e tentando imaginar como que a gente colocar esse povo dentro da sala de aula.... É, mano. É loucura! Para você ver que aquilo que a gente fala, quando se dá oportunidade, aparecem as pessoas. Até então, a gente teve ali, oito salas, em torno de 400, 450 alunos, se eu não me engano. Depois, nós tivemos mais de mil inscrições,

mas nós não podíamos ficar com todo mundo porque a gente só tinha liberado oito salas, né? E aí, como colocar essa galera lá dentro? E o importante é que a gente colocou essa galera lá dentro, esse primeiro ano, e a gente teve uma evasão muito pequena, em relação a essa galera que entrou. Nos outros anos foram diminuindo salas porque aí a gente olhou e falou: caralho, a gente não consegue dá perna nesse tamanho. Mas, a loucura que a gente fez ali, que a gente colocou e conseguiu tocar até o final do ano, com as oito salas, com evasão pequena, conseguimos aglutinar mais professores. Aí separamos por área de atuação e aí para discutir a questão pedagógica, discutir material... a gente trabalhou sim e não dá para fugir do conteúdo, mas conteúdo contextualizado, né? A gente tinha conteúdo de Revolução Francesa, tinha. É conteudista? É! Mas como trazer isso com uma contextualização? Trazer essa realidade porque é o que cai no vestibular e a gente está preocupado em colocar essa molecada na faculdade. E aí você dizer que vai colocar essa molecada na faculdade sem ser conteudista, você não vai colocar, né? Agora, quando você usar esse conteúdo, ser conteudista nesse sentido, mas a partir daí você fazer uma releitura, né?! Trazer para nossa realidade. E aí a gente sentou, os professores determinavam lá os conteúdos que iam discutir, que eram conteúdos que caíam nas provas mesmo, mas dentro de uma linha que a gente trazia que era o que? Era contextualizar esse conteúdo e a partir daí mostrar como esse conteúdo caía assim nas provas, mas como estava no dia a dia na vida dessa jovem. Essa era uma das coisas importantes. E aí, no ano seguinte, a gente já começou a ter frutos, né?! Que foi alunos que já começaram, nessa primeira turma, a entrar nas Universidades, inclusive na PUC, para fortalecer as futuras comissões.

HENRIQUE PROFILI: Isso já em 1998, então?

LUIZ CARLOS: Já 98, já tinha aluno do Cursinho dentro da própria PUC, fora os que foram para outras Universidades, mas a maioria quis ficar lá, né?

HENRIQUE PROFILI: E era uma premissa de vocês é, tipo, preparar o pessoal para entrar na PUC especificamente ou não ficava restrito somente ao vestibular da Universidade?

LUIZ CARLOS: Estava restrito a vestibulares. Agora nós, nós, fazíamos o máximo possível para que esse aluno optasse pela PUC. Por quê? Para dar continuidade aos nossos projetos e trazer o aluno para dentro da PUC. Essa era nossa ideia.

HENRIQUE PROFILI: E como que vocês trabalhavam essa questão?

LUIZ CARLOS: Oi?

HENRIQUE PROFILI: Não, fala. Pode falar...

LUIZ CARLOS: Agora, se os caras fossem para outra Universidade, não tinha problema. Ele ia para onde quisesse, mas a ideia nossa, é que eles viessem para dentro da PUC porque era aquele espaço que a gente tinha que conquistar, né? E quanto mais colocássemos lá, eles nos substituiriam e continuariam o projeto. Essa era a ideia que a gente tinha e isso foi uma das coisas que foram acontecendo. Foi acontecendo que está aí, né, Henricão...

HENRIQUE PROFILI: Por isso que te pergunto, mano. Entrei em 2005 porque o Waldeir me convidou, né? E eu não me envolvia muito nas questões, mas eu sabia que já tinha algumas tradições... algumas tradições, eu vou colocar o termo aí que eu gosto de usar, a tal de “cultura escolar”, né?! Um conceito que eu vou procurar trabalhar, até mesmo não só pelas aulas, né? Pela autonomia didática e pedagógica que a gente tinha, né? Ou, tem, quer dizer, que tudo que eu aprendi no Cursinho foi tudo na base da história oral, né? Como se fosse uma tradição, um griô, um contador de história indígena, um pajé, que vai passando essas coisas, né? Então quando eu entrei, em 2005 para 2006, acho que já havia algumas coisas consolidadas, né? Então, é...e aí você pode corrigir ou colocar adendo, subtrair, mas assim, eu vejo a formação do Cursinho como parte de um movimento estudantil. Não necessariamente organizado em partidos políticos ou não, mas um movimento estudantil. E aí vem uma pergunta, assim, que eu aprendi com vocês, em parte observando, né? Na época que eu entrei, eu era calouro em 98, vocês já eram veteranos, né? Tinha um grupo muito legal, que era o grupo do Clécio⁴⁴, você, o Michel, o Valtinho, que era o pessoal muito misturado das Sociais e da História que assim, que acolheu a gente que era calouro, naquela época 98, 99, bastante bem. Então eu perguntaria até para ti assim...você como um estudante de Ciências Sociais, assim no final da década de 90, já tendo todas essas experiências egressas a universidade, você caracterizaria o movimento estudantil, sei lá, em nível nacional ou até local na PUC, nessa época da gestação do Cursinho... você acha que esse movimento estudantil, na sua experiência quando você entra na Universidade, de outros colegas, ela influencia também nessa questão de voltar-se

⁴⁴ Clécio Ferreira Mendes é professor universitário e foi professor de História do Cursinho quando aluno da graduação.

para educação, do acesso à universidade, do jovem negro e periférico? Como você acha?

LUIZ CARLOS: Eu acho que assim... Tem duas coisas que são importantes, que vão dar o norteador. Primeiro: a gente tem sim o movimento estudantil até porque éramos todos estudantes, não estávamos ligados a nenhuma entidade estudantil, nem a um partido porque tínhamos gente de todos os partidos que estavam ali, tinha gente que não era de partido nenhum, tinha do Social-Democrata, tinha tudo... de todo lado, era uma grande salada. Mas, eu vejo, principalmente, o norteador foi o movimento negro, tá? Não foi o movimento estudantil, mas foi o Neafro. O Neafro foi o norteador porque nas nossas primeiras reuniões, nossas primeiras discussões, elas se dão a partir do movimento negro que tinha dentro da PUC, você entendeu? O movimento estudantil ele vem agregar no decorrer porque quando o movimento negro, o Neafro, fala “vamos criar o cursinho vestibular”, nós saímos dessa reunião e vamos aí sim falar com o movimento estudantil e com os centros acadêmicos, entendeu? Como o movimento negro estava muito mais ligado ao CACS, que é o Centro Acadêmico de Ciências Sociais, e daí fomos procurar a Filosofia, fomos procurar o Jornalismo, fomos procurar os Centros Acadêmicos e aí sim entra o movimento estudantil. Então, o cerne da gestação do Cursinho se dá dentro do movimento negro, tá? Só que não dava para o movimento negro, sozinho, conduzir e como nós tínhamos uma ligação do movimento negro com o centro acadêmico, então insere o movimento estudantil e aí que a coisa cresce. A gente trabalhou muito ali, nós: PUC, juntos! E aí descemos para buscar o movimento estudantil da USP, descemos para buscar o movimento estudantil na Consolação, no *campus* da Marquês e aí a gente começa a entrar em contato com outros grupos, que estão ligados a centros acadêmicos, que tinham e que queria participar dessa proposta. Então, são esses dois norteadores.

HENRIQUE PROFILI: Maravilha! E você lembra de alguma coisa assim, de dificuldades, entre o movimento estudantil de implementação do Cursinho com a Universidade? Como foi esses primeiros anos, esse primeiro contato, sei lá, de 97 a... Até que ano você ficou no Cursinho? Eu esqueci de perguntar.

LUIZ CARLOS: Eu fiquei, na verdade, até 2002/2003.

HENRIQUE PROFILI: Como coordenador?

LUIZ CARLOS: Isso! Na parte de coordenação.

HENRIQUE PROFILI: Firmeza. Então, esse tempo assim, entre 97 e 2002/2003, que você ficou lá como coordenador, existiam alguns embates com Universidade? A relação foi sempre harmoniosa? Foi sempre conflituosa? Como que era essa maré, assim, que se dava entre a tentativa ou a implementação do Cursinho, né?! Você falou que inicialmente, em 97, a PUC cedeu oito salas, é isso, né?! Para oito turmas...

LUIZ CARLOS: Isso! Nós fizemos com oito salas. Na verdade, é o seguinte: a gente foi sempre para o embate, não dá para fazer o contrário. Nós fizemos uma proposta, montamos o projeto, colocamos na mão da Reitoria e dissemos: nós queremos montar, nós vamos montar com o Centro Acadêmico, com o Neafro... “Não que isso não dá”, “Dá”... E a gente teve uns embates, como é. Junta um monte de negros universitários, jovens da periferia, estudantes e fala: vamos montar um cursinho dentro da Universidade particular, por mais que ela seja filantrópica, vai haver conflitos, mas a gente foi convincente. Nós conseguimos convencer os “caras”, de que dava certo, de que a gente tava colocando nossa cara a tapa. A gente tinha respeito, você entendeu? A gente tinha respeito da Universidade, da Reitoria, a gente tinha respeito de professores, que acreditaram porque a gente não estava lá para brincar. E assim, a gente sempre fez as conversas e conseguimos implantar aquilo. Agora, dizer para você que a gente tinha todos os recursos possíveis? Não tinha! Tinha sala de aula e giz e tínhamos que nos virar, entendeu? Então, tínhamos parceria com centros acadêmicos, que conseguiam xerox para gente pôr para os alunos, né? Para montar as apostilas. Os caras da USP conseguiram... então assim, a gente buscava, tá? Com a Universidade nós sempre fizemos as conversas, tivemos embates, mas sempre conseguimos ser convincentes para fazer o Cursinho funcionar. A estrutura, a base que eles deram para nós, que era o uso aos sábados, do horário que a gente queria, usávamos não só o prédio da Ciências Sociais, mas o de Jornalismo também, né? Jornalismo deu uma força muita grande para gente na época. Jornalismo foi importante. E os centros acadêmicos com suas copiadoras bancavam uma boa parte do que a gente precisava de material, tanto para nós, como para os estudantes. E o restante era básico. Raramente, cê conseguia um projetor, alguma coisa. E temos que falar que naquela época mal tínhamos um notebook, era um ou outro que se tinha. Então, era o seguinte: texto, cópia desse texto, explicação, cê entendeu? Quando dava para produzir o material, dava na mão da molecada, mas nós não tínhamos como colocar 450 apostilas na mão de 450 alunos, né?

Nós colocávamos textos. Para os professores conseguíamos colocar o material completo, para os alunos era lousa. Lousa, explicação, quadro, conversa. Então era isso, essas eram as dificuldades que tivemos. E durante todo esse processo que a gente teve, como eu falei para você que o primeiro ano foi loucura no sábado, a gente foi percebendo que tínhamos que diminuir salas até porque a gente via que, muitas vezes, baixava a qualidade que nós queríamos, né? A qualidade pedagógica, da política pedagógica que nós queríamos, falta de professores, correria para lá e para cá, e a gente foi minimizando isso. Agora, foi muito legal o lançamento do Cursinho, cara. Que nós fizemos o lançamento do Cursinho, que a gente fez a inaugural no Tucarena⁴⁵, né?! Que a gente conseguiu fazer essa aula Tucarena lotado. Favela tomou conta do Tucarena, né?!

HENRIQUE PROFILI: Tem fotos, né? Estavam o professor Antonio Rago⁴⁶, o Popó na mesa, o próprio Valdemar, né?

LUIZ CARLOS: Isso! Estavam todos nós na mesa, compondo a mesa, fazendo as falas. E assim, cara, se o cara já estava deslumbrando por estar dentro da Universidade, da PUC, e quando ele vai para a aula inaugural, ele faz dentro do Tuca, mano... Isso foi emblemático mesmo e superbacana, sabe? E era isso que motivava o tempo todo, né? Então, para você ver que a gente foi conquistando o tempo todo, conquistando espaços dentro da PUC porque nós sabíamos fazer essa boa negociação. Dizer que não tinha conflito? Tinha! Mas a gente conseguia. Não dava para se ter uma relação dessa, sem ter esse conflito, esse diálogo e superar isso, né? A gente conseguiu os espaços, conseguimos... o Neafro conseguiu... conseguimos algumas coisas, como se fala, para o almoço, né? Algumas bolsas para os alunos comerem lá na bandeirão. Naquela época das bandeirões. Então, a gente foi costurando várias coisas. E o legal que a gente conseguiu, isso é uma das coisas que eu acho importante, o envolvimento de quase de todos os centros acadêmicos, né? Quem ia para as salas de aula, era os alunos. Alunos do segundo ano, terceiro ano, era essa galera. Gente que estava quase se formando. Toda essa galeria que já ia entrando... o cara nunca tinha entrado em uma sala. E aí é o seguinte: ele queria? Cê quer, cara? Então esse é o primeiro momento. Então vamos! E a gente foi costurando. Tinha apoio de professor, que nos davam uns toques. Professores que nos davam apoio, respaldo junto à direção. Tudo isso foi importante.

⁴⁵ Teatro de Arena da PUC-SP.

⁴⁶ Antonio Rago Filho, professor do Departamento de História da PUC-SP.

HENRIQUE PROFILI: Você lembra, assim, de algum episódio ou que marcou essa questão conflituosa? Eu digo assim porque na documentação que eu achei lá nas gavetas do CACS, tinha alguns despachos da própria Reitoria dizendo que era um risco deixar os alunos, deixar os professores do Cursinho, que eram alunos da Universidade, de usar o videocassete e a televisão no carrinho, né? Porque caso acontecesse alguma coisa, vocês não teriam dinheiro para pagar, quem iria se responsabilizar... então, assim, partindo desse tipo de documentação, a gente pressupõe, né?! Quais podiam ser esses obstáculos que, por mais que a Universidade disse que aceitasse, parecia que ao mesmo tempo, ela não aceitava muito, mas enfim...

LUIZ CARLOS: Aceitava porque a gente impôs que ela aceitasse. A gente chegou em uma condição que a gente colocou gente dentro da Universidade e a Universidade não tinha como expulsar, se pegar a característica que ela tinha. Então, acontecia muitas vezes a gente pegar o material e não estar liberado. Eu, ir buscar a TV e o videocassete e não estar liberado naquele dia e aí a gente se virava. E, depois, fazíamos a cobrança. Por isso que eu te disse que o que a gente mais usava mesmo eram as nossas impressões, que era coisa que a gente tinha como garantia. Tinha vídeos que a gente ia usar... tinha vezes que tava liberado, tinha vezes que você preparava a aula e a gente que tava na coordenação tinha que ir lá, bater na porta e falar: pô, não liberou, a gente precisa disso e tal. E corre para lá e corre para cá, e dava uns pulos, e aí o professor consegui liberar de um lado, de outro, entendeu? E assim, a gente conseguia. Mas, várias vezes aconteceu, né? A gente chegava com a aula preparada em vídeo e não tinha aonde passar ou juntar para passar em um lugar só, mas isso não impediu do que a gente tinha que fazer. A gente sempre tinha uma segunda carta na manga, né? Ah, não tem isso hoje? A galera que tava ali na frente, que tava na sala de aula, era uma galera do seguinte: meu, é isso que eu preciso. Não tem? Então eu arrumo isso aqui para fazer! Então nisso, a gente não ficava na mão, né? Então, foi assim, das relações mais conflituosas que teve, foi isso. Do restante, dizer que teve conflito mais emblemáticos, não, não, não teve. Mas, tinha esses perrengues de vez em quando da gente não ter as coisas que a gente necessitava e tinha isso: se você quebrasse um videocassete naquela época, quem ia pagar? A gente não tinha nada, a gente não tinha grana, a gente tinha vontade. Vontade de fazer o “bagulho” e aí fomos buscar parceiros para fazer o “bagulho” e foi isso que a gente fez o tempo todo, entendeu? E esses parceiros, e aí eu volto a dizer, as copiadoras

dos centros acadêmicos, todos eles, mas principalmente a do CACS, os caras seguraram o “rojão” com a gente.

HENRIQUE PROFILI: Então, você acha que o apoio das copiadoras dos centros acadêmicos, foi uma das coisas meio que essenciais, assim, para o Cursinho?

LUIZ CARLOS: Toda! Para a época, para nós era, porque nós precisamos de material, precisava imprimir o material e a gente fazia um acordo com os caras.

HENRIQUE PROFILI: **Finado Amaury⁴⁷ foi um dos primeiros a colaborar? Finado Amaury, dono da copiadora.**

LUIZ CARLOS: É! A gente pedia também, muitas vezes, para os alunos trazerem folhas, né? Os alunos trazerem folhas e aí a gente dava as folhas para os centros acadêmicos das copiadoras para eles imprimirem.

HENRIQUE PROFILI: Ainda bem que você tocou nisso... essa prática continua hoje, inclusive, eram mil folhas, aí passamos para dois mil. Passamos não, tem que distanciar o pesquisador do militante da educação popular... enfim, eu sei que eram mil folhas, depois passou-se para duas mil, aí repensou se voltou para 1.500... de onde surgiu essa ideia da molecada, vou colocar molecada porque era um público mais jovem, mas de onde surgiu essa ideia de que alunos trouxessem as folhas de papel sulfite como uma o pagamento de matrícula, né?! Vamos colocar assim porque, bem ou mal, quem vem da ponte para lá, tem que levar, tinha que levar o dinheiro, né?! Às vezes, para dividir a marmita, marmita não, para pode dividir uma bandeja com colega ou rolava aquela ideia de lanche coletivo, né?! Descer ali no mercadinho, comprava o pão, a mortadela, o suco em pó... como que surgiu essa ideia da questão da matrícula? Vai, vamos dizer assim: de os estudantes levarem as folhas para elaborar o próprio material didático.

LUIZ CARLOS: Como a gente fez a conversa com as copiadoras dos centros acadêmicos, eles colocaram para nós: queridos, se vocês arrumarem as folhas, a gente consegue imprimir para vocês. Então, a ideia da matrícula de já trazer as folhas, era o que já tinha garantido e um acerto feito com as copiadoras dos centros acadêmicos de que a gente arrumava as folhas e eles imprimiam nas horas que estivesse mais tranquilo porque tinha dia que era uma loucura. Então, a gente preparava o material, deixava as

⁴⁷ Dono da copiadora do CACS.

folhas e eles usavam aquelas folhas. Então, foi a partir daí, da conversa que foi surgindo no decorrer da montagem do Cursinho, da necessidade de produzir o material que a gente olhou e falou: cara, vai um pacote, uma resma de quinhentas folhas, que tem que trazer. Essa é a matrícula. Porque a gente já tinha que garantir o material para imprimir. Pô, os caras já iam imprimir, se dessem folhas ainda... Então, aí tem aquela coisa... Cursinho popular, de graça, que você não precisava mexer com dinheiro, mas você tinha que trazer alguma coisa, que era essa folha que produziria seu material. Então, essa ideia surge no processo de conversação com os centros acadêmicos que eles se propuseram a fazer, mas que eles não tinham como dar folha, senão os custos deles ficavam muito altos. Para a gente foi essencial porque aí a gente... uma mão lavou a outra e a gente se enxugou juntos.

HENRIQUE PROFILI: Entendi. É interessante porque eu cheguei a reparar também... Tem aquelas caixas arquivos de plástico lá no CACS ainda, né?! Principalmente entre 98 e 99, que eu fiz minimamente uma tabulação, acho que 98/2000 junto com a ficha vinha anexa uma carta escrita de próprio punho dos alunos dizendo o que eles pretendiam, né?! Qual era a pretensão deles em ser aluno do Cursinho, o que eles queriam com isso, né?! Isso também foi uma ideia que vocês conversaram internamente, assim como, sei lá, um critério de seleção ou não... porque quem lia essas cartas, né?! Eu sei que como fonte de pesquisa, dependendo da onde a gente fosse levar essa pesquisa, assim né, Chupim, dá para a gente tirar...

LUIZ CARLOS: Mil coisas!

HENRIQUE PROFILI: Exato! São “n” formas de interpretar e se construir, né?! Uma dissertação, uma tese ou até mesmo artigos, né? Derivados assim, nesse sentido... de onde foi essa ideia da carta de intenção ou enfim...

LUIZ CARLOS: Bom, essa ideia da carta surge assim... Primeiro, eu volto a dizer: nós fomos até os alunos. Nós fomos nas escolas. Nós fomos buscar esses alunos. Nós fomos em todas as regiões. Agora, quando esse aluno chega lá, o que ele quer? Então, essa carta de intenção, ela vem nesse sentido, de mostrar assim: nós estamos trazendo esses caras para cá e o que eles querem? Então, quando você lia aquelas cartas, essa carta, na maioria das vezes, te motivava a fazer o trabalho para o Cursinho. Então, essas cartas surgem de um papo nosso: pô, vamos pedir para os alunos redigir algo sobre qual

expectativa ele tem entrando aqui, se ele quer se formar, onde quer chegar... foi assim. Para a gente ter um retorno daquilo que a gente estava fazendo. Então, essas cartas que surgem... nem todos trouxeram essas cartas, né? Mas assim, as que vieram, elas mostravam muito que nós tínhamos conseguido, através do Cursinho, chegar aquilo que nós queríamos, que era a autoestima desse aluno, que era revitalizar o sonho desse aluno, que era dizer para ele que era possível, né? As cartas nos davam muito esse norte... mano, estamos fazendo um trabalho certo e hoje, volto a te falar, você mesmo como fruto disso, sabe, né, cara... quantos e quantas hoje... eu encontro colegas de sala que começaram com a gente no Cursinho. Minha colega de profissão e que estão em outras profissões, que estão em outros lugares, que começaram com a gente, então essas cartas tinham essa questão, de dar o retorno para nós, do que estávamos fazendo e elas, as poucas que vieram que não são muitas, mas elas conseguem dar esse retorno para a gente.

HENRIQUE PROFILI: Então, a maneira estrutural e financeira que a gente, que a gente... olha, eu de novo já na terceira pessoa... que o Cursinho se mantinha, né?! Eu percebi que tipo... eu achei uns panfletinhos, acho que devem ser de 98, por aí, né?! Anunciando festa no Pátio da Cruz... Então, a questão estrutural, assim.... Você falou que o Centro Acadêmico dava o apoio, né?! Da base do Cursinho, onde a gente se reúne e faz reuniões, as copiadoras ofereceram as fotos de cópia, né?! Também consegui achar algumas notas das próprias copiadoras dos centros acadêmicos lá, autorizando o número x de cópias e tudo mais, e o dinheiro vinha de onde para fazer algum evento? A pergunta, até uma pergunta tentando emendar é assim, a minha prática pedagógica inclui o trabalho de campo, né?! As minhas não, a prática pedagógica do Cursinho inclui o trabalho de campo lá, né?! Aquele trabalho que já é tradicional lá do 1º de Maio no centro da cidade, o Parque do Jaraguá, né?! No começo, na sua época, quando vocês iniciaram o Cursinho, esse tipo de atividade pedagógica já existia, vocês foram implementando junto com o tempo? Porque eu vi tinha uns *workshops*, né? Como falava, com a gente usava o termo época, mas que depois viraram as oficinas. Como que era? Isso já era desde 97 para 98 vocês, vocês começaram a agregar esse outro tipo de prática pedagógica, você como coordenador recebeu essa ideia dos professores, como que foi esse processo dessas práticas pedagógicas para fora da sala de aula?

LUIZ CARLOS: Olha, para fora da sala de aula era assim... muitas vezes, a gente, no começo, já pegando 97, 98, 99, a gente não tinha muito essa prática para fora da sala de aula. Isso vai sendo implantado aos poucos, quando vai diminuindo a quantidade de alunos... essas práticas vão acontecer isso. O que a gente fazia na época era incentivar os alunos a visitarem, por conta própria, teatros, bibliotecas, visitar outras faculdades, visitar cursos... a gente incentivava, a gente não tinha estrutura para levar os alunos. Então, nos primeiros anos, Henrique, a gente não tinha essas práticas de fazer: vamos lá, pegar os alunos e tal. Não. É, o que tínhamos era: incentivar que ele fosse por conta própria, tá? Então, a gente tem, nesses primeiros anos que a gente está aí, com a quantidade de alunos que tem, que seja 97, 98, 99, que depois vai diminuindo e vai chegar a duas salas, é outra coisa, mas as nossas práticas mesmo era a sala de aula e trabalhar com os materiais que tínhamos ali didáticos e incentivar os alunos a buscarem além daquilo que a gente tinha condição de dar ali, entendeu? Então, a gente incentiva muito. Quando você fala das festas, a gente fazia sim. Tinha final de semana, de sexta pra sábado, de sábado, que a gente acabava mais cedo e vamos fazer festa no Pátio da Cruz, vamos arrumar cerveja, a galera vai beber, pegava uma grana porque a gente precisava de uma grana para pagar um negócio, para acertar uma coisa ou outra, mas era tudo aquilo: como conseguia? Você fazia um cardápio, comprava a cerveja, comprava os negócios, colocava, a galera vendia, pegava o que dava de lucro, comprava não sei mais o quê, do que estava precisando, pagava não sei o que... e assim a gente ia cotizando, né?! Era seis por meia dúzia sempre. Não tinha nada que sobrasse, mas era uma maneira que a gente tinha para fazer algumas coisas que a gente precisava, né? Muitas vezes, faltava um material, faltava alguma coisa e a gente tinha que cobrir ou era a folha que foi dada porque não era obrigação e a gente não tinha, tinha que correr atrás e a gente fazia essas festas, né? Normalmente, na frente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais, vendendo uma cervejinha, isso e aquilo, né? Fazendo com que acontecesse, né? Era uma das maneiras, mas agora, a gente não tinha estrutura ainda, naquele começo, para sair com os alunos, para o extraclasse, o que a gente fazia, vou te dizer: era incentivar que ele procurasse além dali e aí a gente indicava. Lembro que em muitas reuniões a gente indicava: olha, galera, vai acontecer uma mostra super legal; pô, dá um toque para galera, passa a visão; vai acontecer um *workshop* assim, assim, dá um toque para a galera, fora os que organizávamos dentro do próprio Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: Como vocês chamavam o pessoal para participar dessas oficinas, desses *workshops*? Porque não necessariamente eram alunos que estavam envolvidos diretamente no Cursinho, né? Vocês passavam nas salas das graduações chamando a galera ou organizando o pessoal que conhecia o projeto?

LUIZ CARLOS: Não, além do pessoal que tínhamos dentro da própria faculdade, que a gente passava avisando, havia também as pessoas que procuravam a gente. Havia muita gente que procurava. Então isso era importante quando fazíamos esses *workshops*, essas apresentações, que a gente chamava a galera até porque o contato com os centros acadêmicos facilitava essa conversa, raramente passávamos nas salas para estarmos chamando, né? Então, era muito raro. O que a gente conseguia era articular isso junto com os centros acadêmicos e trazer essas pessoas, e marcar essas reuniões nos centros acadêmicos, os diretores dos centros acadêmicos juntavam a galera e ali já conversava com Jornalismo, com a Filosofia... as meninas da Psicologia ajudaram muito a gente, o próprio Direito, então você articulava tudo a partir daí, entendeu? Até para essas apresentações que a gente ia fazer para todas as atividades do Cursinho, a principal maneira de articular e aí entra forte o movimento estudantil e os centros acadêmicos, né?

HENRIQUE PROFILI: Então essa importância dos centros acadêmicos foi muito grande para construção dessa rede de relações que foi se formando...

LUIZ CARLOS: Que se criou dentro da PUC. Se a gente não tivesse todos os centros acadêmicos envolvidos, a gente não tinha conseguido colocar o Cursinho em prática. Volto a te dizer, começa dentro do movimento negro e amplia dentro do movimento estudantil, dentro dos centros acadêmicos e aí todos os centros acadêmicos, tá? Não tem um que fica de fora. Psicologia, Filosofia, Jornalismo, Ciências Sociais, Direito, né? Lembro que o Marcos estava no Direito e que hoje é uma das lideranças partidárias, né? Também estava e ajudava inclusive comprando muitas brigas dentro do centro acadêmico de Direito, mas a gente, assim... o que deu sustentação dentro da PUC e que criou essa rede de relação foram os centros acadêmicos. Ele fazia a relação entre nós da coordenação, se você pegar toda a documentação você vai ver que da coordenação você tem uma boa base das Ciências Sociais, mas também tem gente de outros cursos, do Jornalismo, dos outros... o documento mostra isso. As coordenações pedagógicas são dos vários cursos, das várias faculdades. Então, a gente não deixou aquela coisa centralizada na mão de ninguém. Você tinha uma coordenação que era, senão me

engano, oito ou nove, que eu lembro que era eu, Valdemar, Popó, Valtinho e tal, e tinha umas meninas e um galera da USP, tinha uma galera que estava na coordenação. Depois a gente dividia na coordenação de curso, com todo mundo também. Depois, os grupos de professores. Então, a gente sempre pensou em não centralizar a coordenação, mas dividir ela o máximo possível para que todos pudessem fazer sua parte, você entendeu?

HENRIQUE PROFILI: E as reuniões de coordenação do Cursinho ou as reuniões pedagógicas, eram tranquilas, rolavam umas discordâncias, era sempre bom discordar, como era o clima das reuniões internas? “Oh, tem uma reunião pedagógica para gente fazer a avaliação do ano de 99, o que a gente vai querer para 2000 ou até mesmo a questão do compromisso do pessoal com o voluntariado porque a gente trabalha de graça, né? A gente está lá duas vezes por semana, uma hora e meia de aula...

LUIZ CARLOS: Sim! Tinha essas reuniões pedagógicas e normalmente elas aconteciam, volto a te dizer, por área, tá? Então, cada área aceitava e dali tinha um representante que vinha fechar junto com a coordenação. Entendeu?

HENRIQUE PROFILI: Entendi.

LUIZ CARLOS: Então assim, nós que já estávamos mais diretos na coordenação, a gente não participava diretamente nas coordenações pedagógicas, a não ser aqueles que iam para a sala de aula. Eu, durante o tempo que estive lá, esses cinco anos, fui poucas vezes porque a gente estava mais na questão de fazer a coisa funcionar, né? Então, a gente dificilmente ia porque a gente estava lá, com reuniões ali, reuniões e tal, e aí a gente sentava sim: olha, vamos fazer; como está indo? Está faltando professores? E aí a coordenação de matemática reunia: “meu, está faltando tantos professores, onde vamos busca? O que precisamos? Então, você tinha isso e a discussão político pedagógico também tinha. Tinha aqueles que não concordavam com esse material e aí o que vamos fazer? Vamos fazer e aquilo outro, como sempre acontece nessas coordenações, mas sempre acabava, sempre terminava no quê? O Cursinho tem que continuar! Então, se fechava as concordâncias que tinham ou as discordâncias, fechavam algo próximo que agradava a todos e a gente continuava, entendeu? Porque era aquilo que você falou: não tinha muito o que você impor, eram todos voluntários, as pessoas estavam ali porque acreditavam no projeto, entendeu? Então, ao acreditar no projeto, a gente tinha que discutir o melhor para fazer o projeto acontecer. Então, era um pouco nessa linha.

Raramente a gente pausa, ou aquela coisa. A gente tem que dar aula, a molecada está vindo lá de São Caetano, de São Bernardo, e ele tem que ter aula, aqui ele vai ter professor. Meu, não tem professor? Quem vai para a sala? Vamos trocar! Era matemática, vamos entrar história. Puta que pariu, agora imagina com oito salas? E a gente tinha que se virar! E eu e mais alguns companheiros, o Valtinho, a gente ficavam mais nesse enlace, de fazer a coisa funcionar. “Putá, faltou professor coordenador de matemática?”; “Tem alguém sobrando aí?”; “Preciso evacuar a sala de história”, você entendeu? Então, era muito aquilo e tinha época que assim: primeiro ano começou com poucos professores e outros anos foi ao contrário, começava com os professores e aqueles que iam desistindo do meio do caminho, você entendeu? E você tinha que fazer o quê? As coisas funcionarem, né, mano? Você tinha que sair correndo, entrar em contato lá com a USP: “pô, galera, vocês têm alguém aí para mandar para o Cursinho? Pô e tal!”. Descer lá para a Consolação, como eu te falei: “meu, faltou professor de física aqui, você tem aí?”. E a gente tinha que fazer todos esses acertos. Agora, o que era legal é que a gente tinha gente da coordenação geral de todos esses lugares, então ficavam muito mais fácil para articular isso, entendeu? Mas, era punk. Funcionava.

HENRIQUE PROFILI: Eu fico pensando mesmo, justamente, cara... porque pensando, parece que de um tempo para cá, a gente acabou perdendo o contato com a graduação, entende? E até mesmo por isso, a gente chegou a ter três turmas, estávamos em três professores de história e essa pandemia fez a gente pensar e repensar muitas coisas, né, Chupim? Agora que eu estou no doutorado, encontrei um pessoal superinteressado, da APG, da Associação de Pós-Graduandos lá, então eles chegaram junto, intercederam juntos em relação à Reitoria e a PUC vai fazer anúncio da gente até no *mailing* oficial, né? Nos meios oficiais de propaganda da Universidade. A gente vai conseguir ter um espacinho lá. Enfim...

LUIZ CARLOS: Super bacana!

HENRIQUE PROFILI: Não é? Parece até uma coisa inédita, a PUC dando um suporte para a gente, né? Eles liberaram... pediram o nome de umas quatro, cinco pessoas responsáveis que pudesse, né? Pegar e retirar lá... agora tem projetores nas salas pedagógicas inteligentes...

LUIZ CARLOS: Tem Datashow, tem tudo, né?

HENRIQUE PROFILI: Tem Datashow! Olha eu, pensando nas transparências que a gente fazia na época da graduação, né? Então...

LUIZ CARLOS: O que deixa a gente contente, Henrique, como nós somos ali, podemos dizer os pioneiros...

HENRIQUE PROFILI: Os idealizadores, os pioneiros, né? Exato! Estou procurando justamente, em parte, recriar, não sei se institucionalizar, parece que a gente está emoldurando assim, mas não tem nada escrito, assim, do registro do Cursinho dos Alunos da PUC, então...

LUIZ CARLOS: Não, mas isso é importante porque é uma história legal. Que nem você fala: chegar hoje, com três salas, com uma estrutura por reconhecimento da própria Universidade, isso tudo tem uma história para chegar aí e essa história ela tem... Porque senão as pessoas vão chegar ao Cursinho da PUC, como esse Cursinho que está hoje, com três salas, como você falou, que hoje tem espaço, que tem isso, que tem aquilo, mas tem toda uma história construída antes para que isso chegue e essa história ela está, na sua maioria, oral. Não está documentado isso. O que a gente tem, única coisa que a gente tem, é aquele documento do projeto, né? Que é o único documento que nós fizemos que mostra como a gente estruturou, pensou pedagogicamente, pensou estruturalmente, pensou tudo. Depois disso, some. Eu fico muito feliz como um dos fundadores, coordenadores do Cursinho da PUC, de hoje, você que é fruto disso, materializar, né? Buscar fontes para contar a história, de fato, do que foi esse Cursinho e de toda a importância que ele teve e tem, né? Porque continua. Vocês continuam. Nós já saímos já e conseguimos fazer aquilo que a gente sempre pensou: ninguém é para sempre, mas os projetos podem ser.

HENRIQUE PROFILI: É! Vai fazer 25 anos, né? Tem um quarto de século, literalmente, este ano.

LUIZ CARLOS: Você entendeu?! Então, o que coloca para a gente aí, é assim: mano, é uma realidade que a gente começou e como você já falou, vai fazer quase 25 anos, e eu volto a dizer, a minha filha, a novinha, vai fazer 30 anos. Eu lembro que a minha companheira ajudava a vender lanche natural para a molecada lá, né, mano?! Que era uma maneira da gente... porque era caro para comprar dentro da lanchonete.

HENRIQUE PROFILI: Continua sendo.

LUIZ CARLOS: E aí tínhamos algumas pessoas, colegas, que faziam os lanches. A minha companheira, a Sil, que era lá da Vila dos Remédios também e aí o pessoal fazia o lanche para sair mais em conta para a galera e aí fazia um dinheirinho também. Então, pô, é tudo isso. E é legal quando a gente coloca isso aqui porque tem uma história e tem uma história importante que hoje a gente vê que tem muita gente aí, muitos adultos, em diversos campos dos conhecimentos, que são fruto desse Cursinho. Isso é o que a gente colhe de melhor.

HENRIQUE PROFILI: Dizem as lendas que o povo das Sociais preparava os alunos para entrar nas Sociais, para virar sociólogos, historiadores, geógrafos... dizem que rolava uma doutrinação ideológica lá.

LUIZ CARLOS: Não, não tinha uma doutrinação, não.

HENRIQUE PROFILI: É brincadeira!

LUIZ CARLOS: Era diversão mesmo! É aquilo que eu te falei. Acho que a gente sempre preparou, nós tivemos, isso eu falei lá trás e volto a dizer: quem a gente podia fazer ficar na PUC, a gente fazia, você entendeu? Porque essa era a ideia. Ali, a gente tinha conseguido bolsa para nós, estávamos estudando e sabíamos que ali era um canal que esse jovem podia dar continuidade. Por isso, que muitas deles ficaram na Matemática, nas Ciências Sociais, foram para o Direito, foram para a contabilidade, foram para diversos cursos dentro da PUC. Por quê? Porque ali a gente tinha o caminho das pedras.

HENRIQUE PROFILI: Já finalizando quase, mas e essa questão da conscientização do ex-aluno do Cursinho voltar a trabalhar ou a colaborar com o Cursinho? Como é que vocês pensaram nisso, como vocês chegaram a trazer isso para a galera que estava lá... porque eu sei que foi pensando para os alunos que, ou trabalhavam durante a semana, acho que tinha gente na época que dava aula no noturno, né? E planejou para o sábado para ter o Dia do Trabalhador para estudar, né, enfim...

LUIZ CARLOS: Isso foi uma coisa que a gente pensou muito. Muitos alunos que se formaram dentro do Cursinho, né... Posso falar do Marcelo⁴⁸ aqui da nossa região, de tantos outros que se tornaram professores dentro do Cursinho. Qual era a ideia? Era

⁴⁸ Marcelo Lima foi ex-aluno e ex-professor de história do Cursinho. Graduou-se em História também pela Universidade. Hoje atua como professor de história na rede pública estadual de São Paulo.

reproduzir! A ideia era: nós começamos, vocês continuam. Porque a gente sempre conversou com os alunos mais próximos, porque tinha aqueles que se aproximavam mais e quando eles se aproximavam e diziam: meu, esse Cursinho tem que tocar. Daqui uns anos é importante você estar aqui, você vir para dar o Cursinho. E muitas vezes a gente não precisava chegar nem a isso, o próprio aluno tinha isso como consciência. E muitos deles se tornaram professores dentro do próprio Cursinho, foram para coordenação dentro do Cursinho, se organizaram, outros professores que já estavam deram continuidade... então, isso sempre foi uma coisa que a gente trabalhou a ideia de quem somos, qual é a classe que nós somos, o que nós precisamos. A gente sempre fazia isso muito fortemente. Bom, primeiro por sermos das Ciências Humanas, a grande maioria que coordenava o Cursinho. Entender que tinha uma luta de classe ali, que tava colocada, que era aqueles que estavam a margem da sociedade, da desigualdade, ocupando um espaço burguês. A faculdade é um espaço burguês. E nós fomos para dentro, nós fomos ocupar esse espaço que naquela época, muito mais que hoje, porque hoje a faculdade é muito mais mercadológica, naquela época, nós estamos falando ali do final os anos 90, a gente tem uma faculdade, uma PUC, ainda muito elitizada. Hoje é elitizada também, mas que acaba formando, em sua grande maioria, ela estava na preocupação, não só com o mercado, mas uma formação humana, né? E a gente levava isso para os nossos alunos. Levava isso: olha, na PUC a gente enfrenta bedel, aqui a gente ocupava a Reitoria para ganhar bolsa e os alunos iam com a gente, você sabe disso. E a gente colocava essas multas o tempo todo para os nossos alunos. Por isso, a gente, né... Hoje, quantos anos eu saí da PUC, eu saí em 95, 95 não, 2005... 2002. Eu entrei em 95 e saí em 2002. Quantos anos fazem? 21 anos que saí. Outros também que estavam comigo lá, na coordenação, saíram nesse mesmo período, 2002, 2001, 2003 e o Cursinho continuou, por quê? Porque é fruto disso! O Cursinho continuou porque é fruto disso. Você é um exemplo disso, né? Que está aí, que está tocando com outros, né?

HENRIQUE PROFILI: O Waldeir está lá ainda. O Waldeir está com a gente ainda.

LUIZ CARLOS: O Waldeir⁴⁹ é um dos que começou com a gente. O Waldeir começou com a gente, meu querido. Você entendeu? Então é isso! Porque dentro da Universidade, infelizmente, a maioria da gente tem um tempo. Normalmente, a gente só consegue fazer a graduação.

⁴⁹ Waldeir Moreno Rosa também faz parte desta pesquisa como colaborador.

HENRIQUE PROFILI: Sim.

LUIZ CARLOS: Poucos vão para o mestrado e menos ainda vão para os doutorados da Universidade. A maior parte tem que sobreviver. Eu sou um desses. Eu cheguei a começar o mestrado, mas não tive condição de continuar e aí tem que sobreviver, tem que ter família, e aí você se distancia. Agora, quando a gente elabora um projeto como esse, que foi elaborado, que foi pensado, que foi no seu tempo todo trabalhado o processo da continuidade, você vai embora, o projeto fica. Aquilo que te falei. Então, isso é uma das coisas que nos deixa muito feliz. 21 anos fora e ver que o projeto vai fazer 25 e que continua o projeto. Isso é essencial. E que daqui a 25 anos, estejam te entrevistando e alguém tocando esse projeto porque infelizmente essa desigualdade, por mais que a gente busque a mudança da sociedade, ela vai continuar, infelizmente. A gente sabe disso. Pode diminuir, mas acabar é muito difícil. É uma utopia, como a gente acredita em utopia, vamos continuar lutando, né?

HENRIQUE PROFILI: Né! Então você acha que o Cursinho foi o primeiro chão de fábrica, tipo Gramsci, com os operários da Fiat, lá na Itália, ele foi o primeiro chão de fábrica para muita gente que seguiu a carreira docente.

LUIZ CARLOS: Mano, volto a te dizer: hoje é muito nítido quando eu encontro companheiros professores que estão no chão da escola que eram alunos do Cursinho da nossa época. Então, sim, ela foi isso. Foi uma maneira, você citou Gramsci, vamos dizer, foi uma maneira que nossos alunos também se ligaram que eles tinham que buscar os espaços, né?! Ser, de fato, aquele que vai buscar a mudança dentro das estruturas que ele faz parte, né? E grande parte deles viram que a mudança poderia ser feita dentro da escola. Por isso, que foi a base para muitos. O Cursinho foi a base para muitos se desenvolverem. Se a gente conseguisse hoje, é que a gente não consegue dimensionar quantos passaram, mas quantos estão no chão da escola por causa do Cursinho, você entendeu?

HENRIQUE PROFILI: Eu te entendo e compartilho da sua emoção.

LUIZ CARLOS: Como Gramsci diz: é o intelectual...

HENRIQUE PROFILI: Orgânico! Literalmente.

LUIZ CARLOS: Orgânico. Oi?

HENRIQUE PROFILI: É o intelectual orgânico, literalmente, eu acho, né?

LUIZ CARLOS: Mas é como Gramsci fala: nós somos esse intelectual orgânico que foi construído dentro do Cursinho e isso, meu, é importantíssimo, mesmo para nós que na época, éramos graduandos, e que estamos dentro da escola hoje. O Cursinho deu esse chão para nós que já tínhamos vontade de ir para a escola. Muitos dos que estavam ali, na coordenação e eu lembro que eu era um deles, não dava aula em escola. Eu não estava no chão da escola. O Cursinho foi base para muitos de nós que éramos professores coordenadores e foi base para muitos alunos verem a escola como o seu local de ação, para que eles sejam esse intelectual orgânico dentro do seu espaço e, a partir daí, dentro dos seus movimentos sociais, das suas lutas do dia a dia, incorporando a ideia de que ele é alguém que pensa sobre o que ele faz e resulta nisso, nesse trabalho, que é feito o tempo todo. Então, isso é real, cara. Isso é o que aconteceu fortemente dentro do Cursinho, essa formação, desses intelectuais que voltara lá para a sua base, para a sua realidade, e estão transformando hoje como estamos transformando dentro da sala de aula porque acreditamos na educação como transformadora e somos esses, aquilo que hoje, quando a gente está dando aula e você sabe disso também, como docente, que você fala de vários assuntos e se coloca, né, como exemplo, e aí não tem coisa melhor.

HENRIQUE PROFILI: **Se coloca como exemplo aprendido dentro da Universidade com a convivência com pessoas de diferentes épocas, né, mano?!**

LUIZ CARLOS: Você entendeu? E isso é fabuloso! Então, você não fica só na teorização, né? Você tem a teoria, a prática ali direto, não é isso? E isso não tem preço, meu. Não tem preço. E esse é o verdadeiro intelectual orgânico que é forjar... nascido dessa realidade, então, meu, o Cursinho teve esse papel fundamental.

HENRIQUE PROFILI: Maravilha! Mano, quero te agradecer imensamente por essa hora aí cedida, ou quase essa uma hora e meia.

ENTREVISTA 2 – RONALDO DAVI LOPES (TIOZINHO)

HENRIQUE PROFILI: Entrevista dois. Ronaldo Davi Lopes. Apresentar aqui para a gente, falar um pouco dele e aí a gente entra nos tópicos que a gente tem que entrar. Ronaldo, obrigado pela entrevista, pelo seu tempo. Depois, a transcrição vou te mandar. A entrevista transcrita para o que você quiser acrescentar ou o que você quiser retirar, você fica à vontade que é tudo isso. Fala um pouco de você, quem é você, de onde você veio, como você veio parar na PUC e tudo mais.

RONALDO DAVI: Como eu vim parar na PUC? Por um cartaz que estava na estação.

HENRIQUE PROFILI: Que estação?

RONALDO DAVI: Na estação do Brás. Faz tanto tempo.

HENRIQUE PROFILI: Que ano foi?

RONALDO DAVI: Acho que 2001, mais ou menos. Eu estava indo trabalhar de manhã, parei: opa, o que que é isso? Eu vi a palavra gratuito, de graça. “Opa, o que é isso de graça?”. Aí falei é um cursinho de graça. Era tão mal “coisado”, o Cursinho, que era um cartaz de uma cartolina feita a mão que alguém foi lá e colou no metrô sem permissão e tinha o telefone da PUC. Eu liguei e a pessoa “não é aqui, é dentro da PUC, mas não é com a gente”. Eu sou da zona leste, pouco depois de São Paulo ainda, Ferraz Vasconcelos, um pouco depois da zona leste. Comecei o Cursinho em 2001, 2002... 2002 comecei o Cursinho. Eu vi o cartaz em 2001, aí era o final de 2001, consegui com o meu chefe de setor que não trabalha sábado, me passou para o setor que não trabalhava sábado, e fiz a inscrição no Cursinho. Como o pessoal falava que era o ferrado do ferrado que fazia, foi só trazer a minha documentação que não teve problema.

HENRIQUE PROFILI: Você estava entre os ferrados dos ferrados?

RONALDO DAVI: É, um pouco mais do que o normal e mesmo assim a briga era boa. Eles faziam uma... Hoje em dia você faz a inscrição e pronto. Como a procura muito grande, não tinha outros cursinhos populares em São Paulo. Eram muito poucos cursinhos pagos ainda, mesmo a Poli que pagava pouco, o Educafro, acho que não tinha o Educafro ainda em 2000. Não tenho essa informação, mas a Poli tinha já, mas era pago também. De graça, nunca tinha visto. Eles faziam uma avaliação de pontos, né?

Quem ficava... a pontuação máxima era 300 e aí eu tive quase 350. Comecei a fazer o Cursinho. Fiz o Cursinho um ano e falei... descobri que tinha como fazer a prova da Fuvest porque antes não nunca tinha pensado por que sabia que não tinha condições de passar, mas resolvi fazer a prova da Fuvest. Fiz o primeiro ano, fiz Farmácia, acho que Farmácia que fiz e não passei para a segunda fase, nem em sonho. No segundo ano, eu voltei de novo, passei no processo seletivo, comecei o Cursinho de novo, fiz, acho que tentei Química na USP também, não passei. Eu passei na Oswaldo Cruz, mas só tinha bolsa particular, não tinha nada ainda do governo. No terceiro ano, eu já fazia parte... no segundo ano, eu já ajudava a coordenação. No terceiro ano, eu já comecei a fazer parte da coordenação também.

HENRIQUE PROFILI: Isso foi dois mil e?

RONALDO DAVI: 2002, 2003. 2003 já. Eu tentei... não... acho que 2002... 2002, final do ano, eu já fiz o vestibular e comecei em 2003. Foi.

HENRIQUE PROFILI: Vestibular da PUC?

RONALDO DAVI: Da PUC.

HENRIQUE PROFILI: Então você passou na PUC em 2003?

RONALDO DAVI: Eu passei na PUC em 2003.

HENRIQUE PROFILI: Você passou na PUC então em 2003?

RONALDO DAVI: Isso! De 2002 para 2003. Tanto que eu entrei no hospital também no final de 2003. Eu não lembro, faz tanto tempo, Henrique. 20 anos atrás.

HENRIQUE PROFILI: Estamos aqui justamente para rememorarizar o individual e coletivamente.

RONALDO DAVI: Eu estou sempre em dúvida se é, se eu comecei no hospital... eu comecei no hospital em 2003, só que eu não sei se eu estava na PUC ou se foi depois que eu estava na PUC. Foi uma das duas coisas.

HENRIQUE PROFILI: Seja como for, você entrou tanto na PUC como no Hospital do Servidor Público Estadual, em 2003?

RONALDO DAVI: 2003! Isso! No hospital foi no final de 2003.

HENRIQUE PROFILI: E que curso que você entrou, mano?

RONALDO DAVI: Aqui eu fiz Geografia. Eu fiz todo o curso, só faltou uma besteira que eu não sei por que tinha no currículo, o tal do TCC, eu não sei para que tinha. Tinha um pessoal que estudava comigo. Tinha um cara que fez o curso há dez anos atrás, antes e voltou para fazer o TCC, praticamente, e não teve problema. Como eu estou ferrado da vida, só porque eu fiquei um ano sem fazer, já me jubilaram no segundo ano. Já me cortaram e começaram a cobrar dívidas, da PUC, né? E está até hoje parada aí, mas tudo bem. Hoje em dia, eu trabalho no Hospital do Servidor Público. Quando você entrou no Estado, eu entrei no Estado também.

HENRIQUE PROFILI: **Você na saúde, eu na educação.**

RONALDO DAVI: Você na saúde, eu na educação. É tão igual. O quinquênio, principalmente, é muito igual. Lá, eles pagam pelo salário-base.

HENRIQUE PROFILI: **5% de quase nada.**

RONALDO DAVI: É! Meu salário-base teve um aumento enorme de 10% e foi para R\$ 400,00 meu salário-base. Eles pagam 5% de R\$400,00.

HENRIQUE PROFILI: **Não consigo nem pensar nisso...**

RONALDO DAVI: É triste! E tem gente que ainda vota no PSDB. Teve gente que ainda votou neles. Teve pouco, mas teve gente que votou neles ainda.

HENRIQUE PROFILI: **E como foi para você, depois de formado na escola, frequentar um cursinho alguns anos depois, entrar na Universidade... quais foram as mudanças que você acha que representou na sua vida, assim?**

RONALDO DAVI: Muitas! Quando eu terminei o Ensino Médio... Era Ensino Médio, vai...

HENRIQUE PROFILI: **Colegial, vai.**

RONALDO DAVI: Colegial, Ensino Médio, vai. Eu não tinha esperança de fazer faculdade porque não tinha como pagar. A gente sabia que o que não pagava era a Fuvest, era a USP. Para você entrar na USP, não era tão fácil.

HENRIQUE PROFILI: **Você lembra em que ano você se formou na escola?**

RONALDO DAVI: Ah, foi... foi em 2012. 2010, mais ou menos.

HENRIQUE PROFILI: **Você se formou na escola?**

RONALDO DAVI: Na escola. Foi dez anos antes de entrar no Cursinho. Quando eu entrei no Cursinho, fazia dez anos que eu não estudava.

HENRIQUE PROFILI: Então foi em 92?

RONALDO DAVI: Isso!

HENRIQUE PROFILI: Você falou 2012.

RONALDO DAVI: É... É antes, não é para frente.

HENRIQUE PROFILI: Tudo bem! Essa é a emoção da gente estar voltando hoje para a PUC, tá, gente?! 8 de outubro de 2022. Zoeira, vamos lá!

RONALDO DAVI: É, foi 92.

HENRIQUE PROFILI: Entre você se formar na escola e entrar no Cursinho foram dez anos de intervalo. Você estudou em escola pública estadual?

RONALDO DAVI: Sempre!

HENRIQUE PROFILI: Boa! Vamos lá.

RONALDO DAVI: Sempre em escola pública.

HENRIQUE PROFILI: Tem alguma coisa, assim, que você considere importante, algum aspecto que você considere na sua formação como um sujeito histórico ou na sua formação escolar, profissional, acadêmica... alguma coisa que te inspirou ou ainda te inspira?

RONALDO DAVI: Depois de tantos anos de Cursinho, né?! Sábado tinha outra coisa. O planejamento era sempre tudo, menos o sábado, sábado a gente já sabia onde ia estar.

HENRIQUE PROFILI: Aqui na PUC?

RONALDO DAVI: É! Sábado, foram o começo do ano, as férias... quando começou o Cursinho, até no meio do ano, a gente fazia o Cursinho e não parava. A PUC não fechava e a gente não parava o Cursinho. O pessoal “ah, mas não vai ter férias”, “você quer ter férias ou você quer passar no vestibular?” E o pessoal entendia isso. Hoje em dia, o pessoal quer tirar férias, os professores. Querem brigar para ter férias.

HENRIQUE PROFILI: Você acha que mudaram muito os perfis dos professores, de 2002 para 20 anos depois?

RONALDO DAVI: Não tenha dúvidas que mudou, Henrique. Antes o pessoal era mais engajado, tinha muito mais gente.

HENRIQUE PROFILI: Na sua época de aluno ou na sua época de coordenador?

RONALDO DAVI: Na época de coordenador mesmo. Tinha muito mais gente. Tinha gente que brigava que queria fazer o... O que era mais difícil era exatas, né? Química, física, biologia, principalmente, eram matérias mais difíceis, mas história, geografia, principalmente, o pessoal... “ah, quero dar aula de geografia”, “quero dar aula de história” e já tinha, dizíamos “não precisa de história, geografia, que já tem outro professor”. Sempre teve muitos professores. Tinha quatro professores de história, seis professores de geografia, chegou a ter.

HENRIQUE PROFILI: Quantas turmas tinham nessa época?

RONALDO DAVI: Três. Quando eu entrei já eram quatro, aí depois, acho que em 2008, 2010, já passou para três. Não, antes. 2005, no máximo, já passou para três turmas. Começou a ter outros cursinhos e o pessoal acabou ficando mais nos bairros mesmo. Os cursinhos começaram a ir para os bairros também, Franco da Rocha, foram se espalhando alguns cursinhos. Alguns, derivados do próprio Cursinho, né? Que vinham, faziam aula e acabavam criando outros cursinhos ou que sabia que tinha um cursinho e “como que funciona?” E acabava abrindo um cursinho perto. Hoje tem cursinho até...

HENRIQUE PROFILI: Você acha que nesse sentido, os alunos do início dos anos 2000, eles se inspiraram a abrir cursinho populares na própria periferia a partir de terem frequentado o Cursinho da PUC?

RONALDO DAVI: Sim! Também. Eu acho que sim porque não tinham muitos cursinhos e agora começou a ter. Se você for pesquisar, tem muito cursinho por aí, que pegaram a mesma coisa: o pessoal vai nas escolas, conversa com o diretor para ceder uma sala e vai fazendo. Sempre tem. A vantagem de um cursinho no local é que quatro, cinco professores dão conta de tudo, né? A gente para manter o Cursinho mesmo, precisa de, no mínimo, dois professores para cada matéria. Um professor no mínimo.

HENRIQUE PROFILI: Sendo da ponte para lá, você diz.

RONALDO DAVI: Não! Para cá! O nosso aqui.

HENRIQUE PROFILI: Ah, o nosso mesmo.

RONALDO DAVI: O nosso (Cursinho) precisa de que, de no mínimo dois professores para cada matéria e é puxado, é uma hora e meia a cada quinze dias. Então, está complicado você falar que o pessoal vai dar três horas por dia ou até mais, são três turmas. Se você pegar são quatro horas e meia que a pessoa vai ficar sozinha, então, no mínimo, dois professores.

HENRIQUE PROFILI: O que é um cursinho popular para você, Ronaldo? Como você caracterizaria um cursinho popular, um cursinho pré-vestibular popular?

RONALDO DAVI: É um cursinho que você não paga, que não tem pagamento, que é o alvo a periferia, o pessoal mais pobre. Para mim, o popular seria isso: sem custo para os alunos. O nosso custo sempre foi muito alto: último custo era dois mil, duas mil folhas.

HENRIQUE PROFILI: Duas mil folhas era a matrícula do Cursinho, né?!

RONALDO DAVI: É, não. Era a matrícula e o ano todo, né? A gente começou a falar que era a matrícula porque teve gente que começou a falar “ah, não precisa levar folhas”, mas você tem que pagar alguma coisa. Na verdade, seria como uma matrícula porque senão... tinha gente que trazia um pacote, depois trazia outro pacote, que é muito pesado. Pior que a reclamação é dos meninos, não é das meninas, que era pesado. Vire e mexe você vê as meninas se matarem com os pacotes, com os três pacotes de uma vez, e os meninos chagavam com um pacote e “ah, muito pesado”, mas...

HENRIQUE PROFILI: O que te levou a, de repente, ser coordenador e não professor no Cursinho? A participar ou a compor a coordenação e não fazer parte do corpo docente.

RONALDO DAVI: Ah, Henrique, eu nunca... principalmente, porque não tinha terminado a faculdade, e na verdade, se acabava tendo um, como se diz, um tempo que você precisava, né? Porque a coordenação você tem que estar todo dia aqui, todo sábado aqui, o professor ainda ficava um sábado sim, um sábado não e a falta de outra pessoa também para ficar. “Você vai dar aula ou você vai ficar coordenando?”

HENRIQUE PROFILI: Como é para você essa “resposta” de ser “O coordenador”, por enquanto, vai?! Por enquanto, não. De ser “O coordenador” com o maiúsculo, mas tendo eventualmente, alguma ajuda, de algumas pessoas, de

diferentes épocas... Como é ser o coordenador há quase vinte anos? Ou, estar na coordenação?

RONALDO DAVI: É porque é uma decisão coletiva. Não sou, somos nós. Todas as decisões são tomadas em conjunto, né? Então, assim, para mim é normal. A gente tem que fazer o que dá para ajudar, se não dá para dar aula, a gente ajuda, a gente coordena. Aqui, na PUC, você acaba achando os atalhos, o audiovisual, alguma coisa que o professor precisa, o triste é lembrar o professor que tem que dar aula, que tem que vir para a aula...

HENRIQUE PROFILI: **Você acha que é difícil, às vezes, ter que cobrar as pessoas que... cobrar entre as aspas, as pessoas que se dedicam ou que se voluntariam a fazer esse tipo de trabalho?**

RONALDO DAVI: Algumas pessoas sim, com certeza.

HENRIQUE PROFILI: **O que você acha que levam elas a, de repente, esquecerem que elas teriam que vir? Ou, dar uma satisfação de “oh, tenta pôr alguém no meu lugar, vamos trocar de horário”...**

RONALDO DAVI: Às vezes, o pessoal se lembra disso, mas no dia anterior, sabe?! Ou a noite do dia anterior: “ah, eu não vou poder ir amanhã”. Não sei se é falta de um vínculo maior, né? Porque, se você avisar, você tem como dar um jeito, né? Agora, se você não sabe que a pessoa não vem, você vai fazer o quê? Você não tem como adivinhar que a pessoa não vem, que vai faltar alguém, né? Mas, os motivos são mais... às vezes, a pessoa está muito atarefada. Tem gente que quer pegar um, pega outro, e esquece que só tem dois braços, que ela é uma pessoa só. Às vezes, a pessoa se compromete com tanta coisa que acaba não fazendo nada e fica... você se divide tanto que acaba faltando. Não se dedica a uma coisa só para fazer algo bem, quer se dedicar a tantas coisas ao mesmo tempo e não faz nenhuma das coisas bem.

HENRIQUE PROFILI: **E você lembra, nesses anos todos, de ter algum outro cursinho pré-vestibular que funcionou aqui na Universidade ou da Universidade que funcionou ao mesmo tempo que o Cursinho?**

RONALDO DAVI: Aqui na Universidade, quando eu entrei tinha o Leão. Cursinho do Leão, que era do Germano, professor de matemática.

HENRIQUE PROFILI: Então, o Germano, ele dava aula no Cursinho dos Alunos e no Cursinho do Leão XII, era isso?

RONALDO DAVI: Sim! Depois teve o Foco, da PUC.

HENRIQUE PROFILI: E você lembra a relação que tinha do Cursinho dos Alunos com o Foco e o Leão? Era conflitante, era mais... havia mais confluência, divergência... você lembra como era isso? Ou, professores que trabalhavam no Cursinho dos Alunos e em outros cursinhos da ou na PUC.

RONALDO DAVI: Alguns... tiveram alguns. A Sabrina trabalhava nos dois. O Evandro eu não sei se chegou a trabalhar nos dois, mas tem professor que tem aula em mais de um cursinho.

HENRIQUE PROFILI: Você lembra mais ou menos até que ano funcionou o cursinho do Leão? Porque eu lembro de a gente trabalhar e ele foi até um pouco mais de 2005, 2006.

RONALDO DAVI: Foi mais ou menos isso daí. Até eles se institucionalizarem para tentar, né?! “Ah, se institucionalizam para conseguirem mais coisas da PUC e não sei o quê”, mas quando se institucionalizaram, eles criaram CNPJ e ele passa a existir como pessoa física, como pessoa jurídica, aí a PUC falou: “não, você não pode ficar aqui dentro porque você teria que pagar aluguel”, né? Aí eles acabaram por conta disso.

HENRIQUE PROFILI: Você lembra quando foi isso? 2005? 2006?

RONALDO DAVI: Mais ou menos 2005. 2006, no máximo.

HENRIQUE PROFILI: Então, depois da institucionalização, literalmente, o Leão acabou?

RONALDO DAVI: Sim, sim.

HENRIQUE PROFILI: Você tem alguma noção de quando ele começou a funcionar?

RONALDO DAVI: Não. Quando eu entrei, já tinha.

HENRIQUE PROFILI: Quando você entrou em 2002, ele já existia?!

RONALDO DAVI: Já existia o curso do Leão.

HENRIQUE PROFILI: E o Germano (Ribeiro) já era professor no Leão?

RONALDO DAVI: Já.

HENRIQUE PROFILI: E ele dava aula no Cursinho dos Alunos da PUC ou não?

RONALDO DAVI: Sim, era professor dos dois. Com a gente, ele chegou a ficar um pouco mais de tempo, até uns três, quatro anos depois ainda.

HENRIQUE PROFILI: É, eu tentei contato com o Germano, mas ele não responde o Messenger.

RONALDO DAVI: É, eu não sei como está a situação. Ele deve ter aposentado já porque ele era funcionário da USP, né?

HENRIQUE PROFILI: Ah, ele era funcionário da USP? Eu não sabia dessa.

RONALDO DAVI: Funcionário da USP.

HENRIQUE PROFILI: A gente parou então na parte que o Leão XIII se institucionalizou e acabou, né?

RONALDO DAVI: Isso!

HENRIQUE PROFILI: E o Germano ficou mais uns três, quatro anos com a gente.

RONALDO DAVI: Isso!

HENRIQUE PROFILI: Com a gente, não. Desculpa! Com o Cursinho Pré-Vestibular dos Alunos da PUC, ou seja, ele trabalhou até mais ou menos, sei lá, 2008, 2010?!

RONALDO DAVI: Mais ou menos isso. Eu imagino que ele tenha... Eu falei com ele muito tempo depois ainda, né? Mais ou menos quando o Evandro entrou que...

HENRIQUE PROFILI: É, porque o Evandro se formou lá na escola em 2009...

RONALDO DAVI: É, então.

HENRIQUE PROFILI: Ah, ele chegou a dar aula com o Germano, não chegou?

RONALDO DAVI: Foi, foi, foi! Ele deu matemática financeira quando o Germano... teve uma unificação e o Germano já não podia mais vir, então ele acabou pegando matemática financeira, que mudou de nome.

HENRIQUE PROFILI: O Germano mora em outra cidade, né?

RONALDO DAVI: Ele morava na Cidade Tiradentes.

HENRIQUE PROFILI: Na Cidade de Tiradentes, então ele morava lá na Zona Leste, ou mora, né?! A gente não sabe...

RONALDO DAVI: Não sei por que faz muito tempo que eu não falo com ele também.

HENRIQUE PROFILI: Nesse tempo todo de coordenação, Ronaldo, como você acha que era a relação da PUC com o Cursinho? Ela era mais conflitante, menos conflitante, tinha mais confluência, mais conflitos, como que é que foi ao longo desse tempo todo?

RONALDO DAVI: Passou por várias etapas, né?

HENRIQUE PROFILI: Você tem como periodizar essas etapas? Por alto, vai...

RONALDO DAVI: Quando... é difícil. Quando eu entrei, que o pessoal falava que era o tempo do Ronca, né?

HENRIQUE PROFILI: Sim! Ronca era o reitor, né?

RONALDO DAVI: Sim! Reitor da PUC. Ele usava a PUC, o Cursinho como propaganda da PUC. Ele falava que a PUC tinha um cursinho popular, né? E nunca deu problema. Você lembra que naquela época, o pedido era feito pelo CACS, ele pedia quatro salas e não tinha dor de cabeça. Não tinha essas coisas de “ah, tem que fazer...”, não. Eles já mandavam ofício para o ano inteiro. Não tinha que nem ultimamente que você tinha que fazer dois pedidos: um pedido para pedir sala... eles faziam e valia para o ano inteiro a sala.

HENRIQUE PROFILI: Então na época do Antonio Carlos Ronca, acho que era esse o nome dele. O professor Ronca, ele ainda fazia uma propaganda positiva a respeito do Cursinho?

RONALDO DAVI: Sim! Ele usava para promover a PUC. A PUC tinha um cursinho popular. Aí conforme mudou a gestão, lembro que logo depois que eu entrei, teve umas

mobilizações fortes a respeito de mensalidade, a respeito de matrícula, o pessoal se acorrentou na entrada, na entrada da rampa e alguém que tinha mudado na direção da Reitoria, começou a classificar o Cursinho, na verdade classificou o CACS, como um bando de “arruaceiro” e o Cursinho era um modo de arranjar novos alunos para serem “arruaceiros”.

HENRIQUE PROFILI: Essa era a visão da Reitoria pós-Ronca?

RONALDO DAVI: Pós-Ronca...

HENRIQUE PROFILI: Na sequência.

RONALDO DAVI: É, e a gente só ficou sabendo... tanto que logo depois que ele saiu que foi criado o Foco.

HENRIQUE PROFILI: 2005, 2006.

RONALDO DAVI: Nessa faixa para combater o Cursinho, para competir com o Cursinho. Só que além de tudo, eles ainda tinham apoio do MEC. Como Universidade, eles conseguiram até dinheiro do MEC para colocar dinheiro no cursinho deles, no Foco.

HENRIQUE PROFILI: É, pelo que eu li em um artigo do próprio professor Aguerre que ajudou com a volta do Cursinho, eles tinham ajuda da Unesco, em 2009 a PUC institucionalizou o cursinho, em um ofício da própria Universidade.

RONALDO DAVI: É, e nisso eles ficaram uns cinco anos mais ou menos. Foi o tempo que... aí mudou de novo a Reitoria...

HENRIQUE PROFILI: E aí acabou o Foco?

RONALDO DAVI: Essa nova Reitoria, essa direção... na verdade, não foi nem a Reitoria, foi a Fundasp que resolveu que não era interessante.

HENRIQUE PROFILI: Isso foi por volta de 2014, 2015?

RONALDO DAVI: Mais ou menos 14, 15. Que eles acharam que não era mais interessante manter um cursinho. Eu lembro que a Sabrina falava que eles pagavam o pessoal da palestra.

HENRIQUE PROFILI: Eles recebiam, né? Era uma extensão universitária...

RONALDO DAVI: Eles recebiam. Isso! Eles recebiam um crédito para os alunos e o palestrante recebia em dinheiro mesmo ou... pegava o pessoal e levava para churrascaria e pagava toda a conta. Naquela época, Sabrina disse uma vez que deu tipo, mais de R\$ 1.000,00 aquela época, a conta. Então, eles gastavam um dinheiro... Era dinheiro do MEC, não era dinheiro da PUC, então eles gastavam mesmo. Aí entrou uma outra gestão que achou que não valia a pena, que não estava, assim, ajudando os alunos.

HENRIQUE PROFILI: Não compensava.

RONALDO DAVI: Não compensava, não estava levando tanto ganho também, não estava compensando e aí resolveu acabar com o Foco também e a gente continuou, como sempre.

HENRIQUE PROFILI: E nisso você se lembra se havia, se os alunos tanto do Leão como do Foco eles chegaram a frequentar alguma aula do Cursinho dos Alunos da PUC ou chegaram a participar de trabalhos de campo? Você lembra se tinha essa relação, pelo menos entre os alunos e os professores que trabalhavam em ambos os cursinhos, de repente? De alunos, do Foco ou do Leão, irem no trabalho de campo dos Cursinho dos Alunos da PUC...

RONALDO DAVI: Eu não lembro. Do Foco alguns, até mesmo por conta da Sabrina, chegaram a ir. Do Leão, acho que não chegaram a ir. Do Leão, não. Teve casos de professores que davam aula no nosso Cursinho dos Alunos da PUC e de outros cursinhos que eles acabavam... eles não tinham essa coisa de organizar o trabalho de campo, então eles aproveitavam o nosso trabalho de campo. Professor de geografia, professor de história, aproveitavam o Cursinho. “Ah, vocês vão para tal lugar?”, então eles iam juntos também. Isso aconteceu bastante, mais de uma vez aconteceu isso.

HENRIQUE PROFILI: Então por algumas vezes, os alunos dos outros cursinhos populares na ou da PUC chegaram a participar de atividades do Cursinho Popular dos Estudantes?

RONALDO DAVI: Dos trabalhos de campo, sim.

HENRIQUE PROFILI: E por falar em trabalho de campo, né? Eu sei que a gente já estava batendo essa bola antes de começar a entrevista e conversando com o Chupim, o Luís Carlos Rosa, ele disse que no começo, até 2000, que ele ficou de 1997 a 2000, 2001, não existia essa questão do trabalho de campo institucionalizado

e tal. Você se lembra qual foi a sua primeira memória ou recordação do trabalho de campo?

RONALDO DAVI: Foi 2003, o primeiro ano que eu entrei no Cursinho. Em 2002, já tinha. Pode ser que ele tenha se institucionalizado naquele ano.

HENRIQUE PROFILI: De 2002 para 2003?

RONALDO DAVI: Isso! Em 2002, pode ter sido o primeiro ano que teve no Cursinho porque o pessoal estava muito cru, eles não tinham ideia do que estavam fazendo, o que comprar para fazer as festas de churrasco. Eu comecei a comprar salsicha e linguiça, não tinha salada, não tinha nada, não tinha pão, não tinha nada. Comprava linguiça e salsicha, só.

HENRIQUE PROFILI: Era um improviso estudantil, literalmente.

RONALDO DAVI: Perderam o carvão.

HENRIQUE PROFILI: Os alunos da geografia que você cogita que começaram com essa ideia do trabalho de campo.

RONALDO DAVI: Eles colocaram fogo na salsicha, torraram a salsicha, a coitada ficou pretinha, pretinha...

HENRIQUE PROFILI: Provavelmente, então, como você já havia dito anteriormente, inspirados nos próprios trabalhos de campo da graduação...

RONALDO DAVI: É, por aí.

HENRIQUE PROFILI: E como que é cuidar dessa parte dos trabalhos de campo, Ronaldo? Como que você acha que essa prática pedagógica contribui, assim, para a cultura do Cursinho ou até mesmo para a formação dos alunos, para a formação dos professores que não estão formados ou não se formam professores...

RONALDO DAVI: É porque a ideia do trabalho de campo, na própria geografia, eu não sei se história também tinha, mas na geografia, o que você tem na cabeça é que o ensino não está só dentro da sala de aula, então a ideia dos trabalhos de campo também do Cursinho, era o aluno entender que você consegue aprender em diversos locais, no museu, no teatro, em um parque, no Pico do Jaraguá, você aprendia muito e é muito disciplinar porque geografia, história, tem biologia, né? Então, é justificável. Você vai

em um museu, você está vendo história do que aconteceu, então... você tem uma, como se diria, uma gama de coisas que você aprende fora da escola. Você não fica preso a aquela coisa de aprendizagem é só dentro da sala de aula, não é? Você aprende na vida inteira, tudo.

HENRIQUE PROFILI: Na vida inteira se aprende tudo.

RONALDO DAVI: Sim.

HENRIQUE PROFILI: Tem algum episódio, alguns episódios, que você se lembra de ter acontecido, que você destaca positivamente ou negativamente nesses tantos anos trabalhando aqui?

RONALDO DAVI: O mais negativo foi um do 1º de maio, que a gente fez a besteira de parar muito perto da Praça da Sé, o carro, e na hora de fazer o lanche, nós fomos, literalmente, atacados pelo pessoal da rua.

HENRIQUE PROFILI: Foi dois mil e quando isso? 17, 18?

RONALDO DAVI: Mais ou menos 18. 17, 18, por aí. A gente sempre participou do... A gente sempre... Quando a pessoa via uma fila já dizia “olha, comida” e o pessoal já encostava para pedir e a gente sempre, né? Você vai comprar 30 pães, você compra 40. Vai comprar 50, leva 60. Então, sempre levamos a mais. Só que teve esse ano que os caras queriam comer na frente de todo mundo, ao invés de esperar. O pessoal não queria esperar. Teve um 1º de maio que pegou fogo em um prédio ali na... no Largo da...

HENRIQUE PROFILI: Na ocupação dos Sem Tetos, lá, não foi?

RONALDO DAVI: Sim, mas como que chama o nome ali? O largo?

HENRIQUE PROFILI: Largo do Paissandu.

RONALDO DAVI: Largo do Paissandu. O pessoal vinha lá do Largo do Paissandu.

HENRIQUE PROFILI: Foi aquele ano de 2018 que a gente via fumaça lá da Prefeitura, não foi isso?

RONALDO DAVI: Não, então... acho que foi no ano seguinte que teve problema na Sé. É, no ano seguinte foi o problema na Sé que o pessoal invadiu.

HENRIQUE PROFILI: 2019?

RONALDO DAVI: 2019.

HENRIQUE PROFILI: Então foi o último ano que teve.

RONALDO DAVI: É, em 2018...

HENRIQUE PROFILI: Antes da pandemia.

RONALDO DAVI: É. Em 2018, foi o ano do incêndio lá no Largo do Paissandu. Daí o pessoal chegou lá no Largo do Paissandu dizendo “ah, estão distribuindo comida”. O pessoal vinha lá do Largo do Paissandu atrás de lanche. O pessoal chagava e “não, o pessoal do Cursinho é preferencial, né? O lanche é para o pessoal do Cursinho, Espera na fila que a gente dá”, mas às vezes era difícil. De bom, Henrique, todos os trabalhos de campo eram sempre bons. A gente, no começo, outra coisa... do trabalho de campo, tinha sextas aulas ou quintas aulas...

HENRIQUE PROFILI: Dependendo da época era sexta ou quinta aula.

RONALDO DAVI: É.

HENRIQUE PROFILI: E o que consistia em essa atividade da sexta ou quinta aula? Era na Universidade?

RONALDO DAVI: Era em um bar, uma lanchonete. O pessoal falava “ah, vocês vão beber?” Não, a gente não ia beber. A gente ia conversar. A bebida era uma consequência, né? Mas, quem não bebia, tinha adolescente, gente que não bebia, bebia refrigerante, o importante era a conversa, era o papo. Acabava rolando muita conversa, muito... até a diferença de gerações, que se misturava sempre. Não era só do Seu Rubens agora, mas sempre teve mistura de gerações no Cursinho. Desde gente de 15 anos até gente com 40, com mais de 40 anos, e você tinha esse conflito ou mistura de gerações, né? Então, você aproveitava. Você ia conversando e você ficava... a gente sai daqui 6 h, ficava até 8 h, 9 h da noite conversando e quem bebia, bebia, né? Fazer o quê? Aquela máquina do karaokê, maldita máquina de karaokê que tinha no barzinho ali.

HENRIQUE PROFILI: Ganhou bastante em cima de vocês?

RONALDO DAVI: Nada! Ao contrário, a máquina aceitava moeda de 25 centavos.

HENRIQUE PROFILI: Que épocas, hein?! E quais são os trabalhos de campo que você destaca que tem uma, não uma rotina, mas que são...

RONALDO DAVI: Os mais fixos?

HENRIQUE PROFILI: É. Os fixos. Vamos colocar assim... O 1º de maio na Sé, né?

RONALDO DAVI: O 1º de maio na Sé que é o mais fixo de todos, que é no 1º de maio, não tem jeito. O Pico do Jaraguá, o Parque Ecológico do Tietê...

HENRIQUE PROFILI: Esse faz tempo, né? Que não tem...

RONALDO DAVI: Não, foi em 2018, 2019. Não, 2019 teve ainda, né? Até 2019 teve. Quando ficou fácil, a estação, né. Que a estação começou a sair direto no parque, acabou... entrou a pandemia.

HENRIQUE PROFILI: Museu Afro Brasil?

RONALDO DAVI: Museu Afro... isso! Museu Afro todo ano. São os mais fixos, né? A gente já foi para o Butantã também, a gente foi na semana antes do Museu do Ipiranga fechar...

HENRIQUE PROFILI: A gente foi naquela exposição de antiguidade na FAAP, você lembra? Você estava nessa?

RONALDO DAVI: Não, não. Vocês foram, eu não fui nessa.

HENRIQUE PROFILI: Tinha a Grécia Antiga na FAAP.

RONALDO DAVI: Mas não foi trabalho de campo, foi na semana. Vocês foram com os alunos na semana.

HENRIQUE PROFILI: Não, acho que foi em um sábado porque a gente sentou para comer pastel naquela feirinha da Praça Charles Miller depois...

RONALDO DAVI: Eu não sei. Eu não lembro, Henrique. Eu acho que foi na semana por causa disso.

HENRIQUE PROFILI: Pode ser também. Eu também... já faz muito tempo.

RONALDO DAVI: Porque não foi trabalho de campo normal. Você acha que eu não ia no final de semana? E era só durante a semana que tinha essa e eu não fui, provavelmente, por causa do trabalho.

HENRIQUE PROFILI: Você citou que os trabalhos de campo eram bem confusos, bem desorganizados, assim, né? No começo da sua atuação como coordenador. Como você acha que isso foi sendo, não diria refinado, como você...

RONALDO DAVI: Teve outra também... quando começaram com o trabalho de campo, era assim: tinha uma verba que o centro acadêmico fornecia...

HENRIQUE PROFILI: É! Como que o Cursinho se manteve, vem se mantendo por todos esses anos...

RONALDO DAVI: O trabalho de campo no começo, quando a gente pegou, tinha uma verba, que era irrisória, não era muita coisa, do centro acadêmico, né? Só que aí ninguém pagava nada. Aí a gente começou a falar: “não, se você fizer uma vaquinha, cada um contribuir com um pouco, dá para comprar muito mais coisas do que os “cara” ajudavam”.

HENRIQUE PROFILI: Do que os R\$ 100,00 do centro acadêmico.

RONALDO DAVI: É! Porque tipo assim, no primeiro dia que a gente foi, tinha... os caras tinham comprado três quilos de linguiça e dois quilos de salsicha, né? E depois eu comecei a levar, a comprar... você juntando dinheiro com os alunos, cada um dava, acho que R\$5,00, R\$ 10,00 para o trabalho de campo.

HENRIQUE PROFILI: Os professores e os alunos, não eram assim um negócio também?

RONALDO DAVI: Não! Na Sé, era R\$ 5,00 cada lanche. No trabalho de campo era R\$ 10,00.

HENRIQUE PROFILI: No Jaraguá, por exemplo.

RONALDO DAVI: No Jaraguá, por exemplo. Era R\$ 10,00. Você ia fazer churrasco... tempo bom que se conseguia fazer churrasco. Então, se fosse só o dinheiro que o Cursinho disponibilizava, você comprava só dois ou três quilos de carne. Com o dinheiro que os alunos contribuía também você comprava uma peça de carne. A gente começou a levar carne, linguiça, saladas, né? Os próprios refrigerantes. Aí o pessoal começou também a “quero suco”, levava suco também. Então, cada um contribuindo com uma coisa, ficou mais fácil de você fazer o trabalho de campo. Você acabava

levando muito mais coisa, então você não tinha essa coisa de faltar, né? Era mais aproveitado.

HENRIQUE PROFILI: E qual que você acha que é a importância dessa socialização aí? Ou na hora do almoço ou pós-aula, dependendo do trabalho de campo que acontecia. Qual você acha que essa importância da socialização entre professores e alunos assim?

RONALDO DAVI: Na minha cabeça, quando você fala em comunitário, hoje está incluído essa coisa da divisão, né? É uma característica de um evento comunitário, essa partilha, essa participação de todos, senão seria um almoço executivo, cada um em um canto, né? Se não for para socializar... essa é até uma coisa que a gente sempre brigou com alguns alunos porque vai para o 1º de maio e o pessoal quer ir para o McDonald's, comer no McDonald's. Tudo bem, você gosta do McDonald's? Você pode até ir, mas você vai gastar três vezes mais, quatro, cinco vezes mais, do que você gastaria no lanche comunitário.

HENRIQUE PROFILI: Mesmo assim tem alunos que vão no Mc?

RONALDO DAVI: Sim! Tem né?! Sempre tem. Nos outros trabalhos de campo é mais difícil. Apesar que tem uns que “ah, não, quero ir embora, não quero participar”. O pessoal tem essa dificuldade de ver essa coisa do comunitário, da partilha, né? Mas, eu acho interessante essa parte de partilha. Eu acho que a socialização ajuda muitos os alunos também, é aproveitável.

HENRIQUE PROFILI: Nesse sentido também, falando um pouco da questão de conteúdo ou do que se trabalhar, tem muito professor que... a gente sabe que tem muitas pessoas que não são professores e que iniciam as práticas didáticas dentro das aulas do Cursinho, como voluntários e tudo mais. Você sente que tem uma diferença entre pessoas que já eram professoras das que não eram professoras na questão de organizar o conteúdo, material didático...

RONALDO DAVI: Tem não, Henrique. Porque assim, muita gente acabou usando o Cursinho exatamente para aprender a dar aula. Muita gente que fazia faculdade e “ah, eu quero ser professor”, mas que não tinha o pique, a *expertise* de professor e que acabava pegando no Cursinho, né? E acabava pegando ajuda... o pessoal que já está mais acostumado, acaba passando para os outros. “É assim que você faz”, né? Dando dicas

de como se organizar. Não é só chegar e “vou dar tal coisa e tal coisa e nem estudar para dar aula”. Tem uns que fazem isso, mas tudo bem, fazer o quê, né? O certo... acho que é bom essa mescla porque acaba dividindo a experiência com o pessoal que está aprendendo a dar aula. Eles usam como um trampolim. “Ah, eu vou ser professor, mas como vou aprender?”. Aprende no Cursinho. Muitos aprenderam.

HENRIQUE PROFILI: Você acha que o Cursinho conseguiu formar professores assim?

RONALDO DAVI: Sim, saíram bastante. Teve gente que começou dando aula no Cursinho e eu sei que hoje em dia é professor de verdade, é professor mesmo.

HENRIQUE PROFILI: Gostaria de fazer alguma consideração final, assim, alguma perspectiva? Você acha que o Cursinho mudou muito da época que você entrou como aluno e depois para época que você passou a ser coordenador? De 2002 para 2006, 2022?

RONALDO DAVI: Na verdade, não foi só o Cursinho que mudou, o mundo mudou.

HENRIQUE PROFILI: Faz uma avaliação aí para a gente.

RONALDO DAVI: Ah, Henrique. Difícil sempre foi, mas assim, se você for fugir cada vez que as coisas ficam difíceis, você não vai a lugar nenhum, né? Esses dois anos de pandemia foram um baque muito forte, acho que para todo mundo. A gente perdeu muita coisa. Às vezes, eu fico vendo o pessoal que está se preparando para o vestibular, que a gente está parado. Esses dois anos parados foram horríveis. Então, vamos ver se volta tudo ao normal, né? O nosso normal ou o novo normal, não sei.

HENRIQUE PROFILI: Naldo, muito obrigado pela sua colaboração! A gente agradece demais. Estamos aqui construindo parte institucional da história do Cursinho, né? E hoje, que calhou de a gente voltar nesse nosso normal, como você falou, a gente também está tendo aí registrar pelas imagens, tipo, para ver se a gente pode fazer alguma coisa, nesse sentido de acervo, né? Do Cursinho Pré-Vestibular e tal, resgatar as documentações que estão aqui no CACS ainda...

RONALDO DAVI: Você sabe que o ano passado... é, o ano passado, teve aquele negócio do... como que é? Da Globo. Da educação. Eu cheguei a falar com o Evandro: “Evandro, a gente podia se inscrever, né?!”. E ele: “ah, mas é difícil”, “difícil é, mas se não tentar” e aí acabou sendo um Cursinho lá perto deles, no Campo Limpo, que

ganhou. R\$ 200 mil. Falei: “pô, a gente podia”, “mas difícil é, mas você vai...”. Dá para fazer tanta coisa. O nosso problema sempre foi alunos que não tem como vir para aula, professor que às vezes não tem como vir... dava para fazer muita coisa. “É difícil”, difícil é, mas se não tentar também... Porque o problema era que eles pediam um histórico, um registro, um filme, um negócio do Cursinho e eu não sabia se tinha. Eu não tinha nada senão tinha mandado algo para inscrição.

HENRIQUE PROFILI: E até que ponto a sua história de vida se confunde com a história do Cursinho, Ronaldo?

RONALDO DAVI: Totalmente! Não dá para diferenciar muito. Depois de quase 20 anos...

HENRIQUE PROFILI: Está cansado? Pretende continuar? Como é que é? Em um futuro próximo, vai...

RONALDO DAVI: Não sei. Não sei se.... a gente vai até onde... a gente vai andando, na hora que não der para andar mais, a gente...

HENRIQUE PROFILI: Vem de cadeiras de roda?

RONALDO DAVI: A gente vem de cadeira de roda.

HENRIQUE PROFILI: Naldo, obrigado!

ENTREVISTA 3 – SABRINA DE PAULA

HENRIQUE PROFILI: Bom, estamos aqui com a Sabrina. Terceira da nossa série de entrevistas. Sabrina que atendeu gentilmente a esse convite para estar aqui com a gente na PUC. A gente já se conhece há bastante tempo, né, Sá? Sei lá, não lembro, 97, 98... deixa para lá! Mas, a Sabrina, ela foi a aluna do Cursinho, ela foi aluna da PUC, deu aula no Cursinho e deu aula no Foco. Essas são algumas das razões pelas quais eu chamei ela para conversar com a gente sobre a pesquisa que eu tô desenvolvendo, da institucionalização da história do Cursinho Popular dos Alunos da PUC. Sabrina de Paula, obrigado por estar presente aqui, atendendo ao nosso convite e fica à vontade para falar alguma dessas coisas que a gente já tinha conversado previamente.

SABRINA DE PAULA: Eu que agradeço, né?! De estar participando desse trabalho do Cursinho. Como o Henrique falou, né?! Meu nome é Sabrina, hoje eu sou professora de história e sociologia e filosofia e com muito custo eu cheguei aqui. Então, minha história, mais ou menos, começa... eu morava no Capão Redondo, zona sul, e eu era um tipo de pessoa assim que não tinha perspectiva nenhuma de estudo, de estudar. Eu fiz o Ensino Médio. Fiz o Fundamental, Ensino Médio, terminei a escola e fui trabalhar. Eu saí de casa muito nova, com 16 anos, então não tinha uma perspectiva. Quando eu saí, eu ainda estava terminando o terceiro ano do Ensino Médio e o meu objetivo era trabalhar para pagar minhas contas. Então, não tinha perspectiva de vida no sentido de ter mais estudo. Então para mim essas coisas de estudo, de fazer faculdade, não fazia parte da minha vivência. E também não sabia que existia a bolsa, não tinha conhecimento dessas coisas. Eu era uma pessoa bem fora desse mundo acadêmico. Como eu ficava muito lá na zona sul, eu ia para o centro, andava de skate, mas eu não olhava para essas coisas de educação porque para mim isso não existia. Para mim, acabou o Ensino Médio, era isso, pronto e acabou. Aí quando foi um dia, eu estava no show dos Racionais, encontrei o Henrique lá, fiquei sabendo que o Henrique dava aula no Cursinho Popular e aí lá, eu conversei com ele, me deu o telefone do Cursinho, aqui da PUC. Eu liguei no Cursinho, não consegui falar com ninguém. Passou uma semana, eu vim de skate pra cá, lá da zona sul para PUC, para saber. Nunca tinha vindo para cá. Para saber o que era esse Cursinho, como fazia. Peguei todas as informações, peguei a ficha. Levei uma semana para pegar toda a documentação... resumindo: fiz a inscrição e comecei a estudar. Isso foi em 2005 e com muita dificuldade, eu vinha para cá, porque

realmente assim, eu trabalhava numa loja de ração da quebrada, da periferia, pagava aluguel e não tinha dinheiro para vir para cá. Então, para mim foi muito difícil. Todo sábado que eu vinha para o Cursinho, a dona da loja lá, descontava R\$ 20,00 do meu pagamento. Então, passei o ano fazendo cursinho dessa forma. Quando foi em 2006, eu prestei vestibular da USP e aqui da PUC. Da USP, eu passei na primeira fase, aí na segunda fase eu não consegui passar, eu fiquei e, aqui na PUC, eu acabei entrando só que não tinha dinheiro para fazer a matrícula, não tinha dinheiro, foi horrível. E entrei na PUC sem nenhum dinheiro, enfim... E comecei já dar aula no Cursinho. Aí entra o Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: 2006?

SABRINA DE PAULA: Isso em 2006. Em que sentido que eu começo a dar aula no Cursinho? Eu comecei a fazer umas oficinas. Eu comecei a estudar na PUC, a ter um conhecimento acadêmico a respeito, mais aprofundado sobre a África e sobre culturas porque aqui na PUC, hoje em dia eu não sei, mas na época que eu estudei era muito forte essa questão étnica, cultural, essa questão social na PUC, isso era muito forte. E o curso, que eu fazia História, tinha aulas específicas sobre diáspora africana e é um tema que gostava muito porque eu já era envolvida com o rap, que já trazia isso. Então, já trazia essa questão aí e acabei juntando: meu conhecimento da quebrada com o conhecimento que eu estava tendo ali acadêmico. Então, eu montei umas oficinas sobre cultura, sobre cultura negra, cultura afro-brasileira, com um pouco de conhecimento que eu tinha aqui, no Cursinho. Então, foi dessa forma que eu comecei a dar aula no Cursinho. E tava aqui no Cursinho fazendo um monte de coisa. Era entrevista dos alunos, ajudava a fazer um monte de coisa. Correria. Marcar sala de aula, essas coisas, que na época a gente marcava algumas salas aqui. Então, eu acho que eu fiquei, no primeiro ano, fazendo essas oficinas, de conhecimentos culturais nos quais juntava a música também. Em 2007, que eu comecei a dar aula de história e aí eu fiquei dando essas aulas de história até 2020. Até o começo de 2020.

HENRIQUE PROFILI: 14 anos de Cursinho Popular dos Alunos da PUC.

SABRINA DE PAULA: Isso!

HENRIQUE PROFILI: Boa! E para você, Sá, antes de entrarmos em assuntos mais específicos, o que é um cursinho popular para você? O que seria ou o que é um cursinho popular para você?

SABRINA DE PAULA: Olha, para mim, é pessoal, assim, eu vou falar do lado pessoal, depois eu falo do lado assim, da educação. O Cursinho Popular, eu acho que ele é tudo. Ele é tudo para uma pessoa que não tem perspectiva nenhuma, sabe? Não tem perspectiva mesmo e de repente ele fica sabendo que tem o Cursinho Popular e esse cursinho, ele acaba abrindo várias portas para você. Parece que não, parece que é uma coisa simples, mas no meu caso, ele significou tudo. Foi a mudança total da minha vida, sabe? Total assim. Então, acho que o Cursinho, ele é superimportante na vida de uma pessoa. Na questão coletiva, na questão de você sair do ambiente de onde você tá, ir para um cursinho longe, no centro da cidade também, mesmo aqueles cursinhos da periferia, são bons para você sair dali onde você mora e no cursinho conhecer pessoas diferentes. Ali, você tá lidando com pessoas, tanto pessoas da quebrada, pessoas iguais você que não têm condições de pagar um cursinho, não tem perspectivas...com professores que vêm voluntariamente. Tem professores que se formaram na USP, na PUC, na Unesp, na Unifesp... então você começa a ter esse contato, né?! Então, acho que o Cursinho tem toda essa conjuntura aí. A questão comunitária, a questão de ajuda, a questão de perspectiva, a questão de aulas diferenciadas que na época, para a gente... hoje em dia, se fala muito em aula diferenciada, mas na época não se falava na escola. Então, você chegava ali, você tinha contato com professores, o professor trocava ideia com você da matéria, depois você podia conversar com ele sobre outras coisas, pois eram pessoas abertas. Então, assim, o Cursinho proporciona, acho que tudo isso. Acho que é um conjunto de oportunidades, de privilégio, de conhecimento, que você tem ali. Eu acho que é isso.

HENRIQUE PROFILI: **Maravilha! Nesse sentido então, você disse que ficou, 2006 praticamente, dando as oficinas culturais, no Cursinho, aos sábados. Lógico, aos sábados, porque só tem aulas aos sábados, disfarça. Mas, nesse sentido, entre 2006 e 2007, o que te inspira a transformar-se em uma professora de história do Cursinho? Como você decidiu vir para o lado de cá?**

SABRINA DE PAULA: Então, eu acho que... deixa eu lembrar. As coisas foram acontecendo. Aqui, no Cursinho, as coisas vão acontecendo, na verdade.

HENRIQUE PROFILI: **Elas são muito dinâmicas? Orgânicas? O que seria “vão acontecendo”?**

SABRINA DE PAULA: As coisas vão acontecendo no sentido: é muito dinâmico, né? Então, de repente, faltou um professor, você vai lá e entra na aula do professor. “Ah, você sabe falar sobre o quê?” “Eu sei da história. Meu curso é de História, então eu vou falar sobre história.” Acontecia isso, né? Quando eu estava fazendo as oficinas culturais aqui, sobre África, a cultura afro-brasileira, acontecia de professor faltar, então a gente pegava... Eu tava fazendo História, os alunos estão estudando o quê? História do Brasil. Ah, eu já sei alguma coisa sobre história do Brasil. Então, você entra lá para dar aula para os alunos não ficarem sem aula. Então, eu lembro que começou a acontecer algumas coisas assim. Aí, quando foi em 2007, parece que tinha você, o Henrique, professor de história, tinha o Waldeir... aí o Cursinho tinha três salas. Eu lembro que eram três salas e faltava um professor de história. Eu falei: “demorou, eu vou”. Então, foi meio assim, meio “vai você, você está estudando história”.

HENRIQUE PROFILI: Meio que embarquei, né?

SABRINA DE PAULA: Exatamente! Embarquei. A primeira aula, eu lembro. Nossa! Nas primeiras aulas eu lembro que eu tremia. Tipo, estudava para caralho. Sempre gostei de estudar. Depois que descobri faculdade, Cursinho... Eu sempre gostei de estudar, gosto muito de ler. Gosto de estudar e, inclusive, todo ano eu estou fazendo curso, estou sempre fazendo alguma coisa. Eu não paro. E eu estudava muito para dar aula no Cursinho. Muito mesmo. Pegava provas do Enem, pegava bastante coisa e me preocupava da forma que eu ia passar essas aulas, né? Porque eu não sabia. Estava começando a dar aula ali. Foi a minha primeira aula. Eu lembro que eu fiquei durante meses... eu tremia, ficava com medo de esquecer. Eu lembro que eu dava as aulas muito completas. Eu queria sanar todas as dúvidas dos alunos. Hoje em dia eu penso diferente, mas quando eu comecei a dar aula, eu queria tipo assim: eu que tinha que saber tudo, né? Então, lembro que as minhas primeiras aulas foram assim.

HENRIQUE PROFILI: Então, aproveitando essa sua última frase, vou até aqui perguntar: como se dava essa questão de você pensar, preparar e aplicar o conteúdo aos sábados que você dava aula, Sá?

SABRINA DE PAULA: Então, eu...

HENRIQUE PROFILI: Igual você falou, desculpa te interromper, você falou que pesquisava as provas passados do Enem e tal.

SABRINA DE PAULA: Isso! Eu lembro que tinha a apostila do Cursinho. Então, eu pegava as apostilas do Cursinho, estudava, pegava o currículo do Enem. O que ia cair no Enem? Por exemplo, Brasil. Vai cair colonização, né? Então, pegava os conteúdos programáticos do Enem mesmo, cronologicamente e seguia isso. Pegava a apostila do Cursinho que tinha aqui. Então, eu lembro que as primeiras aulas foram isso: era uma mistura de cronograma do Enem dos conteúdos do Enem com o material que tinha aqui no Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: E havia algum tipo de equipamento que você utilizava como suporte para as aulas saírem do tradicional?

SABRINA DE PAULA: Eu sempre gostei muito de usar PowerPoint. Eu lembro que, tinha coisas que eu passava na lousa, mas gostava muito de fazer PowerPoint. Eu não tinha computador na época, mas usava os computadores aqui da PUC.

HENRIQUE PROFILI: Você era aluna da PUC já, né?!

SABRINA DE PAULA: É, então. Aí eu catava e eu vivi aqui na PUC, né?! Quando eu chegava mais cedo eu já preparava as aulas no PowerPoint. Algumas coisas a gente “xerocava”, algumas atividades para eles, para diferenciar, mas sempre gostei de preparar aulas no PowerPoint. Para mim, tipo assim, já era uma modificação porque a gente na época tava acostumado com aquela aula tradicional ainda, né?! Estavam se falando, mas num Cursinho, a gente já tratava as aulas diferentes. Fazia roda de conversa com eles. Eu não fazia muita dinâmica, não. No começo, eu tava mais preocupada com o conteúdo mesmo, mas eu fazia muitas aulas com imagens. Trazia imagens. Tipo assim: vou dar aula de colonização, trazia como que era o Brasil. Pegava imagem de quando os portugueses chegaram aqui, essa interação com os indígenas, essas imagens que se tinham, aquelas imagens que caíam no Enem, eu pegava muito e colocava aquilo para eles já terem contato com isso. Eu pensava: “vai cair uma figura no Enem, então eles já viram no Cursinho”. Pesquisava bastante coisas assim e trabalhava com imagens. Sempre gostei muito de trabalhar com imagens, PowerPoint e também material para eles. Fazia um “materialzinho” para eles de leitura. Eu lia com eles para fazer reflexão. Aí já trabalhava dessa forma assim. Sem ter experiência nenhum, já queria fazer umas aulas diferenciadas, sair um pouco daquela...

HENRIQUE PROFILI: De onde você acha que veio essa sua inspiração para essa diferenciação nas suas práticas pedagógicas? Você lembra de algum professor da escola, apesar de você ter dito que se formou há muito tempo na escola, ou quando você teve aulas no Cursinho, ou quando deu aulas no Cursinho como “oficineira” ... pode colocar o termo “oficineira”, né? Acho que não é ruim. Teve algum, alguém, que você viu trabalhando e disse “vou dar aula mais ou menos nesse estilo” ou trazer o meu estilo para dentro da sala de aula...

SABRINA DE PAULA: Ah, sim. Quando eu dava aula...

HENRIQUE PROFILI: Imprimir a minha marca, enfim...

SABRINA DE PAULA: Quando eu estudava no Cursinho, as aulas já eram diferenciadas. Os professores trabalhavam com documentário. Me inspirei muito em você.

HENRIQUE PROFILI: Opa! Obrigado.

SABRINA DE PAULA: Acho que a minha forma bruta é mais ou menos igual a sua forma bruta.

HENRIQUE PROFILI: Estamos juntos!

SABRINA DE PAULA: Acho que eu me identifiquei, tipo assim, quando a gente começa a falar do governo, a gente começa a ficar nervoso, né? E a gente acaba expandindo isso para os alunos.

HENRIQUE PROFILI: A gente fica emotivo.

SABRINA DE PAULA: É, emotivo. Então, assim, eu me identificava muito. Mas, tipo assim, no geral, no Cursinho, as aulas eram diferenciadas já. Eu lembro que os professores passavam filmes, documentários, indicações.

HENRIQUE PROFILI: Nas diversas matérias?

SABRINA DE PAULA: Exatamente, entendeu! Aulas de matemática também. Os professores faziam “musiquinhas”, desenhavam os números, então são coisas que vão influenciando. E, na PUC também, tinha muito professor na época que dava aulas diferenciadas, né?! E eles falavam muito isso de não ser só o conteúdo, que o aluno... eles falavam muito isso: que o aluno não vai lembrar do conteúdo, mas, ele vai lembrar

daquela vez que você chegou e fez uma roda de conversa com eles. De repente, não era nem sobre aquela disciplina, mas de repente, um acontecimento, alguma coisa que aconteceu ali, na cidade ou no bairro, e de repente você fez uma aula sobre aquilo. Então, o aluno vai lembrar desse momento. Não da aula maravilhosa que você deu com o texto acadêmico ali, então eles falavam muito isso. A minha construção docente, ela foi essa já.

HENRIQUE PROFILI: De repente, é aquele momento diferenciado na sala de aula podia remeter a lembrança...

SABRINA DE PAULA: É aquele momento que o aluno vai lembrar de você e é exatamente isso. Eu lembro de momentos que o professor chegava na sala com saquinhos. Esqueci o nome do professor de filosofia. Ele chegava com um saquinho assim, e no saquinho tinha um monte de foto dele, quando era criança, sabe. Então, assim, diálogos contemporâneos, esqueci o nome do professor, mas lembro dessa aula dele.

HENRIQUE PROFILI: Isso aqui na Universidade?

SABRINA DE PAULA: Que ele chegou e falou: o que é história para você? Para mim, história é o que está dentro desse saquinho. Ele foi tirando o saquinho e mostrando as fotos. Aquelas fotos naqueles cubinhos que você olhava, entendeu? Aquela aula foi sobre você entender o que é história. Foi a primeira aula: o que é história? Ele chegou com um saquinho lá. Um saquinho de pão, tipo assim, tá ligado? E tinha um monte de foto e ele falou: isso aqui que é história. História da sua vida. Então, tipo assim, essas coisas você não esquece. Eu acho que a minha formação, ela já foi assim, tanto no Cursinho quanto na PUC e é isso que a gente acaba reproduzindo na sala de aula.

HENRIQUE PROFILI: E sobre as práticas pedagógicas próprias do Cursinho, agora, no caso, assim. Eu, particularmente, gosto bastante dos nossos trabalhos de campo. Quando você entrou, já tinha trabalho de campo? Como foi você incorporar essa prática pedagógica dos trabalhos de campo para o ensino de história no Cursinho ou para os temas transversais mesmo, dessa interdisciplinaridade que você já disse e torna cada vez mais evidente quando trabalha com as diferentes ciências humanas na aula de história. Como foi? Você se recorda como os trabalhos de campo chegaram para você? Ou, como você chegou para eles, seja como aluno, seja como professora do Cursinho?!

SABRINA DE PAULA: Os trabalhos de campo, como aluna do Cursinho, eu acho que era os melhores dias. Nossa! Tipo assim, para mim, os melhores, sempre, viam... o Cursinho era o escape para mim.

Era tudo de maravilhoso, mesmo quando eu estava sem dinheiro, que eu não tinha nada para comer. Mas assim, para mim era uma libertação, sabe, quando eu vinha para cá. Sempre foi uma libertação, vir e fazer o Cursinho. E, quando tinha trabalho de campo, nossa, tipo era uma maravilha. E tanto como aluna, é onde eu aprendia muito. Inclusive, quando eu estudava no Cursinho, eu era uma aluna dedicada. Eu tenho até hoje os cadernos do Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: As apostilas dos outros professores?

SABRINA DE PAULA: Eu tenho caderno do Cursinho. Eu tenho coisa do Cursinho. Eu tenho meu caderno mesmo, caderno que eu anotava tudo. Eu levei o Cursinho muito a sério. Quando eu entrei no Cursinho, eu abracei mesmo, de verdade. Então, quando tinha trabalho de campo: nossa! Para mim, aquilo era tudo, sabe? Eu nunca tinha tido contato. E quando eu fui professora do Cursinho, a gente, meu... Trabalho de campo era, tipo assim, era sagrado e eu procurava, como professora do Cursinho, realmente reproduzir tudo aquilo que eu tive como aluna que, para mim, foi, era mágico. E eu entendia que quando a gente levava o trabalho.... Quando eu estava lá, dando aula no Cursinho, por exemplo, que é a minha área, que era o que eu gostava de falar sobre eu olhava para os alunos e me via quando era aluna. Que tinha uns alunos que até falavam: “nossa professora, tipo assim, nossa eu quero ser professora também”. Então, tipo assim, quando eles falavam isso para mim, eu falava: “pô, você quer ser professora também”... eu lembrava quando era aluna, quando eu tava ali. Então, se hoje em dia eu sou professora é porque eu me inspirei nos professores do Cursinho ali, principalmente, professores da PUC? Também, mas acho que foi mais o Cursinho, né?! Porque assim, os professores do Cursinho, eles têm um conhecimento. Não é só o conhecimento acadêmico, mas o conhecimento da vivência ali.

HENRIQUE PROFILI: Você acha que essa, esse tipo de coisa, você lembra pra sua sala de aula hoje, como professora de história e sociologia do Estado?

SABRINA DE PAULA: Com certeza! Na escola, a gente não consegue muito fazer trabalho de campo, mas, por exemplo, eu tenho uma horta lá na escola e eu levo eles para a horta que, para mim, é um trabalho de campo. Eu saio, tipo assim... lá é escola

integral e eles ficam o dia inteiro na sala, o que eu faço? Eu tenho um projeto lá, a gente tem uma horta lá. São eles que trabalham na horta, eles que puxam terra, então, tipo assim, isso para mim é um trabalho. Eu transformo isso em um trabalho de campo.

HENRIQUE PROFILI: Uma adaptação curricular.

SABRINA DE PAULA: Exatamente! Porque não dá para eu ficar levando eles para... porque é muito burocrático sair da escola, né? A gente quer levar, mas não dá. Sempre levar. Então, o que eu faço? Eu uso os espaços da escola como um trabalho de campo. Eu tento reproduzir isso ainda na escola, que é difícil. Hoje em dia mudou algumas coisas, mas ainda é um espaço fechado a escola, tudo é burocrático para você tirar aluno da sala de aula. Às vezes, você quer levar o aluno para uma pracinha ali e você não pode, entendeu? Mas, eu utilizo o espaço dentro da escola mesmo e transformo em trabalho de campo.

HENRIQUE PROFILI: Então você acha que, a gente pode falar, que seriam relações adquiridas das experiências que você teve aqui no Cursinho?

SABRINA DE PAULA: Com certeza! E os trabalhos de campo do Cursinho não eram só questão de aula fora da sala de aula, era questão de convivência também. Ali, você tem interações, você faz amizade, você conversa com pessoas, diferente de quando você tá na sala de aula. Ali, a gente dentro do Cursinho, eu como professora e com os alunos, a gente montou banda, a gente fez música. A galera, e depois que esses alunos se formaram, eles viraram professores também e frequentavam minha casa. Então, assim, não parou ali, né?! As coisas continuaram e tem vários exemplos aí. Um monte de gente que dei aula, que se formaram professores, e que a gente montou uma banda, e que frequentava minha casa e que... sabe?! E assim, abre esses espaços, entendeu? E, ao mesmo tempo, abre os espaços de convívio e o espaço de respeito. Tipo assim, o cara te respeita, a pessoa te respeita, como professor te respeita como ser humano fora da sala de aula. Então assim, a gente conseguia fazer isso: o cara te respeitava como professor e te respeitava fora da sala de aula também. Então, é respeito mútuo. É além do conhecimento escolar, é além do conhecimento pedagógico. É tipo assim, para vivência mesmo, os trabalhos de campo proporcionam tudo isso.

HENRIQUE PROFILI: Alunos que viram professores inspirados na gente, né? Às vezes, eu também tenho dificuldade de pensar nisso: como a gente materializa isso.

Eu acho que é um negócio muito doido para nossa cabeça. Você consegue se ver inspirando alguém para...

SABRINA DE PAULA: Não.

HENRIQUE PROFILI: Conscientemente.

SABRINA DE PAULA: Não, a gente não consegue, mas a gente acaba inspirando mesmo. A gente inspira porque eu fui inspirada. Às vezes, é tão automático você dar aula, que você não para para pensar nisso. Então, quando você tem um retorno dos alunos, os alunos que viraram professores, os alunos que te procuram, né?! Ou, quando você lembra, você tem essas lembranças, que eu tô lembrando agora porque eu já tinha até esquecido que montei uma banda com alunos.

HENRIQUE PROFILI: Como é essa ideia de primeiro ser aluna do Cursinho, depois ser professora no Cursinho e, a partir dessas experiências e relações pessoais, surgiram tantos frutos. Como que você tenta descrever isso?

SABRINA DE PAULA: Isso é muito louco! Às vezes, a gente até esquece disso. Chega em um estágio de trabalho que a gente até esquece disso. Mas é, eu lembro que para mim sempre foi tudo muito mágico. Eu sendo aluna e de repente tava ali dando aula. E, de repente... é o que falei: eu olhava para aquele aluno e tava... e de repente, aquele aluno, tava voltando no outro ano para dar aula ali ou para fazer uma oficina. Então, eu acho que isso transforma. Isso que a gente fala de transformação na educação, né?!

HENRIQUE PROFILI: Boa! Como você ver isso, justamente, o que é se ver professora em uma sala de aula que você era aluna?

SABRINA DE PAULA: É transformador isso! Revigorante. É, tipo assim, eu não consigo achar uma palavra, mas é muito louco, é transformador...

HENRIQUE PROFILI: Acho que não precisa definir em um único termo.

SABRINA DE PAULA: É muito daora! Acho que você mesmo, tipo assim, você se supera. Você fala assim: pô, ontem eu tava aqui aprendendo e hoje estou aqui ensinando o pouco que sei. E tem essa coisa, né? Tipo, você nunca sabe tudo. E aí que fui aprendendo que você nunca sabe tudo e que não adianta você querer trazer o mundo ali para o aluno que não vai rolar. Tem coisas que você não vai saber. Sei lá, o aprendizado é contínuo, né? Tipo, ser professor é isso mesmo. É estar todo ano estudando, fazendo

curso, fazendo pós e eu vou fazer um curso especialização. Ser a professora é isso porque, tipo assim, além de que a nossa área de humanas, sociais, ela muda muito. As humanidades, sociologia, filosofia tá mudando o tempo todo, a história também. O tempo todo. Então, a gente tem que se atualizar. O aprendizado é contínuo. E aí, quando você para para ver isso... eu aprendi isso, né?! Eu queria ensinar tudo para o aluno, mas não é sempre. Eu não sei tudo. Não tem como porque cada vez você que tá dando aula, você aprende o barato diferente, você ensina e tem aquela parada também: do retorno dos alunos. Tem coisa que você não sabe, que os alunos sabem. Só que isso é com o tempo que você vai percebendo. Quando você começar a dar aula: “nossa, eu sou foda, estou dando aula”, só que aí você vai ver, por exemplo, lá na escola, que eu dou aula, e quando eu dava aula no Cursinho também, eles estão em outra geração, a gente é de outra, eles estão em outro rolê, então eles trazem coisas do cotidiano deles que a gente não sabe. Por que a gente não sabe? Por que a gente é burro? Não, porque a gente não tá nessa vivência deles, mas aí que está a questão, de você ser aberto para aprender aquilo que o aluno está apresentando porque isso é importante.

HENRIQUE PROFILI: Incorporar novos conhecimentos para transformar eles.

SABRINA DE PAULA: Você tem que colocar ali porque é uma volta, né? É uma volta. Você tá ali, ele tá ali, e ele sabe também e tem coisa que você não sabe, então... só que aprendi isso com o tempo. Vou aprender aquilo que o aluno traz também e vou incorporar na minha aula, eu faço muito isso na escola. Eu faço até uns questionários, às vezes. “Coloque coisas que você percebeu que a professora não falou”.

HENRIQUE PROFILI: Sensacional! Eu não tinha pensado nessa ainda.

SABRINA DE PAULA: Sabe, tipo assim. Eles falam: como assim, professora?

HENRIQUE PROFILI: Desapercebido, né?

SABRINA DE PAULA: Ah, alguma coisa. Uma palavra. Alguma coisa de vocês aí que eu não falei, que eu não sei que eu vou tentar incorporar na aula. Dá trabalho? Dá trabalho porque tem que pesquisar. Uma vez eu fiz um trabalho de pegar as músicas que eles ouvem e tal. Eu fiz uma atividade e a última pergunta foi: “Qual música que você indica?” que fala sobre esse tema? E descobri várias músicas legais. Aí baixei as músicas, passei as músicas para eles na sala de aula e a gente cantou. Aula só foi de cantar as músicas deles e tal, comentar sobre as músicas. E aí disso foram surgindo

vários assuntos e é muito legal isso: você se colocar sempre no lugar do aluno também e aí você lembra quando era aluna. Que alguém fez isso por você também, que fizeram muito isso no Cursinho também. Eu lembro.

HENRIQUE PROFILI: Ou seja, você acha que mesmo, sem aspas, saber dar aula, o quanto foi importante dar aula no Cursinho para depois dar aula na sala de aula convencional. Qual foi, até que ponto, te ajudou, não ajudou... Você acha... Você acha não porque a gente também não pode trabalhar com esse tipo de coisa, mas qual a importância de ter trabalhado no Cursinho, ter começado a dar aula no Cursinho para a sua carreira profissional que vem a seguir?!

SABRINA DE PAULA: Eu acho que foi essa questão de você... Primeira coisa, o teste de nervosismo. Quando eu fui dar aula na sala de aula, já não ficava mais nervosa porque eu já tinha ficado o ano inteiro no Cursinho, né? Aí, então, já não tinha mais isso. A questão da didática, da metodologia e aí você vai descobrindo. Você vai descobrindo mesmo a sua forma de dar aula. Eu descobri também que cada sala é diferente. Então, essas coisas de metodologia, didática, eu aprendi muito no Cursinho. A forma de me portar, o que fazer, o que não fazer... Quando eu cheguei na escola, eu já me sentia preparada para dar aula e, também o Cursinho... eu não dei aula só no Cursinho aqui, eu dei aula em outros cursinhos...

HENRIQUE PROFILI: E a gente vai entrar nessa na sequência...

SABRINA DE PAULA: É, eu dei aula no cursinho da Fatec também. Então, o que acontece, o Cursinho te dá base de conteúdo também porque você tá trabalhando conteúdo de vestibular. Então, tipo assim, além de toda essa questão metodológica, didática, que você aprende de dar aula diferenciada... Aqui, no Cursinho, você dá umas aulas diferenciadas. Tem a questão que você vai com um preparo de conteúdo, com conhecimento. O Cursinho me agregou muito nisso também. Para mim, tipo assim, quando eu comecei a dar aula no Cursinho, é o que eu falei: para mim, eu tinha que saber tudo. Então, tipo assim, é legal, não é ruim você ter um conteúdo. É legal você ter um conteúdo. E outra coisa também, que eu aprendi no Cursinho, isso aí foi me ajudando... Eu sempre falei muita gíria e você sabe que hoje em dia, eu não falo tanto quando eu dou aula. Eu falo ainda, e é por isso que alguns alunos se identificam comigo, mas você sabe que... Quando eu comecei a dar aula no Cursinho, eu falava muita gíria e aí, ninguém falou isso pra mim, mas eu mesma falei: “mano, eu falo muita

gíria, preciso melhorar o vocabulário”. Então, você vai procurando melhorar. Então, eu posso usar qual palavra? Você vai lá e pesquisa no Google: “qual palavra você pode usar?”. Eu fazia isso. Tipo, qual palavra eu posso usar mais formal. Porque eu queria dar uma aula de qualidade. Eu continuava falando gíria, mas queria dar aula de qualidade, entendeu? Então, dessa forma, me ajudou muito porque fui descobrindo a falar direito porque eu falava muito errado por conta da minha criação e tal, e acho que o Cursinho me ajudou muito nisso. Eu fui percebendo, ninguém falou para mim, porque ninguém aqui no Cursinho ficava em cima. Tipo, o pessoal não entrava na sala de aula para ver o que você estava fazendo.

HENRIQUE PROFILI: Até que ponto essa autonomia pedagógica é boa para o Cursinho? É ruim em algum sentido? Acha que tem mais pontos positivos do que negativos?

SABRINA DE PAULA: Não. Eu acho que é muito bom. Eu acho que é muito bom. Acho que foi muito boa essa autonomia porque você mesmo vai se autodisciplinando, você mesmo vai se autocorrigindo. Eu mesmo vi aqui coisa errada em mim que queria melhorar. Eu queria dar aula de qualidade. Não é porque era um cursinho popular que eu ia falar qualquer coisa. Então, eu queria dar uma aula de qualidade também, né? É importante você manter as suas raízes? É superimportante! Até porque os alunos se identificam com você, mas é importante você também saber a formalização, falar direito. Você é professor, é importante você saber falar direito, escrever direito, falar direito, às vezes dá uma “ramelada”, às vezes escreve umas coisas dá uma “ramelada”, acontece.

HENRIQUE PROFILI: Sem precisar ser impositivo, arrogante.

SABRINA DE PAULA: Exatamente! Entendeu? Mas assim, eu acho que o Cursinho me ajudou muito nisso e autonomia do Cursinho... eu vi assim, não tinha uma pessoa ali para ficar te corrigindo, mas você se corrigia por conta dos alunos porque você queria dar uma aula de qualidade, você queria que aquele aluno passasse no vestibular, assim como aconteceu com você, você queria que aquele aluno também entrasse em uma universidade, seja ela qual for. Então, você queria dar uma aula de qualidade. Então, qual o tipo de professora que eu tive no Cursinho? Ah, dava aula com uma professora que não falava direito, que não sabia escrever. Pô, é zoadado. Ela falava gíria, mas ela sabia, entendeu? Eu comecei a me preocupar com isso. Logo no primeiro ano. E

essa autonomia do Cursinho foi uma coisa legal. Teve uma época no Cursinho que a gente fez umas autoavaliações, você lembra?

HENRIQUE PROFILI: Uhum!

SABRINA DE PAULA: Do retorno dos estudantes para gente e isso foi muito importante. Não sei se você ainda tem esse material...

HENRIQUE PROFILI: Essas eu não tenho. Não sei a onde foi parar esse material.

SABRINA DE PAULA: Era importante que tivesse essas autoavaliações, lembra? Acho que uns dois anos teve autoavaliação dos alunos para os professores e isso é legal para o amadurecimento da gente porque você ouvir uma crítica sobre a sua aula é interessante, tem que aprender.

HENRIQUE PROFILI: Mesmo que não goste, né?

SABRINA DE PAULA: A pessoa não gosta, mas acho que isso aí é mimimi. Você tem que...

HENRIQUE PROFILI: Sensacional!

SABRINA DE PAULA: Você tem que ser maduro. Tipo, se o aluno está falando que tem um “bagulho zoadó”, mano, olha lá o que é.

HENRIQUE PROFILI: Para, pensa, repensa.

SABRINA DE PAULA: Pensa. Tenta fazer diferente. Tipo assim, eu nunca me importei com isso. Eu sou meio estressada com algumas coisas, mas, por exemplo, do aluno fazer uma crítica à minha aula, eu sempre fui aberta. Acho que até porque, na época, a gente tava aprendendo e até hoje em dia eu sou assim. Toda virada de bimestre, eu mudo os “bagulho”, a minha didática. Então, um bimestre eu começo assim, no outro eu já faço assim.

HENRIQUE PROFILI: Aplicando diferentes tipos de atividades.

SABRINA DE PAULA: Exatamente! Diferentes tipos de avaliação e isso eu trago do Cursinho. Trago da formação da PUC, que eles batiam muito em cima disso de forma diferenciada. Já falavam sobre isso na época e do Cursinho era total isso. E no Cursinho, tinha professor de física, que ele só dava aula, era mais roda de conversa e os alunos gostavam, falavam que aprendiam, lembra? Eu não lembro mais quem era

porque já faz muito tempo isso e a gente ficou muitos anos aqui, mas tinha professor que dava aula de física em forma de roda de conversa e os alunos aprendiam, então assim, não é todo professor que consegue fazer isso, mas tem professor que consegue fazer isso. Mas, por que ele descobriu que conseguia fazer isso? Porque ele tentou, acho que várias coisas, e achou uma forma dos alunos aprenderem, de repente, na matéria dele e para ficar mais fácil porque química e física é um pouco mais complicado para eles, principalmente no Cursinho, que eles chegam bem “secos”, né, na área de exatas. Então, às vezes, os professores do Cursinho têm que retomar um monte de coisa, né? Então, eu lembro que eles falavam bastante disso. Eles faziam fórmulas diferentes de dar aula para que o aluno entrar ali e conseguisse entender. Então, isso a gente aprendeu tudo no Cursinho. Então, eu utilizo até hoje na minha vivência escolar.

HENRIQUE PROFILI: E nessa sua caminhada de 2005, que você tava trabalhando na loja de ração, entrou no Cursinho, prestou vestibular da Fuvest, não passou, passou na PUC, entrou em História, começou a dar oficinas no Cursinho, a dar aulas no Cursinho em 2007 e como surge o outro cursinho, que a Universidade passou a oferecer na sua vida que é o Foco. Como chega o Foco... você que foi professora não só do Cursinho Popular dos Alunos da PUC, nem só do Foco, mas também o cursinho da Fatec. Que fica onde esse cursinho?

SABRINA DE PAULA: Foi na Fatec do Carrão.

HENRIQUE PROFILI: Como que é essa sua experiência de ser professora de outro cursinho e continuando dando aula aqui? Porque pelo que entendi, aqui era o principal, posso colocar assim?

SABRINA DE PAULA: Com certeza. Aqui... eu parei de dar aula em 2020, mas foi uma decisão muito difícil para mim.

HENRIQUE PROFILI: Então, fala assim pra gente, como que foi essa ideia de tornar-se, continuar sendo professora do Cursinho Popular dos Alunos da PUC, mas ao mesmo tempo, conciliar na Fatec e depois conciliar com o cursinho Foco, que era da Universidade, mas que não era aqui no *campus* Monte Alegre, como era, e continua sendo o Cursinho Popular da PUC.

SABRINA DE PAULA: No Foco, eu entrei em, acho que final de 2006, início de 2007.

HENRIQUE PROFILI: Então foi logo no começo da universidade também.

SABRINA DE PAULA: Foi logo no começo. Por que entrei no Foco? Então, assim, eu já tava no Cursinho Popular dos Alunos da PUC, certo? E, a Universidade, ela fez, veio com esse cursinho, o Foco. E tinha uma professora aqui, a professora Yone (de Carvalho), e tinha um monte de gente que não gostava dela.

HENRIQUE PROFILI: Ela dava aula de História Medieval para gente, galera.

SABRINA DE PAULA: Isso! Tinha um monte de gente que não gostava dela e pá, não sei o quê. Só que para mim, tipo assim, eu tinha aula com ela, sempre tive aula com ela.

HENRIQUE PROFILI: Desde o primeiro ano...

HENRIQUE PROFILI: Desde o primeiro até o último. Sempre tive aula com ela. Para mim, achava ela uma boa professora, né? Eu tava entrando ali. Ela passava uns textos muito difíceis que na época eu não entendia e até falava para ela: “aí professora, eu leio três, quatro vezes, e tal.” E aí, ela sempre... para mim, era normal. Só que ela, na época, eu percebia... aqui tinha um movimento social muito grande e eu já fazia parte do movimento social e eu era do Cursinho, então não tinha como não ser, né? Então, eu fazia parte de todos os movimentos sociais por bolsa que tinha aqui e essa professora era sempre contra essa movimentação. Só que em sala de aula, comigo, sempre foi tranquilo. Inclusive, o primeiro seminário que eu apresentei dela era sobre Heródoto e o material estava todo em inglês e um latim, eu “falava fodeu. Como que eu vou fazer esse seminário?”. Enfim, eu consegui, eu traduzi e tal, dei um jeito. Apresentei o seminário e ela ficou “bestificada”, só que eu apresentei um seminário totalmente fora do que ela... ela padronizou. Ela falou que queria dentro dos quadrados e tal, eu “desquadradei” tudo.

HENRIQUE PROFILI: Desenquadrrou o seminário todo.

SABRINA DE PAULA: “Desquadradei” e catei e fiz do meu jeito, só que o resultado era o mesmo. Só que quando eu comecei a falar no seminário, eu já falei: “professora, eu não fiz dentro desses quadrados, só que o resultado é o mesmo. A senhora vai ver e tal”. Aí eu fiz o seminário, ela aplaudiu o seminário e desde então ela começou a me ver de uma forma diferente. E aí, essa professora, resumindo: ela me ajudou muito! E na época que eu estudava na PUC, eu era... eu não tinha matrícula porque eu não tinha dinheiro. Consegui pagar minha matrícula e foi com isso que fui me virando e o resto do ano eu não paguei porque eu não tinha dinheiro para pagar a PUC. Eu não tinha

dinheiro nem para vir para cá. O pessoal da sala que me arrumava dinheiro para eu ir embora, pro Capão Redondo, na época, para ir embora da faculdade. E a professora, essa professora, sempre me ajudou. E quando foi no final do ano, ela falou assim: “eu sei que você dá aula em um cursinho aí e tal, a gente não gosta muito desse cursinho não”. Porque eles tinham uma imagem horrorosa, eles achavam que esse cursinho, o Cursinho Popular dos Alunos da PUC, era um cursinho para fazer manifestação contra a reitora, né? Eles achavam que era do CACS, aliás, tem esse detalhe. Eles achavam que o Cursinho era do CACS. Na verdade, não era do CACS, era dos alunos das Ciências Sociais e de outros alunos que vinham de outras faculdades, só que como tudo acontecia no CACS, eles achavam que o Cursinho era uma promoção para ir contra a reitora e aí eu expliquei para ela: “não, professora. Não é isso. O Cursinho funciona assim, assado. Eu fui aluna do Cursinho, através do Cursinho que eu tô aqui”, então eu fui explicando para ela. Ela falou assim: “estamos montando um cursinho aqui, você não quer trabalhar lá? Você trabalha?”. Na época, eu trabalhava, eu acho, que no Datafolha. Eu trabalhava com pesquisa na rua nessa época. Eu já tinha saído da loja de ração. Eu trabalhava na rua e tal e ela falou: “a gente dá uma ajuda de custo para você, é só de final de semana” e aí eu falei: “só que de final de semana, eu tenho o Cursinho”, ela falou: “Não, não tem problema. Lá é sábado e domingo” e aí eu falei: “então vou no domingo”. Só que esse cursinho não acontecia na PUC de Perdizes, acontecia na PUC de Santana, né? Que era a escola Marilac, eu acho, e acontecia lá em Barueri. Então, o que eu fazia? Eu estudava de manhã no sábado aqui, ficava no Cursinho e dava aula aqui, daqui eu ia para Santana e no domingo para Barueri. Então eu ficava... Eu tinha aula de sábado de manhã, eu tinha aula de manhã aqui, dava aula no Cursinho aqui, ia para PUC todo sábado, ia para PUC de Santana, não sei se você lembra. Eu saía correndo para ir para a PUC Santana e no domingo na PUC de Barueri. Então, eu comecei a trabalhar em três cursinhos. Aqui, em Santana e em Barueri. Em troca, eles me davam uma ajuda de custo que na época, para mim, era superimportante porque eu ganhava muito mal. Enfim, e eu fui levando assim e aí lá eu consegui desconstruir essa imagem horrorosa que eles tinham do nosso Cursinho aqui.

HENRIQUE PROFILI: Quando você diz eles, eles, instituição PUC, professores, professores...

SABRINA DE PAULA: Todo mundo! Todo mundo! A Yone, o padre, que era o coordenador, os professores tinham uma imagem horrorosa porque eles pintaram uma

imagem, não sei de onde que eles tiraram, mas eles confundiam... Eu falava: “gente, não é do CACS, ele está no CACS”. Eles até perguntavam assim: “e se a gente conseguir um espaço para esse Cursinho? Vocês saem daqui?”. Eu disse: “demorou!”. O importante do Cursinho ser aqui é pela questão dos alunos conhecerem a faculdade, mas a gente não é do CACS. Inclusive, está no CACS porque a gente não tem espaço. Então, eles foram entendendo isso porque eu fui lá e desmitifiquei. Então, eu me desdobra. O cursinho da Fatec, eu comecei a trabalhar... aí o cursinho da Fatec não era no final de semana, era durante a semana. Então, eu trabalhava no Datafolha, trabalhava no cursinho da Fatec e de final de semana, minha vida era aqui.

HENRIQUE PROFILI: Literalmente!

SABRINA DE PAULA: De lá e pra cá na PUC. Eu não parava. Era a PUC. PUC dali, PUC daqui, era assim. Eu não lembro quantos anos eu fiquei nessa eu só sei que fiquei durante muitos anos. Daí o que acontece?! Eu entrei como voluntária nesse cursinho do Foco, depois eu acabei entrando como estagiária, depois acabei me tornando funcionária da PUC através desse cursinho do Foco. Foi isso que aconteceu. Quando eu me tornei estagiária do Foco, foi o ano que consegui a minha bolsa. Resumindo: eu fiquei aqui, estudando... meu curso era cinco anos, eu fiquei quatro anos na PUC inadimplente e quando eu estava desistindo, era o quinto ano, e aí o Padre Edélson conseguiu a minha bolsa, aí me efetivaram no Foco. Me efetivaram primeiro como estagiária, depois abriram uma vaga para mim como funcionária. Foi aí que eu comecei a...

HENRIQUE PROFILI: E como que você conciliava essa prática em dois ou três cursinhos? Vamos colocar dois cursinhos, não desmerecendo o cursinho da Fatec, lógico que não, mas como nosso objetivo mais específico é a PUC e os cursinhos que funcionavam aqui, como que era essa sua ideia de dividir outrora, como uma imagem preconcebida, acho que por muitas pessoas, e outro que era oficial da universidade? Como que se dava essa prática dual assim?

SABRINA DE PAULA: Eu tinha que ter um jogo de cintura para não... Porque assim, eu tinha que ter um jogo de cintura, saber o que falar, eu acho. Eu não levava problema daqui, porque a gente tinha os nossos problemas no Cursinho. E não levava problema daqui para o Foco e não trazia problema do Foco para o Cursinho. Eu acho que eu comecei a me... Eu sou uma pessoa que sempre tive cabeça e sempre agradeço por isso. Eu fiz bastante merda já, mas eu sempre fui bastante responsável e eu sempre fui muito

responsável, tanto no Cursinho daqui, né? Que é o Cursinho Popular que eu não ganhava dinheiro, mas ganhava muitas outras coisas e no Cursinho do Foco que, de certa forma ganhava alguma coisa, mas também não estava ali só por causa disso. Era muito comprometimento com a educação. Eu acho que eu fui muito profissional. Eu não levava problema do Cursinho para lá e não trazia problema do Foco para cá. Muito pelo contrário, teve uma época, que eu não sei... hoje eu paro para ver: “como que eu consegui fazer isso com a PUC?”. Você lembra, né? Teve os trabalhos de campo, que eu conseguia juntar os trabalhos de campo do Foco com o trabalho de campo do Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: Sim, porque eu lembro que foi, acho, que Museu Afro Brasil, Parque do Jaraguá e alguns outros...

SABRINA DE PAULA: Foram vários. Foram várias. Exatamente! Eu consegui unir os dois cursinhos no trabalho de campo e eu não sei até hoje como eu consegui fazer isso, mas era isso. Eu sabia. Eu não levava, eu não falava mal da gente pra eles lá e também não trazia.

HENRIQUE PROFILI: O perfil dos alunos era muito diferente?

SABRINA DE PAULA: Não! Eram alunos...

HENRIQUE PROFILI: Mesmo público, a mesma galera?

SABRINA DE PAULA: E o Foco ainda, tinha outro detalhe, o Foco a gente tinha a vaga para os indígenas, que era o programa Pindorama...

HENRIQUE PROFILI: Que também iam ao trabalho de campo com a gente.

SABRINA DE PAULA: Que também iam ao trabalho de campo... E ainda tinha o programa Pindorama, que também era envolvida, ainda. Então assim, o Foco tinha o diferencial que era a questão das aulas também, que já se falava em aulas diferenciadas, tinha a questão dos indígenas, tinha a questão das bolsas, tinha que ter bolsa para os indígenas estudarem e tinha as questões étnico-raciais que o Foco também tinha. Então, assim, a minha identificação com o Foco, acho, que seria essa parte aí, dos indígenas, que também me possibilitou ir para as aldeias, conhecer indígenas, conhecer a cultura indígena mais de perto e eles me possibilitaram a ter esse lado, entendeu? Então assim, eu acho que os dois cursinhos eles me agregaram, só que eu tive que saber conduzir isso. Se eu fosse uma pessoa que não soubesse conduzir, eu tinha matado os dois. Mas,

assim, até hoje eu falo: “como eu consegui?”, tá ligado? Eu vi os alunos lá e falava: “gente! Tá os dois cursinhos que queriam se matar antes”...

HENRIQUE PROFILI: Se matar, no caso, das questões deles...

SABRINA DE PAULA: É! Deles, que eles tinham uma imagem errada. Eu vou falar uma coisa: as pessoas que coordenaram o Foco, foram a Silvana, a professora Yone, depois ela saiu, né? Tanto a professora Yone, como a professora Silvana...

HENRIQUE PROFILI: A professora Silvana Tótora era da Faculdade de Ciências Sociais e a professora Yone de História Medieval...

SABRINA DE PAULA: Isso! E o padre Edécio... isso é uma coisa que eu gostaria de deixar registrado: eles foram pessoas muito importantes para mim. Eles me possibilitaram porque assim, aqui na PUC, eu não tinha dinheiro para estudar, então, aqui é difícil você conseguir as coisas, muito difícil. Quem conhece a PUC, sabe. E eles me deram muito apoio moral e psicológico para eu continuar e me apoiaram na minha bolsa também. Então, essa parada deles terem conseguido a minha bolsa foi uma coisa, assim... eles me levantaram. Eu tinha vontade, tinha força de vontade, foi uma mistura de força de vontade com a força deles, então foi uma coisa assim que, eu vou ser agradecida a essas três pessoas o resto da minha vida, e o Cursinho. Inclusive assim, eu tava até falando, né? Quando eu saí do Cursinho em 2020, foi muito difícil para mim. Foi muito difícil. Eu fiquei muito mal. Porque eu não queria sair, né? Os principais motivos que eu saí foi porque eu comecei a fazer duas pós-graduação e eu precisava disso porque eu tô... eu preciso disso para evolução na escola e tal, e também por causa do meu conhecimento porque eu quero estudar arqueologia, quero estudar outras coisas e minhas pós eram em história antigas...

HENRIQUE PROFILI: É específica ainda, né?

SABRINA DE PAULA: Específica em África antiga. Então, tipo assim, eu precisava me dedicar bastante mesmo. Até porque a maioria das paradas que eu estou estudando está em inglês, está em outras línguas e eu não sei ler direito, então leva um tempo para eu poder... hoje em dia, eu consigo bater o olho e entender. Eu não sei falar, mas eu adquiri esse hábito de leitura em outras línguas por causa dos documentos. Então assim, é tempo demais. Eu fiquei muito mal quando eu deixei o Cursinho porque o Cursinho

era uma coisa que eu não queria deixar porque começou tudo aí, né? A minha vida começou a se transformar no Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: E foi bem o ano da pandemia, né? 2020 foi o ano que não teve aula.

SABRINA DE PAULA: É, eu não queria deixar o Cursinho, mas eu, infelizmente, tive que sair para eu poder abraçar outras coisas, para eu poder continuar, entendeu? E o motivo maior foi muito difícil para mim, ter deixado o Cursinho, entendeu? Porque é uma coisa assim... eu tava até acostumada, já. Eu já fazia parte, tipo café com leite.

HENRIQUE PROFILI: Nem me fala! Eu também senti muito a sua saída. Vou confessar aqui diante da câmera, e de você, que a gente já tinha conversado umas vezes. É difícil encontrar uma parceira dessa aí, ainda mais quando ela vem com essas histórias que a gente inspirou ela a dar aula de história. Os palavrões, eu até entendo. Brincadeiras, mas pô, Sá, eu queria agradecer imensamente por ter dado essa hora pra gente aqui, da gente ter conseguido fazer essa entrevista pessoalmente, em um lugar que tanto eu, em uma época, quanto você, em outra, e os dois ao mesmo tempo, conseguimos passar bastante tempo junto, trabalhando muito, e que ainda bem hoje, a gente pode ver e ter a noção de que nem todo presente é material, né?

SABRINA DE PAULA: É, com certeza!

HENRIQUE PROFILI: E esse é um dos presentes que eu tenho na minha vida também, que é isso. Até amizades se fez graças ao Cursinho, né?

SABRINA DE PAULA: O material é, eu acho que é consequência, é consequência, na verdade. Porque nada foi, no começo, material. Tudo foi, assim, as possibilidades que apareciam e que você estava agarrando. Então, uma coisa vai levando a outra. Eu acho que essa parte material mesmo ela é consequência, mas o que vem mesmo, é a questão da sua necessidade, né? O Cursinho era a única coisa que eu tinha na época e que abracei assim. Quando eu entrei no Cursinho, eu abracei, quando eu fiquei sabendo do Cursinho, eu abracei assim, como se fosse a única coisa do mundo que eu tinha e era a única coisa. E eu peguei nisso, de uma forma, que eu fui largar só em 2020, foi com muita, foi em cima de muitas penalidades, de muita dor, que eu tive que deixar, entendeu?

HENRIQUE PROFILI: E é uma das poucas coisas que a gente faz, boa parte da nossa vida que estamos com 40 e poucos, que não tem nenhuma compensação financeira, assim, nesse sentido...

SABRINA DE PAULA: Exato! A gente nem pensa nisso...

HENRIQUE PROFILI: Eu pensei outro dia: “como que a gente pode estar a tanto tempo em uma empreitada”...

SABRINA DE PAULA: A gente nem pensa! Na época, tipo assim, que eu tava no Cursinho, eu nem parava para pensar: “Nossa, eu vou lá, o sábado o dia inteiro” ... Mano, nem passa isso na minha cabeça. Na minha cabeça nunca passou.

HENRIQUE PROFILI: Sim, sim. Por isso eu tava pensando... o Foco nasceu da Universidade, faleceu na Universidade. Faleceu assim, né? E tinha grana da Universidade, né, meu?!

SABRINA DE PAULA: Exato!

HENRIQUE PROFILI: E a gente mesmo, mesmo sem grana da Universidade e com essa fama que faziam...

SABRINA DE PAULA: E continua, né?

HENRIQUE PROFILI: Conseguimos voltar esse ano, 2022, com o apoio da Universidade e tal. Mas, mesmo assim, conversando com muitas pessoas, elas não sabiam que a gente existia aqui desde 97, Sabrina.

SABRINA DE PAULA: Eu acredito!

HENRIQUE PROFILI: O próprio professor Aguerre, também não... Falou: “nossa, interessante! Você me falando assim, me lembra muito do Foco”. Foi isso que ele me disse em uma das entrevistas que a gente fez lá em janeiro, quando eu e o Pedrinho, estávamos tentando começar a negociar isso aqui.

SABRINA DE PAULA: É, se você conseguisse, uma pessoa que seria interessante também era o Rago, né?! Mas eu não sei ainda se ele tem contato...

HENRIQUE PROFILI: Você acha que o Rago, até que ponto, porque eu lembro assim, que ele veio para a nossa aula de 2017, né? E veio para a aula de 99. Ele estava nas duas aulas inaugurais do Cursinho, de 97 e de 2017.

SABRINA DE PAULA: É só um conteúdo a mais. Tipo assim, uma pessoa que estava ali do início. Uma pessoa, alguma palavra dele sobre o Cursinho ou uma permissão de colocar uma foto dele, porque ele estava, né? Em algumas reuniões, algumas aberturas de aula... então, nesse sentido para mostrar a importância do Cursinho. Porque o Rago, ele é uma pessoa, o professor Rago, eu não sei se ele tá dando aula aqui ainda...

HENRIQUE PROFILI: Ele tá dando aula aqui ainda, na graduação.

SABRINA DE PAULA: Ele é uma pessoa essencial aqui na faculdade, de referência, né? E de repente... e ele tava ali, né?! No início de tudo.

HENRIQUE PROFILI: Ele tava, né? Putz, Sabrina! É verdade, mas eu acho que, em parte, era justamente essa a questão: da gente conseguir vir aqui e utilizar esse local onde a gente passou tanto tempo vivendo, dele com ele, para ele, até, para tentar fazer essa entrevista, de utilizar essa questão... a bateria acabou bem agora. De tentar utilizar, justamente, o local como algo que reaviva nossa memória individual e coletiva, assim, né? Então, obrigadão, Sá, por ter vindo aí... Eu também fico viajando, assim, fico pensando e rememorando um monte de coisa, assim, de te ouvir falando, de vários momentos que às vezes a gente, como você falou, é tanta coisa que a gente acaba esquecendo, né?

SABRINA DE PAULA: Né? É muita coisa. Eu tava até subindo a rua aqui da PUC e mano... na hora que eu chego ali, que saio do terminal, ali da Barra Funda e entro na rua, eu lembro quantos anos da minha vida eu não subi essa rua da PUC chorando, chorando porque, ou era porque eu estava sem comer, ou era porque eu não tinha dinheiro para tirar xerox, não tinha matrícula, ou era porque não tinha dinheiro para ir embora, sabe? Sempre era uma dificuldade. Nunca foi fácil. Eu chego ali, eu já começo a lembrar... às vezes ou eu subia chorando, ou eu descia chorando. Quantos anos eu não subi essa rua da PUC? Às vezes, aí depois a transformação... Eu subia correndo porque eu tava trabalhando aqui, tava dando aula de manhã e chegava atrasada, e entrava às 15h na PUC, e nas épocas que eu subi correndo e agradecendo porque eu estava trabalhando aqui, tinha conseguido minha bolsa. Então, tipo assim, quando eu chego ali, eu lembro das várias, de tudo.

HENRIQUE PROFILI: Quantos anos você ficou aqui como aluna?

SABRINA DE PAULA: Ah, mano... Eu acho que eu fiquei...

HENRIQUE PROFILI: 2006 a?

SABRINA DE PAULA: 2006 a 2012, como aluna. 2006, 2012, como aluna.

HENRIQUE PROFILI: E até 2020 dando aula no Cursinho.

SABRINA DE PAULA: E até 2020 dando aula no Cursinho e eu fiquei trabalhando aqui até 2014, né. Porque eu comecei a trabalhar no Foco em 2007, praticamente, fiquei com eles até 2014.

HENRIQUE PROFILI: Que foi quando fechou...

SABRINA DE PAULA: Que foi quando eles fecharam. Por perseguição, né?

HENRIQUE PROFILI: Também.

SABRINA DE PAULA: É! Eles perseguiram o cursinho, entendeu?

HENRIQUE PROFILI: A PUC perseguiu o Foco?

SABRINA DE PAULA: Perseguiu o Foco.

HENRIQUE PROFILI: Ou seja, a própria criação da PUC foi perseguida pela PUC.

SABRINA DE PAULA: Eles perseguiram porque eles começaram a implicar com a gente. Meu, foi... é briga de poderes, na verdade, entendeu? E eles mesmos fecharam falando que estava dando despesas, mas, na verdade, não estava dando, porque a tinha um subsídio, que eu esqueci o nome lá... tinha o subsídio e o que eles acarretavam era mais com os professores e coordenadoras que eram as horas.

HENRIQUE PROFILI: Que eram os professores da própria Universidade.

SABRINA DE PAULA: Da própria Universidade. Exatamente! E era com horas.

HENRIQUE PROFILI: Entendi.

SABRINA DE PAULA: Mas enfim, toda vez que eu subo aqui, não tem como.

HENRIQUE PROFILI: Conversando com um colega nosso, esses dias, sobre a..., mas, o nosso não tem dinheiro e acho que é por isso que a gente continua existindo, de alguma forma.

SABRINA DE PAULA: É!

HENRIQUE PROFILI: Dá para pensar, né?

SABRINA DE PAULA: Dá! Mas é bem isso mesmo. Eu acho que aqui é uma questão de comprometimento mesmo, né?

HENRIQUE PROFILI: Você acha que é uma questão ideológica, assim?

SABRINA DE PAULA: Comprometimento, ideológica... Eu acho que comprometimento com a educação é, pode ser ideológica também.

HENRIQUE PROFILI: Com a educação popular, no caso, né?!

SABRINA DE PAULA: É! Uma questão de ideologia, mas não partidária, ideologia de uma construção social, política. Eu acho que, e aí que tá o comprometimento, né? Porque você é comprometido com a educação. Você, tipo assim: “porra, mano. Eu não vou sair hoje à noite porque amanhã cedo, eu tenho que dar a primeira aula no Cursinho”, sabe? Umas coisas assim. Então, isso é um comprometimento que você tem. Uma responsabilidade com o outro. Empatia, entendeu? E você querer ver o outro crescer também, e você não esquecer das suas raízes, que você também foi aluno e você precisa de um professor ali. Então, é tudo isso.

HENRIQUE PROFILI: Sá, eu só posso te agradecer. Obrigada, por tudo.

SABRINA DE PAULA: É “nóiss”.

ENTREVISTA 4 – VANDERLEY ELIAS NERY

Henrique Profili: Aquela ideia da entrevista para transcrever e tudo o que você não quiser que seja publicado, não será. O que você achar que pode retirar ou adicionar também, está livre para ajudar a colaborar nessa história de alguma forma. Nossa história tá tudo oral, né? Então, em parte, é transformar essas histórias de uma forma institucionalizada e deixar ela registrada. Entrevista número 4, professor Vanderlei. Obrigado por participar da pesquisa e gostaria que você se apresentasse um pouco para o pessoal te conhecer.

Vanderley Nery: Eu fiz parte dessa história e é algo que tenho orgulho de ter participado. Minha história é de um menino da periferia, filho de operários, que começou a trabalhar muito cedo e com isso, fui estudar tarde. Entrei na PUC no ano que faria 26 anos de idade e tinha acontecido uma virada na minha vida. A partir de 88, comecei uma militância e como a maioria naquela época, participei da militância no PT e fiquei até 94. Em 1989, eu fiz cursinho e não tinha a menor pretensão de estudar História, mas dois professores mudaram minha cabeça em relação a História e passei a enxergar através do nosso ponto de vista, não do ponto de vista da classe dominante, e resolvi fazer História. Comecei a estudar na PUC em 90, na época eu era vendedor e era como pagava a PUC – paguei os cinco anos, e já em 91 eu me tornei uma das grandes lideranças do movimento estudantil da PUC. Isso tem registro, a Reitoria e professores reconhecem até porque eu não estava sozinho e tinha muita gente, na verdade, eu acredito que em 91 conseguimos resgatar o movimento estudantil em São Paulo. Nós ajudamos inclusive, a refundar a UEE (União Estadual Estudantil), eu e o Zé do CACS pelo que me lembro. Fomos diretamente responsáveis pela refundação da UEE e cometemos o erro de não assumir a UEE, aí o PC do B foi lá e “abocanhou”, até porque eu não tinha pretensão política como não tenho até hoje. Então, a reconstrução da UEE tinha a ver com a luta do movimento estudantil e não com ocupar espaço político, no sentido de ter cargo e essas coisas, o que eu nunca e passou pela cabeça e continua não passando até hoje. Em 91 a gente ganhou o CACS que estava na mão dos anarquistas, que na verdade era uma ideia bem interessante no começo, eu não participei disso, mas conhecia a história. A gente chamava eles de narcotraficantes, tanto que quando a gente ganhou o CACS tinha tudo quanto era apetrecho das drogas ilícitas, não é uma crítica às drogas ilícitas ou a quem faz uso delas, mas o CACS de um instrumento de luta tinha se transformado em um motivo para se usar drogas, o que não dava. Então fomos pra cima

e fomos ameaçados, lembro de um cara de Guaianazes e um pessoal da periferia, eu sempre fui da periferia, fomos para cima dos caras e ganhamos. Criamos uma autogestão, diferente daquela dos anarquistas, tinha uma certa organização e eu fiquei no CACS até 96 e mesmo depois de 96 eu continuei na PUC, pelas relações e tal. Em 98, eu já entrei no mestrado, então cursei História em 96 e entrei no mestrado Ciências Sociais em 98, essa é minha trajetória de formação. Fui professor durante muitos anos na rede pública estadual, dei aula por um ano e meio em escola particular de Ensino Médio e depois, a partir de 2000 até 2020 que foi quando me aposentei, eu dei aula no Ensino Superior privado e concluí meu doutorado em 2012. Dia 31 de julho de 2000, defendi a dissertação e a tese foi dia 18 de maio de 2012 com o Lúcio Flávio, que era o meu orientador.

Henrique Profili: E como você, finalizando a graduação e pensando na pós-graduação, teve a ideia de formalizar/construir o cursinho justamente em um espaço como a PUC?

Vanderley Nery: Eu não tenho muita lembrança de onde surgiu essa ideia, porque era tudo muito louco no CACS. É bom ser jovem, né? Mas a gente fazia muita reunião e acho que veio de alguma delas. Tinha um movimento negro na PUC que começou um debate sobre um cursinho para negros e isso chegou no CACS e pensamos que era melhor fazer um cursinho para alunos da escola pública, porque a maioria dos negros estão na escola pública. Acho que foi assim, porque estava eu, Chupim, Amaílton, a Rute que é diretora de escola em Itaquera, a Débora Goulart que hoje é professora da Federal de Guarulhos e ela está fazendo pós-doutorado em Paris e acho que o Michel estava também. Eu acho que teve alguma coisa a ver com a discussão do pessoal do movimento negro na PUC e no CACS a gente acabou fechando ser para alunos de escola pública. Na época, eu até era contra cotas e depois fui mudando um pouco, mas nem tinha muito a ver com isso. A ideia mesmo era a gente focar na escola pública da periferia.

Acho que em 98 tinha uma fila de mais ou menos 1.000 pessoas que saía do CACS, subia a rampa para Monte Alegre e descia a Monte Alegre e dava a volta, o pessoal fazia inscrição e 90% era negro. O povo da PUC que não gostava da gente ficava louco.

Henrique Profili: Você acha que essa questão classista ao invés de étnico-racial naquela época, para expandir para alunos da rede estadual da periferia, englobaria o mesmo público?

Vanderley Nery: Eu já tinha isso muito claro naquela época assim como tenho hoje. Apesar de que não estava tanto em discussão antes ou talvez eu não tivesse a mesma formação que tenho hoje, mas queríamos os alunos da classe trabalhadora. E hoje posso afirmar, depois de ler Clóvis Moura e outras pessoas que não tinha lido, a classe operária brasileira é negra, então estávamos corretos na época. Do ponto de vista do Marx, eu sou marxista, nós estávamos corretíssimos porque queríamos os filhos da classe trabalhadora no “nosso cursinho”, se assim podemos chamar, sabendo que a maioria eram negros como eu. Na minha opinião, nós acertamos.

Henrique Profili: No final dos anos 90, existia algum outro cursinho pré-vestibular que você tinha conhecimento ou alguma outra iniciativa pelo Brasil ou por São Paulo que inspirou vocês a começarem também?

Vanderley Nery: Eu não tenho essa lembrança exata, mas tenho quase convicção que tinha sim cursinhos que nos inspiraram. Mas você sabe um pouco da nossa história, o cursinho que começamos era bem particular, diferente da maior parte dos cursinhos populares que surgiram, até pela gestão dele e financiamento, se é que a gente pode falar em financiamento. Tem toda uma briga com a faculdade, Reitoria e alunos de classe média/alta da PUC que nos infernizaram, então tem toda uma particularidade, mas sem dúvida existiu sim influência de cursinhos populares da época.

Henrique Profili: E o que é um cursinho popular na sua concepção hoje?

Vanderley Nery: Cursinho popular pra mim é o cursinho que nós criamos. É um cursinho com autogestão, com todo mundo se doando, arrumando jeito de tirar xerox de material para os alunos até porque ninguém recebia nada em troca. Foi uma escola de formação acadêmica pra muita gente, inclusive pra mim, em todo período que estive no cursinho eu fui ao mesmo tempo coordenador e professor. Eu só saí quando de fato a vida me fez fazer outras coisas como mestrado, dar aula em faculdade e outras coisas, mesmo assim, de vez em quando eu ia dar uma palestra e tal, mas sempre fiz questão de estar na sala de aula no Cursinho. Eu acho que um cursinho é isso, um cursinho voltado para os filhos da classe trabalhadora, para alunos da escola pública e da escola pública da periferia, que é onde você pega aqueles alunos com maior dificuldade e que não têm

perspectiva de vida, estudo e se acham menos por serem menosprezados por parte da sociedade. Então a ideia não era só levar os caras para a PUC para estudar, mas era levantar a autoestima e dar outra perspectiva. Assim como fizemos, um monte de gente entrou na PUC e depois na USP, era um orgulho quando os alunos encontravam a gente, era uma festa e muito agradecimento. A Verinha que você citou, ela era apaixonada por isso. O Lúcio Flávio, eu ficava até com vergonha, meu orientador do doutorado e figura emblemática na PUC, toda vez que me apresentava para alguém ele contava a história do movimento estudantil e do Cursinho, de tal impacto do Cursinho. E claro, não poderia esquecer do Waldeir. Então o cursinho popular é isso aí.

Henrique Profili: Você que estava atuando no movimento estudantil, na era do FHC e plano real começando, como membro do Centro Acadêmico de Ciências Sociais e estudante das Ciências Sociais, de que forma você caracterizaria o movimento estudantil naquela época? As práticas políticas também tiveram influência na organização de um cursinho para os filhos da classe trabalhadora na PUC?

Vanderley Nery: Teve muito! A PUC foi o centro do movimento estudantil pelo menos até o final dos anos 90, porque depois disso a coisa desandou um pouco, mas o movimento estudantil da PUC era respeitado no Brasil inteiro. A gente ocupou a Reitoria, eu participei de, pelo menos, cinco ocupações. A gente ocupou a Fundação São Paulo, os caras não imaginavam. O Vicente Bezinelli que era o interventor junto com o Frei Gorgulho, os caras baixaram na Fundação e mandaram a gente sair, mas não saímos coisa nenhuma, éramos jovens e ficamos lá um tempão, sabe? A gente negociava mensalidade e fazia os caras baixar o valor. Conseguimos a bolsa restituível ou bolsa doação que durou anos na PUC. A gente criou uma ficha para selecionar os alunos que podiam receber bolsa e a Reitoria passou a adotar nossos critérios, eu e o outros passávamos em reuniões da Reitoria para negociar. A gente não tinha braço para estatizar a PUC, mas não sei se você sabe, durante dois anos tomamos e dirigimos o Tuca, fizemos show do Tom Zé, do Gil, dos Irmãos do Blues com Nasi. O movimento estudantil que era principalmente o CACS, o Direito, o Serviço Social, a Psicologia, a Letras, a Economia, quando tinha a Leoa que era presidente da Economia da FEA, a gente dirigiu o Tuca, que nem nos anos 70 a PUC viveu isso, entendeu? Aliás, não sei se alguém já contou essa história, tinha muito documento no CACS, nós chegamos a doar lá na biblioteca no Cedec, não sei se estão lá os documentos. A gente era meio

bagunçado, não imaginava o tamanho da coisa que estávamos fazendo, mas registrávamos as coisas. Uma coisa que tinha na PUC, que era muito forte, era ser muito classista, por isso essa coisa da bolsa e tal, sem dúvida, teve influência direta para construir o Cursinho.

Henrique Profili: Você lembra quais eram os conflitos que vocês tinham com a PUC nessa época inicial?

Vanderley Nery: A Igreja vinha tentando intervir na PUC, eu não lembro o ano agora, mas eles nomearam esse Vicente Bezinelli, maldito, e a Reitoria não respondia mais. As negociações ficavam entre a Reitoria e ele. Além de toda a problemática do aumento da mensalidade nos anos 90, quando eu entrei a PUC era relativamente barata, e dali para frente começa a encarecer e a nossa principal briga eram os aumentos abusivos de mensalidade. O Collor já tinha liberado, e o FHC quando assumiu ele liberou geral o aumento de preço de mensalidade que antigamente era indexável e tal, e a Fundação São Paulo veio pra cima. Bom, a PUC se tornou o que se tornou, uma das universidades mais caras do país, mas eu posso afirmar que durante dez anos nós seguramos essa onda. Aumentou sim, mas não aumentou como foi depois dos anos 2000. O principal embate da gente eram os aumentos da mensalidade e a intervenção da Reitoria, tanto a derrubamos esse Vicente Benzinelli. Foi o movimento estudantil que derrubou ele, só que elegeram um reitor ligado à Fundação, que era um cara histórico na PUC e acho que era o Joel Martins. Ele foi fundador da pós se eu não me engano, ele tinha um conceito muito bom entre os professores da PUC. Ele se elegeu como braço direito da Igreja e as reformas que a igreja tentou impor via intervenção, começam a ser feitas através dele, e o vice dele era o Ronca, que também era um cara conceituado na PUC. O Joel morre, o Ronca assume e continua fazendo o serviço. Mas mesmo com o Ronca, nós ainda enfrentamos muito e aí foi só piorando, porque o estudante passa, a gente conclui o ciclo, sai e vem uma nova geração, já com a mentalidade neoliberal e assim eles foram implementando. Mas de 1990 a 2000, nós seguramos a onda e enfrentamos a igreja. Nós tivemos uma reunião com o Dom Paulo, agora que eu lembrei e eu me sentei do lado dele, foi muito louco. Ele “meninos, tenham paciência e tal” todo democrático. Eu sou ateu, então pra mim eu estava conversando com mais um, conheço a trajetória dele e tal, mas foi um barato. Estava eu, ateu e mais alguns. Mas por causa disso, pelo “gigantismo” que o movimento da PUC chegou, nós fomos convocados pelo Dom

Paulo para conversar lá na Cúria, em Higienópolis, só para dar uma dimensão do que foi o movimento estudantil nos anos 90 na PUC.

Henrique Profili: E como você caracterizaria o perfil dos seus companheiros, colegas, amigos ou dos outros estudantes que resolveram se juntar nesse projeto? Eram pessoas de classe trabalhadora que tinham o mesmo ideal com compromisso com a promoção e acesso à universidade?

Vanderley Nery: Tinha de tudo, né? Havia pessoas marxistas como eu, com essa questão classista bem ligada na cabeça, tinha o pessoal ligado à questão étnico-racial, gênero não tinha muita discussão naquela época. Acho que tinha essa confluência do pessoal mais classista, com o pessoal mais ligado a questão étnico-racial e o pessoal solidário, que enxergava a necessidade de oferecer oportunidades para o pobre da periferia. Tinha muita gente de classe média/alta envolvida no cursinho e que se dedicou e deu aula. Nós conseguimos alunos da USP que vieram dar aula com a gente, então tinha muito aluno de classe média/alta tanto da USP quanto da PUC, mas que tinha essa visão doar um pouco do tempo para quem não tinha as mesmas condições. Então, era uma mescla desse pessoal mais solidário, outros com a visão mais classista e outros com a visão étnico-racial, acho que era uma mescla de tudo isso.

Henrique Profili: Você lembra mais ou menos como eram feitas essas redes de contato?

Vanderley Nery: Era de estudante para estudante, né? A gente começou com aquele bando de louco do CACS que tinha gente da História, Ciências Sociais e Geografia. Tinha um pessoal muito bom da Matemática que era o Sandro e mais um que eu não lembro o nome, mas o apelido era Portuga, que dirigiam o centro acadêmico da Matemática na Consolação e trouxeram o povo da Matemática. E tinham contato com o pessoal da USP, veio um pessoal de Biologia, e foi tudo no “boca a boca”. De assim vez em quando, antes de começar a aula, a gente fazia de vez em quando reuniões, se juntava e conversava. A gente mesmo que montava as apostilas, agora que lembrei, era uma coisa muito louca. Na área, tinha uns três ou quatro professores que se juntavam, e não tinha essa coisa de internet a gente se juntava mesmo, montava as apostilas e tirava xerox lá no CACS. O Amauri, falecido e grande amigo, tenho uma saudade imensa daquele cara, gente boa pra caramba, ele e a família dele. Ele era sensacional, um cara

muito honesto e ajudou a gente pra caramba. Ele morreu com 45 anos e eu não acreditei, mas foi isso, ele ajudou muito a gente.

Henrique Profili: E essa questão de elaborar o material pedagógico, você dava aula do quê?

Vanderley Nery: História.

Henrique Profili: Sobre a proposta pedagógica, você lembra o que tinha de inspiração para vocês colocarem no papel, qual seria a proposta do cursinho ou alguns autores que ajudaram a inspirar?

Vanderley Nery: O nosso Norte era os vestibulares, no caso, USP e PUC. Claro que tínhamos a nossa forma de dar os conteúdos, a maioria era muito crítica, principalmente o pessoal da área de Humanas, História, Geografia e Ciências Sociais, mas era conteudista. Eu sou conteudista, né? Não caio nessa lorota de que conteúdo não é importante, mas não dá para discutir aqui porque é muita teoria. Mas o conteúdo era voltado para que o aluno passasse no vestibular. Repito, tinha muita coisa crítica que a gente juntava todo mundo e dava uma grande palestra, que hoje chamaria de conjuntura, explicar o momento historicamente e tinha uma aula inaugural que também tinha esse aspecto, mas a aula em si era conteúdo do vestibular.

Henrique Profili: Existia algum ritual para a aula inaugural?

Vanderley Nery: O que eu me lembro é que a aula inaugural era aula mesmo, não era atividade cultural. De 97, eu nem lembrava que o Rago estava, mas foi uma boa lembrança porque o Tuca estava lotado. A ideia, primeiro, foi recepcionar os alunos, apresentar a PUC e dizer o porquê nós queríamos que eles estivessem lá na PUC. O Rago, se eu não me engano, deve ter falado alguma coisa sobre a conjuntura na perspectiva marxista e tal, eu não lembro exatamente, mas as aulas inaugurais nossas geralmente eram com aspectos mais atuais. Essa é um pouco da minha lembrança, mas é uma lembrança bastante vaga.

Henrique Profili: Então geralmente os assuntos eram questão da conjuntura política internacional, nacional e coisas do tipo, certo?

Vanderley Nery: E econômica. Mas é melhor você confirmar com os outros porque essa lembrança de fato eu não tenho muito clara.

Henrique Profili: Como era a parte das aulas em julho? Vocês tiravam férias, organizavam alguma aula fora da Universidade ou algum tipo de atividade fora do espaço da Universidade?

Vanderley Nery: Olha, eu não me lembro de nenhuma atividade fora da PUC, eu só me lembro de atividade na PUC. Pode até ter tido, mas eu não me lembro. Em julho, era férias na PUC, mas a gente continuava o Cursinho, realmente minha memória não está boa com isso não.

Henrique Profili: Eu perguntei, porque em 2005, quando eu entrei, tinha já as práticas de trabalho de campo. Então esse tipo de prática pedagógica, quanto você esteve lá, você não se recorda?

Vanderley Nery: Eu não me lembro de ter nada disso não. A gente era um pouco mais duro, eu me considero um professor um pouco mais tradicional.

Henrique Profili: Se você quiser acrescentar mais algum registro ou lembrança a mais

Vanderley Nery: Eu queria falar da divulgação, acho que foi em 96 ou 97, tinha o Guarabira, ele foi diretor de escola e se aposentou recentemente, ele morava na Cidade Tiradentes e eu nunca tinha ido para lá, nós fomos divulgar o Cursinho lá. Eu lembro que divulgamos em Tiradentes, Guaianazes, Capão Redondo, Campo Limpo, Grajaú e só divulgamos o Cursinho na periferia. Eu dava aula aqui perto de onde estou morando agora, moro perto da Pedreira, onde eu e o Amarildo dávamos aula. O que eu quero dizer tem a ver com aquela ideia classista, ir atrás dos filhos da classe trabalhadora. Teve um ano que a Reitoria chamou, acho que em 98 já, e questionaram por que queríamos trazer os alunos de tão longe já que eles teriam gastos e tal, e propuseram arrumar algumas paróquias para fazer onde eles moram e nós afirmamos que queríamos trazer eles para dentro da PUC, para conhecerem e depois virem estudar aqui. Acho que foi em 98, a Reitoria trancou as salas e a gente dava aula de sábado, falamos que iríamos arrebentar tudo as portas porque iriam dar aula. Acho que foi em 99 eles cederam o prédio do Jornalismo para usarmos de sábado que ficava fechado, eles tinham feito algumas reformas, mas tinha salas boas e a gente dava aula lá. Então você vê como o filho do trabalhador, o preto pobre da periferia, indo para a PUC incomodou até a Reitoria. É um pouco isso o que eu queria acrescentar porque eu falei que iria comentar e acabei esquecendo.

Henrique Profili: Como vocês acabaram escolhendo os locais para fazer a divulgação do Cursinho?

Vanderley Nery: Foi na caneta, no metrozão e no ônibus. É claro, o Guarabira morava no Tiradentes e eu morava na Liberdade. Eu fui pra lá com ele, acho que de metrô, e tinha gente espalhada. Muita gente já dava aula no Campo Limpo e divulgava no Campo Limpo, eu que dava aula para o lado da Pedreira também divulguei por aqui. Então tinha mais ou menos uma rede do próprio pessoal que divulgava onde estavam, ou quando visitavam outras escolas também, não só a escola que trabalhavam. Tanto que foi nesse ano que teve essa fila gigantesca, acho que começou 9h da manhã e deve ter terminado umas 18h. Também tinham caras que queriam dar vários golpes, mas a gente tirava eles porque a seleção era criteriosa.

Vanderley Nery: A Reitoria, apesar de não aceitar o Cursinho na PUC, eles usavam para prestar conta para o MEC. Mas não sei como vocês fazem para achar um documento para comprovar isso, lembro que antes eles enviavam.

ENTREVISTA 5 – MILSON TEODORO

HENRIQUE PROFILI: Gente, estamos aqui com Milson Teodoro. Geógrafo. Ele vai falar mais sobre ele daqui a pouco. Nossa quinta entrevista para o projeto de doutorado do Cursinho Popular dos Alunos da PUC: espaço de formação e resistência ou resistência e formação 1997 a 2006. E hoje, Milson, obrigado por estar aqui presente com a gente, que tá somando aí na nossa pesquisa, independentemente do tempo que atuou ou não e é isso. Se você quiser, então você pode se apresentar para gente, compartilhar um pouco da sua trajetória, o seu currículo, sua formação acadêmica, onde você trabalha, o que te inspirou a trabalhar, fazer o que você faz...

MILSON TEODORO: Tá. Boa tarde, né. Acho que agora é à tarde. Meu nome é Milson Teodoro. Eu entrei aqui na PUC em 95. Caí meio que de paraquedas, sozinho, diferente de alguns colegas, apesar de vir da periferia, teve muitos colegas que vieram de movimentos sociais. Eu caí de paraquedas mesmo. E aí quando eu cheguei aqui eu entrei para fazer Geografia ou bacharelado. Depois eu fiz a licenciatura, como já era bolsista, eu fiz os dois e acabei conhecendo uma turma aqui na Geografia, que era bem atuante politicamente, inclusive uma dessas pessoas era o Rodrigues. Uma pessoa que lutou na ditadura e ele tinha muita experiência política, da atração, e acabou influenciando não só a mim como outras pessoas também.

HENRIQUE PROFILI: Influenciando para atuar no movimento estudantil?

MILSON TEODORO: É, no movimento estudantil. No caso, a gente começou a atuar, a fazer alguns questionamentos de atualização do currículo da Geografia, que a gente queria geoprocessamento, na época estava surgindo geoprocessamento, a gente queria trabalho de campo...então, a gente foi em torno dessa organização da Geografia, o pessoal foi se organizando nos anos de 95, aí depois o pessoal de 96. Na sequência, teve uma disputa política aqui no centro acadêmico, daquela história que falei, né! Tinha a UJS⁵⁰, aí já tinha um pessoal aqui... quem trabalhava aqui, no caso, era a Débora e a Rute. A Débora hoje ela tá dando aula acho que na Federal do ABC, a Rute também tá dando aula na universidade, mas eu não sei onde é, eu tenho contato da Rute, e aí eles chamaram a gente. Como estávamos organizados, para não deixar o pessoal tomar, como tem essa política do JS de tomar os centros acadêmicos, e aí a gente acabou se

⁵⁰ União da Juventude Socialista (UJS) é a organização juvenil do Partido Comunista do Brasil (PC do B).

envolvendo aqui no centro acadêmico, né? Apesar que eu ia mais na turma do pessoal... Ia à formação, conversando com a galera que tinha mais experiência em atuar. Na verdade, não eram nem movimentos sociais, eram mais... eram assim, os partidos políticos. Em 97, eu acho... nem lembro mais... O MTST foi fundado naquele período, em 80 e pouco, né? Então, ele começou a atuar mais aqui. Não existia o MST, né? O MST vai nascer em 97. Então, de movimentos sociais não tinha tanta força, era mais dentro dos partidos mesmo, com as tendências. Aí a gente acabou entrando aqui e isso foi mudando minha visão de mundo porque, na época que entrei aqui, onde eu morava? Morava em Guaianazes. Não tinha bilhete único, a gente vinha de passe.

HENRIQUE PROFILI: Passe de papelzinho, né?

MILSON TEODORO: Passe de papelzinho. Eu não sei nem onde eu trabalhava. Eu não sei se eu trabalhava na Folha de São Paulo. Eu trabalhava como atendente de telemarketing, né?! Para prender o pessoal fazer assinatura de jornal. Hoje eu não sei mais nem se tem isso. Assinatura de jornal.

HENRIQUE PROFILI: Até o formato do jornal físico tá diminuindo.

MILSON TEODORO: Isso! Naquela época, eu trabalhei um período lá. Aí a gente vinha, pegava o ônibus. Vinha de Guaianazes para cá, às vezes. Eu morava com um casal de amigos meus, a Angelica que fazia História aqui, hoje é arqueóloga. A gente morava junto e vinha pra cá. A gente entrou junto. Ela faz História, eu fiz Geografia aqui. Aí foi isso. E a gente foi mudando. Fomos caminhando e com o envolvimento da Geografia no centro acadêmico, a gente... Eu, pelo menos, pessoalmente, comecei a ter mais contato com esses partidos políticos e as tendências políticas. Participei até de congresso da UNE, né?! Eu fui lá como representante, estava meio perdido, mas eu fui. Foram várias coisas, né?! E aí foi dando o início de uma formação mais acadêmica, mais teórica e da gente entender como funciona a universidade... acho que é isso. Se quiser fazer alguma pergunta. Eu não estou lembrando, eu não lembro de tudo.

HENRIQUE PROFILI: Então a universidade serviu mais como o início, a sua graduação, serviu mais como um aprendizado nessa inserção no mundo, na questão de politização?

MILSON TEODORO: Politização. Isso mesmo. Eu era um cara, sou, né? Da periferia e bem alienado. Bem alienado mesmo.

HENRIQUE PROFILI: Nesse sentido então, o fato de ter entrado na Geografia, da universidade, fez toda a diferença nessa sequência da sua vida? A partir da universidade para frente...

MILSON TEODORO: Fez! Fez muita diferença. Inclusive, quando eu caí na Geografia, a direção da Geografia era um grupo de professores marxistas, né? Então, eles tinham... Era um grupo hegemônico, eles não eram maioria. Então, tinha o Douglas Santos, o Diamantino, o Marcos Bernardino Carvalho...

HENRIQUE PROFILI: Uma turma até que escreve livros didáticos, né?

MILSON TEODORO: Isso! O Douglas escreve livro didático, o Diamantino... os três escreveram, né? O Douglas, o Diamantino e o Marcos Bernardino Carvalho⁵¹. Inclusive, eles escreveram tema natureza também, naquela coleção Primeiros Passos.

HENRIQUE PROFILI: Da editora Brasiliense, né?

MILSON TEODORO: Isso!

HENRIQUE PROFILI: Então você se forma aqui em 90, 2002... Você pega seu diploma...

MILSON TEODORO: Eu me formei em 2002. Na verdade, eu entrei em 98. Como a gente vivia duro, sem grana, a gente fazia a metade das disciplinas por semestre. Isso prolongou minha estadia aqui. Mas, em 2002, eu já vinha muito pouco. E nesse período depois que a gente começou a atuar aqui no centro acadêmico, aí... eu não estava presente, mas teve uma conversa entre a Rute, o Popó, que é o Rodrigues, e acho que era o Vagner, o outro rapaz das Sociais, e a Rute chegou com a proposta de fazer um cursinho pré-universitário, mas daquele... como que é que chama aquele padre da bandeira? Do...

HENRIQUE PROFILI: O padre Júlio Lancellotti?

MILSON TEODORO: Não. O outro, negro.

HENRIQUE PROFILI: O da Neafro? Eu sei quem que é...

MILSON TEODORO: Não é o da Neafro. É o Frei David... não é David.

HENRIQUE PROFILI: É David. Isso mesmo!

⁵¹ Professores da Faculdade de Geografia da PUC-SP.

MILSON TEODORO: Ela falou assim: a gente pode chamar ele para ele aplicar aqui. E aí, acho que o Rodrigues, falou: a gente não precisa desse cara. Não desprezando.

HENRIQUE PROFILI: Da Educafro?

MILSON TEODORO: Não é o Frei David?

HENRIQUE PROFILI: É David. Isso mesmo!

MILSON TEODORO: Foi a Rute que sugeriu e o pessoal disse não. Eu sei dessa conversa porque o Rodrigues falou. A gente faz o nosso, a gente não precisa dos outros. Vamos fazer com as nossas características. A gente faz um com o nosso perfil. A gente constrói e aí foi quando começou. Eu não sei se a Rute se envolveu muito no início. Eu sei que foi o Rodrigues, ele que tava e tinha mais gente. Acho que tinha o Valdemar, mas o Valdemar, ele se envolveu depois, mas quem iniciou a ideia foi essa turma aí.

HENRIQUE PROFILI: O núcleo mais central mesmo, né?

MILSON TEODORO: Sim. Aí foi isso, né? Foi quando a gente... aí tinha o Vanderlei, o pessoal do centro acadêmico abraçou a ideia de trazer a turma... Aí tinha uma turma nova entrando também. Acho que isso é 97, né?

HENRIQUE PROFILI: Sim. O primeiro ano é 97.

MILSON TEODORO: 97. E aí a PUC não queria ajudar em nada, né? Como sempre. E aí a discussão... Ela não queria que a gente fizesse aqui, tanto é que no primeiro dia de aula, eu lembro, falou: a gente vai chegar aqui e a gente vai ocupar. Já era invasor. Vamos ocupar aqui as salas e a gente vai dar aula é aqui. Aí não conseguimos fazer aqui no prédio velho, a gente ocupou as salas do prédio novo.

HENRIQUE PROFILI: Você lembra mais ou menos como foi esse dia da primeira aula do Cursinho? Você tava aqui?

MILSON TEODORO: Tava. Eu ajudei a ocupar. Eu acho que assim, chegaram os estudantes e a gente falou: vamos para tal sala. E aí foi todo mundo para lá. Cavalo andando. Mas, não teve muita... aí a gente entrou nessas salas que ficam desse lado aqui.

HENRIQUE PROFILI: Aqui no primeiro andar do prédio novo?

MILSON TEODORO: Aqui no primeiro andar do prédio novo e aí a gente ocupou lá e começamos a fazer as discussões. Só que antes teve uma preparação, né? O pessoal chamava, fez uma seleção, uma certa quantidade de estudantes, muitos não tinham dinheiro para o ônibus, aí o pessoal acho que fez vaquinha também para garantir a passagem.

HENRIQUE PROFILI: **Você se lembra se rolava festa da Geografia ou dos centros acadêmicos para ajudar esses alunos?**

MILSON TEODORO: Eu acho que o centro acadêmico tinha uma verba. Eles também pediam uma verba aqui para o Amauri, da copiadora. O Amauri morreu, né?

HENRIQUE PROFILI: **O Amauri faleceu, já faz uns anos já.**

MILSON TEODORO: Ele ainda tá aqui? Eu vi a copiadora ali. É da família dele?

HENRIQUE PROFILI: **É da família dele. Não só essa, como também, acho que mais umas três ou quatro.**

MILSON TEODORO: É, eles dominavam aqui.

HENRIQUE PROFILI: **Continua a mesma coisa. O pessoal da PUC vê eles com muito bons olhos.**

MILSON TEODORO: Então, mas eles ajudaram bastante gente aqui. A gente não tinha dinheiro para comprar livro, né? O povo não tinha internet, não tinha nada, e aí... A gente “pendurava” muito a xerox. Muita gente que o Amauri ajudou.

HENRIQUE PROFILI: **Não é à toa também que o Cursinho conseguiu cotas de outros centros acadêmicos para tirar cópias...**

MILSON TEODORO: Isso. O Amauri tirava cópia. Eu sei que quando o pessoal começou a se adaptar aí, um pouco mais para frente, para ajustar, ele tirava cópia. E o pessoal fazia as apostilas, o material. O Amauri ajudou também. Amauri ajudou bastante gente também. Ele era gente fina. Ele, e acho que tinha o irmão dele, que era o mais novo, não sei se ele ainda está aí...

HENRIQUE PROFILI: **Lembro que tinha muita gente que não tinha dinheiro para tirar cópia dos textos todos da semana dos professores...**

MILSON TEODORO: Isso mesmo! E aí a gente pendurava. Ele tinha uma caderneta, né? Que tinha pastas, tinha uma caderneta, e a gente ia tirando cópia.

HENRIQUE PROFILI: Também o preço da cópia naquela época ajudava, né? Mesmo assim, ainda podia ser muito para alguns de nós.

MILSON TEODORO: Isso! Não... era muito porque não tinha dinheiro para o ônibus, não tinha dinheiro para comer, não tinha dinheiro para nada...

HENRIQUE PROFILI: Até porque os professores pediam textos bem pequeninos, né?! Toda semana...

MILSON TEODORO: Eram textos grandes...

HENRIQUE PROFILI: Então, na Geografia funcionava mais ou menos como na História.

MILSON TEODORO: Tinha lá as pastas, a gente tinha que fazer a leitura e aí a gente vinha lá... Eu lembro que ele ajudou também nas cópias, o Amauri⁵². O pessoal pediu também uma grana para o Amaral... o Amaral⁵³ sempre liso.

HENRIQUE PROFILI: Aquele bom jeito, dá uma driblada ali, uma driblada aqui...

MILSON TEODORO: É, mas o pessoal sempre arrancava alguma coisa dele, né? Porque eles também pagavam aluguel, eles pagavam aluguel, e dava essa força. E aí eles fizeram. No início, aí depois o pessoal conseguiu dar, aí o Cursinho... eu vou dar um salto aí porque a memória falha...

HENRIQUE PROFILI: A gente vai e volta, não tem problema.

MILSON TEODORO: Vai perguntando para ter coerência.

HENRIQUE PROFILI: Tranquilo.

MILSON TEODORO: Depois o pessoal consegue dar aulas nas salas do prédio velho, que vai ser consolidando. Eu sei que foi feita uma seleção, não participei dessa seleção, eu fiquei meio no paralelo, né?

⁵² Dono da copiadora do CACS e já citado na entrevista de Vanderley como grande parceiro do Cursinho.

⁵³ Dono da Livraria do Amaral, livraria que se encontrava dentro do CACS.

HENRIQUE PROFILI: Você acabava atuando um pouco mais na sala de aula do que nas questões burocráticas?

MILSON TEODORO: É, eu atuei pouco na sala de aula. O pessoal precisava me chamar porque o grande problema era ter professor. A ideia não era dar conta porque era só de sábado, era dar conta do conteúdo, apesar que tinha que ter um conteúdo, né? A ideia era para levantar a autoestima dos estudantes da periferia e mostrar que eles podiam entrar na universidade.

HENRIQUE PROFILI: Boa! Vamos fazer assim... conta pra gente como que você acabou se envolvendo nessa questão do Cursinho, o que te chamou a atenção? Algum amigo seu através do seu colega, te chamou para conversar e participar? Como que se deu seu processo de atuação? Quanto tempo atuou no Cursinho?

MILSON TEODORO: Eu atuei pouco tempo. Foi mais no início para eles se consolidarem, né?

HENRIQUE PROFILI: Você lembra quantos anos mais ou menos?

MILSON TEODORO: Eu acho que foi só no início de 97. No máximo, um ano ou seis meses. O pessoal vinha chamar para dar aula, né? Então, tinha a Nádia. Dei aula com ela em uma turma que era semanal, então ia fazendo nessa escala semanal. Aí a gente fez uma aula de geografia. Eu tinha um pouco de insegurança também porque eu não dava aula, né?

HENRIQUE PROFILI: Seu primeiro lugar de dar aula foi onde?

MILSON TEODORO: Eu acho que aqui. De experiência, foi aqui.

HENRIQUE PROFILI: Então você começou a dar aula no Cursinho?

MILSON TEODORO: É. Foi assim. A primeira vez que pisei para dar aula e eu não queria ser funcionário público, eu queria trabalhar com geoprocessamento, essas coisas...

HENRIQUE PROFILI: E nem professor então você queria ser...

MILSON TEODORO: Não, porque eu já tinha sido funcionário público em uma autarquia da prefeitura e eu exonerei. Foi no Hospital do Servidor Público Municipal que trabalhei de 88 a... não, de 90 a 94.

HENRIQUE PROFILI: Aquele que é perto da Beneficência, né?

MILSON TEODORO: Eu trabalhei na gestão Erundina, de 90 a 94. Quando o Paulo Maluf entrou e destruiu, a gente trabalhava na parte administrativa e ele conseguiu destruir lá o nosso salário e eu saí e disse: “não, eu vou estudar”. Foi aí que comecei, voltei a estudar e entrei na PUC. E aí então, a gente voltando ao Cursinho, o pessoal vivia chamando... o Rodrigues, a gente via a luta deles... “ah, não tô a fim”. Tinha muita disputa política internamente.

HENRIQUE PROFILI: O movimento estudantil era movido por disputas políticas...

MILSON TEODORO: E internamente, o Cursinho também. Tinha um pessoal muito bom, muito dedicado, sempre teve, mas tinha um pessoal que usava o Cursinho para ter projeção política dentro dos partidos, né? Tinha isso, sim. Mais ou menos, a gente percebe. A intuição que tinha era isso. Intuição não, tinha mesmo.

HENRIQUE PROFILI: Mas é importante porque às vezes tem coisas que a gente...

MILSON TEODORO: Que é algo que a gente não pode romantizar também...

HENRIQUE PROFILI: Não, é justamente por isso. A gente pensa que o Cursinho não tem conflitos internos, entre os professores, entre os coordenadores e tudo mais, então é importante você estar trazendo isso para gente porque a gente vê que isso também se construiu com contradições, né?

MILSON TEODORO: Isso! Eu sei que o Vanderlei se envolveu bastante. O Vanderlei, acho que a Debora... eu não lembro da Rute, eu não lembro se ela ficou muito tempo. Eu lembro do Rodrigues, logo no início, o Valdemar, o Valdeir, sempre.

HENRIQUE PROFILI: O Valdeir é que nem eu te falei no começo que a gente se encontrou. O Valdeir está aí ainda, sem celular, mas tá aí.

MILSON TEODORO: Sim. Eu sei que ele que manteve o Cursinho vivo até hoje.

HENRIQUE PROFILI: Sim, inclusive foi ele quem me convidou em 2005 para vir trabalhar aqui no Cursinho.

MILSON TEODORO: E ele sempre me chamou: Milson, vem dar aula. “Pô, eu não consigo”. Aí depois de um tempo que eu fui ser professor. Foi em 2010, mas assim, ele... aí eles foram tocando. Vi que estava com bastante gente. Muitas pessoas, aí eles foram se estruturando. Encontrava trabalho e tudo. Eu dei aula bem no comecinho. Dei umas três, quatro aulas, eu não lembro direito, mas foi bem no início. A gente ajudou a ocupar. Foram essas aulas que eu dei com a Nádia. Eu não tinha experiência, já tinha, então vamos lá... Qual era a ideia também? Na hora de ajudar, quem não tinha experiência, ia com um professor diferente também. Eu cheguei junto com o Valdemar⁵⁴ em uma aula assim, né? Eu fui lá e ele tinha mais experiência na sala de aula, aí eu fui com ele. Mas eram mais palestras. Falava do conteúdo, mas tinha uma questão social embutida, né? Acho que depois que o pessoal foi se aperfeiçoando com o conteúdo, das discussões ... geralmente, a visão da esquerda mesmo, né? De romper com as estruturas e questionar o capitalismo. Eu sei que mesmo dentro do conteúdo, o pessoal seguia, muito provavelmente, nas que eu estava... e nas discussões, geral, seguia esse caminho.

HENRIQUE PROFILI: Então nas aulas de geografia que você participou lá no início, o conteúdo necessariamente não era o objetivo principal da aula?

MILSON TEODORO: Não. Era aquela história lá que era o seguinte: levantar a autoestima do pessoal. Porque antes, na década de 90, você não via o povo da periferia falando que queria estudar, que queria fazer uma faculdade, você não via isso, hoje você tem, antes não tinha isso. O pessoal nem imaginava que podia entrar em uma universidade. Tanto é que quando eu entrei, acho que da minha família eu fui um dos primeiros, acho que fui o primeiro, né? Eu tinha umas primas que entrou, mas assim, do núcleo em casa, eu fui o primeiro. E aí que comecei a ver, sair de casa cedo, fui morar sozinho, mas assim, essa questão de entrar na universidade, de estudar... não se tinha essa discussão na periferia, era pouco.

HENRIQUE PROFILI: Então você acha que a faculdade te transformou?

MILSON TEODORO: Nesse sentido, sim. E o Cursinho tem esse papel, de trazer o povo para dentro.

⁵⁴ Valdemar foi professor do Cursinho por anos e está entre seus primeiros professores e coordenadores. Faleceu vitimado pela covid-19 logo nos primeiros meses da pandemia, em 2020. Em sua homenagem o Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP carrega seu nome: Cursinho Popular Valdemar Gomes.

HENRIQUE PROFILI: Você acha isso que esse início de práticas pedagógicas no Cursinho também, um tempo depois, te levou ao magistério? De alguma forma, a lecionar...

MILSON TEODORO: É, contou assim, mas eu acho que no caso aí, foi mais uma... é estranho como eu entrei no magistério. Eu posso contar a história?

HENRIQUE PROFILI: Por favor!

MILSON TEODORO: Não está muito ligada ao Cursinho, mas está ligada a pessoa que estudou aqui, que foi essa minha amiga. Eu tinha casado, já tinha separado, estava morando na casa que eu estou hoje. Isso daí, acho que era 2008, 2006, aí ela falou assim... para você ter uma ideia de como ela me conhecia, né? A gente é amigo até hoje. Ela falou assim: meu, sei que você não quer dar aula, você está desempregado... Eu tava até lendo livro em feira de universidade e ela falou assim: eu fiz a sua inscrição para professor no Estado. “Você fez sem eu saber”, “É, vai lá que você está desempregado, mas pelo menos você arruma, se você passar, um emprego aí”. Aí eu fui e passei. Sem estudar. Passei no Estado em 2010. E a Angélica não passou. Os caras falam que foi enganação dela. Não sei por que ela não passou.

HENRIQUE PROFILI: Convenceu a prestar o concurso, você passou e ela não.

MILSON TEODORO: Ou ela não passou ou ela não prestou. Uma coisa ela fez: ela me enrolou. E aí eu acabei entrando, mas a Angélica é também aqui da PUC. Amiga nossa, desde quando... Eu a conheci no hospital, antes de entrar na PUC.

HENRIQUE PROFILI: Na época que você estava lá no Servidor Municipal?

MILSON TEODORO: No Servidor Municipal⁵⁵, mas assim, as aulas acabaram não foi por causa do Cursinho, mas eu acho que essa vivência da PUC, a amizade com Angélica, acabou trazendo para a educação e eu acabei gostando porque foi em um período que eu estava desempregado e era uma parte... Esse concurso acabou, era do Paulo Renato Souza, secretário de educação do Estado, e ele fez o concurso do seguinte modo: o pessoal prestava o concurso, essa parte de múltipla escolha, depois ela ia para casa, fazia mais três meses, só que fazia on-line, olha só... E eles davam uma verba de R\$ 1.300,00 para comprar um notebook e ter internet.

⁵⁵ Hospital do Servidor Público Municipal

HENRIQUE PROFILI: Foi naquela época que começou aquela escola de formação dos professores? EFAPE⁵⁶?

MILSON TEODORO: Isso. Foi da Efape. Acho que foi nessa primeira leva.

HENRIQUE PROFILI: Teve o Serra, né? Era o Serra o governador?

MILSON TEODORO: O governador eu não lembro quem era, acho que era o Serra. Eu sei que o secretário de educação...

HENRIQUE PROFILI: Era o Paulo Renato que tinha sido secretário do Fernando Henrique, o ministro...

MILSON TEODORO: Isso. Que tinha sido ministro, isso mesmo. Era ele. Ele morreu logo depois. Mas, era uma boa ideia. Muita gente entrava só para pegar essa verba de R\$ 1.200,00 e depois não assumia as aulas, né? Mas era... aí eu comecei a fazer esse cursinho. Fiquei em casa, onde estou lá e acabei gostando, né. Só na teoria, depois quando eu caí na sala de aula, não tinha nada a ver com o que a gente estudava lá... E aí eu fiquei esperto. Bem ou mal, assim, diretamente, a PUC e o Cursinho não me influenciaram para dar aula, né?! Tanto que os colegas aqui, que queriam ser professores, já estão para aposentar, desde 95, 96, os caras já iam para casa de aula e eu resistia, mas por outro lado a vivência que eu tive aqui foi importante para eu estar, para eu usar nas aulas na Geografia, tudo né. Essa vivência que a gente teve foi importante.

HENRIQUE PROFILI: Nesse início aí do Cursinho, que você lecionou, no final dos anos 90, você lembra se tinha ou você tinha conhecimento de algum outro cursinho popular ou pré-vestibular que trabalhava assim, mais ou menos, nos moldes que a gente trabalhava aqui ou trabalha aqui? Algum que você tinha ouvido falar ou que podia ter inspirado o pessoal...

MILSON TEODORO: Eu acho que o único era o Uneafro, que era o que estava na época porque o cursinho da Poli já tinha virado comercial, já tinha mudado um pouco o perfil, né? Ele é bem mais antigo, o cursinho da Poli. A gente sempre fazia uma seleção e a seleção era sempre socioeconômica. Eu lembro. Isso que era importante.

⁵⁶ Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação “Paulo Renato Costa Souza”.

HENRIQUE PROFILI: O cursinho da Poli era um vestibulinho, né? Que tinha que pagar uma taxa e fazer a prova, né?

MILSON TEODORO: Isso! Agora, aqui não, era condição era socioeconômica. Quem mais precisasse, era quem entrava.

HENRIQUE PROFILI: Você lembra se na sua época já tinha o questionário socioeconômico? Parece que o pessoal desenvolveu com a galera de serviço social, né?

MILSON TEODORO: Tinha. Tinha sim. O pessoal do serviço social também participou, eu não lembro os nomes, mas tinha gente que participava, sim, do Cursinho.

HENRIQUE PROFILI: E era bastante gente ligada ao Partido dos Trabalhadores mesmo, né? Das diferentes correntes dentro do partido.

MILSON TEODORO: Isso. A maioria. Acho que só tinha de partido de esquerda só o PT...

HENRIQUE PROFILI: E o PCdoB, com o JS, com a Juventude... acho que eram os mais atuantes.

MILSON TEODORO: É, mas o PCdoB não tava aqui.

HENRIQUE PROFILI: Não tinha ninguém do PCdoB, nem da UJS aqui...

MILSON TEODORO: É. Não. Não tinha. Que eu lembre, não. Aí depois os meninos entraram na PUC, mas eu não lembro deles participando do Cursinho não. Aí eu já não sei esses detalhes.

HENRIQUE PROFILI: O que é um cursinho popular para você, Milson? Na sua concepção política? Por mais que você tenha passado pouco tempo... o que é o cursinho popular nas suas palavras?

MILSON TEODORO: O cursinho popular é um cursinho que vai atender as necessidades de quem vem da juventude periférica, do povo periférico, né? E que possibilite ele entrar na faculdade, mas, ao mesmo tempo, não deixa de ser um núcleo de formação política. A gente não pode negar isso. O Cursinho, ele... um cursinho popular pra mim é isso. Pelo que entendi é isso e pelo que vi do Cursinho da PUC. Ele que prepara para essa formação política mesmo. Não para... Eu não lembro deles

fazerem isso, eles não trabalhavam a questão de pegar mais militantes para as tendências políticas que eles trabalhavam, mas não deixava de ser uma formação política.

HENRIQUE PROFILI: Era mais uma questão de conscientização política do que uma política partidária propriamente dita.

MILSON TEODORO: É. Isso mesmo. Não era uma política partidária, apesar que tinha uns que tentavam, ou que já vinha de alguma tendência, mas especificamente não era isso, mas a questão política de atuar, como se comportar na sociedade e qual o seu papel nela.

HENRIQUE PROFILI: Você acredita que o fato de ter um cursinho popular em uma universidade de elite, por mais que seja uma fundação filantrópica e tudo mais, faz diferença nesse sentido e abre perspectivas para os jovens da periferia? Jovens e mais velhos...

MILSON TEODORO: Sim, com certeza. É, a maioria era jovem, mas podia também o pessoal mais velho. Nunca teve essa questão de seletividade. É, com certeza. Faz diferença. Tanto é que depois que eu saí da PUC, já estava dando aula, eu conheci algumas pessoas que entraram no Cursinho da PUC e que foram fazer universidade por conta desse Cursinho. Dois professores de história. Um, ele dava aula no Nigro, inclusive. Conheci, falei do Cursinho e ele falou: “ah, eu acabei entrando e cursando história” e eles falavam muito do Valdemar. Se não me engano, era o Valdemar que ele conheceu. Ele ia fazer Sociais, mas aí disse para fazer História. Foi o Valdemar ou o Elano. Ou o Valdeir. Falou: “para esse negócio e vai fazer História”. E também, o outro é o Marcos Faria, que é um cara famoso do movimento negro. Marco Faria, eu estava em uma atividade, a gente pediu para ele fazer uma palestra e aí ele falou: “não, eu fiz esse Cursinho da PUC aí”. Aí eu falei: “você tá brincando!”. Marcio Farias, né? Apesar que eu não dei aula, eu não conheci ele quando ele entrou. Então ele... aí o pessoal, tinha um pessoal engajado e se eu não me engano, ouvi o depoimento dele e um cara indicou um livro sobre quilombos, não sei se foi o Waldeir... foi o pessoal de História e aí ele acabou entrando. Então, conheci de algumas pessoas fora da PUC que fizeram esse cursinho que incentivou e acabou cumprindo o papel.

HENRIQUE PROFILI: E eles mesmo acabaram admitindo que foi determinante ou importante...

MILSON TEODORO: Isso. Foi importante. Para esses dois rapazes, Marco Farias e o menino lá... aí depois só falta o Marco Farias me desmentir, mas ele fez o Cursinho sim.

HENRIQUE PROFILI: Que foi aluno, foi.

MILSON TEODORO: Sim, sim. Mas, influenciou, sim, a gente até comentou.

HENRIQUE PROFILI: Você lembra como você chegou a preparar ou como foi a preparação dessas aulas?

MILSON TEODORO: Eu não lembro. Quem preparou todas as que eu entrei, o pessoal tinha preparado. O pessoal que tinha mais experiência. E eu fui mais acompanhando mesmo. Inclusive, eu acho que a gente chegou a dar aula no corredor da Cardoso, se eu não me engano. Tenho quase certeza.

HENRIQUE PROFILI: Corredor da Cardoso que era das Letras e do Jornalismo...

MILSON TEODORO: Eu acho que o pessoal... acho, deu aula ali.

HENRIQUE PROFILI: Ali virou estacionamento.

MILSON TEODORO: Ah, é? Destruíram lá?

HENRIQUE PROFILI: Não existe mais esse prédio. Baita estacionamento que vai da Monte Alegre até a Cardoso.

MILSON TEODORO: Era um monte de casinhas assim. Destruíram?

HENRIQUE PROFILI: Destruíram. Estacionamentão.

MILSON TEODORO: Poxa! Lá era tão gostoso. E lá, se eu não me engano, chegou até a rolar. Tinha umas meninas lá das Letras que participava do Cursinho. Elas vinham para cá por conta do engajamento político. Pessoal do C, do Secretariado... até Secretariado Bilíngue tinha lá.

HENRIQUE PROFILI: Secretariado Bilíngue, né?

MILSON TEODORO: Isso! Acho que nem existe mais esse curso. Existe?

HENRIQUE PROFILI: Eu acho que tem por que o centro acadêmico é Letras e Sebe, que é Secretariado Executivo Bilíngue.

MILSON TEODORO: Ah, é?

HENRIQUE PROFILI: É. Eu acho que existe. Pelo que sei, tá tudo aqui. No prédio novo agora.

MILSON TEODORO: Hum.

HENRIQUE PROFILI: A Geografia acabou. Quer dizer, acabaram com a Geografia, agora tem Ciências Socioambientais na PUC.

MILSON TEODORO: Ah, ele já tinha começado isso...

HENRIQUE PROFILI: Teve o Turismo no comecinho dos anos 2000. Acho que uma turma de Turismo que se formou em 2003, 2004, eu não sei até quando durou o Turismo da PUC e aí eles criaram esse curso de Ciências Socioambientais que era vinculado a Ciências Sociais.

MILSON TEODORO: Nossa! Tiraram a Geografia para fazer isso.

HENRIQUE PROFILI: É, foram acabando. A História parece que só tem de manhã agora também, aqui na Universidade. Só tem curso de História de manhã.

MILSON TEODORO: E RI domina tudo agora de noite.

HENRIQUE PROFILI: É. RI, Sociais e essas Socioambientais agora.

MILSON TEODORO: Aqui no prédio velho?

HENRIQUE PROFILI: Tudo aqui no prédio velho. Tanto é que às vezes quando eu venho para cá nas terças-feiras, na aula do doutorado, eu dou uma andada aqui no prédio velho para ver se encontro um ou outro professor conhecido, mas... lá no andar T- 45, T- 4, da Geografia era embaixo, né...

MILSON TEODORO: Era lá no buraco. Tinha... Era três salas: tinha o laboratório de cartografia, tinha o de geologia... o laboratório de cartografia e geologia também era sala de aula.

HENRIQUE PROFILI: Era sala de aula. A professora Chiquinha dava aula...

MILSON TEODORO: A Chiquinha era a que criou o laboratório de geologia. Era aquele que tinha duas portas. Chiquinha era lendária. Ela deu aula nesse de turismo. Ela era muito boa no trabalho de campo. Ela morreu né? Morreu esses tempos...

HENRIQUE PROFILI: Acho que sim. Pessoal falava que ela era muito, acho que ela era que se declarava “malufista”.

MILSON TEODORO: Ela trabalhou com o Maluf no projeto Paulipetro⁵⁷. Que ele cavou aqueles buracos lá...

HENRIQUE PROFILI: Para achar petróleo, né?

MILSON TEODORO: Isso! Todo mundo já sabia que não tinha e ficava vazando gás lá e a gente que ficava brincando na sala: “E aí, Chiquinha, tem petróleo em São Paulo?”. Ela xingava o povo e dizia: “tem sim!”. Ela fumava...

HENRIQUE PROFILI: Era mais uma dessas que fumava na sala...

MILSON TEODORO: É, ela fumava na sala e xingava, né? Mas, ela era uma boa professora de geografia. E, ela trabalhava no IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Ela trabalhou... Eu acho que na gestão do numa dessas gestões do Maluf, ela acabou entrando lá. Depois veio o Bistrichi⁵⁸, que era o cara da bola geomorfologia, que era muito bom também. Trabalhava com ela. Nem sei se o Bistrichi está vivo. Eu tenho ele no Facebook.

HENRIQUE PROFILI: Então, o trabalho de campo era uma prática que vocês tinham enquanto alunos da graduação da Geografia?

MILSON TEODORO: Na graduação de Geografia está previsto os trabalhos de campo, tanto de pedologia, de geologia... diversos, né?! Uma das queixas que a gente sempre brigou com a PUC era não ter trabalho de campo, tanto é que, uma época colocava um valor de 2% no boleto para pagar, e aí a gente também queria..., mas as festas que a gente fazia, eram também para trabalho de campo e também para ir para os encontros de estudante de Geografia e contra os estudantes de História, e contra não sei o que... E a Geografia, eu acho que da faculdade, era a mais organizada.

HENRIQUE PROFILI: Eu também acho. Concordo com você.

MILSON TEODORO: Era mais atuante. Mais organizada nesse período.

HENRIQUE PROFILI: Se a gente fosse...

⁵⁷ Empresa estatal criada pelo ex-governador Paulo Maluf que deveria explorar petróleo e gás natural em São Paulo.

⁵⁸ Carlos Alberto Bistrichi, na época, era professor do Departamento de Geografia da PUC-SP.

MILSON TEODORO: Até certo ponto, homogeneizou aqui.

HENRIQUE PROFILI: Concordo, mas Geografia e História e Sociais, nas mobilizações da faculdade.

MILSON TEODORO: Era Sociais que era bem articulada, Geografia também, né?! E aí era só loucura e o pessoal participava dos encontros.

HENRIQUE PROFILI: Porque a gente tem a prática pedagógica da saída de campo, o trabalho de campo, aqui no Cursinho também, mas o pessoal que atuou no começo não lembra porque, eu acho, que não tinha.

MILSON TEODORO: Eu acho que não tinha. Eu não me lembro deles fazerem. Eu não lembro se eles davam volta, mas eu acho que o pessoal tinha alguma proposta, mas era bem incipiente.

HENRIQUE PROFILI: Pelo que conversei com o Vanderlei⁵⁹, ele não se recorda disso e conversando com o Ronaldo, com o nosso coordenador, que tá aí desde 2006, o Tiozinho, ele como ex-aluno Cursinho, ele acredita que foi uma prática de alunos da Geografia que lecionavam aqui no Cursinho, a partir de determinado tempo, organizar essa saída do trabalho de campo aí do Cursinho.

MILSON TEODORO: Eu não duvido que eles tenha feito isso.

HENRIQUE PROFILI: Ficou até institucionalizado porque tem trabalhos que são fixos e são interdisciplinares e tal, como o Parque do Jaraguá, o Primeiro de Maio na Sé, né?! Então...

MILSON TEODORO: Ah, o pessoal faz?

HENRIQUE PROFILI: A gente já foi para o Parque Ecológico do Tietê, Museu Afro Brasil também, enfim... Dois são fixos com certeza, que é o Primeiro de Maio na Sé, que é dos movimentos sociais, que a gente sai da Sé, Caixa Econômica, Banco do Brasil, Bolsa do Café, né? Acaba na frente da Prefeitura, Edifício Martinelli, fala de verticalização... A gente atua... história fala das questões históricas, geografia também, e no Parque do Jaraguá, tem os professores de biologia também, os que querem atuar. Então, são sempre aulas de história, geografia e biologia, por exemplo.

⁵⁹ Vanderley Elias Nery é personagem dessa pesquisa.

MILSON TEODORO: Disso eu não sabia. Isso é bem legal.

HENRIQUE PROFILI: **É, então. E, conversando com o Ronaldo, ele acredita que é parte da influência de parte dos alunos da Geografia aqui da Universidade mesmo que implementaram. Porque, em julho mesmo, que a PUC fechava, e aí a gente tinha que continuar as aulas e as aulas eram fora da PUC.**

MILSON TEODORO: Aí faziam os trabalhos de campo. Era uma boa ideia. Mas, eu acho que pode ser, sim, o pessoal que ficou. O pessoal de História também se queixava do trabalho de campo. Eles queriam: “pô, a gente não vai para um arquivo, não vai...”. Pessoal se queixou tanto, que tanto é que o pessoal da História, eu sei por causa da Angelica, de mexer com documentação. Aí a PUC fez um curso de, no Cogeae, mas esse curso tinha que estar na graduação, mas aí tinha que pagar. Eu tô lembrando, acho que o Michel⁶⁰, não se você lembra do Michel, ele também, acho que atuou no Cursinho. Você vai lembrando do Michel.

HENRIQUE PROFILI: **Estamos justamente em um local de memória para revirar esse baú que a gente tem na cabeça.**

MILSON TEODORO: Aí eu lembro que ele participava também. O Michel. O Michel era de história.

HENRIQUE PROFILI: **Ele é professor da federal.**

MILSON TEODORO: É, federal. Acho que do Amazonas, né? Esses dias encontrei com ele, em uma manifestação de greve do estado e aí ele estava lá. Foi a última vez que o vi. Eu vi ele e o Chupim também.

HENRIQUE PROFILI: **O Chupim foi o primeiro que entrevistei para essa série de depoimentos.**

MILSON TEODORO: Chupim⁶¹ era do PT. Ele também trabalhou aqui, na organização. E depois, eu encontrei com ele, que eu trabalhei uns dois meses em um parque, lá na Raposo Tavares, aí ele: “o que você está fazendo aqui”. E eu tava lá como administrador, no finalzinho da gestão da Marta. Fiquei no parque lá. Teve um período que eu fiz estágio na arqueologia com um colega. Fiz um PhD. Depois eu conheci e ela disse: “ah, você tá sem trabalho? Vou te arrumar. Tem uma vaguinha lá”. Aí eu fui lá

⁶⁰ Michel Justamand, atualmente professor universitário, também lecionou história no Cursinho.

⁶¹ Apelido do período da graduação, Luís Carlos Rosa também é nosso colaborador nessa pesquisa.

trabalhar como administrador de parque. Fiquei até o final da gestão da Marta. Até o fim das eleições da Marta.

HENRIQUE PROFILI: Não tem muito a ver com a pesquisa, mas, ao mesmo tempo, tem: você também acaba encontrando um monte de egresso da PUC nos lugares que você vai, às vezes? Nesse tipo de profissão...

MILSON TEODORO: Então, eu encontro egresso da PUC, geralmente, ou em ato, manifestação de esquerda, geralmente, eu encontro. Na eleição, dia 30, domingo, eu encontrei um casal de amigos da Geografia que eu não via há anos. Falei: “meu, a gente não se vê faz uns 20 anos”. Que eu encontrei na comemoração do domingo. Foi o Kauê e a Deise. Eles são um casal. Aí o Kauê tá com o cabelo branquinho. Até o Kauê falou: “você reconheceu a gente?”. E a gente ficou lá. A gente assistiu junto o discurso do Lula porque o Kauê, quando eu entrei na PUC, ele já estava aqui. E aí, a gente conversou. Então, nesses atos, greves, ato pela democracia, movimento social, assembleia, essas outras, sempre tem alguém da PUC, das antigas. A gente sempre acaba encontrando. Encontrei você lá. Eu não lembrava, na Opeosp. Eu não lembrava. É muita gente. Quem eu fiz amizade e que tenho mais contato assim, eu fiquei só com o Popó, mas faz tempo que eu não vejo ele também. Ele está morando em Embu-Guaçu, que é o Rodrigues, né?

HENRIQUE PROFILI: Sim, sim. É o Roberto? Roberto o nome dele, né?

MILSON TEODORO: Roberto Rodrigues.

HENRIQUE PROFILI: Embu-Guaçu não é tão longe porque é depois de Itapeccerica da Serra, né?

MILSON TEODORO: Se você quiser conversar com ele, depois eu mando o contato dele.

HENRIQUE PROFILI: Ah, eu vou querer. Porque o Waldeir, ele disse que lembra que até, não sei até que ponte, teve influência do Paulo Freire porque ele ainda era professor aqui.

MILSON TEODORO: Então, quando eu entrei aqui, eu não sabia nem quem era Paulo Freire.

HENRIQUE PROFILI: De tentar atender os moradores na região...

MILSON TEODORO: Então, eu não sei se, eu não lembro se o Paulo Freire... O Paulo Freire morreu quando?

HENRIQUE PROFILI: Acho que foi em 97, 98. Eu não lembro exatamente,

MILSON TEODORO: Eu não sei. Eu sei que assim, eu não conhecia ele. Como eu falei, quando eu cheguei aqui, era cabaço de tudo, bem alienado mesmo, bem senso comum e reaçã, né?!

HENRIQUE PROFILI: Eu também era assim. Exatamente assim como você era.

MILSON TEODORO: E aí eu tô... tem uma amiga minha que ela era voluntária, a irmã da Sueli, que era a... como é que ela chama... eu vou lembrar o nome dela... A irmã da Sueli, ela que entrou na Geografia. A Sueli entrou depois nas Sociais. Ela entrou nessa turma de 95 na Geografia. A Gorete. Maria Gorete, irmã da Sueli. Acho que era aqui, no Tuquinha, não sei aonde, era aqueles coquetéis que tinha que a gente chegava lá para filar o rango e o vinho, né?!

HENRIQUE PROFILI: Sempre, lançamento de livro, tinha lá salgadinhos...

MILSON TEODORO: A gente vinha com fome. Não tinha dinheiro para beber e a gente sempre entrava de penetra. Aí lembro do evento de Educação, a gente tava lá na cara de pau, e ela disse assim: “Nossa, estou emocionada”. Aí eu disse: “Por quê?”. Porque eu só queria comer e beber, né? Aí ela falou: “O Paulo Freire ali sentado”. Aí eu: “Quem é esse cara? Quem é esse tiozinho aí?”. Bem assim. “Você não conhece Paulo Freire?”. “Eu não, pô!”. “O cara da Educação”. Falei: “É mesmo?”. E tava aquele Cortella⁶² também. Cortella eu via direto.

HENRIQUE PROFILI: Foi orientando dele. O Paulo Freire foi orientador dele, parece.

MILSON TEODORO: É. Também trabalhou com ele na gestão de Educação da Erundina. Aí ele falou assim... O Cortella eu via direto aqui, né?! Antes dele virar a estrela. Falei: “ah”. Mas, eu não lembro se ele teve influência no Cursinho. Apesar que eu lembro que os pessoal que tava mais engajado, eles pediram um apoio para o pessoal, os professores. E tinha uns professores que eles não conseguiam engajar diretamente, mas davam um apoio.

⁶² Professor Mario Sérgio Cortella.

HENRIQUE PROFILI: Um suporte intelectual.

MILSON TEODORO: Isso, isso mesmo! De repente, pode ter corrido para esse lado, mas eu não lembro se ele tava vivo nessa época aí não.

HENRIQUE PROFILI: Isso é uma lembrança do Waldeir, que a gente ainda vai buscar porque o Waldeir está meio debilitado e não conseguiu vir aqui, então vamos ter que ir na casa dele, lá na Vila Alpina, lá na Zona Leste, onde ele mora, para tentar colher com ele esse depoimento dele que, bem ou mal, ele está desde o início. E, até 2020, que foi quando veio a pandemia, que a gente não conseguiu iniciar aquele ano ficando esses dois anos fora da PUC, ele também tava para dar aula, né?!

MILSON TEODORO: E ele sempre fala: “Vai dar aula lá, porra! Vai dar aula lá”.

HENRIQUE PROFILI: Aquela ajeitadinha nos óculos, né?

MILSON TEODORO: É.

HENRIQUE PROFILI: O Waldeir também é um desses caras que está aí nesse projeto, então...

MILSON TEODORO: É isso mesmo e aí teve isso. Teve toda essa história e eu, depois foi isso. A gente acaba encontrando gente do Cursinho. O Cursinho foi importante, eu imagino, para mim nem tanto, mas o que foi importante para mim, aqui na carreira, na mudança de visão de mundo, foi o centro acadêmico.

HENRIQUE PROFILI: A política estudantil a partir do centro acadêmico.

MILSON TEODORO: A política estudantil a partir do centro acadêmico, primeiro na Geografia, que tinha influência dos professores que eram mais progressistas, né? Tanto é que eu nunca esqueço que o Jorge Luiz Barcelos, que falou: “meu, essa gente aqui...”. 92, né?! Caiu o muro de Berlim, acabou a União Soviética, então era o fim da história e aqui os caras negavam Marx de tudo quanto é jeito, né? E aí o pessoal falou assim... Eu nunca esqueço do Jorge falando: “nós somos os únicos dinossauros daqui”. O pessoal tirava sarro.

HENRIQUE PROFILI: Tinha essa visão, né?!

MILSON TEODORO: Agora voltou, né?

HENRIQUE PROFILI: Dá uma depreciada, né?

MILSON TEODORO: É, tinha isso. Esse negócio de marca. O pessoal detonava. Era tudo os pós-modernos que eu nem sabia que existia.

HENRIQUE PROFILI: Pós-modernos... também não sabia. A gente aprende aqui, né?

MILSON TEODORO: Era os pós-modernos, que agora o marxismo voltou com tudo, né? Tá forte dentro das universidades. Ainda ontem, a universidade aqui, que tem uma tradição que sempre foi marxista, eram Ciências Sociais.

HENRIQUE PROFILI: Professor Lúcio Flávio⁶³ e outros...

MILSON TEODORO: Não. Ciências Sociais não. O Serviço Social. É mais forte no currículo.

HENRIQUE PROFILI: Serviço Social. Aldaíza Sposati⁶⁴.

MILSON TEODORO: Então, ela fez aquele mapa da fome. O primeiro, né? Aldaíza Sposati, a própria Luiza Erundina era professora aqui. Não sei se era ainda. Era professora do Serviço Social.

HENRIQUE PROFILI: Não sabia que ela tinha lecionado aqui na PUC.

MILSON TEODORO: É, quando eu entrei aqui, ela já não lecionava mais. Tanto é que... Você lembra da briga?

HENRIQUE PROFILI: Quando a Erundina veio visitar aqui a PUC, a primeira vez?

MILSON TEODORO: Foi a primeira vez depois de virar prefeita. Foi uma homenagem da Apropuc.

HENRIQUE PROFILI: Mas não foi uma que ela foi mega hostilizada?

MILSON TEODORO: Essa mesmo. Eu estava aqui. Foi na eleição do Pitta.

HENRIQUE PROFILI: Que o povo... Eu não lembro porque eu não estava aqui. Que o Prédio Novo começou a jogar um monte de coisa nela.

MILSON TEODORO: Jogaram xixi nela. Dentro dos copos. Eu estava em aula.

⁶³ Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida é professor de Política no curso de Ciências Sociais da PUC-SP.

⁶⁴ Assistente Social e professora do curso de Serviço Social da PUC-SP.

HENRIQUE PROFILI: O Rogério me contou. O pessoal subiu uma corrente humana nas rampas do prédio novo.

MILSON TEODORO: É. Isso mesmo. Eu tava aqui, tava em sala de aula porque eu sempre faltava. Vivia mais nos botecos do que lá. Eu não entendi muita coisa, depois que eu fui entender por que eu tinha essa postura, mas eu até que estudava um pouquinho. Aí eu estava em sala de aula, e tava aquele “rebuliço”, aí quando eu fui, o pau já tinha cantando lá em cima. Tava o Popó aqui embaixo, a Rute, acho que o Rogério... e aí a Erundina passou, os caras colocaram um monte de cartaz do Pitta, que era o cara que o Maluf tava bancando. Pra você ver, um preto... preto, mas não defendia a política de inclusão da população preta, pobre, né? Porque ele era da elite. Defendia a política do *status quo*... Aí o pessoal, isso foi o Rodrigues me falando, quando a Erundina passou, os caras... Olha o xingamento estranho, que você nunca viu... “volta para Nordeste, cabeça chata, não sei o que”... Os caras lá xingando ela, ela passou, não deu atenção, foi lá para o Tuquinha⁶⁵, na homenagem, e ficou uma turma aqui e outra lá batendo boca. Tanto é que, se eu não me engano, o pessoal do direito falou: “não foi o Direito não, esse pessoal aí é da FEA”.

HENRIQUE PROFILI: Da FEA, sim.

MILSON TEODORO: Aí quando os caras ficaram batendo boca, diz o relato, como eu não estava aqui na hora, o Popó me falou, o pessoal ficou cantando musiquinha, não sei o que, um xingando o outro, uns lá em cima e outros aqui, aí o pessoal resolveu subir quando os caras falaram: “vem, trabalhar para mim”. Aí o pessoal não aguentou, o povo subiu e aí porrada lá em cima. Tem documentário disso.

HENRIQUE PROFILI: Da Erundina?

MILSON TEODORO: Dessa briga.

HENRIQUE PROFILI: Não é aquele “Não se cala a consciência de um povo no território da PUC”, que é a história da PUC, da invasão...

MILSON TEODORO: Não. Esse aí... tem um. Fizeram alguma gravação dessa briga aí. Quando eu cheguei, a briga já estava dispersando lá em cima. Quando eu saí da sala.

HENRIQUE PROFILI: Lá no Prédio Novo ainda?

⁶⁵ Tuquinha é como era ou ainda é conhecido o Teatro de Arena da PUC (Tucarena).

MILSON TEODORO: Lá no Prédio Novo ainda. O pau cantou no corredor. Tava o Luizão⁶⁶, o Popó⁶⁷...

HENRIQUE PROFILI: Ele trabalhava na Emplasa⁶⁸, né?

MILSON TEODORO: Isso! Agora eu não sei onde que ele tá porque a Emplasa foi. Não sei nem se ele aposentou, né? E aí, teve essa confusão aí, tanto é que, a gente chegou aí porque a Erundina tinha a questão de visão mais de esquerda do curso, eu sei que tava dentro do Serviço Social. Serviço Social eu sei que tem essa tradição e aí a gente tinha esse pessoal que era hegemônico na Geografia, que eram mais progressistas, de esquerda também. Eu tinha que ler lá, no primeiro semestre que entrei, acho, eles pediram para a professora de Serviço Social para dar o Marx para gente. Entendi porra nenhuma.

HENRIQUE PROFILI: Por mais que acho que deveria ter algum colega seu de sala que devia saber para caramba, devia ter alguns como você, ou até como eu, que não sabia nada. Eu entrei aqui completamente despolitizado.

MILSON TEODORO: Despolitizado. E aí a gente foi. O movimento dos centros acadêmicos é o início da formação política mesmo. Eu lembro que quando eu entrei, eu fui recepcionado, como eu não tinha como pagar, quem me recepcionou foi a Débora e a Rute, elas organizaram o pessoal... “Quem que não pode?”. Elas passaram na sala, acho que foi na sala ou anunciaram aqui, acho que elas passavam nas salas. Quem não tinha condição de pagar, fazia matrícula semestral, que eles iam fazer uma renegociação coletiva, que era melhor. Aí a Débora, eu sei que a Débora pegou, a gente escreveu uma cartinha lá, manual, choramos as pitangas. Miséria lá de renda, que não tinha renda, morava lá em Guaianazes, tava sempre pegando bico. Depois que eu saí do hospital, não peguei mais, só peguei uns dois empregos registrados e depois de um tempo eu vivi de estágio, e aí ela fez e pegou, fez a primeira renegociação coletiva, né? Já era os 20%. Depois a PUC obrigou quem tem bolsa... a gente pegava bolsa restituível, aí quem tem bolsa restituível da PUC é obrigado a fazer a matrícula do... como chama? Do crédito educativo.

HENRIQUE PROFILI: Creduc, né?

⁶⁶ Aluno do curso de Geografia da PUC-SP.

⁶⁷ Roberto Rodrigues é uma figura recorrente nas entrevistas de alguns colaboradores. Aluno da Geografia

⁶⁸ Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A.

MILSON TEODORO: Não.

HENRIQUE PROFILI: Tinha o Creduc e o Fies, que era o Fies do Fernando Henrique ainda.

MILSON TEODORO: É, que substitui o crédito educativo. Que ninguém pagava. Na verdade, fica a dívida.

HENRIQUE PROFILI: O Michel conta... é, às vezes ele veio fazer umas aberturas de aula inaugural e ele conta essa trajetória toda aí que perpassa muito por isso. Hoje, a gente tem muitos colegas que, até hoje, têm aquela dívida, como você mesmo já comentou, enorme com a PUC.

MILSON TEODORO: É, aí vem lá. Aí a PUC falou, quem não tem é obrigado. Por que eles faziam isso? Eles sabiam que o Milson não ia pagar de jeito nenhum, então vamos garantir 80%, que a Caixa paga.

HENRIQUE PROFILI: Pelo menos uma parte, né?

MILSON TEODORO: Isso! E os 20% vira essa dívida astronômica.

HENRIQUE PROFILI: Eu cheguei a ter bolsa reconstituível e tive que renegociar com eles.

MILSON TEODORO: Eu não sei que rolo que eu fiz que a gente deu um vacilo nessa questão da dívida, pro pessoal da turma, desses 20%, que a gente fez alguma que deixou passar batido que virou um processo judicial...

HENRIQUE PROFILI: Mas, eu acho, que foi quando a Fundação São Paulo começou a cuidar disso.

MILSON TEODORO: É, que ela mandou o pessoal a começar a cuidar da PUC. Mas, eu acho, que eles chamaram e aí eu vacilei. A vida nossa é uma loucura, né? E aí foi isso. Eu peguei essa questão da dívida. Tanto é que essa questão de negociar, de lutar a formação política, que a gente... aí depois o pessoal pergunta: “e bolsa? Como é que você estuda na PUC?” Eu falei: com bolsa. E aí a gente foi entendendo, que o pessoal entrou tudo pelo Fies.

HENRIQUE PROFILI: O Amaílton⁶⁹ entrou na sala hoje falando das bolsas da Universidade.

MILSON TEODORO: Era Fies. O Amaílton, quando eu entrei, ele já estava terminando com o Saloma⁷⁰, né?

HENRIQUE PROFILI: Sim, ele já era veterano.

MILSON TEODORO: Sim, o Saloma já estava terminando o mestrado. Acho que era o mestrado na época. O Amaílton estava saindo da graduação, acho que ele já estava entrando no mestrado e ele namorava a Egli, que... ficava sempre o Amaílton, Egli e Vanderlei e Débora, que eram os dois casais, que eu via sempre junto. Se eu não me engano eles até moravam juntos.

HENRIQUE PROFILI: Acho que Amaílton é um dos únicos professores negros aqui do quadro da PUC.

MILSON TEODORO: Eu falava: “pô, Amailton, tá ganhando dinheirão!”. Ele falava: “Mílson, tô ganhando uma miséria”. “Cê tá brincando”. É mais *status*. Quando eu fui falar com a Marta, que é secretária da Fono, ele falou “Mílson, paga uma miséria”. O cara ganha mais é por *status*. Depois teve a Marina, que foi uma menina que conheci, que entrou depois, fez o mestrado e estava dando aula aqui em Geografia da PUC e falou: “Mílson, eu dou aula aqui mais por *status*, porque não paga nada”. Pagava mais porque ela dava aula lá em Mogi. E aí, o Amaílton, tanto é que eu tava no MST, eu tava com um grupo de movimento negro dentro do MST, para fazer a discussão com os acampados e aí eu liguei para o Amaílton fazer uma palestra para nós, que ele trabalha com a diáspora. Inclusive, ele deu aula com o dono da casa da onde eu moro, com o irmão, né? O filho dele fez História aqui e ele pegou aula com o Amaílton.

HENRIQUE PROFILI: Outro dia eu achei umas fotos aqui no CACS de uma visita que o CACS organizou para o MST em 97 e tava lá o Amaílton nas fotos e uma galera que eu não sei quem eram.

MILSON TEODORO: Tem o José Rainha aqui. Senão me engano, eles trouxeram José Rainha aqui. Uma vez trouxeram os caras que sequestraram o Abílio Diniz também.

⁶⁹ Atualmente, é professor da Faculdade de História da PUC-SP.

⁷⁰ Salomão Jovino da Silva é músico e pesquisador.

HENRIQUE PROFILI: Foi. A gente conheceu ele lá na Unicamp, em um encontro de estudantes de História e nessa conversa do vai e vem, porque os caras do semiaberto faziam limpeza na Unicamp e quando ele descobriu, era Raimundo Rosete, ele era lá da estadual do Ceará, ficava na Federal do Ceará... Eu também tirei um tempo, assim, assim, assado, a gente descobriu que era brasileiro que participou do sequestro do Abílio Diniz. Ele escreveu um livro, relatando isso...

MILSON TEODORO: Tava lotado. Não dava nem para chegar.

HENRIQUE PROFILI: Ele dormiu aqui no CACS ainda. Não tinha dinheiro para pagar a estadia. Eu digo a gente porque eu trabalhava aqui como funcionário e volta e meia eu tava funcionário do CACS, fazendo articulação de várias coisas. Eu lembro disso. Ele era mó gente boa. Conhecemos ele em Campinas e trouxemos lá de Fortaleza até aqui. Fomos buscar ele em Guarulhos, passamos na frente da penitenciária onde ele ficou.

ENTREVISTA – 06 – WALDEIR MORENO ROSA

HENRIQUE PROFILI: Estamos aqui com o sexto entrevistado da pesquisa sobre o Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP. Atualmente, conhecido como Valdemar Gomes, mas até 2020, Cursinho Popular dos Alunos da PUC – São Paulo, um local de resistência e formação. Seja bem-vindo e obrigado de novo por estar aqui! Gostaria que se se apresentasse e falasse um pouco sobre sua história.

WALDEIR MORENO: Eu sou Waldeir Moreno Rosa, estudei Geografia na São Marcos e trabalhava com essas coisas de confeitaria junto com a família. Mas como eu queria sempre estudar, fui fazer Geografia na São Marcos, mas foi um curso que deixou a desejar um pouco. Daí a Rita, uma amiga nossa, foi estudar na PUC e falou que tínhamos que estudar lá porque as matérias de humanas eram melhores na PUC, isso em 1994. Em 1995, eu e o Erlani fomos para lá, a Rita já tinha ido antes, né? Daí eu falei para fazermos História na PUC. Passou 1996, 1997 e mais ou menos quando foram as turmas de maio, a gente começou a pensar essa ideia do cursinho. Isso em maio de 97. E estudando História, a gente começa a ir para o centro acadêmico, eu era tesoureiro, veja só, o Francisco era o presidente e o Roberto Rodrigues o vice-presidente do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Um dia, estou eu e o Francisco conversando e já estava em formação o cursinho do Neafro⁷¹, lembra do cursinho? O cursinho do Neafro tinha um problema e sérias questões. Nesse dia que estava eu e o Francisco conversando, o Roberto Rodrigues entra lá no centro acadêmico falando “Chiquinho e Waldeir, o cursinho lá rachou. Vamos trazer o cursinho pra cá?”. Eu disse “sim” e o Francisco também. Depois disso, começamos a nos mexer, isso em maio mais ou menos. O Cursinho começou no final de agosto e já tinha 600 alunos, no último semestre do ano de 97. Primeiro, o pessoal da Geografia tinha feito uma pesquisa pra denotar quem eram os alunos da PUC e de onde vinham os alunos da PUC. Aquela história de uma faculdade comunitária, né? Mas essa ideia de comunidade trazia alunos de onde? A gente via que eram só alunos da redondeza e uma exceção ou outra eram alunos que vinham de lugares mais longe. A ideia do Cursinho era trazer gente de longe para saber que existia universidade ali no centro da cidade praticamente e que era possível fazer um curso pré-vestibular, fazer vestibular nas universidades públicas e inclusive na PUC,

⁷¹ Neafro – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da PUC-SP, surgido nos anos 1980 e responsável por desenvolver “estudos sobre a população afrodescendente e sua cultura, focando especialmente as relações raciais, participando e realizando eventos que tirassem o negro da invisibilidade em que então vivia até os anos 90.” (BERNARDO, 2009, p. 269).

sem precisar gastar. De que jeito a gente iria financiar o Cursinho? Começamos a pedir ajuda para todos nos centros acadêmicos. O Centro Acadêmico de Serviço Social foi o primeiro, depois o da Educação, a própria Psicologia apoiava.

HENRIQUE PROFILI: E nesse período você era da graduação da PUC? Quando você se formou lá?

WALDEIR MORENO: Eu fazia graduação na PUC, mas já dava aula nesse período porque eu tinha a graduação em Geografia na São Marcos. Eu me formo em História pela PUC em 98.

HENRIQUE PROFILI: Você tem alguma pós-graduação?

WALDEIR MORENO: Tenho pós-graduação na USP, depois que eu me formei. E lá na PUC, tenho mestrado em História Social que cursei de 2012 a 2015. Sou mestre em História Social pela PUC São Paulo.

HENRIQUE PROFILI: No final de 97 vocês estavam com 600 alunos dessas escolas onde vocês foram inicialmente fazer a divulgação?

WALDEIR MORENO: Isso! Fizemos a divulgação na Santa Casa, na Escola Paulista de Medicina, na USP, até naquela faculdade de direito na liberdade FMU, na Oswaldo Cruz lá embaixo na Barra Funda. A gente trouxe professor de todos os cantos pra dar aula com a gente. Quero dizer, eram professores-alunos, porque o conteúdo do pré-vestibular é o conteúdo do Ensino Médio, pelo menos a grande parte. Então, professores que estavam já na graduação dessas escolas, podiam dar aula junto com a gente e foi isso que fizemos, né. Buscar professores e divulgar nas escolas públicas de toda a região, desde Barueri, Francisco Morato, Franco da Rocha, Perus, Itapevi e outros lugares. Na zona sul, na região ao fundo de Santo Amaro, Campo Limpo, Capão Redondo. Na zona leste, Itaquera, Itaim, São Miguel Paulista, tinham muita gente de São Miguel que participava. Lembra do Douglas? Ele fez mestrado e chegou a virar mestre pela PUC, depois de fazer cursinho com a gente, fez graduação e mestrado.

HENRIQUE PROFILI: Esse foi o primeiro semestre de 97?

WALDEIR MORENO: Uma das coisas que aconteceu, nós pedimos as salas de aula para a PUC, fizemos essa reivindicação e a PUC negou essa concessão a princípio. Ela disse que até concedia as salas de aula, mas somente se a gente pagasse um valor de aluguel que na época era R\$ 600,00.

HENRIQUE PROFILI: Então a PUC chegou a cobrar aluguel das salas de aula?

WALDEIR MORENO: Isso! Eles falaram que poderiam ceder o espaço, mas em troca de cobrar o valor de aluguel. Mas aí a discussão era a seguinte com eles: o curso era gratuito, os alunos não iam pagar nada. De onde é que a gente iria tirar dinheiro para pagar aluguel na PUC? Quer dizer, nós tomamos o espaço, acabou acontecendo isso. Levamos 600 alunos, mas tiveram 2.400 inscritos né. Mais de 2.000 alunos inscritos pra 600 vagas. O processo para admissão era sociocultural, econômico e cultura, mais ou menos. Ou seja, precisava provar que era aluno de escola pública, que estava no terceiro ano do colegial e ainda tinha toda uma série de questões para responder sobre a questão econômica: Onde vivia? Como vivia? Se pagava aluguel ou não? Tudo para a gente saber se o aluno realmente não tinha condição de pagar para conquistar uma vaga. A ideia era essa, desde o início sempre foi essa.

HENRIQUE PROFILI: Existia algum outro cursinho pré-vestibular popular no qual vocês se inspiravam na época para poder organizar e pensar nesse da PUC?

WALDEIR MORENO: Não teve referência. A referência foi do Roberto, do Francisco e principalmente do pessoal da Geografia da PUC. Alguns da História, outros das Ciências Sociais e muita gente também do Serviço Social que ajudou a elaborar as planilhas. A professora Bia Abramides⁷², esqueci o nome dela. Também tinha a professora Vera⁷³, um outro professor que eu esqueci o nome, o Edson Nunes⁷⁴ e o Edimilson⁷⁵. O Edimilson abriu por mais de um ano a aula inaugural do cursinho lá no TUCA né.

HENRIQUE PROFILI: O que é um cursinho popular na sua visão?

WALDEIR MORENO: O Cursinho Popular era exatamente trazer no caso da PUC, aluno de escola pública e de lugares distantes da universidade. De lugares bem distantes que, aliás, já tinham alguns alunos, mas ainda eram exceções que estudavam longe. E a questão de ser popular era exatamente para os alunos de escola pública saberem que existia a possibilidade de estudar em uma universidade, tanto na PUC quanto numa USP. Quantos entraram na USP? Vários entraram! Entraram na própria Escola Paulista de Medicina, na Santa Casa para fazer Enfermagem, para fazer Biomedicina e vários na

⁷² Maria Beatriz Costa Abramides é professora da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP.

⁷³ Vera Lúcia Vieira é professora da Faculdade de História da PUC-SP.

⁷⁴ Professor do Departamento e política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

⁷⁵ Professor de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

USP foram fazer Geografia e História. O que quero dizer, é que essa é a ideia de descolar no sentido de “é interessante nós morarmos aqui no nosso reduto, mas tem um outro mundo a parte que está distante e a gente precisa atravessar a cidade para estudar”. E saber que tem gente que está disposta a alterar uma série de realidades que na periferia não existe muitas vezes. Hoje, até existe mais e foi depois do Cursinho da PUC que surgiram muitos cursinhos, mas antes eu não sabia de cursinho popular.

HENRIQUE PROFILI: E nessa época que você estava envolvido na política do movimento estudantil, como você caracterizaria o movimento estudantil da PUC?

WALDEIR MORENO: Era de bastante resistência, né. Eram os estudantes todos reivindicando e questionando os valores todos que a PUC queria cobrar, reivindicando acesso e essa questão de a possibilidade de todo mundo ter direito a estudar. A PUC de alguma forma sempre criava algumas barreiras, mas no fim acabava concedendo. Com muita resistência e com muita valentia dos estudantes, chegando até a invadir a Reitoria, muitos faziam isso também por conta das mensalidades caras que eles pagavam, mas tinha também a ideia do Cursinho que contribuía junto com os estudantes, né. Era a própria resistência dos estudantes para uma escola comunitária, como se dizia a PUC.

HENRIQUE PROFILI: Como era para você esse processo de criação, gestação e atuação nesse período inicial de cursinho? Como você enxerga hoje o Waldeir do final dos anos 90?

WALDEIR MORENO: A gente via uma grande separação ali entre os cursos na PUC. Então tinha o Direito, a FEA (Faculdade de Economia e Administração) e lá do outro lado tinha o Jornalismo, mas o Jornalismo também colaborava muito com o CACS e o próprio Cursinho, e tinha essa ideia de resistência mesmo, né. Por que em 95, enquanto estava Dom Paulo Evaristo Arns⁷⁶ lá, por exemplo, os valores da mensalidade eram interessantes, não era uma coisa de outro mundo. Eu mesmo não pensava em outra possibilidade a não ser pagar aquela mensalidade de 95, mais que aquilo eu não teria condição. Mas depois, os valores foram subindo gradativamente e a gente vendo que se não tivesse uma luta e uma resistência, se não tivesse um embate para dar uma freada nisso e discutir, a gente vai estar fora daqui. E até quando a gente vai deixar isso ocorrer, vai deixar isso ao prazer de quem administra, de quem toma conta da Universidade? A própria Igreja Católica, que fazia questão de dizer que era uma

⁷⁶ Arcebispo de São Paulo de 1970 a 1998.

universidade comunitária, então vamos trazer a ideia da universidade comunitária de fato.

HENRIQUE PROFILI: Entre os grupos de professores e coordenação, existia alguma discordância em relação a isso?

WALDEIR MORENO: Sempre existia, né. Para o Cursinho sempre tinham aquelas ideias de que “ah, precisam estudar porque quem estuda precisa dar valor” ou “não, precisam fazer uma prova de capacitação para ver se o aluno vai conseguir seguir as aulas”. Quer dizer, essas ideias todas acabavam caindo por terra porque nós sabíamos principalmente sobre a crise da educação, que é uma política pública do PSDB já desde muito tempo. Então, como você iria fazer uma prova para excluir aluno? Não vamos fazer prova! Esse foi o embate que quase todos os anos acontecia entre nós alunos e os formadores de opinião e organização do Cursinho propriamente. Acontecia muito isso “vamos fazer uma prova porque tem aluno que não sabe escrever”, eu falei que então a gente teria que ensinar a escrever aqui. Não adianta a gente fazer igual todo mundo faz. A gente precisa trazer o aluno lá do terceiro ano e ele precisa, no processo, aprender o que precisa para entrar na universidade, era essa a questão. Agora, não vamos fazer mais um funil, a sociedade já está cheia de funil e vamos fazer mais um funil? Então isso era um embate bem grande, mas que ainda bem sempre conseguimos resolver a não fazer.

HENRIQUE PROFILI: Uma das propostas então era afunilar o quanto menos possível?

WALDEIR MORENO: É, sempre tinha essa ideia do afunilamento. As professoras de língua portuguesa “não, porque é difícil corrigir” e os professores de matemática: “mas ele não sabe dividir”. Então falei para fazermos uma atividade para ele aprender a dividir.

HENRIQUE PROFILI: Nessa época, você tem lembranças se os professores de português e matemática já atuavam como professores ou eram estudantes que estavam atuando no Cursinho para ganhar experiência?

WALDEIR MORENO: Eles eram estudantes que estavam atuando para ganhar a formação e experiência para dar aula, né. Foi assim comigo e com praticamente todo mundo, além de um cursinho pré-vestibular eu aprendi demais e eu me tornei professor no Cursinho dos Alunos da PUC. Mesmo já lecionando antes, ali a questão de você

aprender de fato e saber o processo, conseguir entender que cada aluno tem um processo de aprendizado e isso a gente aprendeu na PUC e com vários professores da educação como o Lorieri⁷⁷, tinha uma outra professora que eu não lembro o nome dela, mas era fantástica. Ela dava aula de psicologia da educação. E o Paulo Freire ainda estava vivo e ele achava magnífico, eu cheguei a conversar com Paulo Freire e falou assim “Que coisa maravilhosa que vocês fizeram! Chama os porteiros e os trabalhadores da limpeza dos prédios e em volta da universidade para irem estudar lá com vocês.” Eu ainda lembro disso. Ele deu uma sugestão a mais e estar entusiasmado com a ideia.

HENRIQUE PROFILI: Você lembra se ele chegou em vocês ou você foi sozinho?

W: Eu cheguei nele um dia, ainda estava o Décio Pignatari lá e tudo, fui contar pra ele do Cursinho. Isso aconteceu principalmente quando estava tendo o movimento da Faculdade de Educação, parece que ia ter uma reforma universitária, e a gente acabou se conhecendo e conversando sobre essas mudanças de currículo. Foi assim que a gente se conheceu.

HENRIQUE PROFILI: E a relação entre PUC e Cursinho, daquilo que você vive, revive e relembra, o que você tiraria disso? Você acha que teve mais embates ou houve mais ou menos acordos em prol da PUC no cursinho?

WALDEIR MORENO: Sempre teve embate. Teve uma época que uma moça, eu não lembro o nome dela, acho que era Celina, ela chegou a arrumar a escola de samba Camisa Verde e Branco⁷⁸ e conseguiu espaço lá para levar o Cursinho e eu falei que não. Ela era uma moça da Reitoria, na área do direito. Mas a ideia do cursinho não era essa, porque a região já estava próxima à Marginal⁷⁹. Eu mesmo disse que não, mas não era só minha opinião que valia, então eu ia conversar com os meus amigos, mas eu tinha certeza de que ninguém vai aceitar porque a proposta do Cursinho é exatamente ao contrário. É trazer os alunos da periferia aqui para o centro, para a universidade. Ela disse “mas já tá tudo arrumado, tudo descrito, eles vão aceitar vocês e a quantidade de alunos vai aumentar” e eu respondi “não, querida, eu preciso conversar lá com o pessoal do Cursinho, que ajuda a organizar, porque não sou só eu e tem muita gente. Tem o Roberto, o Francisco e é um coletivo enorme com muita gente”. Eu sei que isso acabou ali, nunca mais chamaram e ainda bem. Mas todo ano tinha um problema, todo ano

⁷⁷ Marcos Antonio Lorieri foi professor de Filosofia da Educação da PUC-SP entre 1974 e 2006.

⁷⁸ Escola de samba localizada no bairro da Barra Funda.

⁷⁹ Avenida Marginal Tietê.

precisava mandar, vinha alguma resposta sempre com alguma coisa mais complicada e demorou bastante tempo para a PUC aceitar a ideia do Cursinho dentro da Universidade. Até porque a gente precisou provar que os alunos eram pobres, mas não iriam lá para roubar ou fazer outra coisa a não ser para estudar. Na verdade, isso levou um tempo para a Universidade entender.

HENRIQUE PROFILI: Você acha que demorou mais do que entre 97 e 2006, esse período que a gente está falando inicialmente?

W: Nesse período principalmente, foi o período de mais embates e depois parece que vai aliviando um pouco mais. Depois a PUC cria um outro cursinho, o Foco.

HENRIQUE PROFILI: Ao mesmo tempo que teve o Cursinho Popular dos Alunos da PUC, teve o Cursinho do Leão XVIII e a PUC chegou a criar o Foco, se eu não me engano em 2006 também.

WALDEIR MORENO: O Cursinho do Leão XVIII eu cheguei a dar aula.

HENRIQUE PROFILI: Essa é até uma questão importante porque a gente tem pouquíssimos registros no Centro Acadêmico Leão XIII, que foi uma iniciativa da Faculdade de Economia e Administração, eu não lembrava que você tinha dado aula lá. Como se dava a relação entre o Cursinho dos Alunos e da FEA e trabalhar nos dois lugares?

WALDEIR MORENO: Era bem diferente, a FEA cobrava mensalidade dos alunos e eles diziam para os professores que iriam pagar, mas eu mesmo nunca vi um real. Durou o período de um ano, começou mais ou menos em março e foi até dezembro de 2003, se eu não me engano. E a PUC não aceitou porque o cursinho era cobrado dos alunos, tinha mensalidade para os alunos, e eles tinham o CNPJ. Os cursos de Administração, Economia e Ciências Contábeis, repassavam para o Centro Acadêmico um valor considerável, né. E eles ainda iam cobrar mensalidade dos alunos? Eu sei que a PUC, por conta de eles terem organizado, suportou aquele ano e no outro ano não teve mais. Isso também era um embate que a gente sempre conversava, porque muita gente defendia que tínhamos que ter CNPJ e eu dizia que não. Porque se tivéssemos um CNPJ, nós iríamos fazer parte dessa questão legal de compromisso de trabalho, e a ideia não é um compromisso de obrigação, e sim uma resistência de sociabilizar a ideia do conhecimento.

HENRIQUE PROFILI: Se era uma construção coletiva, quem seria o responsável por isso tudo?

WALDEIR MORENO: Uma parte queria e outra não, então nós vamos para a votação. E na votação acabou ganhando que não fazia sentido abrimos o CNPJ. Era tudo feito no voto e democraticamente. Era levado no grupo e decidido na votação. Ainda bem que sempre a proposta para não criar uma empresa legal, até porque não era uma empresa e sim um trabalho voluntário e espontâneo das pessoas que detinham conhecimento irem lá e sociabilizar o conhecimento com aqueles que não tinham condições de pagar um cursinho.

HENRIQUE PROFILI: Você acha importante essa questão do compromisso com o voluntariado?

WALDEIR MORENO: Até hoje é importante, mas vamos pensar que desde 2018 pra cá ficou uma coisa complicada. Tanto por conta da política do presidente que ganhou, quanto por questões de doenças que aconteceram. A PUC ficou fechada por mais de dois anos, complicou tudo. Mas também complicou um pouco essa questão própria das pessoas se individualizarem mais ainda e acharem que cada um tem que fazer por mérito próprio e ninguém faz por próprio, todo mundo precisa de ajuda, né. Como dizia o velho Sócrates “eu só me completo com o outro”, o outro não pode ser aquele que me opõe, o outro tem que ser aquele que me ajuda a compreender.

HENRIQUE PROFILI: Na metade dos anos 2000, a PUC começa com o Foco⁸⁰, que acaba sendo um outro cursinho que existe na mesma instituição, mas não se localiza fisicamente no campus Perdizes, que é onde o Cursinho Popular dos Alunos da PUC está desde sempre.

WALDEIR MORENO: Desde 97 em Perdizes.

HENRIQUE PROFILI: Parece que era Santana e Barueri, mas mesmo assim nós tínhamos professores que trabalhavam ao mesmo tempo tanto no Cursinho Popular quanto no Foco.

WALDEIR MORENO: Teve sim. Teve alguns professores que trabalhavam no Foco por conta de convites de professores que organizaram o Foco e que chamavam outros

⁸⁰ Foco Vestibular é o nome fantasia de uma proposta de Formação Complementar para Vestibulandos como iniciativa da Universidade, que existiu entre 2005 e 2013.

professores ou alunos que tinha sido do cursinho e já tinham entrado na universidade e eram convidados para dar aula no Foco.

HENRIQUE PROFILI: E os alunos participavam do trabalho de campo do Cursinho Popular, né?

WALDEIR MORENO: Exatamente, trabalhavam tanto no Foco quanto no Cursinho Popular. Isso era interessante, né.

HENRIQUE PROFILI: E os alunos do Foco algumas vezes ainda compartilhavam de algumas atividades com o Cursinho da própria PUC.

WALDEIR MORENO: Isso mesmo.

HENRIQUE PROFILI: E você dá aula no Cursinho desde o princípio?

WALDEIR MORENO: Desde o princípio, desde o primeiro dia.

HENRIQUE PROFILI: Como você lembra da elaboração da proposta pedagógica do cursinho, no geral? E sobre a montagem do seu curso de história?

WALDEIR MORENO: Foi comprida e trabalhosa. A professora Beatriz Abramides, ela se sentava com a gente no CACS e tiveram dias de semana que saímos de lá 2h ou 3h da manhã, conversando como iria ser o Cursinho e como iria acontecer. Como falei para você, a gente não tinha referência de nada, de nenhum cursinho. A gente tinha referência de cursinhos que eram espalhados pela cidade, mas que cobravam mensalidade como Anglo, Etapa, Med, Poli... pois é, a gente sabia desses cursinhos. Mafalda veio depois, aquele cursinho da Psico da USP veio depois, aquele outro cursinho que tinha da FFLCH veio depois e inclusive eu dei aula naquele cursinho. Eles pagavam direitinho até lá, era pago na USP e os alunos também pagavam, tanto é que a USP não deixou eles muito tempo lá. Você tá vendo? Quando envolve dinheiro é essa coisa, os alunos também iam da periferia lá para a FFLCH e pagavam mensalidade. A gente ia lá muito mais por um trocado, mas era interessante porque eu dei aula na sala Caio Prado. Mas também não durou muito tempo, a USP viu que eles estavam cobrando mensalidade e queria dividir, mas eles não aceitaram e tiveram que mudar de lugar. E eles arrumaram um lugar lá perto da Belas Artes na Consolação, e saíram da FFLCH. É isso, essa questão de envolver dinheiro é muito complicada.

HENRIQUE PROFILI: E o trabalho pedagógico ou a atuação dos professores, como era feita essa decisão e como era organizado?

WALDEIR MORENO: O trabalho pedagógico também era um embate muito grande. Escrevíamos lá todinha a proposta pedagógica do Cursinho, mandávamos para a Faculdade de Educação e aí ficava complicado. Era um embate enorme porque vinham professores de lá e discutiam “mas esses pontos não estão certos, vocês estão fazendo uma escola revolucionária”, “mas, professora, explica onde é que está a revolução aqui no texto?” Uma das ideias era do próprio Paulo Freire que era a pedagogia da autonomia, quer dizer, não era só a gente exatamente ficar como protagonistas, mas também ouvir os alunos sobre o protagonismo deles. Sobre aquilo que eles traziam de vivência da periferia e qual conhecimento, tinha uma troca muito intensa, e quem lia isso criava caso. Lamentavelmente, Paulo Freire já havia falecido. Mas aí criavam um caso e a gente mudava o texto para as coisas fluírem, né. Na verdade, era isso o que acontecia.

HENRIQUE PROFILI: E a questão do conteúdo de história em si, quando vocês faziam a reunião da coordenação de história, vocês escolhiam qual modelo seguir? Se seriam mais conteudistas ou não? Até mesmo porque o primeiro ano foi só um semestre, apesar de depois ter 98, 99 e continuamente foi o período do ano letivo todo. Mas como era as escolhas o grupo de história trabalhar na sala de aula no começo?

WALDEIR MORENO: Uma das atenções que a gente tinha e que também não poderia ficar perdido é que os alunos estavam lá para passar no vestibular. Mas também tinha uma questão muito importante que era de falar sobre o contexto social, então as aulas de história tinham que abarcar toda a questão do processo histórico do Brasil, não seriam só aulas de história ou só para falar *stricto sensu* da história. Quer dizer, tinha toda uma discussão dos porquês, de fazer os nexos com os processos históricos, desde o descobrimento até aqui. Porque a ideia era ter conteúdo, mas também de localização individual de cada um na sociedade, saber de si e isso era muito interessante. Porque não ficava só na ideia pragmática e mecanicista de datas como víamos no vestibular, tinha que ter isso também, mas também precisava de uma discussão sobre os contextos históricos do nosso Brasil. O que também era uma discussão enorme, porque às vezes tinha muito conteúdo e pouco tempo.

HENRIQUE PROFILI: Tinha algum tipo de material auxiliar que vocês chegavam a usar?

WALDEIR MORENO: Ah, sim! A xerox ajudava a gente, mas a PUC a princípio não cedia os equipamentos. Nós que improvisávamos lá, quem tinha trazia e a gente fazia alguma coisa. Tinha o Amauri, que chegou a dar a televisão para o centro acadêmico e a gente usava a televisão e levava para as salas. Mas a PUC não cedia material, a não ser as salas de aula.

HENRIQUE PROFILI: Você se recorda como foi introduzida a rotina dos trabalhos de campo como parte do currículo do Cursinho?

WALDEIR MORENO: No começo, não tinha trabalho de campo, essa ideia surgiu depois de alguns anos e também veio, em grande parte, com o pessoal da Geografia. Porque a cidade é um grande caminho, e os alunos percorriam um grande caminho né. Imagina um aluno vindo de Francisco Morato, Perus, Franco da Rocha e Barueri, olha que interessante que era você discutir, por exemplo, na geografia e também na história todos aqueles elementos de passagem na janela do trem. Quantas coisas que você não vê na janela do trem acontecendo até chegar aqui na PUC São Paulo? O centro da cidade tem um contexto histórico e geográfico fantástico, foi assim que surgiu os trabalhos de campo que aconteciam duas vezes por ano. Um era no Primeiro de Maio e o outro era quase no encerramento do Cursinho próximo a novembro, no Pico do Jaraguá ou então no Parque Ecológico do Tietê, indo pela Dutra. A gente foi lá muitas vezes também.

HENRIQUE PROFILI: E qual é a importância de incorporar um tipo de atividade dessa para o currículo e vivência dos alunos que provavelmente não devem ter essas vivências a partir da própria escola deles?

WALDEIR MORENO: O Parque Ecológico do Tietê, assim como o Pico do Jaraguá, era fantástico porque até os bichos que eles não estavam acostumados a ver a gente acabava encontrando no meio do caminho, como as capivaras, os saguis, os tucanos, como a gente viu, os gaviõezinhos e todas a geografia fantástica e natural ainda. Era muito interessante para falar das questões geográficas e da transformação dos espaços da cidade, que sofre há mais de 500 anos uma depredação/pavimentação, a ideia era discutir toda essa questão da transformação da cidade junto com a história, geografia e a sociologia. O Cursinho era bastante voltado para humanas, mas tinham alunos que

passavam nas exatas também, porque faziam boas redações e tinham bons professores de língua portuguesa. O Possar⁸¹ fala cinco línguas, né?

HENRIQUE PROFILI: Queria te agradecer, vamos encerrando por aqui nossa sexta entrevista sobre a história do período inicial do Cursinho Popular dos Alunos da PUC de 97 a 2006, e obrigado Waldeir por dividir essa memória.

WALDEIR MORENO: A história do Cursinho na PUC é uma história *sui generis* no sentido de que o próprio reitor, o Ronca⁸², ele ia na MTV e fazia propaganda lá. Tinha um espaço que era mais ou menos semipúblico assim, ao vivo, e ele fazia propaganda: “A Universidade tem um cursinho gratuito, organizado pelos alunos da PUC. Vão lá, quem está ouvindo é só chegar, tem um processo de inscrição e tudo mais”. Quer dizer, isso pra gente era ótima, além da reciprocidade que tínhamos dos alunos que aprendíamos muito com eles e eles, de certa forma, aprendiam com a gente, que estávamos lá voluntariamente falando sobre o gênero humano, que é uma história e tanto.

⁸¹ José Possar é professor língua portuguesa, literatura e redação no Cursinho e está aposentado da rede pública estadual desde 2015.

⁸² Antonio Carlos Caruso Ronca foi reitor da PUC-SP entre 1993 e 2004.

2 – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: O Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP – Valdemar Gomes como espaço de formação e resistência (1997 – 2006).

Pesquisador Responsável: Henrique Antonio Profili de Souza

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa tem como objetivo reconstruir a trajetória do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP e sua história enquanto instituição escolar.

Investigar a história do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP, situando-o no âmbito de outras experiências genericamente denominadas como “cursinhos populares” e em relação a outras duas experiências de pré-vestibulares que ocorreram na PUC-SP. Investigar o Cursinho como um espaço amplo de formação política tanto de professores como de alunos.

Procedimentos:

Em aceitando participar desta pesquisa o seu envolvimento se dará da seguinte forma: participando de entrevista e autorizando a utilização dos dados registrados durante os encontros em plataforma on-line, gravações, e dos registros realizados em portfólio on-line.

Desconfortos e riscos:

Sobre os possíveis riscos apresentados pela pesquisa, é preciso afirmar que a pesquisa poderá envolver “riscos mínimos”. Em nenhuma hipótese representa prejuízos à saúde física, psíquica, intelectual, moral, social, espiritual e cultural dos participantes e seguirá as normatizações éticas atendendo as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos, aprovadas pelo artigo 3º da Resolução CNS 510/2016 (BRASIL, 2016). Todavia, percebendo a existência de qualquer constrangimento poderá optar, durante o processo, não responder qualquer questionamento que gere desconforto ou não veja pertinência na exposição assim como poderão desistir de participar do projeto no seu decorrer. Os participantes também têm a garantia de anonimato e privacidade, contudo há existência do risco envolvendo quebra de sigilo. Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____

_____ Página 1 de 1

Benefícios:

Ao final da pesquisa será realizada a apresentação dos resultados para a equipe de professores entrevistados, o que envolverá uma oportunidade de reflexão dos mesmos sobre o seu processo de aprendizagem durante a formação. Desta forma, pretende-se que esta seja mais uma oportunidade de formação docente, ao convidar o professor a olhar para suas práticas docentes e refletir sobre os pontos que modificou, confirmou e para as práticas que deseja modificar.

Acompanhamento e assistência:

O pesquisador dará total suporte aos voluntários participantes dessa pesquisa, em caso de dúvidas sobre o desenvolvimento deste estudo.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado. E ainda, você tem o direito de retirada do consentimento a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo, ônus ou represália.

Ressarcimento e indenização:

Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes de sua participação nesta pesquisa, se for o caso.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador Henrique Antonio Profili de Souza. Rua José de Noronha, 146. São Paulo - SP, 05741-220. contato (11) 988028752. Email: primotonico@gmail.com.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FCMS – PUC-SP na Rua Joubert Wey, 290 – Sala 506 (5º andar do prédio da faculdade) – Vergueiro – Sorocaba/SP – CEP 18030-070 – Fone: (15) 3212-9896 e e-mail: cepfcms@pucsp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP):

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas. Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante:

E-mail (opcional): _____

Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

3 – Lista documental

1997:

08/10/1997 – carta/ofício - Da professora Vera Neves para a assessoria da VRAC (Vice-Reitoria Comunitária). Discorre a respeito da realização do projeto piloto do Cursinho pré-vestibular desde que todas as responsabilidades sejam assumidas pelos alunos e exime a Universidade de qualquer eventualidade que venha a acontecer dentro de suas dependências. O documento ainda ressalta que não há possibilidade de se fazer empréstimos de equipamentos de áudio visual, fala-se de uma possível cobrança para a cessão de salas da Universidade (já que as atividades do Cursinho não dizem respeito à Universidade), já que isso acarretaria o pagamento de hora extra para os funcionários da PUC e por estar em contenção de despesas isso seria inviável. Há ainda um cronograma da Universidade mostrando a ocupação das salas ao longo do ano para eventos já programados.

13/10/1997 – ofício (Of. R. 768/97) – Da assessora da VRAC ao CACS (Centro Acadêmico de Ciências Sociais). A professora Maria Celina Nasser, assessora da VRAC, relata o interesse de alunos do CACS em realizar o “Cursinho Pré-vestibular para alunos de Escolas Estaduais” e diz que foi pedido para que apresentassem o seu projeto para que fosse discutido pelos setores competentes. Ela relata a “surpresa” ao ver seu nome envolvido em decisões as quais não aprovou ou foi informada, como o uso das salas ou do equipamento de áudio e vídeo. Diz que a proposta do Cursinho estava sendo discutida pela Vice-reitoria para ser ou não realizada e que apenas elucidou os alunos a respeito dos procedimentos a serem tomados. Desvincula-se de qualquer ligação ou atividade desenvolvida pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Diz-se triste por ter suas palavras “distorcidas” e que tudo que aprova ou desaprova na Universidade faz por escrito e não de forma verbal.

1998:

S/D – Cartaz para a escolha do nome da festa de fim de ano do Cursinho.

1998 – Carta: “Cursinho Pré-Vestibular”. Autor: Vanderlei Elias Nery. A carta contém descritas: as atividades do Cursinho em 1997, seus apoios estruturais, sua relação com a Universidade, apresentação do seu projeto para a Cepe e o CONSUN.

1998 – Abaixo assinado intitulado: “Pelo acesso à Universidade”. Contém mensagem de apoio à continuidade do Cursinho na PUC, um convite para que os estudantes participem. Este exemplar foi passado para os alunos do 1º ano da faculdade.

S/D – Projeto de elaboração do Cursinho. Apresentação e histórico com as realizações do ano de 1997 para o ano de 1998. Documento impresso, incompleto e com informações complementares ao texto feitas a mão.

S/D – Panfleto. Divulgação do Cursinho na PUC-SP. Breve introdução, com suas motivações e histórico do Cursinho, local e informações a respeito do funcionamento, período das inscrições e a documentação necessária. Estão fixadas também o período da inscrição, data de divulgação da lista de aprovados e data de início das aulas.

S/D – Panfleto. Convite para a docência voluntária no Cursinho nas áreas de exatas, biológicas e humanas. O parágrafo descreve brevemente o caráter de atuação e o público-alvo do Cursinho.

12/03/1998 – Comunicado. Do CACS e do Cursinho para a Vice-reitoria comunitária. Trata a respeito da realização de uma festa de recepção de calouros e para angariar fundos para o Cursinho a ser realizada no Pátio da Cruz da Universidade. O documento, no verso da primeira página tem o despacho da Vice-reitoria com sua resposta. Há ainda, em anexo uma distribuição de tarefas entre os membros organizadores da festa.

03/1998 – Cartaz e panfletos de divulgação da festa no Pátio da Cruz a ser realizada em 13 de março do mesmo ano.

06/05/1998 – Comunicado. Do Cursinho para o CAFIL (Centro Acadêmico de Filosofia). Dispõe a respeito da necessidade da doação de cotas para fotocópias nas copiadoras dos centros acadêmicos e para a doação de outros materiais para o desenvolvimento do seu trabalho. O texto do comunicado aponta que uma cópia do pré-projeto do Cursinho foi encaminhada a todos centros acadêmicos também, já que “o definitivo ainda não está totalmente definido com a Reitoria”.

06/05/1998 – Comunicado. Do Centro Acadêmico de Educação (CAE) para o Cursinho. Colaboração e disponibilização de uma cota de 750 cópias mensais para elaboração do material do Cursinho.

S/D – Cronograma de aulas para o ano letivo de 1998 (período de 9 de maio a 11 de dezembro).

18/05/1998 – Comunicado. Do Centro Acadêmico de Serviço Social (CASS) para o Cursinho. Solicita a nomeação de um responsável do Cursinho para a retirada das cópias disponibilizadas na copiadora, cota de 150 cópias por mês.

18/05/1998 – Convocatória. Chamada para os alunos que aguardavam uma vaga na lista de espera. Comparecimento até o dia 23/05 para efetivar a matrícula e participar das aulas.

S/D – Fragmentos de avaliação da organização do Cursinho ao longo do ano de 1998 a respeito da entrega e qualidade do material didático e da posição individual dos alunos sobre a organização.

S/D – Lista. Resultados do simulado de 1998. Lista organizada em ordem alfabética, incompleta (nomes começam na letra F e vão até a Z).

1999:

S/D – Projeto de elaboração do Cursinho. Apresentação e histórico com as realizações do ano de 1998 para o ano de 1999. Documento impresso, incompleto e com informações complementares ao texto feitas a mão. Observações em relação ao ano de 1998 foram adicionadas (a mão).

S/D – Cronograma de aulas para o ano letivo de 1999 (8 de maio a 5 de dezembro). Contém o horário das aulas e a carga horária de cada disciplinas e anotações manuscritas a respeito da alteração das cargas horárias.

20/04/1999 – Convite. Da coordenação do Cursinho para o cantor Chico César. Solicitação de reunião com o cantor para a realização de um show beneficente para o Cursinho a ocorrer no TUCA em 08/05/1999. Contém uma breve explicação do surgimento e da atuação do Cursinho.

S/D – Cartaz de divulgação para as datas de matrícula no Cursinho. Contém informações a respeito das datas e horários para a realização das matrículas e os documentos necessários (foto 3x4 e mil folhas de papel sulfite).

S/D - Lista de aprovados (por ordem alfabética).

04/05/1999 – Convites. Da coordenação do Cursinho para: Vice-reitoria administrativa, Vice-reitoria comunitária, Faculdade de Comunicação e Filosofia e Faculdade de Ciências Sociais. Aula inaugural do Cursinho que ocorreria no teatro TUCA.

04/05/1999 – Solicitação. Da coordenação do Cursinho para Reitoria administrativa.

Reserva de nove salas para o ano letivo de 1999 das 9h da manhã às 5h da tarde.

S/D – Cronograma da disciplina de História para o 1º semestre do ano, possui o conteúdo a ser trabalhado e a proposta pedagógica da disciplina.

S/D – Cronograma da equipe de apoio para o ano de 1999.

15/05/1999 – Lista de frequência de professores. Preenchida parcialmente.

15/05/1999 – Lista de frequência da equipe de organização e apoio. Em branco.

01/06/1999 – Solicitação. Da coordenação do cursinho para DAS (Divisão de Serviços Administrativos). Solicita a autorização para a permanência no campus fora do horário de funcionamento para a confecção das apostilas para o Cursinho. Contém o nome dos funcionários da copiadora e dos representantes do Cursinho.

25/06/1999 – Solicitação. Do Cursinho para o CVC (Centro de Vivência Comunitária). Pede a reserva de espaço da Universidade (Pátio da Cruz ou quadra de esportes) para a realização de festa de confraternização entre todos que fazem parte do Cursinho. Descreve o objetivo da festa, seu horário e as atividades a serem realizadas. Contém respostas manuscritas no verso.

14 e 21/07/1999 – Planos pedagógicos para a realização de oficinas temáticas

S/D – Fichas. Fichas para o planejamento e realização de oficinas temáticas. Datas para a realização: 17 e 27 de julho. São sete fichas preenchidas pelos responsáveis por ministrá-las. Contêm os temas, os assuntos a serem abordados, nome e curso do realizador, assim como o número de vagas disponíveis e tempo de duração.

S/D – Proposta. Proposta Comissão de Ensino 16/99. Projeto Curso Pré-Vestibular – 1999. Pasta composta por diferentes documentos. Do Cursinho para Vice-reitoria Acadêmica, datando de 01/06/1999 uma solicitação de envio do projeto do Cursinho à Comissão de Ensino do Cepe para análise e encaminhamento. Em conjunto com essa solicitação, há um projeto detalhado da estrutura de organização e funcionamento do Cursinho pré-vestibular. Há um carimbo de recebido pela Cepe que data de 13/08/99. Com a data de 06/12/1999 há também um ofício (OF. CE 135/99), da Comissão de Ensino para a Vice-reitora Acadêmica. Este ofício é uma resposta à análise do projeto do Cursinho. Após discussão da proposta, feita no mês de outubro, a comissão “louva a iniciativa dos proponentes” pelo caráter do trabalho, mas faz algumas sugestões de encaminhamento dela. Enviar o projeto à Vice-reitoria Comunitária ou à Comissão de Extensão pelo projeto ter um caráter de prestação de serviços. O ofício ressalta ainda sua parceria com o processo seletivo da universidade e sugere a mudança de nome do projeto caso ele fosse viabilizado, essa mudança seria para que não houvesse confusão com o processo seletivo da época. Ao fim do texto, há uma recomendação para a

instância avaliadora de que caso o projeto fosse viável ele não “acarretaria ônus e nem prejuízo para a Universidade.” No verso, há um despacho da Vice-reitora acadêmica ao professor responsável na VRACOM.

2000:

02/03/2000 – Solicitação. Do Cursinho para a Vice-reitoria Administrativa. Avisa a respeito do período de inscrições do Cursinho e solicita a liberação de salas para a realização do processo seletivo e para guardar os documentos pertencentes aos candidatos entre o período de 11/03 a 29/04. Documento com despacho de resposta.

02/03/2000 – Solicitação. Do Cursinho para a VRAD. Solicitação para a reserva de sala para realização de uma assembleia com seus integrantes. Documento com resposta.

28/03/2000 – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho para a direção da Faculdade de Ciências Sociais. Além de informar o número de candidatos para o processo seletivo e o número de vagas ofertadas, pede-se uma posição em relação ao projeto apresentado à Cepe em 1999, a reserva de salas para a realização das aulas e a entrada de coordenadores do Cursinho após as 17 horas, aos sábados, na Universidade. São cinco cópias encaminhadas para diferentes setores.

28/03/2000 – Solicitação. Da coordenação do Cursinho para a direção do Tuca. Pedido de reserva do Tuca para o dia 29 de abril para realizar a abertura do ano letivo. Duas cópias.

07/04/2000 – Ofício (Of. R. N. 158/2000). Da Reitoria para a Coordenação do Cursinho. A Reitoria diz acompanhar o trabalho do Cursinho desde seu início. O ofício traz uma resposta em relação ao projeto do Cursinho. Após a apreciação do parecer, dispõe algumas considerações e diz não poder acolher o projeto onde não há “comprometimento da Universidade”, que após consulta ao DSAS não há salas disponíveis e que o projeto “acarreta questões trabalhistas que comprometem o seu desenvolvimento e a própria Universidade”.

S/D. – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho para Faculdade de Ciências Sociais. Solicita-se o acréscimo na pauta da reunião do Conselho Departamental discutir a resposta da Reitoria em relação ao projeto do Cursinho. Cópia do ofício com a resposta da Reitoria anexado.

27/04/2000 – Solicitação. Da Direção da Afapuc (Associação dos Funcionários da PUC) para o reitor. A Associação vem demonstrar apoio à iniciativa do Cursinho e pede para que seja concedido espaço físico na Universidade para a realização das aulas.

28/04/2000 – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho à direção do Tuca. Solicita a reserva do espaço para realização da abertura do Cursinho.

07/06/2000 – Ofício (OF. R. N. 274/2000). Da Reitoria para a Coordenação do Cursinho. Solicitação de informações para organizar a distribuição das salas para o Cursinho.

14/06/2000 – Comunicado. Da Coordenação do Cursinho para a Reitoria. Resposta com dados solicitados pela Reitoria, no ofício anterior, para o funcionamento no segundo semestre.

15/06/2000 – Ofício. Da direção da Faculdade de Ciências Sociais à Coordenação do Cursinho. Direção pede informações a respeito do Cursinho no que se refere ao seu

funcionamento nos últimos três anos a fim de subsidiar discussões feitas no Centro de Humanas.

16/06/2000 – Recado. Da direção da Faculdade de Ciências Sociais para a Coordenação do Cursinho. A direção da Faculdade reforça a necessidade de se obter as informações pedidas no ofício encaminhado no dia anterior.

27/06/2000 – Informe. De VRACOM para a Coordenação do Cursinho. Refere-se à atribuição de salas para serem utilizadas pelo Cursinho.

07/08/2000 – Ofício. De DSAS para VRACOM. Informa o calendário de utilização de salas pela PUC para a realização de eventos já programados e a indisponibilidade de uso das salas em dias dos meses de setembro, outubro e novembro.

07/08/2000 – Comunicado. Da Coordenação do Cursinho à Reitoria. Informa sobre problemas ocorridos em relação à utilização das salas de aula da PUC, no dia 5 de agosto. As salas foram utilizadas para as aulas da Universidade e inviabilizaram as aulas do Cursinho naquele dia.

08/08/2000 – Solicitação. Da coordenação do Cursinho para o DSAS. Solicita a reserva de uma sala no Prédio Novo para a realização de atividade cultural ligada ao Cursinho. Ensaio de peça de teatro. Despachos com respostas no verso.

16/08/2000 – Comunicado. Da Coordenação do Cursinho à Reitoria. Fala a respeito da posição do Cursinho em relação ao modo como a Universidade vem tratando a reserva de salas. Aponta descaso e indiferença da PUC no tratamento com o Cursinho e seu trabalho. Salas cedidas na véspera, mesmo com pedido de reserva enviado em abril. Pede ainda que a Universidade ajude a solucionar esse problema e aponta alternativas para procurar contornar esses problemas (uma delas seria a utilização de salas de aula de colégios particulares do entorno da PUC, o que já havia ocorrido em 1998 para resolver problema semelhante).

29/08/2000 – Ofício (Of. R. N. 431/2000). Da VRACOM à direção do Cursinho. Responde às solicitações feitas pelo Cursinho para o uso dos espaços da Universidade. Cita datas e eventos que ocorreriam na Universidade entre setembro e dezembro.

06/10/2000 – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho à Direção do Colégio São Domingos. Solicita a utilização de salas de aula para abrigar as aulas do Cursinho no período em que as salas da PUC não poderiam ser utilizadas. O texto possui as datas, o número de alunos e um brevíssimo histórico e modo de funcionamento do Cursinho.

10/10/2000 – Ofício (nº 069/2000). De Colégio São Domingos para o CACS (Centro Acadêmico de Ciências Sociais). Resposta à solicitação da cessão de espaço da escola para uso do Cursinho.

2001:

16/02/2001 – Ofício (n.01/2001). Da Coordenação do Cursinho às vice-reitorias Acadêmica e Comunitária. O ofício trata da reserva de salas para as aulas do Cursinho e para a coordenação ao longo do ano e do Tuca para a abertura do ano letivo. Contém ainda o relato dos fatos ocorridos no ano anterior e suas consequências para o Cursinho. Duas cópias.

02/03/2001 – Solicitações diversas. Da Coordenação do Cursinho à Secretaria da Faculdade de Ciências Sociais. Solicitação de reserva e retirada de equipamento de som para a aula de abertura. Despacho no documento. Duas cópias.

13/03/2001 – Ofício (nº 2/2001). Da Coordenação Do Cursinho à Vice-reitoria Comunitária. Fala sobre o envio de documentos, a respeito do Cursinho, que a Coordenação acreditava serem importantes que a Reitoria analisasse.

S/D. – Cronograma de aulas e atividades para o ano de 2001. Três cópias.

04/2001 – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho ao setor de audiovisual. Solicitação para reserva de material audiovisual para a realização das oficinas culturais no sábado letivo.

25/04/2001 – Recibos – Setor de Audiovisual. Reserva de material (retroprojektor, televisão, videocassete) para uso em sala de aula. Dois recibos.

29/06/2001 – Comunicado. Da Coordenação do Cursinho à Vice-reitoria Comunitária. Informa a realização de reunião pedagógica entre coordenação e docentes. A pauta era uma avaliação do 1º semestre e o possível estatuto do Cursinho. Duas cópias.

2003:

20/02/2003 – Ofício (02/2003). Da Coordenação do Cursinho e da Gestão do CACS à Vice-reitoria Comunitária. Solicita a reserva do Tuca para a atividade de abertura do ano letivo, a reserva das salas de aula e o calendário das atividades para o ano de 2003. Três cópias, uma delas como despacho no verso.

07/03/2003 – Solicitação. De Vice-reitoria Comunitária para Cursinho Pré-vestibular dos Alunos da PUC-SP e Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Solicitação de informações para a liberação das salas de aula (total de alunos por sala, a quantidade de salas e as datas das aulas).

21/03/2003 – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho e da Gestão do CACS às vice-reitorias Comunitária, Acadêmica e Administrativa. Solicitação de concessão de auditório no Prédio Novo para realização de abertura do Cursinho no presente ano.

26/03/2003 – Comunicado. Da Coordenação do Cursinho às Vice-reitorias Comunitária e Administrativa. Pedido de análise socioeconômica “com especial atenção” de alunos oriundos do Cursinho (da turma de 2002), ingressantes nos cursos da PUC para que pudessem obter uma bolsa de estudos da Universidade e não tivessem seus nomes caracterizados como devedores. O texto enfatiza o caráter do trabalho do Cursinho, assim como a origem de seus alunos. Há uma lista, como nomes, cursos e números de matrícula dos alunos anexa. Duas cópias. Uma delas possui despachos no verso.

S/D. – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho e da Gestão do CACS à Vice-reitoria Acadêmica. Solicitação de uso de auditório da sala 333 para a abertura do ano letivo (em 05/04/03).

15/08/2003 – Ofício (nº 04/2003). Da Coordenação do Cursinho e da Gestão do CACS à Vice-reitoria Administrativa. Solicitação de salas de aula da Universidade para uso do Cursinho ao longo do 2º semestre. Texto reforça a ideia de a Universidade deixar claras as reservas dos espaços a fim de evitar problemas com docentes da universidade. Salas que aparentavam estar vazias eram utilizadas para aulas da PUC.

2005:

03/03/2005 – Comunicado. Da VRACOM à DSA. Trata dos procedimentos para a cessão de espaço físico da PUC para utilização do Cursinho ao longo do ano de 2005. Informa que os termos do compromisso estavam sendo elaborados pela Coordenadoria de Assuntos Jurídicos (CAJ) da Universidade.

07/03/2005 – Comunicado. Da assessoria da VRACOM à DSA. Apresenta os termos de compromisso de cessão de espaço e de compromisso pessoal. São duas minutas anexadas (nº118 e nº119/2005).

21/03/2005 – Solicitação. Da Coordenação do Cursinho à Vice-reitoria Administrativa. Solicitação de reserva de salas de aula ao longo do ano e de auditório para a aula inaugural. Despachos no verso. Anexos: calendário de aulas de 2005.

S/D. – Lista. Relação de alunos aprovados no processo seletivo.

S/D. – Listas. Lista de presença das oficinas. Possui o tema das oficinas e nome dos professores. São três listas diferentes.

2006:

2006 – Projeto Educacional Pedagógico do Curso Pré-vestibular dos Alunos e Ex-alunos da PUC-SP. Décimo período letivo – 1997-2006. Contém a apresentação do Cursinho; seu histórico; seus objetivos; conteúdos pedagógicos e lista de disciplinas ofertadas.

2008:

2008 – Calendário do ano letivo para as turmas 1 e 2. No verso, consta a relação de professores daquele ano.

2009:

2009 – Projeto educacional pedagógico 2009-2013

2009 – Apostila – História 1 – 2009

2009 – Projeto Educacional Pedagógico do Curso Pré-vestibular dos Alunos e Ex-alunos da PUC-SP. Décimo terceiro período letivo – 1997-2009. Contém a apresentação do Cursinho; seu histórico; seus objetivos; conteúdos pedagógicos e lista de disciplinas ofertadas. Apesar de possuírem um conteúdo bem semelhante, apenas com alguns ajustes em sua redação, pode-se ler no mesmo documento uma anotação a lápis, apontando que ele serviu de modelo para ser apresentado no ano de 2013, seu décimo sétimo período letivo⁸³.

21/03/2009 – Carta de boas-vindas aos alunos ingressantes no Cursinho.

2009 – Cartazes de divulgação. São três, um sem data e os outros dois dos anos letivos de 2007-2009.

⁸³ Pode-se observar que o número de alunos matriculados foi o que passou por uma maior mudança.

19/09/2009 – Declaração. Declaração de matrícula e frequência para alunos. Duas declarações emitidas para alunos diferentes.

2013:

2013 - Estudo de mapas e documentos históricos – Grécia-Roma (2013)

2013 – Lista de responsáveis pela organização do Cursinho naquele ano.

2013 - Apostila História I – 2013 (Antiga e Medieval)

2013 – Apostila História II – 2013 (renascimento, absolutismo, Brasil colônia, 1798)

2013 - Simulado ENEM de História – Cursinho Foco

2014:

2014 - Apostila de História I – 2014 (Antiga, Medieval)

Documentos sem data definida:

Lista – Listas de cadastro de professores. Provavelmente do período de 1998 e 2000. Há poucos indícios para precisar as datas.

Lista – Listas de alunos aprovados no processo seletivo. Todas as listas apresentam o número de candidatos aprovados, algumas já há uma divisão por turmas.

Material pedagógico – Apostilas e simulados. Diferentes disciplinas e diferentes anos.

S/D - Simulado de História – rascunho (manuscrito)

S/D - Folha para redação (simulado)

S/D - Apostila História – Roma

S/D - Apostila de História – Rev. Francesa

S/D - Apostila de História – Rev. Industrial

S-D - Apostila – História

S/D – Planejamento das aulas de coordenação. Contém os objetivos, plano de aulas e sugestões temas para discussão entre professores e alunos. Documento não deixa claro para quais disciplinas podem ser trabalhadas. Não consta data do ano de produção do documento (somente constam dias da semana e os meses das atividades).

S/D - Relação de documentação necessária para a inscrição. Constam os dias para a realização da inscrição.

S/D – Carta da Copiadora do CACS para o Cursinho definindo a quantidade específica, o tamanho e as marcas das folhas de papel sulfite para os alunos levarem. Manuscrita e assinada.

Séries documentais localizadas/organizadas existentes:

Cartazes. Cartazes de divulgação do Cursinho, de doação de livros, festa cultural para arrecadação de fundos e anúncios buscando professores.

Jornal PUC Viva. Edições 221, 244, 338, 355, 520, 569.

Fotografias/Iconografia. Fotos de diferentes períodos do Cursinho Popular dos Alunos da PUC-SP. Essas fotos retratam diversas atividades do Cursinho. São aulas inaugurais e trabalhos de campo (Parque do Jaraguá, Parque Ecológico do Tietê, Museu do Ipiranga, Museu Afro Brasil, 1º de maio, Memorial da Resistência, Instituto Butantã). Parte destas fotos são de 1998 e outra parte corresponde a parte da segunda década dos anos 2000. As únicas fotografias impressas que consegui ter acesso são referentes ao processo seletivo e à aula inaugural de 1998, os demais registros estão em formato digital e disponibilizadas nas redes sociais do Cursinho e outra parte pertence ao acervo pessoal do pesquisador.

Manuais. Manual do Candidato. Manual socioeconômico utilizado para o processo seletivo. Cada manual possui um questionário com respostas dos candidatos e documentos pedidos no edital anexos. Tais documentos vão de comprovante de matrícula e histórico escolar até ganhos e gastos da unidade familiar. Parte desta documentação possui cartas manuscritas dos candidatos. A partir de um ano, ainda não determinado ao certo, tais cartas deixaram de ser necessárias. Essas cartas correspondem ao período de 1998 a 2000.

4 – Roteiro do Trabalho de Campo 1º de maio (centro da cidade)

O trabalho de campo tem como objetivo desenvolver uma aula histórico-geográfica *in loco* a respeito do surgimento e desenvolvimento do espaço urbano da cidade de São Paulo, passando pela sua origem, a partir da Praça da Sé, onde se inicia cidade, a partir do marco zero e ainda passando por locais de grande importância e de diferentes momentos históricos do país. Entre eles, o Pátio do Colégio, o Solar da Marquesa de Santos, a Casa da Imagem, o Largo de São Bento, a Bolsa de Valores e a Prefeitura de São Paulo.

Praça da Sé e Catedral

No meio da praça está situado o Marco Zero, que indica as direções dos Estados que fazem limite com São Paulo e a partir do qual se conta a distância de qualquer ponto da cidade. Junto à praça está situada a Catedral Metropolitana da Sé. Em estilo gótico modificado, sua construção iniciou-se em 1913 e só terminou quatro décadas depois.

É a maior igreja de São Paulo, com 110 metros de comprimento, 46 metros de largura, torres com 92 metros de altura cada, cúpula com altura de 30 metros e capacidade para oito mil pessoas. Em sua cripta, que pode ser considerada uma verdadeira igreja subterrânea, encontram-se trabalhos artísticos do escultor Francisco Leopoldo.

Casa da Imagem

A Casa da Imagem é uma instituição voltada à memória fotográfica da cidade de São Paulo. Criada para ser a sede do Acervo Iconográfico e promover sua preservação, pesquisa e difusão, esta instituição também desenvolve ações voltadas à memória da imagem documental de nossa cidade.

A coleção de 710 mil fotografias passou por detalhada intervenção de conservação preventiva e foi guardada em reserva técnica especialmente projetada para sua tipologia. Cerca de 130 mil destas imagens foram digitalizadas e, juntamente com suas informações catalográficas, estão disponíveis no banco de dados, possibilitando o gerenciamento da coleção e o resgate de informações, operação que se completará com o acesso pela internet.

Vinculada ao Museu da Cidade de São Paulo, a Casa da Imagem integra uma das 13 edificações históricas que exemplificam a evolução das técnicas construtivas da cidade, representando o uso residencial aristocrático na segunda metade do século XIX.

Solar da Marquesa de Santos

Localizada na Rua do Carmo, hoje Roberto Simonsen no 136-A (antigo nº 3), localiza-se o Solar da Marquesa de Santos, raro exemplar de residência urbana do século XVIII. Não há dados precisos sobre a data de construção desse imóvel.

Em 1802, foi dado como pagamento de dívidas ao Brigadeiro José Joaquim Pinto de Moraes Leme, primeiro proprietário documentalmente comprovado. Contudo, documentos do século XVIII indicam a existência de quatro casas na Rua do Carmo entre 1739 e 1754. A junção de duas dessas casas de taipa de pilão teria originado o Solar, conforme registros fotográficos do século XIX, além de prospecções arqueológicas e análises arquitetônicas realizadas pelo Departamento do Patrimônio Histórico (DPH).

O pavimento superior conserva até hoje paredes de taipa de pilão e pau-a-pique do século XVIII e mantém as características ambientais das intervenções do século XIX, como forros apainelados, pinturas murais e artísticas e pisos assoalhados, entre outras.

Trechos de diversas paredes foram deixados aparentes, com o intuito de informar sobre as antigas e as novas técnicas construtivas encontradas no Solar, como a taipa de pilão, o pau-a-pique, a taipa francesa e a alvenaria de tijolos.

Pateo do Collegio

Em 1554, o Padre Anchieta, após expedição que partiu do litoral, resolveu construir neste local uma dependência para servir de alojamento e colégio para catequização dos índios, fundando assim a cidade de São Paulo. Funciona no local o Museu de Anchieta.

Em 1954, entre as comemorações do IV Centenário da Cidade, foi organizada a "Campanha de Gratidão aos Fundadores de São Paulo", com a finalidade de recuperar o espaço jesuítico no Pateo do Collegio e devolvê-lo à Cia. de Jesus. Desde a segunda expulsão, em 1759, embora tenham conseguido reassumir as funções de caráter religioso, os jesuítas não haviam recuperado o sítio onde fundaram, em 1554, o colégio que deu origem à cidade. O mesmo se deu com os objetos de culto, que constituíam um precioso acervo acumulado ao longo do tempo. O retorno da Cia. de Jesus ao Pateo do Collegio só foi efetivado em 1979, ocasião em que foram inaugurados no sítio histórico o Museu e Capela Padre Anchieta. Constituído a partir de doações e da devolução de alguns dos objetos que pertenceram originalmente à Igreja e Colégio dos Jesuítas, o atual acervo do Museu encontrava-se exposto em sua quase totalidade, sem a observância dos critérios essenciais à sua real caracterização e consequente valorização. A recente implementação de projeto museológico e museográfico permitiu que os objetos que constituem o acervo fossem identificados, classificados, organizados em coleções e restaurados, de forma a revelar o valor e a credibilidade de que eram portadores.

Vale do Anhangabaú

Localiza-se entre os dois principais viadutos do Centro: o do Chá e o Santa Ifigênia. No subsolo corre o rio Anhangabaú, de grande importância no começo da cidade e hoje canalizado. O vale é o divisor dos centros Velho e Novo, e dele pode-se admirar grande parte dos dois centros, os dois viadutos e alguns dos mais imponentes edifícios, como o Martinelli, o prédio do Banespa, a antiga sede dos Correios e a nova sede do Banco de Boston, entre outros.

Viaduto do Chá

Foi o primeiro viaduto de São Paulo. Tem esse nome porque havia nas proximidades uma extensa plantação de chá da Índia. Com estrutura metálica vinda da Alemanha, o viaduto foi inaugurado com uma grande festa em 1892. Liga a Rua Direita (Centro Velho) com a rua do Chá, atual rua Barão de Itapetininga (Centro Novo). Em 1938, o velho viaduto com assoalho de madeira foi demolido, dando lugar a outro de concreto armado, com o dobro de largura. Durante muitos anos o Viaduto do Chá foi o principal cartão postal da cidade.

Edifício Martinelli

No começo do século passado um imigrante Italiano desembarcava no Porto do Rio de Janeiro - seu objetivo era o mesmo de tantos outros que chegavam a América:

Esse imigrante, chamado Giuseppe Martinelli, foi excepcionalmente bem-sucedido e em pouco mais de duas décadas havia construído um respeitável patrimônio. Desejoso por deixar um legado mais permanente de seu trabalho, além de sua empresa de navegação em Santos, o Comendador Martinelli decide erguer na cidade São Paulo o mais alto arranha-céu da América do Sul, o Edifício Martinelli.

Palavras-chaves

História do Brasil:

- Brasil Colônia; Cana de açúcar, São Vicente, escravização dos nativos, povoamento de São Paulo, ciclo do ouro, II Reinado; liberalismo, independência, bandeirantes, exploração das terras no interior de SP, imigração europeia, miscigenação cultural, abolição da escravidão, povoamento do centro de São Paulo na segunda metade do século XIX, socialismo, movimento operário, anarquismo, sindicalismo.

5 – Manual do candidato (2016)

MANUAL DO CANDIDATO

Bem-vindo ao Cursinho Popular dos Alunos da PUC – SP!

Este manual contém a relação dos documentos que irão comprovar sua situação socioeconômica. Caso este manual não tire todas as suas dúvidas nos procure diretamente no CACS e procure por Valdeir, Henrique, a Sabrina ou o Ronaldo (tiozinho).

Por favor, leia atentamente este manual antes de comparecer com os documentos

Documentação:

Documente o maior número possível das questões com ORIGINAL E CÓPIA, pois isso pesara para sua classificação.

- Declaração de conclusão do ensino médio ou comprovante de escolaridade;
- Holerite, contracheque ou recibo de recebimento de aluguel pensão, aposentadoria e outros de todos os familiares e/ou pessoas que contribuem para a renda total da residência;
- Carteira de trabalho de todos da residência; (pag. Da foto, dados pessoais e último registro de emprego, se tiver “caso não tenha nenhum registro”, apenas as duas primeiras págs.);
- Em caso de desempregado, trazer documentos que comprovem a condição de desempregado, como rescisão de contrato e/ou carteira de trabalho. Em caso de trabalhador autônomo trazer declaração do contador ou de próprio punho sobre a situação empregatícia;
- Cédula de identidade (RG) ou certidão de nascimento de todas as pessoas que residem na casa;
- Recibo de prestação, aluguel, pensão, condomínio, IPTU (é indispensável um ou mais documentos que comprovem o gasto);
- IPVA mais recente;
- Documento que comprove o pagamento de pensão alimentícia;
- Dependentes com doenças crônicas são pessoas que fazem tratamento médico contínuo com gastos frequentes com medicação, internação ou tratamento intensivo, comparecer com laudo médico ou atestado e a comprovação de gastos mensais com remédios;
- Contas de água, luz, telefone, celular (referente ao último mês);
- Se possível, gastos gerais: transportes, roupas, remédios, alimentação, outros: assistência médica, dentista etc., trazer comprovantes referentes ao último mês.

Contamos com a veracidade dos dados apresentados, pois o Cursinho Popular dos Alunos da PUC – SP, atende aqueles candidatos que não tem como arcar com os custos de um cursinho comercial. Desta forma as suas informações

estão sujeitas a revisão (em caso de denúncia ou com visita domiciliar) e em caso de fraude perdera a vaga.

CALENDÁRIO

Inscrições: 16, 23 e 30/01/2016 a 13 e 20/02/2016, somente aos sábados das 10 às 17 hs.

Local: Rua BARTIRA, 407 – Perdizes.

(apresentação do cursinho, entrega dos questionários e marcação da entrevista)

É necessário comparecer com o questionário e a documentação em ENVELOPE A4 com o nome e endereço completo anotados no envelope. Não se esqueça de trazer os originais e as cópias de cada documento de todos da residência.

6 – Questionário socioeconômico – ficha de inscrição

Ficha de inscrição nº _____ Data da Entrevista ___ / ___ / ___ Horário ___ : ___

Nome: _____		
Idade: ___ Sexo _____ E-Mail _____		
Endereço: _____		
CEP: _____ - _____ Bairro: _____ Cidade: _____		
Telefone: _____ Estado Civil: _____		
<p>Você já iniciou algum curso de nível superior?</p> <p>() Sim. Faculdade _____ Curso _____</p> <p>() Não.</p>		
<p>Você cursou o ensino fundamental e médio em: (anexe comprovante):</p> <p>() Escola pública</p> <p>() Escola privada</p>	<p>Qual o grau de escolaridade de seus pais?</p> <p>Mãe: _____</p> <p>Pai: _____</p>	
DECLARAÇÃO DE GASTOS (anexe comprovantes)		
Aluguel R\$ _____ Conta de Água R\$ _____ Prestação da casa R\$ _____		
Alimentação R\$ _____ Telefone R\$ _____ Pensão R\$ _____		
Saúde R\$ _____ outros gastos R\$ _____ especifique _____		
Luz _____ IPTU – R\$ _____ total R\$ _____		
DECLARAÇÃO DE RENDA (anexe comprovantes)		
Coloque o número de pessoas residentes em sua casa (inclua-se)	Nº	
Sua renda individual	R\$:	
Coloque o nome de todas as pessoas que residem na casa, mesmo as que não possuam renda	Fonte da renda	Renda de cada pessoa
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Nome:		R\$
Total da renda:		R\$

OUTRAS COMPROVAÇÕES DE CARÊNCIA ECONOMICA

É beneficiário de projetos de Prefeitura, Estado, Governo Federação ou instituições privadas voltados a pessoas de baixa renda?

() Sim.Qual: _____

() Não.Motivo: _____

Foi ou é beneficiário de isenção de taxa de inscrição em vestibulares?

() Sim.Qual: _____

() Não.Motivo: _____

É ou tem na família, egresso ou interno em sistema prisional?

() Sim.

() Não.

É ou tem na família, portador de necessidades especiais ou doenças crônicas?

() Sim, Quem e Quanto? _____

() Não.

Alguma pessoa da sua casa paga pensão?

() Sim. Quem e Quanto? _____

() Não.

A casa onde reside é:

() Própria () Alugada () Em processo de compra () Outros: _____

ALGUMAS QUESTÕES IMPORTANTES

1. É ex-aluno do Cursinho Popular dos Alunos da PUC? _____

2. Como ficou sabendo do Cursinho Popular dos Alunos da PUC? _____

3. Já frequentou outros Cursinhos? Quais? _____

4. Qual Curso e Universidade/ Faculdade pretende se inscrever? _____

5. Acredita ter condições arcar com curso superior (Mensalidade, Livros, condução etc.)

6. Alguém na família tem carro? _____ marca: _____ modelo: _____ Ano: _____

7. Porque quer cursar Universidade/Faculdade? _____

8. Por que quer fazer parte do Cursinho Popular dos Alunos da PUC? _____

9. Participa de algum movimento social? _____

Cursinho pré-vestibular

No ano de 1997, alguns alunos da PUC-SP tiveram uma idéia que a muitos pareceu loucura. Mas como de louco e médico todos temos um pouco, esses estudantes levaram suas idéias adiante. A esses poucos se juntaram muitos e aquele projeto que parecia ser loucura de poucos se tornou realidade de muitos.

Ironias a parte, o curso pré-vestibular da PUC-SP hoje é realidade. Tendo início em 1997, teve duração de três meses (outubro, novembro e dezembro). A princípio, projetamos atender 120 alunos, mas como a loucura às vezes chega a extremos, chegamos a atender 440. Isto foi só possível pelo engajamento de um número muito grande de estudantes.

Encerrando os trabalhos do ano, nos preparamos para uma nova jornada. A partir do mês de janeiro de 1998, passamos a nos reunir e preparar os trabalhos. Foram várias conversas até que conseguimos definir os aspectos principais do pré-projeto que deveria ser apresentado à Reitoria e a outros setores da universidade.

Devemos ressaltar que desde o início conseguimos apoios importantes. Cabe ressaltar o Centro Acadêmico de Ciências Sociais (Cacs), que nos cedeu toda infra-estrutura para realização de tal projeto, e a Faculdade de Ciências Sociais, que em um período de tensão com a Reitoria, que dificultava a reserva de sala de aula, interveio e mediou as ne-

gociações para que pudéssemos realizar nosso trabalho.

Neste ano, a situação não foi diferente, após várias reuniões com a Reitoria, as dificuldades voltaram, ao ponto de romperem-se as negociações. Mais uma vez, a intervenção da Faculdade de Ciências Sociais foi importante, agora apoiada pela Faculdade de Comunicação e Filosofia. Assim, foi criada uma comissão de acompanhamento composta pela direção dessas duas faculdades, da Vice-Reitoria Comunitária e da Vice-Reitoria Acadêmica.

A partir de algumas reuniões, conseguimos definir de comum acordo vários aspectos importantes. Gostaríamos de ressaltar o que consideramos mais importante, que será a apresentação de nosso projeto ao Conselho de Ensino e Pesquisa (Cepe) e ao Conselho Universitário (Consun), preservando nossa autonomia.

Assim, conseguimos, no dia 9 de maio, iniciar nossos trabalhos. Realizamos a abertura oficial no Tuca, que sinceramente foi muito emocionante. Falaram vários dos organizadores. Eles ressaltaram a importância do nosso projeto, que tem por objetivo possibilitar aos alunos de escolas públicas das regiões mais carentes da cidade de São Paulo e da Grande São Paulo, a oportunidade de concorrer a uma vaga nas melhores univer-

sidades brasileiras.

Outro que emocionou a todos foi o professor Walmir do departamento de Física da PUC-SP que representou brilhantemente os professores que nos apóiam. Mas sem dúvida, o ponto alto desta abertura foi a participação dos ex-alunos de nosso curso, que hoje são alunos da PUC-SP e dos alunos que este ano frequentarão nossas aulas. Nesse instante, a emoção foi geral e só contiveram as lágrimas aqueles que ainda não aprenderam que chorar pode ser muito gostoso.

Depois das truculências e das festas, começamos as aulas, que é o nosso principal objetivo. Atravessamos ainda algumas dificuldades, pois nosso trabalho é todo voluntário e necessitamos de alguma verba para agilizar algumas tarefas. Mas o que é muito importante, é que temos superado essas dificuldades com o engajamento cada vez maior de muitos estudantes puquianos e não-puquianos.

Acreditamos que essa participação será cada vez maior. Caso você esteja com vontade de nos conhecer, venha somar forças, a organização é ampla e democrática.

Vanderley Elias Nery é coordenador e professor de História do Curso Pré-Vestibular e Mestrando no Programa de História e Filosofia da Educação da PUC-SP.

Negro é lindo!

Juarez Soares Santos

Os negros. Os negros verdadeiros são os que conseguem manter a cabeça erguida em desafio, em vez de entregar voluntariamente sua alma ao branco. Desde que o branco retirou milhares de negros de sua terra natal (África) e os vendeu ao mundo obrigando-os a se submetem, adaptem-se e serem submissos. O homem branco fez barbaridades ao povo não branco. Hoje é diferente? Ou só mudou a forma de barbárie? O que acontece hoje na África? O capitalismo branco (na forma de colonialismo) está sacrificando vidas, criando guerras e conflitos em diversos países (Argélia, Sudão, Uganda, Ruanda, Congo, etc.), desrespeitando a autonomia local em nome de uma tal reestruturação, reestruturação de quem? Pra quem? Até quando?

No Brasil não é diferente. O povo negro sempre teve um papel secundário em sua história, apesar de ter sido até hoje fundamental na sua construção. E qual o lugar que restou ao povo negro? O que ficou para a supremacia branca? Foi o povo negro que construiu este país, e o que restou a ele foi a segregação, a marginalização. Segregação ocorre quando sua vida e liberdade estão ameaçadas por outras pessoas, e significa controlar, inferiorizar. Então o negro (imposta pelo branco) cresceu nesta submissão histórica e assassina. Qual o efeito deste genocídio? Temos hoje a maior parte da po-

pulação vivendo nas periferias (senzalas modernas) em situação de miséria e miséria absoluta, sendo que a maior parte deste povo é negro.

A situação de segregação e auto-segregação vivida hoje pelo povo negro é resultado da negação de conhecimento de sua história e quando se conhece (poucos ousam contar) é tendenciosa a versão do homem branco. Ao povo negro restou viver nesta mentira que nos traz: agonia, angústia e autoanulação. Alguém diz que temos uma democracia racial! Sim, temos. Para quem? Quantos casos de racismo foram condenados? Em nome de tal liberdade de expressão, um professor e uma aluna propagandearam idéias segregacionistas nesta universidade. O que aconteceu com eles? Uma professora contou piadas racistas em sala de aula. Todos aplaudem, ela fica feliz. Algumas garotas (Psico e Fono) ofendem um guarda dentro do elevador com expressões racistas. O guarda respondeu de forma submissa mas, para não criar atritos, o guarda foi trocado de posto e com as menininhas o que aconteceu? Elas disseram que pagam em dia a universidade. Há outros casos. Estamos na democracia racial. Para quem? Democracia racial na Suíça, na Rússia, nos EUA? Não temos racismo no Brasil.

O racismo não implica apenas a exclusão de um povo pelo outro, ele pressupõe que a exclusão

se faz para fim de dominação. O Neafro criou na PUC um cursinho que atende alunos das escolas públicas, alunos excluídos dessa sociedade universitária.

Qual é a necessidade do negro hoje? Busca sua verdadeira história, sua cultura e seu lugar nesse país, que é seu por direito. Por que lhe foi negado espaço? Sair dessa situação de subserviência, porque antes de sermos negros, brancos, amarelos, índios, somos seres humanos. A pigmentação de nossa pele não nos faz inferior ou superior a ninguém.

O negro verdadeiro é aquele que vive o outro nas suas diferenças, tem música nos olhos e no sorriso, tem sensualidade na essência e no fluir. Negro é ver o outro como merecedor de vida tanto quanto ele. Negro é lutar contra qualquer tipo de segregação. Negro é sentimento. Negro é sentir o cheiro da liberdade.

Negro é não deixar que valores da nossa cultura sejam sufocados ou destruídos por coisas materiais.

Axé, muito axé! Para Djavan, Racionais MC's, Chico Buarque, Zumbi, Malcon X, Gilberto Gil, Milton Nascimento, e para todos aqueles que não olham para os opressores segregacionistas com olhos naturais.

Juarez Soares Santos é aluno do 3º ano do curso de Filosofia e professor do cursinho pré-vestibular.